

*O vento no seu rosto
traz histórias para contar:
o acolhimento e a alteridade na privação
de liberdade de mulheres encarceradas.*



*Regiane Tonatto
Denise Rosana da Silva Moraes*



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM SOCIEDADE,
CULTURA E FRONTEIRAS - NÍVEL DE MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, CULTURA E FRONTEIRAS**

REGIANE CRISTINA TONATTO

**O VENTO NO SEU ROSTO TRAZ HISTÓRIAS PARA CONTAR:
O ACOLHIMENTO E A ALTERIDADE NA PRIVAÇÃO DE LIBERDADE DE
MULHERES ENCARCERADAS**

**FOZ DO IGUAÇU – PR
2021**

REGIANE CRISTINA TONATTO

**O VENTO NO SEU ROSTO TRAZ HISTÓRIAS PARA CONTAR:
O ACOLHIMENTO E A ALTERIDADE NA PRIVAÇÃO DE LIBERDADE DE
MULHERES ENCARCERADAS**

Tese apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de Doutora em Sociedade, Cultura e Fronteiras, junto ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Sociedade, Cultura e Fronteiras, área de concentração: Sociedade, Cultura e Fronteiras.

Linha de Pesquisa: Linguagem, Cultura e Identidade.

Orientadora: Professora Doutora Denise Rosana da Silva Moraes.

FOZ DO IGUAÇU-PR
2021

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Cristina Tonatto, Regiane

O vento no seu Rosto traz histórias para contar: o acolhimento e a alteridade na privação de liberdade de mulheres encarceradas / Regiane Cristina Tonatto; orientadora Denise Rosana da Silva Moraes. -- Foz do Iguaçu, 2021.

259 p.

Tese (Doutorado Campus de Foz do Iguaçu) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras, 2021.

1. Acolhimento. 2. Filosofia da Alteridade. 3. Círculos em Movimento. 4. Mulheres encarceradas. I. Rosana da Silva Moraes, Denise, orient. II. Título.

REGIANE CRISTINA TONATTO

**O VENTO NO SEU ROSTO TRAZ HISTÓRIAS PARA CONTAR:
O ACOLHIMENTO E A ALTERIDADE NA PRIVAÇÃO DE LIBERDADE DE
MULHERES ENCARCERADAS**

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do título de Doutora em Sociedade, Cultura e Fronteiras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Sociedade, Cultura e Fronteiras – Nível de Mestrado, área de Concentração em Sociedade, Cultura e Fronteiras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Foz do Iguaçu.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Denise Rosana da Silva Moraes
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE
(Orientadora)

Prof. Dr. Fábio Lopes Alves
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

Profa. Dra. Carla Juliana Galvão
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Andréia Nakamura Bondezan
Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR, Campus de Campo Mourão
Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras
(PPGSCF/UNIOESTE)

Profa. Dra. Ana Carolina Cruz Acom
Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e
Sustentabilidades (PIPAUS/UFSJ)

Foz do Iguaçu, 03 de dezembro de 2021.

*Dedico à humanidade das pessoas
que acolhem o rosto de outrem,
que se solidarizam com a dor e o sofrimento humano e da natureza
e buscam transcender por meio do amor e da justiça.*

*Dedico às mulheres da minha vida,
em especial à minha mãe Tecla, à minha filha Laura,
às minhas mães de coração, Denise e Otavia,
e às minhas amigas irmãs.*

*Dedico aos homens da minha vida,
em especial ao meu companheiro de jornada Lindomar,
ao meu filho Miguel,
aos meus irmãos Wilson e André e ao meu pai Osni,
por se permitirem lutar ao meu lado
por um mundo mais justo e fraterno.*

AGRADECIMENTOS

Ao pensar em agradecimentos, logo me vem à mente o que significou contar com uma rede de apoio. Sem ela, tudo teria sido diferente. Reconheço que o movimento para a construção dessa tese não é um produto apenas do meu esforço individual, mas ele representa o envolvimento, tempo e energia de muitas outras pessoas. Não consigo nomear cada uma delas, mas sou grata pela oportunidade de ter podido contar com tanta gente que se importou comigo e com a minha família.

Agradeço ao meu companheiro Lindomar, pelo trabalho e dedicação com as crianças, especialmente no período pandêmico. Mas, principalmente, agradeço pelas vezes que, com muito amor e respeito, ouviu minhas angústias, dúvidas, argumentos e conclusões, celebrou nossas alegrias e conquistas, e foi quem mais acreditou em mim e nos meus sonhos.

Agradeço à minha filha Laura e ao meu filho Miguel. Juntos, aprendemos e enfrentamos a difícil missão de viver em isolamento social, acabamos por nos sentirmos abençoados por poder nos proteger em casa e cuidar de quem amamos. Fomos privilegiados também por passarmos juntos essa fase de doutoramento. Por isso, sou grata pelo carinho que recebo deles todos os dias, pela forma como falam das minhas lutas, como me ensinam a ser mãe e me fazem sentir orgulho por ter escolhido maternar.

Agradeço aos meus pais, Tecla e Osni, e à minha sogra, Otavia, que abriram a casa e o coração para abrigar os netos nos momentos mais intensos. Durante este percurso, percebi minha mãe se descobrindo feminista e ressignificando sua trajetória de vida. Seu exemplo me permitiu aprender ainda mais, principalmente sobre a importância de escutar e acolher com alteridade as histórias de todas as pessoas que tenho a oportunidade de conhecer. Tecla Kalfeld é simplesmente a heroína da minha história.

A caminhada até aqui foi um verdadeiro desafio, mas a melhor parte do caminho foi saber que podia contar com as amigas-irmãs. Não tenho irmã de sangue, mas essas irmãs, cada uma a seu modo e no seu tempo, me deram a força e o apoio que eu precisava. Posso dizer que fui agraciada por ter ao meu lado mulheres admiráveis. Agradeço especialmente às madrinhas dos meus filhos: Meirieli (madrinha da Laura) e Simone (madrinha do Miguel), às minhas cunhadas Elisângela, Giselle e Liviane, às mosqueteiras Vanessa e Nívia, à minha irmã de

longe Kellen (Bebezão) e à minha irmã de perto Larissa e todas às demais amigas-irmãs do meu coração.

Agradeço às minhas companheiras de doutorado, em especial à minha querida amiga Gisele de Souza Gonçalves. Você foi um dos maiores presentes que o universo me trouxe nesse processo. Jamais esquecerei o que você fez, todo o seu carinho e amor. Espero celebrarmos juntas a nossa conquista. E à minha amiga Cláudia Lacerda Muniz, por ter me apresentado à Justiça Restaurativa e, principalmente, pelas vezes que me amparou, demonstrando tamanha sensibilidade na escuta. Você tem sido a personificação do que a Alteridade representa para mim!

Agradeço às demais “filhas” de Denise, as orientandas da melhor orientadora da Pedagogia. A sororidade ou a doloridade do grupo que formamos é sensacional, ali tem espaço para quem vai qualificar, para quem já qualificou, para quem vai defender, para quem já defendeu e, assim, nos tornamos uma verdadeira rede de apoiadoras de mulheres pesquisadoras e me orgulho muito em fazer parte dela.

Agradeço às ceegedetes, Carla, Cida e Renata. O apoio de vocês foi fundamental para conciliar estudo, trabalho, casa, filhos e tudo mais. Contar com isso me fez perceber o quanto eu fui amparada também no ambiente profissional por pessoas que desejam o meu bem. Vocês seguraram a minha mão e me deram força para prosseguir. Levo as três no meu coração e essa tese também é de vocês!

Agradeço às pessoas de longe e àquelas que me mandavam mensagens de incentivo pelas mídias. Por diversas vezes vocês me fizeram forte, muito forte! Não posso nomear porque tenho medo de esquecer de alguém, mas saibam que foram muito especiais para mim e minha gratidão será eterna.

Não sei nem por onde posso começar a agradecer minha orientadora, Professora Doutora Denise Rosana da Silva Moraes, nossa querida Mestre. Acredito que nossa relação transcende a cada dia e provavelmente ela teve início em outra vida. Minha admiração pela pessoa e por tudo que ela representa é infinita, seja por sua história na Unioeste, na educação pública do nosso município ou para além. Meu desejo é ser um pouco dessa mulher que todas e todos admiram e respeitam. Você é e será, para todo o sempre, minha mãe acadêmica.

Agradeço ao Professor Doutor Fábio Lopes Alves, por ter me incentivado a escrever com mais inspiração, trazendo o teatro para dentro desta tese, me permitindo criar a partir das minhas experiências, quebrando um pouco as barreiras da produção acadêmico-científica. Quero que saiba que sua fala na qualificação e a

leitura de suas obras me motivaram rumo à liberdade de pensamento/reflexão/escrita e sou grata por isso.

Agradeço ao Departamento Penitenciário do Estado do Paraná (DEPEN) e ao Diretor da Penitenciária de Foz do Iguaçu-PR, Marcos Aparecido Marques. Agradeço à equipe da Penitenciária Feminina de Foz do Iguaçu-PR, Unidade de Progressão - PFF-UP, em especial às policiais penais que participaram dos Círculos, à psicóloga Karine Belmont Chaves, à pedagoga Josiane Teixeira da Silva Kojo e à Diretora Claudia Grignet Fardoski Souto.

Sou grata às mulheres do projeto. Vocês habitam o meu ser desde o dia em que ingressei pela primeira vez na PFF-UP. Nesse dia, vi uma borboleta azul, igual a borboleta que tenho tatuada nas costas. Essa cor numa borboleta representa para mim a transformação e, quando eu a vi ali, senti que aquele lugar, onde tanta humanidade habita, era o lugar em que eu queria habitar e transformar também. Vocês me permitiram isso e, por isso, jamais deixaram de existir em mim.

Agradeço o apoio, o trabalho e a dedicação das mediadoras dos Círculos em Movimento, tanto com relação ao projeto quanto à pesquisa. Carinhosamente me acostumei a chamá-las de fogueirinhas, para representar a luz que vocês me proporcionaram. Estando com vocês, aprendi um pouco sobre acolhimento e alteridade, mas, sobretudo, sobre mim. Esta experiência marcou a minha existência e tenho certeza que, de alguma forma, marcou a de vocês. Vocês permanecem habitando o meu mundo e me fazendo sentir parte do mundo de vocês também.

Agradeço às membras e ao membro da banca examinadora pelo interesse e disponibilidade. Também à UNILA e à UNIOESTE, pelo apoio à pesquisa. E às professoras e aos professores do Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras da UNIOESTE, pelo estímulo ao pensamento e à produção científica.

Finalmente, agradeço ao universo e a natureza, aos momentos que precisei viver, inclusive às pausas. Assim, agradeço pelas vezes que fui interrompida pelos filhos, para alimentá-los de diferentes formas; pelo tempo e energia que dediquei às pessoas, principalmente às mulheres em situação de violência; pelas vezes que Jolie (filha-canina) fugiu e voltou eufórica da rua; pelas minhas plantas, que me lembram diariamente que sem água, alimento, amor e abrigo, nada pode nascer, crescer e se multiplicar; e à toda a forma de vida. Tudo isso me fez confiar que antes de ser uma pesquisadora, eu sou também uma “serhumaninha” em evolução.

Vento no seu rosto

*[...] Eu percorro o caminho desconhecido que o vento traz
com a tranquilidade de uma criança tomando um sorvete.
Queria nunca me esquecer de como minha pele ficou intensamente sensível
depois que o vento com seu simples sopro que me tocou,
parecia que o vento me acariciava.
É como se cada pedaço da minha superfície dessa parte indefinível chamada pele,
agora estivesse muito mais preparada para absorver o mundo.
Banho-me no vento e sinto ele me banhar com o seu frescor, sinto ele tocar
em meus olhos, o meu rosto, o meu corpo inteiro e saio dele purificada, renovada.
Há milênios busco esta força leve, certa, imprevisível com o vento.
Sei apenas que quero senti-lo de novo batendo em meu rosto
como alguém que encontra um abrigo seguro depois de uma longa jornada.*

Rosimar Dias Dos Santos

O vento de Daniel

*A cada minuto que passava, o sol se recolhia e retornava a sua morada.
De longe eu observava o mar sussurrar em meu ouvido.
A alegria que guardava em segredo.
O vento majestoso e preguiçoso acariciava o meu rosto e bagunçava o meu cabelo.
Enquanto isso eu observava apaixonada e encantada
ao meu lado meu filho brincando.
E dizendo o quanto eu o amo.
Hoje me pergunto se algum dia voltarei a viver a vida que sempre sonhei.
Sair desse abismo, mar de sofrimento,
E poder abraçar quem tanto me espera.
Será que aguentarei ou sobreviverei para poder abraçar
e viver junto com aqueles que ainda amo?
A cada minuto, me pergunto.
Algum dia voltarei a sentir o preguiçoso vento acariciar o meu rosto?*

Lúcia Alves Coelho

TONATTO, Regiane Cristina. **O vento no seu Rosto traz histórias para contar: o acolhimento e a alteridade na privação de liberdade de mulheres encarceradas.** 2021. 259f. Tese (Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Foz do Iguaçu-PR.

RESUMO

A presente tese discute o acolhimento com Alteridade na visão de quem decidiu por acolher o Rosto da Outra. É resultado de uma pesquisa, de caráter qualitativo e abordagem fenomenológica, acerca dos sentidos dados pelas mediadoras ao acolhimento experienciado nos Círculos em Movimento na Penitenciária Feminina de Foz do Iguaçu-PR, no ano de 2019. Esta ação foi desenvolvida por meio de um projeto de extensão intitulado “O vento no seu Rosto traz histórias para contar: histórias de vida de mulheres que convivem no sistema prisional”, no qual o interesse concentrava-se no diálogo aberto com as mulheres encarceradas e na partilha de suas trajetórias de vida. A ideia de explorar a experiência vivida no cárcere, no sentido de apreender o fenômeno do acolhimento, nasce com o objetivo de responder às seguintes questões: como quem se propõe acolher é afetado pela presença e a realidade da mulher encarcerada? A alteridade, na perspectiva levinasiana, necessita de quais elementos para conduzir a renúncia do Eu e para suscitar o agir ético no acolhimento na privação de liberdade como forma de justiça (amor)? Tanto o conceito de acolhimento quanto de alteridade, presentes nesta tese, advém dos estudos sobre a Filosofia da Alteridade, de Emmanuel Levinas (2007, 2009, 2010, 2011, 2014 e 2015), o filósofo lituano-francês que sobreviveu o holocausto e propôs uma mudança radical na relação com Outrem. Por meio das narrativas fornecidas pelas entrevistadas foram evidenciadas as possibilidades de pertencimento, conscientização, justiça e não-violência presentes na vivência dos Círculos em Movimento, olhando para a sua aplicação como uma forma de praticar a inclusão, a autonomia e a libertação de sujeitos esquecidos pelo sistema, sem domínio da exterioridade, assimilação/aniquilação da diferença e aprisionamento do Eu em si Mesmo. Ao final, pudemos concluir que, os elementos que possibilitam o reconhecimento de Outrem e da diferença na privação de liberdade de mulheres encarceradas pela pessoa que acolhe foram: o desejo metafísico pela Outra; a vulnerabilidade diante do Rosto; a linguagem do encontro *face-a-face*; a visão do acolhimento como compromisso, ensinamento e justiça; a importância do diálogo emancipador, libertador e justo; a necessidade da reflexão crítica e consciente sobre a ação e a abertura à transcendência.

Palavras-Chave: compromisso; Rosto; Círculos; diálogo e privação de liberdade.

TONATTO, Regiane Cristina. **The wind in your Face brings stories to tell: reception and otherness in the deprivation of liberty of Incarcerated Women.** 2021. 259f. Thesis (Doctorate in Society, Culture and Borders) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Foz do Iguaçu-PR.

ABSTRACT

This thesis discusses the reception with Otherness in the view of those who decided to welcome the Face of the Other. It is the result of a qualitative research with a phenomenological approach, about the meanings given by the mediators to the reception experienced in the Circles in Movement at the Women's Penitentiary of Foz do Iguaçu-PR, in the year 2019. This action was developed through an extension project entitled "The wind in your face brings stories to tell: life stories of women living in the prison system", in which interest focused on open dialogue with incarcerated women and on sharing their life trajectories. The idea of exploring the experience lived in prison, in the sense of apprehending the phenomenon of reception, was born with the objective of answering the following questions: how is the person who proposes to welcome affected by the presence and reality of the incarcerated woman? Otherness, in the perspective of Emmanuel Levinas, needs which elements to lead to the renunciation of the Self and to arouse ethical action in welcoming the deprivation of liberty as a form of justice (love)? Both the concept of reception and otherness, present in this thesis, come from studies on the Philosophy of Alterity, by Emmanuel Levinas (2007, 2009, 2010, 2011, 2014 and 2015), the Lithuanian-French philosopher who survived the Holocaust and proposed a radical change in the relationship with the Other. Through the narratives provided by the interviewees, the possibilities of belonging, awareness, justice and non-violence present in the experience of Circles in Movement were evidenced, looking at its application as a way of practicing inclusion, autonomy and the liberation of forgotten subjects by the system, without mastery of exteriority, assimilation/annihilation of difference and imprisonment of the Self within itself. In the end, we were able to conclude that the elements that allow the recognition of the Other and the difference in the deprivation of freedom of women imprisoned by the person who shelters were: the metaphysical desire for the Other; vulnerability before the Face; the language of the face-to-face encounter; the vision of reception as a commitment, teaching and justice; the importance of an emancipating, liberating and fair dialogue; the need for critical and conscious reflection on action and openness to transcendence.

Keywords: commitment; Face; circles; dialogue and deprivation of liberty.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Motivações para a realização dos Círculos em Movimento.....	121
Quadro 2 - Sobre as lembranças do primeiro encontro.....	127
Quadro 3 - Sensações após a realização dos Círculos.....	138
Quadro 4 - Sobre o acolhimento na privação de liberdade de mulheres encarceradas.....	150

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEEGED-UNILA - Comitê Executivo de Equidade de Gênero da Universidade Federal da Integração Latino-Americana

DEPEN - Departamento Penitenciário do Estado do Paraná

ONU - Organização das Nações Unidas

PFF-UP - Penitenciária Feminina de Foz do Iguaçu

PPGSCF - Programa de Pós-Graduação, Stricto Sensu, em Sociedade, Cultura e Fronteiras

PPGIELA - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos

UNILA - Universidade Federal da Integração Latino-Americana

UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
Capítulo I	28
Sobre o palco	28
1.1 Um palco e uma série de circunstâncias	28
1.2 Suba no palco! Primeiras impressões	32
1.3 Os bastidores e o limite do palco	39
1.3.1 O caminho até o palco	40
1.3.1.1 Por trás da cortina	46
1.3.2 O cenário e seus limites	48
Capítulo II	52
Sobre a dramaturgia	52
2.1 Texto - “Círculos em Movimento”	53
2.2 O dramaturgo - Leituras iniciais	66
2.2.1 Em busca do compromisso original	67
2.2.1.2 Contributos do humanismo social de Freire na mediação e na intersubjetividade	69
2.2.2 Um passeio por Emmanuel Levinas	71
Capítulo III	76
Sobre a iluminação	76
3.1 A luz viva	77
3.2 A fluidez e o movimento das luzes	80
Capítulo IV - A arte de representar	86
O fenômeno do acolhimento do Rosto descortinado pelas mediadoras dos Círculos em Movimento a partir do primeiro contato, o encontro face a face com a Outra.	86
4.1 Entrevistas em profundidade	87
4.2 Análise Ideográfica e Nomotética	89
Capítulo V - Sobre a peça	93
Os Círculos em Movimento como possibilidade de pertencimento, conscientização, justiça e não-violência em ambientes prisionais	93
5.1 O elenco	94
5.1.1 As mulheres em situação de privação de liberdade	94
5.1.2 As trabalhadoras do sistema prisional	99
5.1.3 As mediadoras	102
5.2 A direção	105
5.2.1 Mise-en-scène	107
5.2.2 Da montagem do espetáculo	112
6. Capítulo VI	116

Abre-se a cortina, o espetáculo vai começar	116
6.1 Saindo da escuridão dos bastidores - a revelação do Rosto	118
6.1.1 Análise ideográfica - o desejo por justiça	120
6.1.2 Análise nomotética - a epifania do Rosto e o desejo que jamais alcança satisfação	122
6.2 Primeira aparição em cena	125
6.2.1 Análise ideográfica - a atitude interior da atriz	126
6.2.2 Análise nomotética - a intersubjetividade	132
6.3 Fim da cena - revendo-as à luz da sua interpretação	136
6.3.1 Análise ideográfica - a reflexão	138
6.3.2 Análise nomotética - “amar a arte em si, e não a si mesmo na arte”	141
6.3.2.1 O Amor e a Bondade	145
6.4 Fechou-se a cortina	147
6.4.1 Análise ideográfica - a consciência intencional	149
6.4.2 Análise nomotética - o acolhimento como ensinamento	155
CONSIDERAÇÕES FINAIS	163
REFERÊNCIAS	169
ANEXOS	182
APÊNDICE - Entrevistas transcritas	189

INTRODUÇÃO

E então, pelo milagre da fantasia, tudo se tornava possível.

*As palavras surgiam como cristais de poesia,
magia, neurose, utopia, oração, fruição pura de desejo.*

*É isto que acontece sempre que o desejo fala e diz o seu mundo.
Viramos bruxas e feiticeiros e a nossa fala constrói objetos mágicos,
expressões simples de auras,
nostalgia por coisas belas e boas,
onde moram os risos...
(Rubem Alves, 1984, p. 101)¹*

O gosto por escutar histórias de pessoas comuns me acompanha desde menina. Na fila da cantina, no parquinho, no ônibus, em todos os lugares buscava e ainda busco alguém disposto a conversar. A aproximação é iniciada às vezes com um singelo sorriso, outras vezes, com um bom dia. Não sei precisar, mas algum gesto gentil acontece nesse encontro com outrem, uma espécie de chave mágica que me abre a porta para um outro mundo, sempre singular e infinito.

Olho para esse outro mundo e me importo com ele mesmo antes de conhecê-lo. Não por simples curiosidade. Acredito até que exista um certo egoísmo da minha parte, afinal, o outro satisfaz minha vontade de viajar por meio das suas palavras. O jeito como a outra pessoa se expressa e conta suas histórias me conduz à imaginação, à fantasia. Fico pensando como é ser aquela outra pessoa. Não costumo interrogar, tenho receio de invadir aquele lugar que não é meu. Eu apenas procuro olhar no rosto e me manter firme num diálogo fluído e livre.

O desejo por outrem seguiu comigo na fase adulta e está presente nas minhas relações sociais, seja com as pessoas do meu convívio ou com as desconhecidas. Na vida acadêmica, por exemplo, esse desejo me acompanhou na graduação, quando me interessei em escutar as mães leitoras, aquelas que liam com frequência para suas crianças na primeira infância. Na especialização, em

¹Cf. Escola: fragmentos do futuro. Alves, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1984.

escrever sobre as trajetórias de vida de mulheres que ocupavam cargos de chefia e realizavam dupla ou tripla jornada e, no mestrado, em conhecer os caminhos em busca de liberdade e autonomia percorridos por três mulheres com deficiência, que me apoiaram no desenvolvimento de um blog inclusivo para estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Neste momento, sou parte integrante do Comitê Executivo de Equidade de Gênero da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), CEEGED-UNILA. Nesse lugar, encontro-me envolvida outra vez com o processo da escuta de pessoas, em especial de mulheres, que sofrem ou sofreram algum tipo de violência de gênero.

O contato com a realidade e as trajetórias de vida das mulheres que vivem na região de fronteira, como é o nosso caso aqui em Foz do Iguaçu-PR, permitem a esse comitê pensar em diversas ações, reflexões e produções coletivas. Tendo como exemplo a Coletânea CEEGED, em 2020, intitulada “Por Elas e por nossas lutas: igualdade e justiça nos debates de gênero e diversidade nas sociedades contemporâneas”², em que eu e Renata Peixoto de Oliveira, também membra do comitê, organizamos um compilado de textos de mulheres falando sobre as histórias de outras mulheres, relacionado às lutas e resistências diante das opressões vividas.

Ou seja, o trabalho no comitê foi responsável pela aproximação dos meus estudos sobre Alteridade, tema sobre o qual me ocupo desde o começo do mestrado, aos espaços de acolhimento de mulheres. Contudo, foi por meio da extensão universitária, correlacionada às atividades nesse comitê, que me permitiram alcançar o universo de mulheres que fazem parte desse estudo e experimentar vivências com elas num espaço que, para mim, era então desconhecido: a prisão feminina.

Dessa forma, foi a partir do projeto “O vento no seu rosto traz história para contar: histórias de vida de mulheres que convivem no sistema prisional”, realizado na Penitenciária Feminina de Foz do Iguaçu – Unidade de Progressão (PFF-UP), do Departamento Penitenciário do Estado do Paraná - DEPEN, no ano de 2019, que pude elaborar a problemática da presente tese.

²TONATTO, Regiane Cristina; OLIVEIRA, Renata Peixoto de. (Orgs.) **Por Elas e por nossas lutas: igualdade e justiça nos debates de gênero e diversidade nas sociedades contemporâneas**. 1. ed. Foz do Iguaçu: Editora CLAEC, 2020. 172 p. Disponível em: <https://publicar.claec.org/index.php/editora/catalog/book/23>. Acesso em: 26 ago. 2021.

Entre os objetivos desse projeto de extensão estavam as práticas de Alteridade³, de respeito à diversidade, de construção do diálogo e de reconstrução das trajetórias de vida dessas mulheres em situação de privação de liberdade. A proposta previa oficina de Yoga, encontros de Alteridade (Círculos em Movimento) e aulas-oficinas, destinadas a todas as mulheres da PFF-UP, incluindo as trabalhadoras (policiais penais).

Entretanto, este estudo não buscou explorar as falas das mulheres assistidas pelo projeto, embora elas estejam presentes no discurso. Para elas, oferecemos o acolhimento com vista à alteridade, conforme a Filosofia da Alteridade de Emmanuel Levinas, nas atividades realizadas no projeto, respeitando, assim, inclusive, o princípio de confiabilidade no qual o Círculo em Movimento se baseia, e que, ao longo da tese, será descrito detalhadamente.

As narrativas apresentadas aqui dizem respeito ao discurso do grupo de mediadoras que realizou os Círculos em Movimento com as mulheres na penitenciária. Foram no total seis facilitadoras dispostas a participar do projeto e contribuir com essa reflexão que pretendeu capturar e apreender o fenômeno do acolhimento e da Alteridade diante da situação de privação da liberdade.

Portanto, esta tese investiga o fenômeno⁴ do acolhimento, vivido e descortinado por essas mediadoras a partir do primeiro contato, no encontro *face-a-face* com a Outra⁵, momento no qual tivemos o privilégio de nos perceber naquele acontecimento e nos solidarizar com outras mulheres que se encontram em circunstância e realidade completamente diferentes da nossa.

Dessa forma, o objetivo principal encontra-se na oportunidade de averiguar o acolhimento com alteridade na penitenciária feminina como um ensinamento e uma atitude ética. Por meio dos sentidos e significados dados pelas mediadoras à experiência vivida na penitenciária feminina por meio dos Círculos em Movimento, procurei responder às seguintes questões norteadoras: como elas foram afetadas pela presença da mulher encarcerada? Como elas saíram desse processo? A alteridade, na perspectiva levinasiana, necessitou de quais elementos para conduzir

³Segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa *online*, alteridade (do francês *altérité*) é um substantivo feminino, com as seguintes definições: 1. Qualidade do que é outro ou do que é diferente. 2. [Filosofia]. Caráter diferente, metafisicamente.

⁴Significa o *que se mostra*, o que é manifestado e se pode observar.

⁵Optamos por grafar as palavras Eu, Ser, Outra, Outrem e Rosto com maiúscula sempre que nos referirmos ao pensamento de Emmanuel Levinas. Elas serão abordadas a seu tempo ao longo de nossa argumentação.

a renúncia do Eu e para suscitar o agir ético no acolhimento na privação de liberdade como forma de justiça?

Os conceitos de acolhimento e de Alteridade, nesta tese, tem relação com a metafísica, mas também se traduz em solidariedade, abertura e responsabilidade nas relações socioculturais, ou seja, na intersubjetividade; além de significar a busca pelo não esquecimento e apagamento de Outrem a partir da ética, da responsabilidade e do cuidado.

Ademais, busquei investigar as possibilidades de pertencimento, conscientização, justiça e não-violência presentes na experiência dos Círculos em Movimento, olhando para a sua aplicação como uma forma de praticar a inclusão, a autonomia e a libertação de sujeitos esquecidos pelo sistema.

O vento no seu Rosto...

a experiência e a relação com a Filosofia da Alteridade

Quando me lembro da primeira vez que fui na penitenciária feminina⁶ da minha cidade natal, Foz do Iguaçu-PR, vem à memória a ausência das vozes femininas e o barulho dos homens, vindo das janelas do pavilhão superior, que antecede a unidade feminina. Naquele dia, tudo era novo e desconhecido, tanto o caminho que o veículo da universidade fez para chegar até lá, como os elementos em torno do complexo carcerário, formado por poucas e humildes moradias.

Em pouco mais de trinta anos, não havia me aproximado daquela região do município. Na oportunidade, conheci algumas policiais penais, receptivas e alegres, e me senti acolhida por elas. Embora desejasse, não foi nessa primeira visita que conheci o espaço onde as mulheres em situação de privação de liberdade viviam.

Em especial, esta ocasião foi destinada à palestra do Dr. Ariel Nicolai Cesa Dias, Juiz de Direito do Juizado de violência doméstica e familiar contra a mulher e Vara de crimes contra crianças, adolescentes e idosos e de execução de penas e medidas alternativas, do município de Foz do Iguaçu-PR. O público-alvo do evento

⁶A Penitenciária Feminina de Foz do Iguaçu - Unidade de Progressão (PFF-UP), foi inaugurada no ano de 2018, instalada no mesmo local em que funcionava o Centro de Reintegração Feminino, prédio anexo à Cadeia Pública Laudemir Neves, no Bairro Três Fronteiras, no município de Foz do Iguaçu-PR. Com capacidade para 248 presas, o espaço foi destinado ao atendimento de mulheres em regime fechado. A nova unidade representou a separação física da carceragem masculina e a criação de uma equipe diretiva própria.

eram as policiais e as convidadas externas da rede de proteção à mulher do município, do qual faço parte como membra do Comitê Executivo pela Equidade de Gênero e Diversidade da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)⁷. Nesse dia, ainda não imaginava o quanto aquele lugar representaria para mim num futuro próximo.

Certo tempo depois desse primeiro contato, a UNILA firmou um acordo de cooperação com o Departamento Penitenciário do Paraná (DEPEN), para a realização de projetos de ensino, pesquisa e extensão nas unidades penais, tanto na masculina como na feminina. Neste momento, o interesse de conhecer aquele lugar se descortinou de uma vez e surgiu em mim, genuinamente, uma vontade legítima de escutar as trajetórias de vida, de dialogar com aquelas mulheres que ali passavam seus dias em confinamento. O desejo principal pairava na possibilidade do desvelamento dos rostos desconhecidos.

Então, escrevi o projeto de extensão “O vento no seu Rosto traz histórias para contar: histórias de vida de mulheres que convivem no sistema prisional”, tendo em vista os direitos humanos fundamentais e a dignidade da pessoa humana no sistema penitenciário, previstos na Constituição Federal e na Lei nº 7.210/1984, Lei de Execução Penal. O objetivo era a realização de Círculos em Movimento com as mulheres em situação de privação de liberdade. Trata-se de uma prática sistematizada por Carolyn Boyes-Watson e Kay Pranis (2015). A base principal desses Círculos encontra-se nas tradições ancestrais e na observação de saberes locais de certos grupos etno-culturais, tanto para a convivência em comunidade quanto para a resolução de conflitos.

Os Círculos em Movimento são praticados como meio de oportunizar um espaço de confiança, no qual as pessoas que participam da prática possam se sentir à vontade para expressar sentimentos. Os pressupostos principais dos Círculos são: a escuta ativa, incluindo todas as histórias que as pessoas desejam contar, e o diálogo, uma vez suscitado pelo estabelecimento da relação horizontal.

⁷Instituído por meio da Portaria UNILA nº 615, de 12 de setembro de 2018, o CEEGED/UNILA é um órgão ligado ao Gabinete da Reitoria da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), cujo foco principal é a estruturação documental e organizacional da Secretaria de Equidade de Gênero, prevista na Política de Equidade de Gênero aprovada pelo Conselho Universitário por meio da Resolução nº 18/2017. Atua em quatro eixos:

1. Enfrentamento da violência de gênero;
2. Política de inclusão da maternidade e da paternidade;
3. Direitos da comunidade LGBTI;
4. Equidade étnico-racial.

Essa relação pode ocorrer, muitas vezes, pela própria disposição geométrica, ou seja, o formato de círculo.

No caso específico do Círculo em Movimento, é escolhido um objeto da palavra, como instrumento regulador do discurso. Este objeto circula entre as pessoas e quem encontra-se em posse dele é o detentor da oportunidade de falar, enquanto que os demais devem respeitar e aguardar a sua vez no processo circular.

Na escrita desse projeto de extensão, utilizei a Filosofia de Emmanuel Levinas (1906-1995) como aporte teórico e conceitual, especialmente no que diz respeito ao compromisso e a responsabilidade com o outro ser humano, ou seja, com a humanidade contida nele.

Levinas foi um importante filósofo lituano-francês do século XX, que, com rigor científico, buscou questionar os modos de pensar da filosofia contemporânea e o pensamento da Alteridade. Seus contributos difundiram-se para diferentes disciplinas e/ou áreas do conhecimento, tais como: Direito, em especial para os Direitos Humanos (SAYÃO & PELIZZOLI, 2012; HAMEL, 2018); estudos da Ética (CAMILLO, 2013); Educação, em temas como a Educação Inclusiva (FRANCISCO BONAMIGO, 2016; TONATTO, 2017); Saúde e Psicologia, nas relações de cuidado e afetividade (J.C FREIRE, 2003); entre muitas outras.

Levinas propõe para a filosofia e para a humanidade uma mudança radical na relação com Outrem, na qual a ética antecede a ontologia para edificar um novo humanismo. Seria como uma “inversão humana do em-si e do para-si, do “cada um por si”, em um eu ético, em prioridade do para-outro [...] reviravolta radical produzir-se-ia no que chamo encontro do rosto de outrem” (LEVINAS, 2010, p. 242). Surge então a necessidade da *relação face-a-face*, ou seja, da intersubjetividade, para inaugurar a renúncia do Eu em direção à exterioridade, à Outrem, ao infinito.

O acolhimento do Rosto de Outrem, que se apresenta como um apelo, seria para a Filosofia da Alteridade a maneira de realizar essa inversão, um movimento capaz de dar lugar a um outro ser que não é mais o Mesmo, é “outramente outro”⁸. “O rosto do outro é a sua maneira de significar” (LEVINAS, 2014, p. 28). Ele habilita para uma outra compreensão da própria subjetividade humana. Por isso, o Rosto humano não pode ser representado, nem considerado conteúdo e não se torna, de modo algum, objeto. O “Rosto não é, pois, cor dos olhos, forma do nariz, frescor das

⁸Cf. LEVINAS, Emmanuel. De outro modo que ser ou para lá da essência. Tradução de José Luis Pérez e Lavínia Leal Pereira. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

faces, etc.” (LEVINAS, 2010, p. 266). O Rosto associa-se ao discurso, ele fala. “Fala, porque é ele que torna possível e começa todo o discurso” (LEVINAS, 2007, p. 79).

Como mencionado anteriormente, buscamos não objetivar o Rosto das mulheres em situação de privação de liberdade, pois o nosso impulso maior foi no sentido de apreender os ensinamentos que a relação ética com elas suscitou no grupo de mediadoras, de capturar o modo como estabelecemos o contato umas com as outras por meio da intersubjetividade, da humanidade e Alteridade presentes nelas e nos Círculos e a importância do diálogo, da linguagem e da ética no acolhimento em espaço de privação de liberdade.

Para explicar o fenômeno do acolhimento como um ensinamento e da abertura à Outra na perspectiva da pessoa que acolhe, ou seja, das mediadoras dos Círculos em Movimento, esta pesquisa qualitativa foi conduzida a partir de uma abordagem fenomenológica, na qual podemos descrever as coisas e os fenômenos tal qual eles se manifestam, observando tanto a intemporalidade quanto a temporalidade das circunstâncias presentes no momento experienciado.

... traz histórias pra contar

As vivências e a organização da tese

De acordo com Antônia Dilamar Araújo (2006), os discursos científicos também apresentam marcas de subjetividade. No texto estão presentes as projeções e as posições de interação das autoras e autores. Para ela (idem, p. 457), “Há várias formas de o escritor estabelecer interação no texto. Uma delas é por meio do uso das formas pronominais – os marcadores de referência pessoal – que explicitamente marcam a presença do autor no texto”.

Por esse motivo, e com vistas a expressar compromisso e responsabilidade de sujeito-pesquisadora, emprego, para tratar do assunto, a forma impessoal. Entretanto, para me situar na pesquisa, emprego ora a primeira pessoa do singular, ora a primeira pessoa do plural, priorizando a segunda forma ao me referir a momentos vividos na penitenciária e retratados nas entrevistas, ou seja, quando o conteúdo estava relacionado ou era resultado do aprendizado e da experiência coletiva.

Outra marca de subjetividade tem relação ao uso da linguagem inclusiva de gênero. Como essa tese fala de mulheres que convivem no sistema prisional e de mediadoras também mulheres, utilizei frequentemente o feminino. Além disso, uso constantemente termos tidos como neutros, superlativos sem gênero, como “pessoas” e “outrem”, para não reforçar o binarismo. Por último, fiz algumas notas ao perceber que, na citação, o autor se expressou usando “homens” quando na verdade estava se referindo à espécie humana.

Outros autores perceberam, ao longo de suas trajetórias, a necessidade de realizar mudanças na estrutura de seus textos e começaram a empregar a linguagem inclusiva, por exemplo: Paulo Freire. A partir da obra *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido* (1992), ele modificou sua forma de escrita e fez referência à necessidade de mudar a linguagem e à importância da inclusão das mulheres na linguagem tanto escrita quanto oral.

Ademais, escolhi escrever esta tese de maneira criativa e sensível a partir da obra “A preparação do ator”, de Konstantin Stanislávski (2013), acreditando ser possível, a exemplo de Erving Goffman em “Representação do eu na vida cotidiana” (2002), utilizar-me de outras formas de representação para expor os conteúdos e, ainda assim, respeitar a fidelidade e a validade dos resultados obtidos na experiência individual e coletiva.

Nesse sentido, vi nas minhas vivências no teatro essa possibilidade. Juca Rodrigues, da Companhia de Teatro Amadeus de Foz do Iguaçu-PR, foi meu primeiro diretor de teatro, foi ele quem mais me incentivou a estudar a arte cênica e desde as primeiras aulas procurou demonstrar a importância da teoria na atuação e me fez querer entender sobre a dramaturgia de um espetáculo. Além disso, me emprestou diversos livros e me presenteou com alguns. Foi dessa maneira que nasceu meu interesse em explorar o processo de construção da personagem.

Procurei, então, nessa construção, representar o objeto de estudo, os objetivos, o método, as metodologias de análise, a argumentação dos pressupostos e todos os demais elementos que compõem esta tese de maneira entrelaçada aos ensinamentos de um dos maiores mestres da dramaturgia no mundo, Konstantin Serguéievitch Alekséiev (1863-1938), conhecido como Stanislávski.

Fundador do Teatro Popular de Arte, que mais tarde se tornou o Teatro de Arte de Moscou (TAM), na Rússia, Stanislávski foi alguém capaz de demonstrar a importância da memória afetiva como ponto de partida (VÁSSINA; LABAKI, 2015)

na arte de atuar e que dizia que o encanto de um espetáculo não se traduzia apenas em e nas palavras, mas na presença encoberta pela sombra delas, ou seja, nas pausas, nos silêncios, nos olhares, nos sentimentos, no afeto e na intuição.

Assim como para Levinas, acredito na força da intuição, aquela que se movimenta em direção à consciência, que acolhe dados sensíveis, ideias e relações e que se torna fonte de significação. Assim, todo o argumento ao descortinar o fenômeno se deu a partir da experiência, como se ela “oferecesse primeiramente conteúdos [...] e como se, em seguida todos esses conteúdos se animassem de metáforas, recebessem uma sobrecarga que os levasse para além do dado” (LEVINAS, 2009, p. 21). Defendendo que tornar a significação possível é a função de uma obra ou de um gesto cultural, e que cultura e criação formam a própria ordem ontológica, dando possibilidades de compreensão do Ser.

Assim, são apresentados fragmentos da obra de Levinas, em especial aqueles que podem ter conexão com o fenômeno do acolhimento de mulheres que convivem em situação de privação de liberdade, bem como aproximação com o foco da investigação. Com esses fragmentos, a intenção não era recobrir a obra de Levinas, que é bastante vasta e complexa, mas captar elementos edificantes contidos nela, buscando o compromisso com a busca pela Alteridade levinasiana para refletir acerca do fenômeno manifestado.

Além do interesse pelo legado filosófico presente em suas obras, da sua forma de “Ver filosoficamente” o sentido do dado, por meio da concepção fenomenológica, da solidez de seu sistema filosófico por meio de um pensamento radical de Alteridade, propus-me iniciar uma nova forma de pesquisar, forma que até então desconhecia: a fenomenologia.

A fenomenologia, iniciada por Edmund Husserl (1859-1938), continuada de maneira singular por Levinas, diz respeito ao reavivar pensamentos do mundo, intenções subentendidas ou mal compreendidas sobre as coisas, por meio da “Reflexão completa, necessária à verdade, ainda que seu exercício efectivo [sic] houvesse de fazer aparecer os seus limites [...] junto às coisas, sem ilusão, sem retórica, no seu verdadeiro estatuto” (LEVINAS, 2007, p. 18).

O método que Levinas utilizou para desenvolver a Filosofia da Alteridade se contrapôs ao de Husserl na questão da epifania⁹ do Rosto. Para Levinas, a

⁹Levinas utilizou o termo epifania para evidenciar o caráter de manifestação que expressa o Rosto de Outrem.

significação do Rosto é contrária à fenomenologia, “pergunto-me se podemos falar de um olhar voltado para o Rosto, porque o olhar é conhecimento, percepção. Penso que o acesso ao Rosto é, num primeiro momento, ético” (LEVINAS, 2007, p. 77). Nesse sentido, para a Filosofia da Alteridade, a descrição fenomenológica do Rosto não era uma possibilidade. Por isso que, nessa perspectiva filosófica, a palavra Rosto apresenta tanta notoriedade.

O que procuramos não está na objetivação dos Rostos, mas na distinção entre olhar outrem e acolher o Rosto de Outrem, pois “para distinguir olhar e linguagem, ou seja, olhar e acolhimento do Rosto que a linguagem pressupõe, é preciso analisar mais de perto o privilégio da visão” (LEVINAS, 2015, p. 183). Compreender os sentidos comuns que levaram um grupo de mediadoras a realizar esses Círculos em Movimento na penitenciária e como elas saíram da experiência, para nós, é uma maneira de ir além do dado. Por isso, a escuta e a reflexão dos discursos dessas mulheres, privilegiadas em mediar esse movimento de Alteridade, foi o caminho trilhado na pesquisa.

Dividida em seis capítulos, esta tese é apresentada como se estivéssemos num teatro vivendo uma cena de um espetáculo. A medida que os elementos surgem é possível observar a *mise-en-scène*¹⁰. A ideia é que a descrição da cena por meio da arquitetura cênica, a relação palco-plateia e a ação dramática da peça, ou seja, do fenômeno do acolhimento como ele foi manifestado, possa descortinar a existência da Alteridade a partir daquilo que vivenciamos nas experiências dialógicas, na abertura e no reconhecimento da Outra, portanto, na presença das outras, considerando desde o princípio as circunstâncias privilegiadas na qual as mediadoras se encontravam perante ao grupo de mulheres participantes dos Círculos.

No Capítulo I, intitulado “Sobre o palco”, descrevo as circunstâncias gerais da experiência dos Círculos em Movimento vivida na penitenciária feminina; os

¹⁰Segundo Fernão Pessoa Ramos (2012, p. 53), “O conceito de *mise-en-scène* define, entre outros elementos, o espaçamento de corpos e coisas em cena. Vem do teatro, do final do século XIX e início do XX, e surge com a progressiva valorização da figura do diretor, que passa a planejar de forma global a colocação do drama no espaço cênico. Penetra na crítica de cinema na década de 1950, quando a arte cinematográfica afirma sua singularidade estilística deixando para trás a influência mais próxima das vanguardas plásticas. *Mise-en-scène* no cinema significa enquadramento, gesto, entonação da voz, luz, movimento no espaço. Define-se na figura do sujeito que se oferece à câmera na situação de tomada, interagindo com Outrem que, por trás da câmera, lhe lança o olhar e dirige sua ação. Na cena documentária, o conceito de *mise-en-scène* desloca-se um pouco e pausa, de forma mais solta, na fagulha da ação da circunstância da tomada”.

elementos da cena e as possibilidades de abertura à outra e do despertar da consciência ética; as lembranças da primeira vez que subimos no palco, os sentimentos na hora que a cortina sobe, a estreia (projeto de extensão), os bastidores (instituições envolvidas) e o cenário (a prisão); e a importância das ações extensionistas na prisão como um lugar de Alteridade e humanidade.

O Capítulo II - “Sobre a dramaturgia”, apresento as obras e os textos que compõem a fundamentação teórica e conceitual desta tese. Em primeiro lugar, os Círculos em Movimento, mediante a filosofia e a natureza do processo restaurativo, das bases teóricas e metodológicas de sua aplicação em ambientes comunitários e da descrição do passo a passo do processo circular, idealizados e esquematizados por Carolyn Boyes-Watson e Kay Pranis, em formato de roteiros. Em segundo lugar, ocupo-me com a exposição da Filosofia da Alteridade, na qual proponho um passeio por Emmanuel Levinas e seus principais pensamentos. Para tanto, utilizo especialmente as seguintes obras do autor: Humanismo do Outro Homem (2009); Entre Nós (2010); De outro modo que ser ou para lá da essência (2011); Violência do Rosto (2014); e Totalidade e Infinito (2015).

O Capítulo III - “Sobre a iluminação”, busquei abordar a fenomenologia como método de compreensão pela iluminação e revelação do fenômeno. Considerei esse método uma orientação importante de obter os sentidos dados pelas mediadoras ao acolhimento por meio dos Círculos em Movimento. Nessa ótica, visualiza-se pela multiplicidade das significações culturais o tema, com a experiência de ressignificar o fenômeno e suas manifestações, as relações éticas e de alteridade. A fenomenologia foi o caminho científico acessível, que permitiu a apreensão dos sentidos dados pelas mediadoras ao fenômeno em suas próprias reflexões, conscientes e críticas, na plena vivência dos Círculos e dos Rostos.

Por meio do método, encontrei a base para desenvolver os modos de pesquisa qualitativa, bem como os tópicos de investigação e os instrumentos de coleta e de análise de dados, apresentados no Capítulo IV - “A arte de representar - Um fenômeno - Caminhos metodológicos”. O objetivo desse capítulo foi apresentar como foram realizadas as entrevistas em profundidade com as mediadoras e conduzidas as análises ideográficas e nomotéticas.

As seis entrevistas ocorreram no ano de 2020, durante o período de pandemia COVID-19, por meio de videoconferência. O roteiro utilizado foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual

do Oeste do Paraná - UNIOESTE, sob Parecer nº 4.084.252. De igual forma, o modelo de Ficha de Recuperação de Aprendizagem foi aceito como um recurso desenvolvido para apoiar as mediadoras na descrição das vivências de cada encontro em separado.

No Capítulo V - “Sobre a peça”, procurei descrever a ação do Círculo em Movimento como a própria *mise-en-scène*. Então, escrevi sobre todo o elenco que contracenou no palco, do qual fizeram parte: as mulheres em situação de privação de liberdade, as trabalhadoras do sistema prisional (policiais penais) e as mediadoras. Outrossim, abordei a direção da cena e a montagem da peça, ou seja, a direção e a implementação do projeto de extensão na penitenciária.

E, finalmente, o Capítulo VI - “Abre-se a cortina, o espetáculo vai começar”, no qual o fenômeno do acolhimento pode então ser descortinado. Por meio das unidades de significados das análises ideográficas e da reflexão das análises nomotéticas originadas dos discursos das mediadoras para as questões levantadas, argumento sobre o fenômeno do Acolhimento da Outra na privação da liberdade, baseado no pensamento de Levinas, e vivenciados nos Círculos em Movimento, constituído não somente como um ato de solidariedade, abertura e responsabilidade nas relações intersubjetivas, mas principalmente como um ensinamento para as mediadoras sobre o agir ético e a presença da Alteridade e da humanidade na privação de liberdade de mulheres encarceradas.

Capítulo I

Sobre o palco

1.1 Um palco e uma série de circunstâncias

Devemos dispor, primeiro que tudo, de uma série de circunstâncias supostas, nas quais se desenrolará o nosso trabalho. Em segundo lugar, é para nós preciso uma linha contínua de visões interiores ligadas a estas circunstâncias, para que elas nos surjam com vida. Em cada instante que passarmos no palco, em cada momento da peça, devemos estar conscientes, quer das circunstâncias exteriores da peça (cenário, acessórios, etc...) quer da cadeia interior das circunstâncias que nós próprios imaginarmos. Desta sequência de momentos vai nascer uma continuidade de imagens, à maneira de um filme. Enquanto representarmos de uma maneira criadora, este filme desenrolar-se-á e será projetado no «écran»¹¹ da nossa visão interior, tornando vivas as circunstâncias no meio das quais evoluímos (STANISLÁVSKI, 2016, p. 155-156).

Como uma pedagogia da atriz e do ator contemporâneo, o Sistema de Stanislávski envolve mais do que o ensino e a aprendizagem de como atuar nos palcos ou no 'écran'. Busca também conduzir todas as pessoas envolvidas com a produção da peça para o processo criativo, a atriz para a preparação da personagem, e faz isso, principalmente, por meio da intuição e dos sentimentos.

Ao assistir a um espetáculo, não desejamos ver o palco, nem as luzes, nem o cenário, nem os adereços, tão pouco as atrizes. Quando presenciamos uma cena ou uma ação dramática, o que buscamos são os pensamentos e as emoções subjacentes que aquele momento pode nos oferecer e nos fazer evoluir.

A fenomenologia, por sua vez, é um método filosófico que procura compreender o acontecimento por meio da iluminação, mas, sobretudo, busca ultrapassar esse jogo de luzes e mover a consciência (LEVINAS, 2015, p. 14) na condução do acolhimento do Rosto, da sensibilidade, ou seja, em direção de uma metafenomenologia. Levinas buscava nesse movimento iluminar e desvelar a presença de Outrem por meio da consciência, observando tanto a intemporalidade quanto a temporalidade das circunstâncias presentes no momento vivido.

¹¹Segundo o Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa *online*, écran [ekrã] tem até três definições, são elas: (1) superfície, geralmente branca, sobre a qual são projetadas imagens; (2) tela de cinema; e (3) chapa de vidro diversamente colorida usada para selecionar os raios luminosos da fotografia colorida. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 20 jul. 2021.

Com relação ao modo de entender o tempo, Levinas tinha uma ideia totalmente diferente e inovadora dos demais filósofos da sua época. Para ele, o tempo representava a efetivação do agora, uma confluência passiva e ativa na consciência do vivido, que não é unicamente exterior, nem puramente interior, em que “O tempo da consciência prestando-se à representação é a sincronia¹² mais forte que a diacronia¹³” (LEVINAS, 2010, p. 92). Por isso, ele defende que o tempo deve ser recuperado pela consciência e que isso se faz por meio da intencionalidade.

Por isso, quando pensamos num ambiente de prisão, precisamos ter consciência que as circunstâncias exteriores existem. No que diz respeito à situação das mulheres que convivem no sistema prisional, sejam internas ou policiais, não existem circunstâncias fáceis de serem observadas, pois a própria condição de encarceramento de qualquer ser vivo já é por si só uma realidade atroz. Mas, neste estudo, o que pretendemos é ir além das circunstâncias exteriores, ir além do objetivo inicial de acolher mulheres que convivem no sistema prisional, percebendo que o acolhimento não é algo que uma pessoa pode dar e outra simplesmente recebe, e sim “vida na presença”.

Esta *vida* na presença na representação é, certamente, minha vida também, mas, nesta vida da consciência, a presença se faz acontecimento ou duração da presença. Duração de presença ou duração como presença: nela, toda perda de tempo, todo lapso se retém ou retorna em lembrança, se “reencontra” ou se “reconstrói”, adere a um *conjunto* através da memória ou da historiografia. (LEVINAS, 2010, p. 92, grifo do autor)

Subvertendo a lógica de iluminar tão somente as realidades enfrentadas por essas mulheres, as quais nos foi privilegiado o acesso, escolhemos projetar sobre a cena um foco de luz na presença delas, dando-lhes o ângulo e regulando a abertura dos feixes luminosos ao fenômeno da acolhida que acontecia com todas nós ali presente nas atividades, ou seja, nas prática dos Círculos em Movimento (detalhado no item 2.1 do Capítulo II).

Quando idealizamos o projeto extensionista na penitenciária, lemos o texto, preparamos-nos para a cena e julgamo-nos prontas e dispostas ao ato de acolher.

¹²Ocorrência de dois ou mais fatos ou fenômenos (atuais ou passados) simultâneos; coexistência, concomitância, simultaneidade. (MICHAELIS, *online*)

¹³É o estudo dos fenômenos culturais, sociais, entre outros, conservados em sua ocorrência e evolução através do tempo. (MICHAELIS, *online*).

Tínhamos, genuinamente, um ideal ou uma filosofia da Alteridade, havíamos optado por uma prática pedagógica de diálogo amoroso e horizontalizada, e o objetivo era o encontro com a outra por meio da escuta sensível das trajetórias de vida de mulheres na privação de liberdade. Mas, o que deixamos de observar, a princípio, foi que éramos as estrangeiras naquela casa, pois a casa não era nossa, o palco era delas, embora aquela realidade seja intolerável para qualquer um, é ali que elas convivem, se adaptam e se relacionam.

A ética levinasiana nos traz a ideia de Alteridade, de responsabilidade incondicional com Outrem. Mas, para que se possa agir com Alteridade é preciso ter uma casa para oferecer, uma comida, uma morada, um agasalho ou um remédio. Afinal, como poderíamos oferecer aquilo que não temos? Se não vivemos ali, se não dividimos o palco, podemos apenas abordar os elementos que compõem a cena? Para Levinas, nesse momento da representação, o que existe é um acontecimento novo, um recuo, é justamente “a relação com Outrem que me acolhe na Casa [...] Mas para que eu possa libertar-me da própria posse que o acolhimento da Casa instaura [...] representá-la para mim [...] é preciso que eu saiba dar o que possuo” (LEVINAS, 2015, p. 164). Nesse sentido, a outra, do seu próprio palco, é quem nos ensina a transcender.

O “Guia para facilitar Círculos em Movimento em comunidades escolares” foi proposto por Carolyn Boyes-Watson e Kay Pranis (2015), como forma de aliar a metodologia dos Círculos de Construção de Paz e a Justiça Restaurativa para além dos espaços à serviço do judiciário. Tradicionalmente, têm sua origem nos Círculos de diálogo promovidos pelos povos indígenas da América do Norte. Nestes, eles se utilizavam do bastão da palavra para regular o diálogo (BOYES-WATSON; PRANIS, 2011, p. 275),

A pessoa que está de posse do bastão da palavra tem a atenção total de todas as outras pessoas no Círculo e podem falar sem serem interrompidas. O uso do bastão da palavra permite a expressão completa das emoções, a escuta profunda, a reflexão atenciosa e um ritmo sem pressa. Além disso, o bastão da palavra cria espaço para as pessoas que encontram dificuldade em falar quando estão em grupo. Incorporando tanto a sabedoria tradicional como o conhecimento contemporâneo, o processo do Círculo também incorpora elementos dos processos modernos de Construção de Paz e construção de consenso.

Dessa forma, por meio do diálogo amoroso, as aproximações entre as pessoas envolvidas vão acontecendo. Tínhamos em mãos esse guia, que também traz roteiros, ou seja, modelos que podem ser utilizados pelas facilitadoras. Tínhamos o conhecimento na metodologia, a experiência na educação de jovens e adultos e estávamos ancoradas também por uma visão extensionista, que adiante voltarei a discutir com a dedicação necessária.

Entretanto, entendemos, desde o início dessa experiência apresentada no decorrer deste estudo, que a posse de um texto, nesse caso um roteiro, por melhor detalhado e esmiuçado que ele se constitua, não é suficiente para responder aos anseios de quem sai em busca do desconhecido, do novo ou do estrangeiro.

– Acha que o autor fornece aos atores tudo o que eles devem saber acerca da peça? Não é possível numa centena de páginas dar uma ideia completa da vida de uma personagem. O autor nunca dá pormenores suficientes sobre que se passou antes da peça começar. Não explica o que vai acontecer depois do fim, ou o que se passa atrás do palco [...] E o texto? Acham que basta sabê-lo de cor? As indicações que lhes são dadas chegarão para compor o carácter de uma personagem e para revelar todas as subtilezas dos seus pensamentos, sentimentos e atos? (STANISLÁVSKI, 2016, p. 138)

Para um grupo de mulheres envolvidas no meio acadêmico, longe do palco onde aconteceria a cena, precisaria mais que um texto, mais do que ensaios, embora ambos possuam sua importância para o espetáculo. De encontro ao outro grupo, fomos em direção a "A voz que vem de uma outra margem" e que nos "ensina a própria transcendência" (LEVINAS, 2015, p. 165). E são os traços marcantes das entrevistadas, suas lembranças do acontecimento e suas reflexões sobre a vivência, a fonte das análises e discussões que compõem este estudo sobre a presença da Alteridade e dos ensinamentos que o acolhimento traz.

A saber, o grupo de mediadoras foi formado por uma estudante de graduação, do curso de Cinema (UNILA); uma jornalista/comunicadora social, mestra pela Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos (PPG-IELA/UNILA), que estava a cursar especialização em Gênero e Diversidade na Educação; uma antropóloga, estudante do PPG-IELA (UNILA); uma docente do curso de História da UNILA, com formação, doutoramento e pós-doutoramento em História Social; uma técnica-administrativa em educação

(UNILA), com formação em administração, mestrado em Antropologia e estudante do programa de doutorado interdisciplinar em Sociedade, Cultura e Fronteiras (UNIOESTE-FOZ); uma advogada, com formação em Direito e também em Letras, atualmente estudante do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Sociedade, Cultura e Fronteira (PPGSCF/UNIOESTE-FOZ) e também por mim, técnica em assuntos educacionais (UNILA), com formação em Pedagogia e também estudante do PPGSCF (UNIOESTE-FOZ).

A partir das circunstâncias gerais que estiveram presentes na representação do fenômeno do acolhimento, seguimos apresentando e discutindo os elementos da cena e explorando as possibilidades de abertura à outra e do despertar da consciência ética a partir do Rosto, pois, afinal, de nada adiantaria acessar uma casa e manter suas janelas e portas fechadas. Foi preciso subir no palco para sentir a cortina subindo, à luz forte e quente dos refletores, a energia da plateia no momento da espera, o silêncio que diz: o espetáculo vai começar!

1.2 Suba no palco! Primeiras impressões

Encontrei-me num local deserto, fracamente iluminado. Diante de mim estendia-se um palco enorme, inteiramente vazio. Apenas, junto da ribalta, uma fila de cadeiras que delimitavam a cena; à direita, uma série de projetores. Vista do palco, a enorme abertura da boca de cena pareceu-me um abismo, cujos limites se perdiam nas trevas, no infinito. Esta foi a minha primeira impressão do palco. (STANISLÁVSKI, 2016, p. 29)

Cada pessoa carrega consigo um imaginário repleto de imagens de uma prisão. Isso porque, segundo Angela Davis (2020), somos constantemente saturados por elas, por meio de filmes, séries, programas e documentários, então, é simplesmente impossível não consumir alguma representação do ambiente prisional. E, para além disso, quando pensamos sobre isso, “pensamos na prisão como um destino reservado a outros” (idem, p. 16). Dificilmente, você vai se imaginar vivendo na prisão. Para a autora, sentimos medo de pensar nela e de imaginar a vida sem ela, como se ela estivesse presente e ausente nas nossas vidas, ao mesmo tempo.

Podemos, ainda, sofrer ao pensar no que acontece lá e do quanto estamos isoladas do ambiente prisional e das pessoas que ali existem. Além de imagens, os

relatos de experiência de outras pessoas sobre esse lugar e sobre as pessoas em situação de privação de liberdade parecem também estar presentes no nosso imaginário:

Eu tinha feito uma visita técnica, mas também tinha sido em 2013 ou 2014, já fazia um tempo. Então, mais ou menos, tinham algumas coisas que eu tinha em mente por conta do que eu já tinha lido, já tinha estudado, tinha escrito, conversando com quem frequentava. Meu professor que orientou fazer esse trabalho, ele é criminalista aqui na cidade, faz mais de 20 anos, então, ele me falou bastante coisa. (Entrevista em profundidade - 10/07/2020 - Vitória)

Quando você não conhece algum grupo você tem o imaginário sobre ele... não que eu tivesse um imaginário negativo, não é isso, mas a minha mãe era advogada [...] isso sempre fez parte do nosso cotidiano, os relatos sobre as visitas à cadeia, as clientes que ela tinha, ela atendia muito mulheres, assim, e ela gostava muito de fazer atendimento na área criminal [...] Então, eu sempre ouvi falar muito de... de levar na... ela não usava penitenciária, ela usava a palavra cadeia, de ir na cadeia, de ter um horário para levar a família, de fazer uma mediação com a família, essas coisas. Então, não era um universo totalmente longe da minha memória, era um universo que eu sempre ouvi falar. (Entrevista em profundidade - 17/07/2020 - Rebeca)

O imaginário é objeto de discussão na área das ciências humanas e sociais. Na dramaturgia, por exemplo, ele será percebido como fonte de criação e ação dramática. A partir de uma perspectiva da representação teatral, o livro “A representação do eu na vida cotidiana”, de autoria de Erving Goffman, publicado pela primeira vez em 1956, ressalta o processo simbólico em que as atrizes e os atores estão envolvidos em cena. Conforme esse autor, para atuar o sujeito se utiliza de um conjunto de imagens e arranjos para persuadir e também impressionar. A plateia também faz uso do seu imaginário para conseguir interpretar a cena. Assim, para Goffman (2002, p. 232), “O “eu” é um produto de todos esses arranjos e em todas as suas partes traz as marcas dessa gênese”.

Semelhante a esse exercício que buscamos realizar aqui para expor os conteúdos, Goffman, na obra citada anteriormente, se utiliza da linguagem teatral para abordar o comportamento humano em sociedade, sem com isso perder o rigor científico. Além do contributo de demonstrar que outras formas de representar e de manifestar o conhecimento são válidas e possíveis, Goffman fala do conceito de “instituições totais”. Trata-se de como certas instituições são capazes de criar uma

barreira entre os que vivem numa situação de reclusão e os que vivem à margem delas, produzindo a primeira mutilação do eu (GOFFMAN, 2001). Outro conceito importante criado pelo autor foi o de “estigma”, situação em que o sujeito encontra-se inabilitado para a aceitação social plena (GOFFMAN, 1988).

Várias instituições totais foram abordadas no livro “Manicômios, prisões e conventos”, publicado por Goffman pela primeira vez em 1961, incluindo suas reflexões acerca das prisões e do campo criminológico. Quanto ao entendimento do conceito de estigma, esse termo esteve presente e marcou diversas falas das entrevistadas, quando se referiam a vida e a realidade das mulheres que convivem no sistema prisional. Por isso, posteriormente, retomaremos a discussão com estes dois conceitos.

Voltemos novamente ao palco, às nossas primeiras impressões ao subir nele, ao nosso nervosismo, ao medo do desconhecido, ao momento em que o pano sobe e estamos todas vulneráveis ao que nos aguarda, ao encontro com a outra. Como expressa Levinas (LEVINAS, 2014, p. 34), “a fenomenologia - é necessária para reconhecer sua voz. Pensei que é no Rosto do outro que me fala pela “primeira vez”. É no encontro de outro homem¹⁴ que Ele “vem à mente” ou “faz-se evidente”. Assim, experienciar aquele lugar pela primeira vez era um tipo de preparação para o encontro. O cenário parecia já nos afetar, pois compreendíamos que não seria possível reconhecer a Outra em sua totalidade, se não nos deixássemos ser afetadas por todo aquele universo.

Mas logo que o pano subiu e a sala apareceu diante dos meus olhos, voltei a cair na mesma obsessão. Ao mesmo tempo tinha pela primeira vez a sensação de que o cenário por assim dizer me cercava e me punha em evidência. (STANISLÁVSKI, 2016, p. 32)

Por meio das entrevistas, nem sempre era possível explorar detalhes do que os olhos conseguem captar do lugar acessado, por isso, criamos fichas de recuperação de aprendizagem. Algumas das entrevistadas sistematizaram suas experiências por meio deste instrumento. Helena, a mediadora mais jovem do grupo, fez esse exercício de sistematizar a observação-participante e conseguiu reviver o momento em que chegou a penitenciária:

¹⁴ Levinas (2014, p. 34), utilizou a palavra “homem”, mas estava se referindo à espécie humana.

O dia era de sol, mas ainda não estava quente como alguns dias de Foz do Iguaçu. Eu estava muito ansiosa, era minha primeira vez dentro da Penitenciária e de noite eu mal consegui dormir pensando como seria, o que eu teria que dizer, o que eu falaria, como não parecer uma pessoa que estava indo ali apenas para especulação. Já no primeiro grande e fechado portão, enquanto aguardávamos nossa confirmação de entrada, chegou uma mulher, alta, bonita e cheia de presença e elegância, muito simpática. Ela sorriu, deu bom dia e em seguida esmurrou a porta com a delicadeza que aquele espaço reserva por entre os muros. Após as fortes batidas, entramos todas e passamos pelo Raio-X. (Ficha de recuperação de aprendizagem - 09/05/2020 - Helena)

Um lugar que tem como objetivo manter a ordem e garantir a privação de liberdade a um grupo de pessoas, dispõe de diferentes dispositivos de segurança. Acostumados com a rotina daquele ambiente, pessoas que costumam entrar e sair de penitenciárias naturalizam momentos como esse relatado por Helena. Contudo, nos parece que é justamente nesse local, com esses esquemas de segurança, onde a barreira com o mundo exterior é estabelecida e a tensão entre os mundos inicia.

Eu tava um pouco apreensiva pelo ambiente. Assim, eu não tava apreensiva antes, eu acho, mas entrando no ambiente. Você passar por vistoria, portão, essas coisas... são elementos que vão tensionando. A sua presença lá, sabe. Então, eu fui ficando mais tensa [...] às vezes você tá tensa, chega no lugar e você fica mais relaxada, porque você vai se sentindo melhor, mas quando você chega na penitenciária, na cadeia, você é tratada de forma ríspida. Até que todo mundo foi até simpático com a gente, mas assim, você tem que seguir a regra, uma regra que você desconhece, um protocolo que você desconhece, isso sugere uma *tensão da sua presença* ali, eu acho. Então, eu fiquei um pouco tensa, e sabe aquela tensão de uma entrevista, que você fica meio que com o coração acelerado, porque você tem que fazer certo, você tem que prestar atenção nas coisas, porque você está sendo avaliada. Então, por mais que fosse uma proposta que a gente tava levando, a gente estava sendo vigiada, você tinha que tá dentro do protocolo daquele lugar, que era um protocolo que eu até então desconhecia, então, eu acho que eu fiquei um pouco tensa. (Entrevista em profundidade - 17/07/2020 - Rebeca, grifo meu)

Era, então, necessário cumprir um protocolo desconhecido para acessar o outro mundo. Este ritual de passagem provocava diferentes sensações entre as mediadoras. Porém, individualmente, cada uma procurou interpretar e lidar com esses sentimentos e, somente a partir disso, nos permitimos desejar estar presente outra vez naquele lugar.

Apesar de que, ainda me surpreendo em pensar como aconteceram as vistorias seguintes, pois, tudo indicava que levaríamos menos objetos para as próximas atividades, com medo de que fôssemos impedidas ou advertidas. Mas, a cada vez que aparecíamos no portão de entrada novamente, lá estávamos nós, munidas de mais coisas, com cestas repletas de comida, bolo recheado e caixas grandes de papel e outros materiais de papelaria, ou, ainda, tentando acessar com televisor, filme e pipoca.

Dois homens foram surpreendidos pela maré e encontraram-se sobre um rochedo, cercado pelo mar. Mais tarde, porém, foram salvos e alguém lhes perguntou quais tinham sido as suas impressões. O primeiro lembrava-se exatamente de cada um dos seus *gestos*, por onde tinha passado, as rochas que tinham escalado, etc. O outro, não tinha nenhuma lembrança do lugar; em contrapartida lembrava-se de todos os *sentimentos* experimentados: *prazer, apreensão, medo, esperança, dúvida*, e, enfim, *pânico*. (STANISLÁVSKI, 2016, p. 367-368, grifo do autor)

Se por um lado existiu a curiosidade, ou ainda, a especulação sobre aquele lugar, como bem descreveu Helena, por outro lado, o lugar ainda nos expedia dor e sofrimento. Aquele grupo, em especial, era composto por mulheres que, de alguma forma, já conheciam e estudavam o sistema prisional brasileiro, ou seja, a consciência das realidades do universo de uma penitenciária feminina também nos estava inclusa. Mas isso, de certa forma, também nos possibilitou ser sensíveis aos diferentes significados e sentimentos que estávamos experimentando, “no que toca à significação própria do sensível, é algo que deve ser descrito em termos de gozo e ferida” (LEVINAS, 2011, p. 119). Para Levinas (*idem*), à medida que o sensível vai se tornando afetivo, a dor também vai se tornando ética e, finalmente, torna-se uma escolha: ser ou não ser responsável por Outrem.

Dessa forma, a sensibilidade nos permitiu estarmos suscetíveis à dor, o que traz proximidade e nos leva a substituí-la por “dar”, dar aquilo que possuímos, como respeito por Outrem na situação em que a pessoa vive. Sensibilidade que, desde o início, procuramos oferecer inclusive entre nós, mediadoras, durante a execução do projeto.

Na perspectiva de Levinas, essa proximidade tem relação com a superação da distância por meio do convívio original como uma atitude hermenêutica pensada por Heidegger, que naturalmente envolve diálogo e linguagem, mas que

necessariamente não pode representar a negação das diferenças, ou, ainda, a anulação de Outrem. É uma relação na qual existe o interesse por Outrem, “Proximidade que me é melhor que toda interiorização e toda simbiose” (LEVINAS, 2010, p. 99). Seria um movimento como o de se aproximar de Outrem para existir o encontro, o diálogo, mas também, para se manter distante, para que a Alteridade de Outrem exista de forma plena e não sofra aniquilamentos ou apagamentos.

A linguagem, conforme Levinas (2010, p. 97), tem papel importante nessa proximidade com Outrem, principalmente em função da necessidade de comunicar. Na perspectiva da Filosofia da Alteridade, a linguagem é uma modalidade, uma atitude e uma exigência ética. Mas, para se comunicar, respeitando a Alteridade de Outrem, temos antes que discutir a importância da consciência intencional que o ato de acolher com responsabilidade demanda.

É um dilema. Só o subconsciente nos pode dar a inspiração de que temos necessidade para criar. Mas só podemos utilizá-lo graças ao consciente, que em princípio suprime o subconsciente. Felizmente há uma saída. Basta que empreguemos um subterfúgio. Há no espírito humano certos elementos acessíveis que dependem da consciência e da vontade e que, por sua vez, são capazes de agir sobre os processos psicológicos involuntários. Isto exige um trabalho de criação extremamente complicado, que se efetua em parte sob o domínio do consciente, mas que, numa proporção mais vasta, é subconsciente e involuntário. (STANISLÁVSKI, 2016, p. 45-46)

A discussão sobre a consciência, na Filosofia Ocidental, tem início no período moderno, por Descartes e Hegel. Porém, a partir da fenomenologia, movimento filosófico iniciado por Husserl e com a intenção de apreender o fenômeno, ou seja, investigar a aparição das coisas à consciência, que esse termo se torna indispensável para se entender um fenômeno vivido e os modos de doação subjetiva dos seres. Levinas (2010, p. 91) toma como ponto de partida a fenomenologia husserliana da consciência como princípio essencial, que equivale a fórmula “toda consciência é consciência de alguma coisa”.

Ao iluminar um objeto ele é assimilado pela consciência e passa a existir, “Existir no mundo significa agir, mas agir de tal maneira que, no final das contas, a ação tem por objeto a nossa própria existência” (LEVINAS, 2015, p. 102). Entretanto, Levinas não acreditava em nenhuma possibilidade que essa manifestação acontecesse e fosse possível com relação ao Rosto, pois Outrem está

à margem de qualquer dado. Para ele, “A representação do outro não será uma relação de retidão. A proximidade não depende de nenhuma imagem, de nada que apareça. A proximidade vai de alma a alma, à margem de qualquer manifestação fenomênica” (LEVINAS, 2011, p. 102). Por isso que, para ele, a consciência também não pode ser vista como algo completo e hegemônico.

Assim como para Husserl, Levinas expressa que a “intencionalidade que anima a consciência”. Contudo, seu modo diferenciado de pensamento surgirá quando Outrem não for prioridade nas formulações de Husserl. Levinas ocupa-se a pensar sobre a relação com Outrem (LEVINAS, 2010, p. 150), por conseguinte, na intersubjetividade, nos sentidos e na própria consciência humana.

Para ele, “Todo o vivido se diz, legitimamente, experiência. Ele se converte em “lições recebidas” (ibidem, p. 150), mas é preciso existir uma intencionalidade para que a consciência possa captar essas lições do que foi apreendido na experiência. A consciência intencional se diferencia da consciência pré-reflexiva, não-intencional ou má-consciência, pelo fato de que ela é dirigida sobre o mundo e sobre os objetos, ela é “consciência do eu-ativo que se representa mundo e objetos assim como consciência de seus próprios atos de representação, consciência da atividade mental” (ibidem, p. 154). Sendo a representação a maneira de se perceber a intencionalidade da consciência, seja por meio da solidariedade, afetividade, sensibilidade, entre outros modos subjetivos.

Este entendimento, embora com termos e conceitos distintos, pode ser encontrado em Paulo Freire (2006), ao expressar que as relações que as pessoas têm com o mundo, de ordem pessoal ou impessoal, corpórea ou não-corpórea, apresentam-se de maneira distinta de puros contatos. As pessoas não estão no mundo, estão com o mundo e isso significa que é necessário uma *abertura à realidade*, que “o faz ser o ente de relações que é. Há uma pluralidade nas relações do homem¹⁵ com o mundo [...] no jogo constante de suas respostas, altera-se no próprio ato de responder. Organiza-se. Escolhe a melhor resposta. Testa-se. Age” (idem, p. 47-48). Nesse sentido, ao final, retomaremos o conceito de consciência e os pontos de convergência entre os pensamentos de Levinas e Freire.

Cabe-nos aqui destacar o que as primeiras impressões sobre um lugar, sobre alguma coisa ou sobre outras pessoas podem nos dizer sobre aquilo que nossas

¹⁵ Paulo Freire (2006, p. 47), utilizou a palavra “homem”, mas estava se referindo à espécie humana.

mentes recebem e refletem. Toda a abstração e compreensão do ser, sobre como estamos inseridas num constante processo de conscientização e de um verdadeiro “despertar e desembriagamento através de Outrem” (LEVINAS, 2010, p. 114).

Assim como Goffman entendia que a vida real é diferente que a representação nos palcos (2002, p. 19), onde uma atriz pode simplesmente deixar a personagem terminado o espetáculo e seguir sua vida sem arrependimentos futuros, a realidade nos traz responsabilidade com relação a si e a Outrem e compromisso nas relações.

“Na vida cotidiana, por certo, há uma clara compreensão de que as primeiras impressões são importantes. Assim, o ajuste ao trabalho daqueles que prestam serviços dependerá [...] da capacidade de tomar e conservar a iniciativa” (GOFFMAN, 2002, p. 19). Desse modo, subimos no palco, tomamos e conservamos a iniciativa, ainda inspiradas pelo encontro com a outra.

1.3 Os bastidores e o limite do palco

Pedimos depois luz, do que o diretor se aproveitou para nos fazer uma demonstração de iluminação e ruídos. Começaram por nos inundar de sol, o que nos alegrou a todos. Lá fora, nos *bastidores*, ouviam-se os ruídos da cidade: buzinas de automóvel, a passagem de um elétrico, sereias¹⁶ de fábrica... Pouco a pouco a luz tornou-se sombria. Era calmo, agradável, mas ligeiramente triste. Sentíamos as pálpebras pesadas e os pensamentos dispersavam-se em *sonhos*. Depois, ergueu-se um grande *vento*. Uma verdadeira tempestade (STANISLÁVSKI, 2016, p. 394-395, grifo meu).

Muitos programas e projetos nascem de *sonhos* de pessoas que desejam transformar a realidade de outras, daquelas que, geralmente, não aceitam a inatividade diante das desigualdades, opressões e violências. Quem já esteve nos bastidores do teatro sabe a angústia de esperar que as coisas saiam como o planejado, de trabalhar exaustivamente para que cada cena aconteça no tempo certo, que não falte nada, nem um acessório, nem um figurino, para que quando a atriz que interpreta a bruxinha que era boa¹⁷ precisar da vassoura a jato, ela ainda esteja no lugar combinado.

¹⁶Segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa *online*, sereia é sinônimo de sirene. 1. Aparelho que produz um som grave ou estridente e que serve para fazer sinais de alarme ou de aviso. 2. Som emitido por esse aparelho (ex.: sirene de alarme; sirene da polícia).

¹⁷Peça escrita em 1958 pela dramaturga brasileira Maria Clara Machado (1921-2001).

Pessoas que vivem nos bastidores sabem reconhecer também o sentimento de impotência diante das adversidades, porque você não está em cena, não pode improvisar. Estar nas coxias, como também são conhecidos os bastidores do teatro, é estar num lugar de dentro da caixa teatral, mas completamente fora de cena.

Para situar como o projeto que permitiu a realização de Círculos em Movimento com mulheres que convivem no sistema prisional se tornou realidade, faz-se necessário antes falar dos caminhos que foram percorridos pela universidade e, posteriormente, pelo grupo de mediadoras, para a sua implementação na Penitenciária Feminina de Foz do Iguaçu-PR.

1.3.1 O caminho até o palco

Em meados do ano de 2017, a UNILA, universidade da qual faço parte dentro do quadro técnico-administrativo, com o objetivo de desenvolver boas práticas de administração pública e gestão da ética na universidade, organizou a I Jornada de Educação Ética, com seguintes temas:

1. Direitos Humanos: soluções de conflito e empatia
2. Paradigma restaurativo e o ofício do mediador
3. Experiências transformativas pela Justiça Restaurativa em ambiente escolar em Ponta Grossa/PR
4. Conflitos, Comunicação e Escuta Restaurativa
5. Princípios restaurativos e gestão de conflitos.

Esta experiência motivou e deu origem a um projeto chamado “Universidade Restaurativa”. Trata-se de “um projeto embrionário que objetiva auxiliar a Universidade Federal da Integração Latino-Americana nos esforços institucionais para a criação de uma ambiência de Cultura de Paz” (UNILA, 2018a, p. 4). Essa iniciativa teve em seu cerne o diálogo como uma ferramenta de reflexão na superação dos conflitos produzidos pelos preconceitos, estigmas e rótulos; e para equilibrar as relações interpessoais.

O projeto “consistiu na oferta de um conjunto de atividades de ambientação, formação e sensibilização voltadas à educação ética, à prevenção e ao acolhimento de conflitos” (idem, 2018a, p. 5). Nomeados de “encontros restaurativos”, esses

eventos estavam fundamentados na Justiça Restaurativa e o público-alvo foi a comunidade acadêmica. Foram abordadas as seguintes temáticas:

1. Justiça Restaurativa e Práticas Restaurativas;
2. Comunicação e Diálogo Institucional;
3. Cultura de Paz (Restaurativa);
4. Educação Sistêmica;
5. Práticas Integrativas em Saúde;
6. Boas Práticas de Gestão Pública: desenvolvimento de liderança; identificação, prevenção e acolhimento de desvios éticos.

Na primeira etapa de implementação do projeto, no ano de 2018, foram realizados seis encontros, sendo o último o “Curso de formação de Facilitadores de Círculos de Construção de Paz Não Conflitivos”, considerado uma atividade específica para servidores de carreira, com um número limitado de vagas.

Na época, recém havíamos criado o Comitê Executivo de Equidade de Gênero, o CEEGED-UNILA, órgão provisório que visa garantir um espaço de acolhimento às pessoas que enfrentam situações de violência relacionadas à gênero ou à diversidade, mas, principalmente, buscava a criação de uma Secretaria de Gênero, unidade administrativa prevista na Política de Equidade de Gênero aprovada pelo Conselho Universitário através da Resolução nº 18/2017 (UNILA, 2017). Como membra desse comitê, recebi o convite para participar desse curso de formação juntamente com as demais integrantes.

Envolvida com a temática do acolhimento, comecei a pensar em outros *sonhos* e outros lugares onde aquele serviço prestado na universidade, por meio do comitê, também poderia ser útil na comunidade. Tão logo, pensei no tema da Alteridade, que me ocupa e me motiva desde o tempo do mestrado, e que deu origem a diversos escritos sobre as interações sociais e a educação inclusiva, juntamente com a minha orientadora, professora Dra. Denise Rosana da Silva Moraes.

Estando nesse comitê, tive também a oportunidade de participar, no ano de 2019, de uma reunião com o diretor do Departamento Penitenciário do Paraná - DEPEN, a coordenadora do Observatório de Gênero e Diversidade na América

Latina e Caribe e o Reitor em exercício da UNILA. Nessa ocasião, iniciou-se uma tentativa de cooperação formal entre as duas instituições.

Antes dessa formalização, já existia, há um certo tempo, um projeto de extensão da UNILA na PFF-UP, chamado “Direito à poesia”, que já havia se consolidado no CRESF (Centro de Reintegração Social Feminino) e na Penitenciária Estadual II (PEF 2), ambas no bairro de Três Fronteiras, em Foz do Iguaçu-PR. Foi inclusive por incentivo deste grupo que começamos a pensar primeiro em dedicar atenção à penitenciária feminina, embora a solicitação da DEPEN para novos projetos se estendesse também à masculina.

Como estudiosa da Alteridade baseada na filosofia levinasiana, percebi o desejo de expressar a noção de Rosto, responsabilidade e ética, e vi aflorar a ideia de conduzir algo neste sentido para as mulheres em situação de privação de liberdade. Como o curso de facilitadora de Círculos de Construção de Paz estava recente na minha memória, senti que poderia me apropriar e implementar os Círculos no espaço da penitenciária.

Considerando que a educação é minha base, procurei antes buscar experiências semelhantes em escolas e outros espaços, para me aproximar com mais propriedade da metodologia dos Círculos. Por isso também a escolha por Círculos em Movimento e não Círculos restaurativos, sendo que o primeiro remete mais a um movimento que busca reforçar os princípios da Justiça Restaurativa por meio do diálogo e do pertencimento, sem que necessariamente haja um conflito a ser restaurado.

Consequentemente, todo o conhecimento adquirido por meio dos Círculos na penitenciária foram possíveis a partir das minhas atribuições iniciais na universidade, ou seja, foram ao encontro aos interesses da UNILA, pois, entre as atividades desenvolvidas pelo comitê, com o objetivo de fomentar ações que estimulem e fortaleçam uma cultura de coletividade, de Alteridade, de respeito e de acolhimento, estão previstas ações que permitam a visibilidade das questões de gênero e diversidade e o combate à violência¹⁸.

Essa não foi a minha primeira experiência na coordenação de projetos de extensão na universidade, mesmo exercendo a carreira técnico-administrativo. A

¹⁸Cf. Comitê Executivo pela Equidade de Gênero e Diversidade da Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA. [Site institucional]. Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/reitoria/ceeged>. Acesso em: 12 out. 2020.

primeira experiência nessa função foi diretamente com o corpo técnico-administrativo e a comunidade iguaçuense, que se deu por meio da temática de formação política e cidadania numa interface com a universidade e a comunidade. Depois, idealizei e coordenei o projeto intitulado “Meninas na Ciência: participação feminina nas diferentes áreas da ciência pelo fim da violência contra mulheres e meninas”.

Destarte, a extensão sempre esteve presente na minha vida, visto que a pratico desde a graduação, a pós-graduação e como profissional da educação. Por isso que, nessa ocasião, me vi novamente desafiada a caminhar por meio de uma proposta de extensão universitária, ou seja, a partir do projeto que decidi nomear, em virtudes das leituras de Levinas, de “O vento no seu Rosto traz histórias para contar: histórias de vida de mulheres que convivem no sistema prisional”.

Para concretizar esse projeto, fui ao encontro do apoio de estudantes de graduação e pós-graduação da UNILA. Juntaram-se ao projeto: uma estudante de Cinema e duas estudantes de pós-graduação. Além delas, uma docente do curso de História da universidade integrou a equipe executora e trouxe novas metas e objetivos ao projeto, voltados à História Social, na possibilidade de construção de trajetórias de vida escritas pelas próprias mulheres em situação de privação de liberdade, que depois poderiam, inclusive, se tornar um livro ou se materializar em alguma outra forma de produção de conhecimento.

Outra importante contribuição do projeto se deu por meio da participação da facilitadora do Centro Judiciário de Solução de Conflitos e Cidadania¹⁹ de Foz de Iguaçu-PR (CEJUSC-FOZ). Seu apoio como voluntária externa durante a execução do projeto permitiu a concretização dos Círculos em Movimento também para as policiais penais. Além disso, ela trouxe consigo o “vento” dos fundamentos, princípios e valores do paradigma restaurativo.

Conforme o plano de trabalho submetido à Pró-Reitoria de Extensão da UNILA (PROEX/UNILA), e aprovado pelo Edital PROEX N° 36/2019²⁰, os objetivos principais desse projeto de extensão eram proporcionar práticas de Alteridade, de

¹⁹Segundo a definição da Cartilha “Desvendando o CEJUSC para os magistrados” (TJPR, 2018), os CEJUSC’s (Centros Judiciários de Solução de Conflitos e Cidadania) são unidades do Poder Judiciário, responsáveis pela realização ou gestão de sessões e audiências de conciliação e mediação, sem prejuízo de outros métodos consensuais, bem como pelo atendimento e pela orientação.

²⁰Portal de Documentos UNILA. [Site institucional]. Disponível em: <https://documentos.unila.edu.br/editais/proex/1-6>.

respeito à diversidade, de construção do diálogo e de reconstrução das trajetórias de vida. A proposta previu oficina de Yoga, encontros de Alteridade (Círculos em Movimento) e aulas-oficinas, destinados a todas as mulheres (trabalhadoras e mulheres em situação de privação de liberdade) da Penitenciária Feminina de Foz do Iguaçu – Unidade de Progressão (PFF-UP), do Departamento Penitenciário do Estado do Paraná - DEPEN.

As oficinas de yoga foram previstas para reduzir a ansiedade das participantes, aumentar a concentração, a paciência e o autocontrole e possibilitar melhorias na qualidade de vida das mulheres que vivem e trabalham dentro do ambiente prisional, a partir do desenvolvimento da consciência corporal.

Os Encontros de Alteridade previstos como ação extensionista foram então os Círculos em Movimento, inspirados nas obras: “Processos Circulares: teoria e prática” (PRANIS, 2010); “Círculos de Justiça Restaurativa e de Construção de Paz: Guia do Facilitador” (PRANIS, 2011); e, “Guia para facilitar Círculos em Movimento em comunidades escolares” (BOYES-WATSON; PRANIS, 2015). Essas obras nos possibilitaram atingir o objetivo no projeto: a reunião em Círculos sistematizados para a escuta sensível de histórias de mulheres que convivem no sistema prisional. Essas práticas foram desenvolvidas de uma forma a contribuir para a presença do diálogo, com a mediação de facilitadoras.

Além de concepções de Alteridade presentes nas entrelinhas dos Círculos em Movimento propostos dentro da concepção da Justiça Restaurativa, como a possibilidade de abertura e diálogo, os encontros realizados na penitenciária incluíram outras metodologias trazidas pelas mediadoras. Tendo como exemplo o encontro baseado na genealogia, na perspectiva feminista e na interseccionalidade²¹, adaptados às vicissitudes do projeto. A escolha e o desenvolvimento desse Círculo, em especial, se deu a partir das experiências da mediadora Martina, especialista em Gênero e Diversidade na Educação pela Unila,

²¹Conforme expressa Kimberlé Crenshaw (2002, p. 177), “a interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as conseqüências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação”. Para Natividad Gutiérrez Chong (2019, p. 427-433), o conceito de interseccionalidade não está relacionado apenas a uma ferramenta teórica, mas a um dispositivo a ser implementado pelas políticas públicas que visam o reconhecimento de Outrem. Refere-se às múltiplas divisões sociais construídas, sendo gênero, classe, raça e etnia as principais. Ademais, a interseccionalidade tem o propósito de analisar as divisões sociais, que geram e reproduzem desigualdades e privilégios, além das especificidades de cada uma delas. A análise interseccional tem sido abordada no Brasil, por meio do feminismo negro, especialmente a partir das intelectuais Lélia Gonzalez, Luiza Bairros, Sueli Carneiro, Jurema Werneck e Angela Figueiredo.

que nos propôs implementar essa metodologia no segundo encontro com as mulheres em situação de privação de liberdade.

O exercício proposto por ela foi praticado com a intenção de trazer as trajetórias de vida ao coletivo e a montagem da linha do tempo de cada participante, o que permitiu que as mulheres presentes descobrissem os pontos em comum entre suas histórias e pudessem avançar na construção de laços sororais entre elas no lugar onde convivem.

Por fim, nesse projeto estavam previstas também aulas-oficinas, que seriam desenvolvidas especialmente pela docente do curso de História, Co-coordenadora do projeto e por estudantes do respectivo curso de graduação da UNILA. Tratava-se de práticas que visavam a reconstrução das trajetórias de vida das participantes. O propósito final seria a produção de registro em áudio e por escrito dessas narrativas, no caso das mulheres que desejassem assim fazê-lo. Ou seja, essas narrativas poderiam ser transformadas em fontes orais e poderiam sair dos palcos.

Construir uma trajetória de vida não significa elaborar uma mera biografia do sujeito, pois transitando por suas lembranças tem-se contato com as práticas e relações sociais do entrevistado, permitindo-nos estabelecer suas mobilidades social e espacial. Os papéis sociais definem atitudes e expectativas do entrevistado, e estão relacionados aos diferentes momentos da existência de cada um. (SANTOS, 2005, p. 6)

Nós, ali dos bastidores, temos que reconhecer que as ações no contexto prisional são fruto de uma série de desdobramentos e decisões políticas com objetivos institucionais e normativos que são mais lógicos e racionais do que emocionais e humanistas, e que, muitas vezes, acabam se concretizando com o pretexto de docilizar os corpos²². O acesso ao universo prisional e àquelas mulheres foi visto de uma maneira crítica pelas mediadoras, porém, considerando os objetivos para com elas e não para com o sistema, pudemos acomodar o desenvolvimento das atividades dentro da penitenciária como uma possibilidade de encontro,

²²Conforme Michel Foucault (2011, p. 119), “o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula, e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis””.

abertura e acolhimento com a Alteridade e a humanidade daquelas mulheres que encontravam-se na condição de privação de liberdade.

Desse modo, o embrião desse projeto foi o arcabouço teórico e reflexivo da Filosofia da Alteridade e dos Círculos de Construção de Paz Não-Conflictivos. Ademais, é importante ressaltar que as atividades na penitenciária tiveram início apenas no final do ano de 2019, mas houve um longo processo de engajamento e diálogo entre as instituições que antecederam as ações na prática.

Precisávamos, antes da realização das atividades, garantir um espaço seguro para o compartilhamento das histórias e trajetórias de vida das participantes e proporcionar condições mínimas para que elas pudessem realmente sentirem-se acolhidas pela vivência.

Foram investidos diferentes esforços para a promoção do projeto com a ideia de apoiar outras sociabilidades entre as pessoas que ali conviviam e na nossa transformação também, como pessoas responsáveis pelo acolhimento da Outra. Com os Círculos, desejávamos o sonho da não a violência, da responsabilidade afetiva, do amor e da justiça. Afinal, acreditávamos, por meio da ação consciente, ainda ser possível “Esperançar”.

1.3.1 Por trás da cortina

A importância das ações extensionistas na prisão

Acredito que fazer extensão é uma forma de acolher os problemas da sociedade e se responsabilizar por eles. Quando comecei a trabalhar na universidade, uma das primeiras atividades que procurei me envolver foi com a extensão. Fiz parte do primeiro Comitê Assessor de Extensão da UNILA, como representante dos técnicos-administrativos em educação, que discutia e propunha políticas de extensão na universidade. Permaneço até hoje como membra da comissão *ad hoc* da PROEX-UNILA, que avalia projetos de extensão da comunidade acadêmica.

Segundo o Estatuto da Unila,

Parágrafo único. Para realizar sua missão, a UNILA desenvolverá intercâmbio acadêmico-científico, tecnológico e cultural com instituições universitárias, centros de pesquisa, públicos e privados,

órgãos governamentais e organizações nacionais e internacionais, desde que preservada a autonomia universitária.

Art. 5ºA UNILA rege-se pelos seguintes princípios:

I – a universalização do conhecimento, a liberdade de ensino e pesquisa e o respeito à ética; II – o respeito a todas as formas de diversidade; III – o pluralismo de ideias e de pensamentos; IV – o ensino público e gratuito; **V – a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão**; [...] X – valorização do profissional da educação docente e técnico; **XI – a defesa dos direitos humanos, da vida, da biodiversidade e da cultura de paz**. (UNILA, 2012, p. 2, grifo meu).

De acordo com Rubya Mara Munhóz de Andrade (2019), por meio da extensão universitária acontece a mobilização de vários setores da sociedade, o que gera intervenção na esfera cultural e educacional de diferentes segmentos da sociedade civil. Para ela, quando as propostas de extensão são pensadas e desenvolvidas em conformidade com os objetivos, as diretrizes e os princípios definidos na Política Nacional de Extensão Universitária, acontece aquilo que se espera de uma universidade: o verdadeiro tripé da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Elaborado e aprovado pelo FORPROEX, em 1998, o Plano Nacional de Extensão Universitária, que buscou ressignificar a extensão universitária como um processo acadêmico que considerasse as exigências da realidade pelo fim das desigualdades sociais, objetivou a garantia da bidirecionalidade entre a universidade e a sociedade e solicitou que as universidades priorizassem as práticas relacionadas a resolução de problemas sociais urgentes, dando atenção especial às áreas de “educação, saúde, habitação, produção de alimentos, geração de emprego e ampliação de renda” (FORPROEX, 2001). Ademais, o plano sugeriu a formação de equipes multi, inter e/ou transdisciplinares e interprofissionais de setores da universidade e da sociedade.

A tese de Ana Gabriela Mendes Braga (2012), intitulada “Reintegração social: discursos e práticas na prisão - um estudo comparado”, aborda sobre a importância de projetos de intervenção crítica da sociedade civil em espaços carcerários, incluindo ações extensionistas universitárias. Para ela, torna-se fundamental que a sociedade busque abrir caminhos de transformação no contexto penitenciário, “é necessário a disposição para rever nossas exigências de punição, assim como nossa responsabilidade no conflito. E construir uma relação de Alteridade [...]” (p.

87). Assim, para ela, a sociedade, ao assumir a necessidade de práticas de reintegração social de maneira crítica e responsável nestes espaços de convivência, poderia contribuir para uma nova política com relação à prisão e à pessoa presa.

Muitas vezes, a sociedade enxerga a necessidade de encarceramento não como um desejo de justiça, mas sim, como uma necessidade de vingança. Para Antonio Rodrigues de Sousa (2004, p.9), “Uma justiça cujo mérito é espezinhar o preso, o quanto possível, e destituí-lo, progressivamente, de tudo: valores pessoais, referências sociais, autoestima, condição humana”. Então, segundo Carla Soares e Tania Viana (2017), a sociedade acaba por reproduzir o que pensa rejeitar: a violência e o desamor.

Nesse sentido, o projeto de extensão “O vento no seu Rosto traz histórias para contar: histórias de vida de mulheres que convivem no sistema prisional”, buscava justamente transgredir o paradigma do modelo punitivo para iluminar o caminho da humanização, em direção às estratégias de sociabilidade positiva no espaço prisional.

O propósito das práticas circulares de acolhimento das pessoas presas e das policiais penais foi o diálogo e a contação de histórias (trajetórias de vida) de mulheres que também devem importar para a sociedade. A execução penal até poderia ser mais humanizada se a compreensão de que a privação de liberdade é a própria punição por natureza, sendo que conviver numa prisão é um ato de privação de um direito humano, o da liberdade de ir e vir.

Assim, se o desejo realmente fosse a reparação de danos, a ressocialização e a reintegração social da pessoa presa, outras formas de punição e castigo, como os dispositivos de controle que buscam a docilização dos corpos²³, que podem gerar constrangimento e sofrimento, deveriam ser superadas nas instituições penitenciárias. Entretanto, toda a sociedade deve repensar e contestar tais dispositivos, procurar substituir o seu desejo de punir, de se vingar e agir com violência para com as mulheres encarceradas por humanidade e justiça. Somos todas e todos responsáveis por isso também.

1.3.2 O cenário e seus limites

Prisão: um lugar de Alteridade e humanidade?

²³ Cf. FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 39. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

Sem pretensão de adentrar na discussão sobre a necessidade ou a existência de prisão na contemporaneidade, parto do pressuposto que ela continua existindo entre nós como mais um lugar de periferia, ou, ainda, um não lugar. Por isso mesmo procurei visualizá-la neste estudo de maneira utópica, porém, esperançosa²⁴, como um lugar de Alteridade e humanidade, onde muitos seres humanos passam seu tempo a conviver com outros em igual situação: na privação de liberdade.

Diferente do que alguns podem imaginar, a maioria das pessoas que se encontram nessa situação deseja o mesmo que as pessoas aqui fora: viver em paz e em comunhão com os demais. O sonho da maioria das mulheres que tivemos a oportunidade de conhecer pelo privilégio de desenvolver o projeto de extensão tem relação com a restauração da vida e dos laços afetivos com as outras pessoas de sua história. Elas imaginam oportunidades de trabalho e estudo. Têm esperança de dias melhores. Buscam, do seu jeito e com suas possibilidades, se tornarem conscientes de si e de suas trajetórias.

Às vezes, a sociedade acaba olhando para esse cenário e pensa que elas não são dignas para receber atenção e carinho, nem deveriam ser público-alvo para um projeto dessa natureza. Infelizmente, a realidade social do lado de fora da prisão, tão difícil e desigual, cria uma ideia errônea sobre esse lugar.

Sendo assim, o que se oferece em alguns raros presídios brasileiros, como é o caso das unidades prisionais do Estado do Paraná, como a garantia e efetividade de assistência médica e odontológica, acompanhamento de psicólogos e terapeutas ou a oferta de aulas de yoga, curso de corte-costura, de administração de empresa, podem despertar na sociedade um sentimento de injustiça.

É compreensível que alguma dessas iniciativas sejam questionadas e percebidas como regalias, quando se tem um povo na situação de miséria como a que estamos habituadas a enxergar em todo território nacional, com falta de

²⁴ De acordo com Paulo Freire (1992, p.), “Minha esperança é necessária mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. [...] Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica, É por isso que não há esperança na pura espera”.

recursos básicos, como: saneamento, educação, saúde, moradia, terra, enfim, com a falta de tudo aquilo de que se necessita para se ter uma vida digna.

Estudos sobre os indicadores de pobreza e condições de vida realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2020, apontam que o total de pessoas na situação de pobreza mais que triplicou em um ano e superou 51 milhões de pessoas, podendo chegar a 13,7 milhões o número de pessoas que encontram-se em condição de extrema pobreza no Brasil (IBGE, 2020).

Por outro lado, desejar que uma prisão seja um depósito de seres humanos, sem dignidade, sem respeito, sem compaixão, onde as pessoas sejam castigadas, sofram todos os tipos de violências, sejam torturadas, vivam isoladas, sem vínculos afetivos, distantes da realidade que as espera um dia, e esperar que desse lugar saiam pessoas melhores e conscientes, é bastante contraditório. É simplesmente o desejo de acreditar no impossível.

Existe também um imenso descompasso entre a realidade e o imaginário sobre as prisões. Quando se fala no valor econômico que uma pessoa que cumpre pena em regime fechado custa aos cofres públicos brasileiros, o imaginário de quem está fora das grades dispara, e logo vem a ideia da “boa vida”. Entretanto, o relatório da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH)²⁵, afirma que muitas pessoas presas no país ainda sofrem por falta de assistência fundamental e encontram-se doentes²⁶. Historicamente, relatórios dessa natureza demonstram as condições precárias do sistema carcerário no Brasil, os quais elucidam situações nas quais basicamente não há como existir dignidade humana, pois são lugares repletos de doenças e desesperanças.

Na visita *in loco* ao Brasil, em novembro de 2018, a CIDH fez a seguinte observação sobre o sistema jurídico-criminal brasileiro:

A CIDH também observa que o sistema jurídico-criminal brasileiro é marcado por uma duplicidade: por um lado, a crônica impunidade dos crimes cometidos contra as populações mais vulneráveis; e, por outro, o impacto desproporcional do aparato repressivo do Estado contra essas mesmas populações. Permanecendo impunes, as

²⁵Comissão Interamericana de Direitos Humanos - CIDH é o principal órgão autônomo da Organização dos Estados Americanos (OEA), cujo mandato surge a partir da Carta da OEA e da Convenção Americana sobre Direitos Humanos.

²⁶Cf. Observações preliminares da visita *in loco* da CIDH ao Brasil, que ocorreu de 5 a 12 de novembro de 2018. Documento elaborado pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/dl/cidh-recomenda-ampliacao-acesso-justica.pdf>. Acesso em: 02 out. de 2020.

violações cometidas por agentes de segurança pública atingem um caráter sistemático em todo o país, enquanto o encarceramento em massa dos mais pobres produz uma superlotação nas prisões. Assim, a chamada política de "guerra às drogas" é traduzida na prática em um processo de criminalização de uma ampla camada da população negra e pobre e das pessoas que vivem nas áreas periféricas do país (CIDH, 2018).

Esses mesmos relatórios e outros mais específicos trazem a situação das mulheres que cumprem pena no Brasil²⁷. O panorama, além de todas as condições insatisfatórias com relação à saúde, educação e das celas insalubres, os estudos apontam para os desafios no campo da afetividade. Segundo Carla Akotirene (2020, p. 19), as mulheres acabam sendo abandonadas por seus companheiros e as visitas de seus familiares são quase inexistentes durante o cumprimento da pena. Para ela, também em função dos rompimentos dos vínculos afetivos, “A pena de privação de liberdade tem sido mais cruel a elas do que aos homens”.

Apresentei o palco, o cenário e os bastidores frente a realidade vivida pelas mulheres que escolhemos acolher como forma de demonstrar os limites da proposta pedagógica, mas também as imensidões possíveis para se acessar a Alteridade e a humanidade de seres humanos na privação de liberdade. Ou seja, essas foram algumas das circunstâncias observadas por meio do desenvolvimento da ação.

No capítulo seguinte, apresento as obras e os textos que compõem a fundamentação teórica e conceitual desta tese, ou seja, discorro sobre os Círculos em Movimento, mediante a filosofia e a natureza do processo restaurativo, das bases teóricas e metodológicas de sua aplicação em ambientes comunitários.

²⁷Cf. PASTORAL CARCERÁRIA. **Relatório sobre mulheres encarceradas no Brasil**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <https://carceraria.org.br/wp-content/uploads/2013/02/Relato%CC%81rio-para-OEA-sobre-Mulheres-Encarceradas-no-Brasil-2007.pdf>. Acesso em: 02 out. 2020.

Capítulo II

Sobre a dramaturgia

Ao chegar a casa fui buscar o Otelo e instalei-me confortavelmente a ler o meu texto. Desde as primeiras falas, fico apaixonado pelo papel. As minhas mãos, os braços, as pernas, o rosto, movem-se sem eu querer e no meu íntimo qualquer coisa me impele a representar. (STANISLÁVSKI, 2016, p. 20).

No teatro, algumas vezes, a diretora ou o diretor da peça entrega o texto sem revelar quem fará cada personagem. É feita a primeira leitura em grupo. Caso você leve para casa nesse dia, sem conhecer sua personagem, provavelmente você vai ler e escolher uma favorita, o que não significa que será a sua, mas desejar é permitido aqui. No dia em que se revela quem será a personagem X ou Y, é um misto, há quem fique feliz, há quem se sinta desafiado, há quem simplesmente quer desistir. O elemento surpresa é essencial à intuição criadora (STANISLÁVSKI, 1984). Toda essa apropriação do texto dramático faz parte intrinsecamente do processo de montagem, dos procedimentos que conduzem a criação da personagem, é como uma preparação da atriz e do ator.

Ler o texto em casa, sabendo do seu papel na peça, igualmente é uma sensação única, você se imagina em cena, fazendo os movimentos, reproduzindo suas falas, é como se você já estivesse vivendo a vida daquela personagem. Muitas vezes você não consegue parar de falar da peça, do seu papel, descreve as cenas, quer “bater texto”²⁸ com a mãe, amigas, parentes, irmão mais velho, irmão mais novo, enfim, o texto torna-se sua melhor companhia nesses primeiros dias. Mas, para se apropriar do texto, não basta apenas ler até decorar, a abordagem utilizada nesse processo, que evoca aspectos sensíveis e intelectuais da atriz e do ator, também precisam estar presentes.

Stanislávski, em seu livro *A criação de um papel* (1984), evidenciou que a leitura do texto, as primeiras impressões sobre ele e a intuição criadora gerada a partir desse exercício faziam parte do plano da psicotécnica²⁹, na qual a imaginação é o principal elemento construtor da percepção sensível. No caso do projeto na

²⁸É uma expressão comum no teatro, e segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa *online*, refere-se à prática de decorar as falas da sua personagem repassando o texto com outra pessoa.

²⁹Segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa *online*, psicotécnica para a Psicologia é o conjunto dos métodos científicos que permitem apreciar as reações psicológicas e fisiológicas (motrizes) dos indivíduos.

penitenciária, escolhemos os roteiros para Círculos em Movimento como texto. Além da familiaridade com eles, era preciso nos aproximar de quem os desenvolveu, conhecer a filosofia, a natureza do processo restaurativo, a aplicabilidade dos diferentes Círculos, contextos e propósitos, além das bases e fundamentos teóricos para a aplicação prática.

2.1 Texto - “Círculos em Movimento”

No Sistema de Stanislávski fala-se da psicotécnica e de como amassar o barro antes de começar a trabalhar sobre o papel, como sentir um papel em si e sentir-se no papel. Enquanto o ator não estiver nessa base, enquanto ele não se sentir no papel e não sentir o papel em si, não peça nada do ator. Será uma verdadeira violência. É preciso amassar o barro e levar o ator ao estado “eu existo”, então será possível falar sobre a ação transversal e sobre a supertarefa. Então pode-se fazer qualquer coisa com ele. Mas, até lá, o ator fica suspenso no ar. (VÁSSINA; LABAKI, 2015, p. 264)

Os processos circulares foram sistematizados, em especial, pela pesquisadora estadunidense Kay Pranis, e têm como referência práticas de povos indígenas e ancestrais ao redor do mundo. Apresentam-se como processos “alicerçados na forma de diálogo e rituais aborígenes e culturas ancestrais sem que sua obra derive de uma tradição aborígene específica ou se inspire apenas em recursos das antigas tradições” (PRANIS, 2010, p. 9). Ou seja, eles foram inspirados nas tradições, mas recebem o aporte dos conhecimentos contemporâneos, como de democracia e inclusão.

Nos processos circulares de Kay Pranis, práticas contemporâneas foram sendo inseridas, entrecruzando o passado e presente, como a Prática Restaurativa, a Comunicação Não-Violenta (CNV) e a escuta qualificada. Eles já são utilizados em diferentes contextos sociais, como nas comunidades, nas escolas, no trabalho ou no âmbito da assistência social, ajudando pessoas a se reconhecerem como sujeitos daquele lugar, daquela história, pois, como expressa Pranis (2010, p. 16), “O processo do Círculo é um processo que se realiza através do contar histórias. Cada pessoa tem uma história, e cada história oferece uma lição. No Círculo as pessoas se aproximam das vidas umas das outras através da partilha de histórias”. Nosso objetivo tem conexão direta com o desejo de aproximar-se da vida da outra pessoa, de estar em sua presença e poder partilhar de suas histórias.

Porque na contação de histórias não existe uma história melhor do que a outra, não existe uma pessoa melhor do que a outra, existem pessoas. Então, quando eu conto a minha história, eu sinto que as pessoas se vêem representadas nas situações colocadas por mim, nos meus dramas, pelas minhas situações, meus conflitos, conflitos internos, conflitos com as pessoas, com a minha família, com as pessoas no trabalho, conflitos em si. Muitas pessoas se sentem... fugiu a palavra... elas se veem representadas a partir da minha história, assim como eu me vi representada em muitas daquelas histórias. Com certeza, você tendo uma pessoa que precisa de você, que você é responsável pela pessoa... eu me vejo totalmente representada na fala de muitas daquelas mulheres que cometeram atos extremos porque precisavam, porque não viam outra saída. Isso me lembra um quão eu também sou ser humano. (Entrevista em profundidade - 10/07/2020 - Vitória)

“É preciso amassar o barro e levar o ator ao estado “eu existo””, ou seja, o ator precisava existir antes da ação dramática. Assim pensava Stanislávski e o mesmo deveria acontecer com as mediadoras nos processos circulares, chamados “Círculos”³⁰, porque o texto e a ação poderiam se perder caso elas não se sentissem antes humanas, assim como era nossa responsabilidade fazer com que as participantes também se sentissem assim. “Os Círculos se valem de uma estrutura para criar possibilidades de liberdade: liberdade para expressar a verdade pessoal, para deixar de lado as máscaras e defesas, para estar presentes como um ser humano inteiro” (PRANIS, 2010, p. 25). É Alteridade, é estarmos todas presentes naquele espaço em movimento.

Mas, esse processo de me reconhecer como humana à medida que a outra me possibilita isso, demanda certo conhecimento, que ao mesmo tempo é ação e reflexão sobre a realidade, pois “Como presenças no mundo, os seres humanos são corpos conscientes que o transformam, agindo e pensando, o que os permite conhecer ao nível reflexivo [...] podemos tomar nossa própria presença no mundo como objeto da nossa análise crítica” (FREIRE, 1987, p. 87- 88). Portanto, não é estar diante da realidade, da ação, do texto, mas é existir naquela realidade vivenciada.

Os Círculos em Movimento nos permitem explorar nossas escolhas como seres intencionais e conscientes, capazes de mobilizar nossos aspectos espirituais, emocionais, físicos e mentais a favor da promoção de um ambiente seguro de partilha, equidade e inclusão para as participantes. Os Círculos envolvem a escuta

³⁰Utilizo a palavra grafada com a inicial maiúscula para diferenciá-la como uma metodologia, ou seja, diferente do significado de circunferência da geometria.

sensível e vários elementos da linguagem e da responsabilidade ética pelas pessoas acolhidas.

Conforme dito anteriormente, usamos como texto base o “Guia para facilitar Círculos em Movimento em comunidades escolares”, de Carolyn Boyes-Watson e Kay Pranis (2015), assim como outra referência importante, o livro “No coração da esperança: guia de práticas circulares - o uso de Círculos de Construção de Paz³¹ para desenvolver a inteligência emocional, promover a cura e construir relacionamentos saudáveis” (BOYES-WATSON; PRANIS, 2011). Embora existam diferenças entre os tipos de Círculos, a estrutura axiológica é a mesma, uma vez que os fundamentos incluem pressupostos comuns sobre a condição humana e a natureza.

Boyes-Watson e Pranis (idem, p. 41) sistematizaram e foram aprimorando os Círculos a partir de ensinamentos da sabedoria ancestral, por exemplo: elas consideraram dentro da estrutura do Círculo “a afirmativa de que tudo no Universo está ligado, e que é impossível isolar algo e agir sobre aquilo sem atingir todo o resto. Segundo esta visão de mundo, não existe o que chamamos de “observador objetivo” ou “perspectiva isenta””. Assim, para elas, quando estamos presentes no Círculo estamos todas conectadas. Essa conexão pode nos dar acesso ao modo de conscientização, ou, como diria Freire (1987), “enquanto corpos conscientes, em relação dialética com a realidade objetiva sobre que atuam, os seres humanos estão envolvidos em um permanente processo de conscientização”. No Círculo, procuramos ser conscientes, reflexivas e interdependentes.

O formato do Círculo lembra a técnica da roda de conversa. Segundo Maria Cecília de Souza Minayo e António Pedro Costa (2019), as rodas de conversa se diferenciam das demais técnicas de grupo em função dos objetivos. O clima da roda é livre para a troca de informações e sentimentos e, segundo os autores, ela não precisa ser conclusiva e por isso mesmo é utilizada com frequência em pesquisas da área da saúde, psicologia e educação. Entretanto, apesar da disposição geométrica das participantes ser semelhante a da técnica da roda de conversa, os Círculos em Movimento possuem elementos estruturantes totalmente diferentes,

³¹ “[...] os Círculos de Construção da Paz trouxeram importante contribuição ao ajudarem a compreender que processos circulares não se confundem com processos restaurativos, embora possam - e devam - conviver sinergicamente com eles. Ou seja, nem toda prática circular, ainda que inspirada em valores restaurativos, deve ser considerada uma prática restaurativa: melhor reservar o conceito para a abordagem de situações conflitivas”. (BOYES-WATSON; PRANIS, 2011, p. 9)

como valores e diretrizes, centro do Círculo, bastão da fala/objeto da palavra, cerimônia de abertura e fechamento, *check-in* e *check-out* e decisões consensuais. Assim, rodas de conversas e Círculos em Movimento são termos distintos, com definições, características e aplicabilidades próprias, portanto, não são sinônimos.

Outro importante elemento que diferencia de qualquer outra prática em grupo é em respeito à confidencialidade. As diretrizes que são estabelecidas pelas participantes no Círculo, geralmente, tocam na questão da confiança mútua, da discrição e do sigilo. Afinal, para nos sentirmos seguros para falarmos sobre as nossas histórias, buscamos um ambiente seguro e isso acontece quando percebemos que estamos diante de pessoas que não usarão ou revelarão o que falamos para nos prejudicar ou outro interesse. Não podemos garantir que esse aspecto seja respeitado fora desse espaço, mas compactuamos mutuamente que ele é necessário e que nos esforçaremos para cumprir essa diretriz.

Por isso, em respeito aos princípios, valores e diretrizes propostos pelos Círculos em Movimento, buscamos não nos aproximar de elementos investigativos durante a implementação do projeto na penitenciária, pois a pesquisa não era o objetivo naquele espaço. O principal objetivo na penitenciária era estar com aquelas mulheres e, assim, proporcionar um ambiente seguro para o acolhimento livre de todas as histórias, pois “Quando se conta uma história, a informação é transmitida de modo a criar abertura por parte daquele que escuta [...] Quando contamos histórias, mobilizamos uma escuta diferente [...] Contar a nossa história é um processo de reflexão sobre nós mesmos” (idem, p. 55-57). Além disso, quando as pessoas escutam nossas histórias nos sentimos respeitadas, sentimos que elas importam também.

Chimamanda Ngozi Adichie (2019), escritora nigeriana, que se diz uma contadora de histórias, expressa que as histórias são usadas para muitos fins, inclusive para o mal, para caluniar e ferir uma pessoa, um grupo e, ao mesmo tempo, elas podem ser usadas para empoderar e humanizar, para dar dignidade ou recuperá-la. Para Adichie, no mundo em que vivemos, contar história tem a ver com poder, “como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito do poder” (ADICHIE, 2019, p. 23). Mas do que isso, ela destaca o perigo da história única sobre um povo, uma nação, uma comunidade ou sobre qualquer pessoa. Para ela, insistir somente em uma história única, por exemplo sobre as mulheres em privação de liberdade, é simplificar a experiência, é

cair na armadilha do estereótipo, “e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos” (idem, p. 26).

Nas histórias das pessoas existem mais pontos em comum do que diferenças. A relação com Outrem, com a contação de histórias, pode então ser modificada. A partir desse momento, pode existir afeição, amor e simpatia onde antes existia, muitas vezes, desconhecimento, distanciamento, preconceito ou estigmatização. Então, a pergunta é: essa aproximação por meio dos Círculos pode inaugurar a “proximidade”, pensada por Emmanuel Levinas?

De acordo com Kay Pranis (2010), os Círculos são basicamente processos que acontecem por meio da contação de histórias. E que histórias são essas? Bem, todas aquelas que nos interessam. Por isso, contamos as nossas histórias de infância, de momentos alegres, tristes, engraçados, daquelas que nos envergonham, daquelas que gostaríamos que fossem diferentes. Ao contar minhas histórias e as outras contarem as suas, partilhamos e isso pode representar uma aproximação entre nós, capaz de nos unir na humanidade.

Para Pranis (idem), além de reunir pessoas de maneira horizontal e honesta, os Círculos podem servir para ajudar-nos a apreciar e valorizar a experiência humana. “A filosofia subjacente aos Círculos reconhece que todos precisam de ajuda e que, ajudando os outros, estamos ao mesmo tempo, ajudando a nós mesmos” (p. 18). Circular, expressão usada por quem facilita processos circulares, nos transmite essa ideia de ir além de uma pequena bondade que o momento reserva, de atravessar os lugares e de agir de maneira solidária, de existir com Outrem em comunhão.

Se pensarmos que antes do sistema de justiça existir, certos grupos tiveram que procurar meios próprios de resolver seus conflitos para conviver em comunidade, sendo que o diálogo deve ter sido praticado por eles de distintas formas. Possivelmente, a prática de se reunir numa roda para discutir os problemas e encontrar soluções deve ter sido mais comum do que podemos imaginar. O que sabemos é que os Círculos

[...] descendem diretamente dos tradicionais Círculos de Diálogo comuns aos povos indígenas da América do Norte. Reunir-se numa roda para discutir questões comunitárias importantes é algo que faz parte das raízes tribais da maioria dos povos. Essas práticas ainda são cultivadas entre povos indígenas do mundo todo [...] mantiveram

vivas práticas que vieram a ser fonte de sabedoria e inspiração para as nossas culturas ocidentais modernas. (PRANIS, 2010, p. 19)

Segundo a autora, estes Círculos foram sendo praticados discretamente por mulheres não indígenas em grupos de apoio. Outros sujeitos levaram a prática a outros espaços públicos e mais tarde esses processos foram utilizados pela justiça criminal. Para Luciano de Freitas Santoro (2021), os primeiros programas que oficializaram a aplicação da Justiça Restaurativa tiveram início nos anos 70, em diversos países, como Austrália, Nova Zelândia, Canadá, Estados Unidos, África do Sul e Colômbia, além de alguns países do continente europeu.

Esses programas, na verdade, buscavam a implementação de um novo paradigma de justiça e pacificação social. Para Renato Sócrates Gomes Pinto (2005), a Justiça Restaurativa é um movimento emergente e em construção, oposto ao modelo retributivo. Nas palavras do autor: “A justiça convencional diz: você fez isso e tem que ser castigado! A justiça restaurativa pergunta: o que você pode fazer agora para restaurar isso? O modelo restaurativo baseia-se em valores [...] pressupõe a concordância de ambas as partes (réu e vítima)” (idem, p. 22). Na Justiça Penal tradicional, a vítima, na maioria das vezes, participa do processo apenas como elemento de prova, explicitando sobre o comportamento do réu. As necessidades da vítima e o prejuízo suportado por ela são usados somente para valorar negativamente o processado (SANTORO, 2021, p. 20).

Dessa maneira, o modelo restaurativo se diferencia do modelo tradicional em razão do desejo de poder se viver a justiça, fazer parte dela, permitir que aquilo que me afeta possa também ser resolvido por mim e não simplesmente resolvido por outros e me entregue como resultado do processo (ZEHR, 2015). Nessa perspectiva, vítima e réu têm o direito de buscar restaurar o conflito e reparar os danos de uma maneira que se sintam contemplados por meio da justiça.

Mesmo diante da eficácia dos programas de mediação que aplicavam o modelo restaurativo em vários países do mundo, a utilização das medidas de Justiça Restaurativa foi expressamente reconhecida pela Organização das Nações Unidas (ONU) apenas no ano 2000. Esse reconhecimento se deu pelo Conselho Econômico e Social da ONU, por meio da Resolução nº 2000/14, de 27 de julho de 2000. Dois anos depois, a Resolução nº 2002/12, de 24 de julho de 2002, intitulada “Princípios Básicos para utilização de Programas Restaurativos em Matérias

Criminais, complementou a resolução anterior com o reconhecimento do emprego da Justiça Restaurativa no direito público subjetivo dos Estados e procurou conceituar as principais terminologias da Justiça Restaurativa na Justiça Criminal, como o “processo restaurativo”.

Processo restaurativo significa qualquer processo no qual a vítima e o ofensor, e, quando apropriado, quaisquer outros indivíduos ou membros da comunidade afetados por um crime, participam ativamente na resolução das questões oriundas do crime, geralmente com a ajuda de um facilitador. Os processos restaurativos podem incluir a mediação, a conciliação, a reunião familiar ou comunitária (*conferencing*) e Círculos decisórios (*sentencing circles*). (ONU, 2002, tradução livre)

É uma possibilidade interessante quando se pensa em resolução de conflito e democracia participativa. Sobre a aplicabilidade do modelo no Brasil, Gomes Pinto (2005) destaca alguns pontos a se considerar, além da compatibilidade jurídica da Justiça Restaurativa com o sistema de justiça criminal, a Constituição e a legislação vigente, a compatibilidade com nosso senso de justiça e a nossa cultura. Para ele, não é simplesmente importar modelos estrangeiros, é preciso pensar como ela pode ser implementada para responder às demandas da sociedade brasileira, “sem descurar dos direitos e garantias constitucionais, da necessidade de ressocialização dos infratores, da reparação às vítimas e comunidade e ainda revestir-se de um necessário abolicionismo moderado” (GOMES PINTO, 2005, p. 20).

A princípio, segundo o autor, o modelo restaurativo tem esse potencial de ser sustentável e compatível com o nosso sistema jurídico. Além disso, a transformação e a vivência restauradora podem promover a democracia participativa na área da justiça criminal (ibidem). Para Leoberto Narciso Brancher e Cláudia Machado (2008, p.63), “Esta forma de justiça valoriza a autonomia dos sujeitos e o diálogo entre eles, criando espaços protegidos para a auto-expressão e o protagonismo [...] fortalece e motiva as pessoas para a construção de estratégias para restaurar [...]”. Ou seja, restaura as relações a partir de processos dialógicos e reflexivos.

Nesse ponto, podemos perceber a importância de se pensar a Justiça Restaurativa e a Educação no papel da formação humana na implementação do modelo restaurativo e da escola como um ambiente democraticamente participativo para a realização da Justiça, direito fundamental oriundo da dignidade da pessoa humana.

Conforme Ana Paula Araújo (2013), a adoção de práticas restaurativas em escolas ainda é muito recente, assim como a produção científica, especialmente em dissertações e teses sobre essas experiências. Em seu estado de conhecimento, ela percebeu que, embora os estudos buscaram avaliar o impacto dessas práticas com relação aos conflitos e à violência escolar, não foi possível determinar o nível de satisfação dos participantes e apontam ainda para diversos desafios que precisam ser superados para a verdadeira implementação dessas práticas nas escolas, a exemplo: a cultura punitiva, ainda tão presente e resistente na educação.

Como expressa Eduardo Rezende Melo (2005), ainda não valorizamos o potencial do protagonismo infanto-juvenil. A maneira como os jovens concebem a Justiça, seu papel social, como estabelecem acordos, como restauram conflitos, reparam danos ou como cuidam uns dos outros diz muito sobre a sociedade em que vivemos e sobre os desafios da pacificação social. Buscar estar com os jovens em harmonia é desejar inverter a lógica punitiva e retributiva, é “um desafio de nos apropriarmos de um modo de pensar e, antropofagicamente, transfigurá-lo artisticamente num espaço construtivo e emancipador de elaboração de nossos conflitos e de criação de novas possibilidades de coexistência” (MELO, 2005, p. 72). Nesse sentido, a Justiça Restaurativa na Educação pode ser um caminho para construção da Cultura da Paz³².

[...] a partir de uma ética baseada na inclusão, no diálogo e na responsabilidade social, o paradigma da Justiça Restaurativa promove um conceito de democracia ativa que empodera indivíduos e comunidades para a pacificação de conflitos de forma a interromper as cadeias de reverberação da violência. (BRANCHER, [s.d.]

Foi pensando na construção da Cultura da Paz e na formação de pessoas para a convivência em harmonia e para a não-violência que Kay Pranis se aproximou da escola. Um dos pressupostos para que uma pessoa possa conviver harmonicamente com outras é ela ter a capacidade de se situar na realidade, de compreender o impacto de seus atos e escolhas na sociedade, sendo “A importância de reconhecer o impacto de nosso comportamento sobre os outros,

³²Durante décadas, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura - UNESCO colabora com programas e projetos voltados à cultura da Paz. Embora tenha mérito pelos pensamentos e ações em prol da humanização na Educação, é preciso reconhecer que existem importantes críticas sobre sua atuação, no que diz respeito à propagação da ideologia de educação burguesa (SILVA, 2010).

bem como a interconexão de nossos destinos. O mal praticado contra um é um mal para todos [...] O bem praticado a um é um bem para todos” (PRANIS, 2010, p. 42), esse é um dos ensinamentos propostos pelos Círculos em Movimento.

Em maio de 2017, Kay Pranis foi entrevistada por Geórgia Ramos Tomasi. A entrevista foi publicada no livro *Justiça Restaurativa na prática: ações realizadas no município de Caxias do Sul* (DAMIANI; HANSEL; QUADROS, 2018). Nessa oportunidade, Pranis desenvolveu sete lições essenciais sobre Justiça Restaurativa, que incluíram a relação de poder e a questão da violência. Esta relação, segundo Pranis, “é de que muitas pessoas cometem atos violentos porque se sentem sem poder, se sentem impotentes [...] A violência é uma tentativa de sentir que eles têm poder em suas vidas” (p. 33). A partir disso, ela acredita que os processos circulares podem dar a quem participa uma “experiência/vivência” capaz de mudar a dinâmica das relações conflituosas e violentas entre grupos e pessoas.

Para a condução desses Círculos é necessária formação como facilitadora. No Estado do Paraná, esses cursos geralmente são oferecidos por institucionalidades, como o Núcleo Permanente de Métodos Consensuais de Solução de Conflitos - NUPEMEC e os Centros Judiciários de Solução de Conflitos e Cidadania - CEJUSCs, criadas com a finalidade de atender a Política Nacional de tratamento adequado de conflitos, Resolução nº 125/2010 CNJ (BRASIL, 2010) e Política Nacional de Justiça Restaurativa no âmbito do Poder Judiciário, Resolução nº 225/2016 CNJ (BRASIL, 2016), assim como por empresas privadas, especialmente da área do direito.

O primeiro passo para a condução dos Círculos é a organização de um roteiro, a ser desenvolvido por quem terá o papel de facilitar e, geralmente, opta-se por conduzir o Círculo em dupla. O roteiro deve conter, *a priori*, passos que podem ser encontrados facilmente no “Guia para facilitar Círculos em Movimento em comunidades escolares”, proposto por Carolyn Boyes-Watson e Kay Pranis (2015) e nos processos circulares de Kay Pranis (2010). Os elementos propostos neste roteiro servem para criar um espaço de acolhida e hospitalidade, fazem parte dele: a cerimônia de abertura; a peça de centro; a discussão de valores e orientações; o objeto da palavra; as perguntas norteadoras; e a cerimônia de fechamento. A geometria tem sua importância para garantir a igualdade e horizontalidade.

Sobre os passos, resumidamente:

- **Cerimônias de abertura e de fechamento:** representam início e fim daquele “espaço como um lugar sagrado no qual os participantes estejam presentes com eles mesmos e uns com os outros” (PRANIS, 2011, p. 16). Geralmente, utiliza-se de uma canção ou uma poesia.
- **Peça de centro:** objeto escolhido para representar aquele grupo, aquela cultura, simboliza uma visão comum e compartilhada por todas ali presentes. Geralmente fica no chão, no centro do espaço, dentro do círculo de cadeiras. Exemplos: uma base ou um trilho de tecido, objetos que represente algo específico para aquele grupo, como um livro, uma planta, entre outros.
- **Diretrizes:** conjunto de acordos e limites estabelecidos e adotados pelas participantes durante a rodada de discussão de valores. De maneira consensual, as diretrizes têm o objetivo de possibilitar um diálogo seguro e são capazes de permitir confiança e respeito entre as participantes.
- **Objeto da palavra:** objeto que regulamenta o diálogo. Nesse sentido, “a pessoa segurando o objeto da palavra pode falar [...] é um equalizador poderoso. Permite que cada participante tenha igual oportunidade de falar” (idem, p. 17). Serve para exercer a fala intencional no diálogo, mas também a função da escuta.
- **Perguntas norteadoras:** para estimular a conversa sobre determinado tema de interesse são elaboradas algumas perguntas. Cada volta que o círculo dá significa uma rodada concluída. À medida que o objeto da palavra circula, as participantes têm a oportunidade de respondê-la. É comum, quando a prática é conduzida por uma dupla de facilitadoras, uma delas fazer a pergunta, responder, e então passar para a participante ao seu lado, e a outra encerrar a rodada, ou seja, uma será a primeira e a outra será a última a responder a cada pergunta norteadora. Quando é realizado mais do que um Círculo com o mesmo grupo, costuma-se relembrar as diretrizes na prática seguinte.

A prática de Círculos requer auto-preparação, inclusive com relação ao estado físico, emocional, espiritual e mental (PRANIS, 2011), envolve autoconhecimento de estar e permanecer diante de pessoas diferentes, com trajetórias de vida, muitas vezes, nada semelhantes a daquelas pessoas que costumamos conviver no cotidiano.

Pode acontecer dos Círculos trazerem à tona sentimentos e atitudes imprevisíveis, e a zona de conforto pode ser desestabilizada. Aprender com os Círculos em Movimento ou de Círculo de Construção de Paz, na perspectiva trazida aqui, é possível por meio dos livros e da teoria, mas, principalmente, por meio da prática e da reflexão. Após cada Círculo, é preciso que as facilitadoras conversem sobre a prática a fim de aprimorá-la cada vez mais.

O ator não constrói o seu papel com a primeira coisa que lhe cai do céu. Escolhe cuidadosamente entre as suas recordações e colhe, de entre as suas próprias experiências, os elementos mais sedutores. Tece a alma da sua personagem com sentimentos que lhe são mais caros que os da sua vida ordinária. (STANISLÁVSKI, 2016, p. 388)

A reflexão e o autocuidado entre cada um dos encontros podem ajudar as facilitadoras na proximidade com as participantes à medida em que vamos nos tornando responsáveis pela aproximação entre nós. Abre-se, então, uma manifestação com relação ao Rosto, “A ética faz aqui sua entrada no discurso filosófico, rigorosamente ontológico no início, como uma conversão extrema de suas possibilidades. É a partir de uma passividade radical da subjetividade” (HDH, p. 83). Essa passividade diz respeito à condição humilde que nos colocamos diante de outrem, quando nos colocamos no degrau anterior para poder dar suporte.

Eu refleti muito depois do Círculo. Sempre ficava dias pensando nas situações delas, me colocando ou imaginando como era estar no lugar delas, um pouco empatizando, pensando como era viver essa realidade [...] Também era frustrante, saber que eu conseguia entrar e sair e que elas ficavam aí. Saber a situação, era uma tristeza também saber a situação... ver a pessoa falando de estar longe da família dela, de estar abandonada, sem receber visita ou estar longe, ou não ser reconhecida pela família. Também ficava, bom era tristeza mesmo nessa reflexão... me colocar ou tentar imaginar como seria estar no lugar delas, também era uma sensação de... não sei de frustração... ou a palavra como angústia, eu acho que era angústia [...] pra mim era muito angustiante imaginar essa pessoa saindo e não se encontrar com a situação que ela imaginava... ser excluída novamente da sociedade, ter isso nos papéis delas (antecedentes criminais), não conseguir trabalho. Era a angústia pensar que talvez ia acabar no mesmo lugar, porque a história de vida delas... algumas já tinham caído a segunda vez [...] Então, era uma angústia também pensar que tanto dentro como fora, elas iam ser discriminadas, que era muito difícil qualquer dos dois caminhos. Então, angústia é uma coisa que ficava. (Entrevista em profundidade - 14/07/2020 - Martina)

O autocuidado também está previsto no guia de facilitadora de Pranis (2011). Nesse material de consulta, Pranis defende o cuidado de si após as práticas. No caso dos encontros na penitenciária, o pós-Círculo contava com uma carga emocional forte, porque envolvia um sentimento de impotência e frustração com relação às internas, o mesmo pode ser percebido na entrevista com a Martina. Ela fala especialmente do sentimento de angústia diante da frustração de ter estado com aquelas mulheres que irão permanecer na privação de liberdade, que terão que conviver com a estigmatização sobre elas, e, ainda por cima, ela consegue reconhecer nas narrativas das mulheres a repetição, o que leva pessoas ao mesmo lugar, ao encarceramento outra vez.

Sem dúvidas, assim, o que mais me marcou... a história de vida dessas pessoas, o motivo que levou elas a estarem no sistema. Eu constatei várias coisas que eu já vinha pesquisando e realmente essas histórias se repetem. (Entrevista em profundidade - 10/07/2020 - Vitória)

Embora desejássemos horizontalidade nas relações estabelecidas por meio do projeto, as narrativas chegam até nós e confirmam nossos pressupostos, as histórias e as trajetórias daquelas mulheres que estão presas têm diversos pontos em comum, e quando comparamos as delas com as nossas, do grupo de mediadoras, esses pontos diminuem consideravelmente. Esse choque de realidades, inevitavelmente, marca a existência de uma diferença, inclusive na relação de poder presente nesse encontro.

Há que se ter clareza de que a relação de poder entre mulheres que estão fora da prisão e as que estão dentro não será mesmo horizontal, por mais esforços que pudéssemos desprender para isso. Serão essas vozes a nos lembrar que o mundo não vive em paz, para Foucault (1992, p. 97), essas vozes nos chegam por meio dessa colisão: “Para que algo delas chegasse até nós, foi porém necessário que um feixe de luz, ao menos por um instante, as viesse iluminar [...] é o encontro com o poder: sem este choque [...] nenhuma palavra teria ficado para lembrar o seu fugidio trajeto”.

Relações que também puderam ser observadas com relação às policiais. Como elas se encontravam numa situação de forte vulnerabilidade emocional, após o suicídio de uma agente da unidade ocorrido semanas antes, notamos, desde o

primeiro Círculo, um clima tenso e até mesmo conflituoso, no qual foi possível perceber o desgaste nas relações entre as equipes e entre elas também. Isso gerou nas mediadoras sentimentos parecidos no que diz respeito ao pós-Círculo com as internas: angústia e impotência. Afinal, mesmo que essas mulheres deixem a prisão, elas permanecem um tempo considerável na condição de privação de liberdade e, além disso, o próprio sistema pode propiciar o adoecimento dessas mulheres também.

Eu esperava que as pessoas que tão privadas de liberdade estivessem numa condição pior, mas eu encontrei, não sei se por essa questão que foi tão extremada, a questão ali do suicídio, mas [...] o que eu senti, é que as agentes tavam numa condição infinitamente pior dos que as internas, assim, de depressão, de falar em questão de ideação suicida, pensar e verbalizar que já tinham pensado em tirar a própria vida, muitas vezes tomando medicação, controlando, fazendo tratamento com psicólogo, psiquiatra [...] eu, pelo menos, eu tinha ouvido comentário desse suicídio pela OAB, que tinha tido uma agente que havia se suicidado. Mas, quando eu entrei, eu não imaginava que seria algo que teria refletido tanto nelas e realmente elas estavam numa fase muito, muito pesada. Foi muito difícil. (Entrevista em profundidade - 10/07/2020 - Vitória)

Dessa forma, temas como luto, depressão e sentimentos de culpa e frustração estiveram constantemente presentes nos Círculos das policiais e trouxeram importantes reflexões ao grupo de mediadoras. Mais uma vez a necessidade do autocuidado com relação às mediadoras entre os Círculos precisou ser exercitada, pois Círculos podem ser transformadores, porém, exigem diligência do começo ao fim. Não são apenas momentos bons, pode existir sofrimento e dor, assim como afetividade e reciprocidade.

Em minha lembrança guardo rostos, gestos, expressões e abraços compartilhados daquele dia. Elas estavam muito tristes e abaladas, acabaram de perder uma amiga de trabalho por suicídio, e com essa dolorosa experiência ainda estavam se recompondo do pedaço de si mesmas que perderam com aquela partida. Sentimentos de impotência e culpa permearam nos males que as assombravam naquele momento, e uma saudade que expressavam nos olhos e palavras. Lembro-me de uma em específico que em todo momento se fez forte e turrona, mantendo sua postura de autoridade, que aquele espaço exigia delas, e por um momento ela se desculpa à psicóloga, não lembro muito bem porque, e neste instante ela desmonta, mostra a humanidade, as fraquezas que todos nós carregamos. No final todas estavam leves, sorrindo, conversando, enquanto tomávamos nosso café da manhã com as coisas que

levamos, bolo e suco. Elas falavam entre si e com a gente, era visível a satisfação e como aquele papo fez bem para elas naquele momento. (ficha de recuperação de aprendizagem - 09/05/2020 - Helena)

Na prática, segundo Pranis (2011), após o compartilhamento de tantas histórias, o autocuidado é o “vento” que libera intencionalmente alguma tensão ou peso/carga que resulte do processo do Círculo. Pode ser um banho mais demorado, mexer com as plantas, um passeio numa área verde ou com o animal de estimação; cada pessoa deve buscar encontrar uma maneira de dissipar as sensações ruins ocasionalmente percebidas pela prática. Nesse sentido, autocuidado faz parte da auto-preparação para a realização dos Círculos, assim como da reflexão e do autoconhecimento.

2.2 O dramaturgo - Leituras iniciais

É evidente que se até agora têm pensado que o ator se entrega simplesmente à inspiração, vai ser preciso modificar esse ponto de vista. O talento sem trabalho não é mais do que uma matéria bruta. (STANISLÁVSKI, 2016, p. 215)

O grupo de mediadoras procurava se reunir a cada duas semanas para discutir sobre o projeto. Esse momento servia como preparação para as atividades e para criação de uma unidade. Geralmente, os encontros eram em cafés da cidade, por isso chegamos a conhecer muitos lugares diferentes onde trocávamos ideias e falávamos sobre temas do cotidiano. Assuntos diversos eram discutidos nesses encontros, como o machismo estrutural, as lutas sociais, as opressões e as desigualdades. Éramos mulheres unidas por um objetivo comum, nos preocupávamos e cuidávamos umas das outras. Então, por meio desse projeto, acabou nascendo o sentimento de amor e amizade entre nós.

Sabíamos que o ambiente prisional poderia ser um lugar hostil, pois é praticamente certo que em espaços de controle rígido e intermitente haverá situações de conflito e violência, sejam entre as internas ou entre as internas e as policiais penais. Conhecida popularmente como a “escola do crime”, as prisões fazem parte do sistema penal que, como aponta Vivian Calderoni (2020, p. 41), “incentiva que os apenados, sejam eles adultos ou adolescentes, aprendam a ser submissos e a obedecer às regras, não importando quão violentas sejam”,

consequentemente, “[...] a pessoa acaba introjetando as regras violentas e se sujeitando a elas” (idem, p. 42). Para Calderoni, esse caminho leva a “a perpetuação do estereótipo de criminoso: violento, desadaptado ao convívio social, desconhecedor das regras básicas da convivência pacífica” (idem, p. 42). Se preparar para essa realidade não era um exercício fácil, visto que a simples inspiração não nos bastaria.

Mas, quais leituras iniciais trazemos na bagagem antes de começar um movimento como esse? Entrar numa penitenciária, procurar ver e sentir a Alteridade e a humanidade naquele ambiente, sem que a dor e o sofrimento se tornassem insuportáveis e dar prosseguimento às ações, como isso seria possível? O que esse processo representou para esse grupo de mediadoras? Como saímos depois de experienciar o acolhimento do Rosto da Outra?

O fundamento teórico do projeto de extensão baseou-se na Filosofia da Alteridade de Emmanuel Levinas, principalmente por meio das obras: *Entre Nós* (2010), *Violência do Rosto* (2014) e *Totalidade e Infinito* (2015). Os pensamentos de Levinas sobre a Alteridade e a abertura à outra permitiram olhar para esse projeto na penitenciária e repensar a responsabilidade ética perante Outrem, ou seja, o compromisso original. Nas próximas linhas, me dedico a trazer um pouco desse filósofo que permeou sutilmente a experiência e nos permitiu reconhecer o fenômeno do acolhimento.

2.2.1 Em busca do compromisso original

O amor sem concupiscência

Claro que me podem dar os bons-dias sem sentirem nada. Mas não podem amar, sofrer, odiar, realizar nenhum objetivo humano de uma forma mecânica, sem sentirem nada. É totalmente diferente se ao estenderem a mão tentarem manifestar no gesto ou no olhar sentimentos de afeto, respeito ou gratidão. (STANISLÁVSKI, 2016, p. 274)

Pode parecer um clichê, e talvez seja. Entretanto, não posso continuar falando de acolhimento sem falar de amor, mas de um tipo específico, aquele desinteressado, permeado de gentileza e respeito ao próximo. Para Levinas (2010, p. 135), “O amor é originário [...] é um palavra gasta e ambígua [...] Ela está inscrita no Rosto de Outrem, no encontro de Outrem; dupla expressão de fraqueza e

exigência”. Por um lado, fraqueza, pois é necessário que o Eu se permita ser comandado por Outrem e, por outro lado, exigência, ao passo que o Eu se torna responsável por Outrem. Esse seria, para Levinas, o amor sem concupiscência.

Em outros momentos, ele parece nos falar de amor como sinônimo de Justiça por Outrem: “É a hora da justiça. O amor do próximo e seu direito original de único e incomparável pelos quais tenho que responder” (idem, p. 222). Nesse sentido, mesmo que amor seja considerado ainda uma palavra “gasta e adulterada”³³, ela pode estar presente quando reconhecemos o Rosto de Outrem, quando percebemos que Outrem clama por acolhimento, proteção, cuidado, afeto, e, por tantas outras condições humanas que garantem uma vida digna.

Numa ótica filosófica, busquei o significado da palavra amor no cenário ético proposto por Levinas por meio da Filosofia da Alteridade, assim como, o significado de outros conceitos ligados a ele. Entretanto, procurei contextualizar o sentido da palavra para o momento em que vivemos e na realidade presente, ou seja, em tempos-espacos diferentes do autor dessa filosofia.

No entanto, seja no passado ou no presente, considero difícil debater o conceito de amor na ciência, mesmo nas ciências humanas. Na área da Educação, na qual mais transito, por exemplo, parece que a maioria das pessoas desacredita na força de libertação do amor, inclusive no tocante ao processo de ensino e aprendizagem. Mas, talvez, seja porque a palavra em questão possa evocar sentimentalismo e romantismo. Procuro na Filosofia da Alteridade a transformação desse significado. Para seguir adiante nesse estudo, evoco a palavra amor como sinônimo de Justiça, seguindo os passos de Levinas.

Face à dificuldade de se falar de amor, podemos pensar no quanto a carência dele pode representar. Podemos falar das inúmeras injustiças e violências vivenciadas todos os dias pelos seres humanos no mundo todo. Já nos disse Freire (FREIRE, 2019, p. 58), que vivemos constantemente numa “relação opressora”, na qual “Inauguram a violência [...] os que não se reconhecem nos outros [...] Inauguram o desamor, não os desamados, mas os que não amam, porque apenas se amam” (idem, p. 58).

Nesse sentido, a perspectiva da Filosofia da Alteridade expressa uma mudança radical de postura ética do sujeito, contrária a todo tipo de egoísmo, para

³³Cf. Levinas, 2010, p. 130.

conseguir ver a outra pessoa nas relações intersubjetivas. Esta filosofia se constitui como uma proposta de Emmanuel Levinas (1906-1995), no decurso de sua obra, com a finalidade de posicionar a ética como filosofia primeira, a partir da experiência da Alteridade e do reconhecimento de Outrem.

A decisão de acolher, por meio de Círculos em Movimento, gerou em nós um compromisso, uma responsabilidade perante o grupo e as participantes. Ademais, constantemente aprendemos alguma coisa em algum lugar e espaços de acolhimentos, da mesma forma, são lugares do aprender e do compartilhar.

Pensando nisso, quem escolhe acolher com Alteridade deve estar consciente da importância do ato de ação-reflexão crítica. Anterior ao processo de abertura à conscientização³⁴ existe a “tomada de consciência” por parte dos sujeitos presentes no acolhimento. Quem acolhe com este propósito, firma um compromisso com a outra pessoa, este estimula outrem a participar do momento do acolher também, mas sem perder de vista a visão crítica da sua realidade e do seu contexto vivido.

Por isso, durante o desenvolvimento do projeto na penitenciária feminina, outro importante compromisso com a Alteridade foi firmado: a garantia da liberdade. Recorro também à Freire (2008), para entender a importância dessa responsabilidade em coordenar um Círculo ou qualquer atividade na qual se almeja a participação com liberdade e justiça. Segundo ele, a principal função de uma coordenadora ou coordenador (mediadora ou mediador) no momento de promover o diálogo é *“Coordenar, jamais impor sua influência”* (idem, p. 27). Essas leituras iniciais foram definindo os compromissos e as atitudes éticas necessárias para a condução das atividades na penitenciária.

2.2.1.2 Contributos do humanismo social de Freire na mediação e na intersubjetividade

Dentre os representantes do movimento em favor da Alteridade na Educação, Edson Carvalho Guedes (2007) diz que a Alteridade inaugurada por Levinas foi uma

³⁴“Esta tomada de consciência não é ainda a conscientização, porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência. A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. A conscientização é, neste sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se “desvela” a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo.” (FREIRE, 2008, p. 30).

nova modalidade da metafísica, na qual o sujeito encontra-se com Outrem numa relação de acolhida. Levinas não teria sido o criador do conceito de Alteridade, mas, segundo Guedes, ele teria sido o principal responsável pelas primeiras tentativas de eludir o pensamento de aprisionar Outrem no discurso, como fazia a Filosofia Ocidental, constituída por, reiteradamente, fundamentos totalitários e destituída de singularidades, coletividades e diversidades.

Ao concordar com a hipótese principal da tese de Guedes (2007, p. 22, grifo meu), em que “A relação de Alteridade e o exercício do diálogo permitem e marcam uma meta-arqueologia³⁵ da *educação emancipatória*, para além dos limites identitários”, procurei incluir, alegremente, ao alicerce desta tese, aquele que considero o mais importante intelectual brasileiro na área da Educação Humanista: Paulo Freire. Outra justificativa para tal escolha está no fato do elemento essencial de nossas práticas circulares ser o diálogo, mesma ideia reconhecida na teoria freiriana como ponto central e articulador de outras, como liberdade e Justiça.

Para ele, o diálogo é um fundamento que revela compromisso com Outrem, trata-se de um movimento em que seres autônomos estão dispostos a se comprometerem mutuamente, por relações de Alteridade e por uma ordem social mais justa.

O diálogo tem significação precisamente não apenas com sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com outro. Diálogo por isso mesmo, não nivela, não reduz um ao outro. Nem é favor que um faz ao outro. Nem é tática manhosa, envolvente, um usa para confundir o outro. Implica, ao contrário, um respeito fundamental dos sujeitos nele engajados, que o autoritarismo rompe ou não permite que se constitua (FREIRE, 1992, não paginado).

Nota-se que muitos indivíduos não se reconhecem em sua própria trajetória de vida e, por isso, não reconhecem Outrem, tão pouco sentem-se parte de uma comunidade ou produtores de saberes. Assim, um sujeito desvalorizado e impedido de ser um ator ou uma atriz social o será enquanto o movimento do ensinar e do aprender ou do falar e do escutar acontecer sem ressignificação.

³⁵Termo elaborado a partir do sentido foucaultiano de arqueologia, compreendida como uma descrição histórica que possibilita "compreender o jogo das coações e das limitações que, em um momento determinado, se impõem ao discurso" (FOUCAULT, 2013, p. 217). No caso específico da tese de Guedes (2007, p. 22), preferiu-se o termo meta-arqueologia, ao invés de arqueologia, para expressar um sentido de transcendência da realidade e ir além da ontologia, dos fundamentos ou dos princípios.

Uma pessoa em situação de privação de liberdade é também uma pessoa com direitos, inclusive, de ser esta atriz social, de produzir e ressignificar conhecimentos. Toda a pessoa tem o direito de ser um sujeito inacabado ou “inconcluso”, como nos disse Freire (2019, p. 102), “Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão”. Para ele, humanos³⁶ são seres da busca e “sua vocação ontológica é humanizar-se” (idem, p. 86).

Leituras como a de Freire faz-nos repensar as relações entre o “Eu e Outrem” e o “Entre Nós”, e no impacto da Justiça (amor) e da responsabilidade por aqueles que não conhecemos, que não são nossos familiares ou amigos, mas que também são dignos de respeito, atenção e cuidado, além de todos os outros direitos assegurados por lei, como o direito à saúde e à maternidade, os direitos à educação, alimentação, trabalho, assistência jurídica, dentre outros.

2.2.2 Um passeio por Emmanuel Levinas

O filósofo da Alteridade

É o que nós fazemos da obra do dramaturgo. Fazemos viver o que está escondido por detrás das palavras, fazemos passar os nossos próprios pensamentos nas palavras do autor e estabelecemos as nossas próprias relações com as personagens da peça. Todos os materiais que recebemos do autor e do encenador são filtrados pela nossa personalidade e completados pela imaginação. Esta matéria-prima de base acaba por fazer parte de nós, espiritualmente e mesmo fisicamente; as nossas emoções são sinceras e daí parte uma verdadeira actividade criadora. Tudo isto está intimamente ligado ao conteúdo da peça. (STANISLÁVSKI, 2016, p. 130)

Stanislávski entendia que a obra de arte vive nas condições específicas em que é criada, ou seja, nas circunstâncias propostas pelo texto, existe nisso uma

³⁶Segundo Amanda Motta Angelo Castro e Nivia Ivette Núñez De La Paz (2016), a partir da obra *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido* (1992), Paulo Freire modificou sua forma de escrita, optando por uma linguagem mais inclusiva, isto é, usando o masculino e o feminino. A mudança de atitude ocorreu em virtude de inúmeras cartas críticas que ele recebeu dos movimentos feministas, principalmente das estadunidenses. Nas palavras de Freire (1992, p. 35): “eu usava, porém, uma linguagem machista, portanto discriminatória. em que não havia lugar para as mulheres [...] Me lembro como se fosse agora que estivesse lendo as duas ou três primeiras cartas que recebi, de como, condicionado pela ideologia autoritária, machista, reagi. [...] Nenhum homem se acharia incluído no discurso de nenhum orador ou no texto de nenhum autor que escrevesse: “Às mulheres estão decididas a mudar o mundo”. [...] Isto não é, na verdade, um problema gramatical mas ideológico. [...] Daquela data até hoje me refiro sempre a mulher e homem ou seres humanos. Prefiro, às vezes, enfeiar a frase explicitando, contudo, minha recusa à linguagem machista.”

fidelidade ao espírito da dramaturga ou do dramaturgo (VÁSSINA; LABAKI, 2015). Essas circunstâncias propostas pela autora ou autor são o texto e as personagens, pura invenção da imaginação. Assim, no teatro, “A arte é um produto da imaginação, tal como a obra do dramaturgo. O fim do ator deve ser transformar a peça numa realidade dramática servindo-se da sua técnica. Nesta operação, a imaginação tem de longe o papel mais importante” (STANISLÁVSKI, 2016, p. 134 - 135).

Isso não ocorre apenas na dramaturgia. Criar uma obra, uma tese, não é simplesmente fazer uma cópia dos pensamentos de outras autoras e autores, mas é se valer deles, do seu espírito de criação, para produzir algo novo dentro das circunstâncias atuais e da realidade vivida.

Dessa forma, a partir das circunstâncias que vivenciamos na penitenciária, esta tese tenciona trazer à luz a alteridade, a abertura e a responsabilidade por meio da mediação sociocultural (Círculo em Movimento), evidenciando a presença da Outra como ponto central de todo o ensinamento e atitude ética que o acolhimento pode caracterizar.

Procurei, por meio da fenomenologia, ser fiel ao espírito de criação de Levinas com relação à Filosofia da Alteridade, assim como às idealizadoras dos Círculos em Movimento, que procuraram criar um meio para proporcionar espaços coletivos e seguros para acolher pessoas, histórias e realidades distintas.

Ao meu ver, debruçar-se sobre um autor (dramaturgo), revisitar sua trajetória de vida e ler seus pensamentos, de maneira sensível e atenta, faz com que a experiência da responsabilidade se assemelhe à descoberta de novas possibilidades de olhar o mundo. Assim, nas linhas a seguir, faço uma espécie de itinerário do caminhar deste filósofo lituano-francês, que militou no campo da Alteridade.

Nascido em 12 de janeiro de 1906, em Kovno (Kaunas), na Lituânia, Levinas foi um ser humano que amava ler e se dizia gerado duas vezes numa única vida, a primeira vez no ventre da mãe e, a segunda, dentro da biblioteca (COSTA, 2011). De origem judaica, passou parte da sua vida em meio às guerras, inclusive na infância, por consequência da Revolução Russa. Nessa época, a família de Levinas viu-se obrigada a fugir para a Ucrânia.

Aos 23 anos, fascinado por literatura e leitor dedicado, principalmente de autores russos como Gogol, Dostoiévski e Tolstói, o jovem Levinas emigrou para a

França para iniciar seus estudos em Filosofia³⁷. No final do curso, decidiu passar um ano na Alemanha, na Universidade de Freiburg, para estudar profundamente as obras de Martin Heidegger (1889-1976), sucessor de Edmund Husserl (1859-1938), fundador do método conhecido como fenomenologia.

Levinas concluiu seu doutorado em 1930 e sua tese foi premiada pela Academia Francesa. Entretanto, em 1933, tem sua grande decepção com seu mentor, pois Heidegger aliou-se a Hitler, discursou ao seu lado em algumas oportunidades e aceitou tornar-se reitor da Universidade de Freiburg. Nesse momento, Levinas retorna à França, adota nacionalidade francesa e serve ao exército francês. Casa-se em Paris e começa a trabalhar como funcionário administrativo pedagógico das escolas da Aliança Israelita Universal, destinadas a judeus residentes em países que não os reconheciam como cidadãos (COUTINHO, 2008).

Durante a Segunda Guerra Mundial, ele é convocado pelo exército francês como intérprete nas línguas alemã e russo, mas, é oficialmente preso e mantido em cativeiro na Alemanha (COSTA, 2011). Como era oficial, não permaneceu no campo de concentração, e sim num campo de prisioneiros militares, onde era obrigado a trabalhos forçados (HADDOCK-LOBO, 2006). A maior parte de suas obras foi escrita durante esse período de terror, nos anos em que seus familiares foram perseguidos e mortos, com exceção da esposa e da filha, que viveram escondidas num convento e resguardadas por amigos do filósofo. Para Haddock-Lobo (2006), o horror nazista inspirou a vida filosófica de Levinas.

Em 1945, é libertado e volta a Paris, onde reencontra a esposa e a filha e tenta reconstruir sua vida. Retorna com o trabalho nas escolas para a educação de judeus orientais e passa a lecionar filosofia nas universidades de Poitiers, Paris, Nanterre e Sorbonne.

Esses dados biográficos do filósofo, assim como sua trajetória existencial-filosófica, mostram principalmente a vida de Levinas nos tempos de guerras e suas intercorrências. A partir deles é possível imaginar as inquietudes, preocupações e motivações para a escrita de Levinas.

Embora sua trajetória de vida trouxesse junto os horrores advindos dos conflitos bélicos, ele escreveu seus textos e discursos com entusiasmo de quem

³⁷Cf. RIBEIRO, Luciane Martins. **A subjetividade e o outro**: ética da responsabilidade em Emmanuel Levinas. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.

esperava e acreditava nas transformações do presente e na sociedade do futuro, como quando afirmou: “Mas é tempo de colocar algumas questões.” (LEVINAS, 2009, p. 98), em seu livro “Humanismo do outro homem”, publicado pela primeira vez em 1972. Nessa obra, ele propõe uma via alternativa ao humanismo, que predominava até aquele momento, por vezes positivista³⁸, outras vezes anarquista³⁹. A urgência do seu movimento era em superar o humanismo subjetivista e as interpretações que dele tinham sido feitas naquele tempo histórico.

Segundo Wanderleia Costa e Carmem Diez (2012, p. 1), “Levinas rompe com essa subjetividade solipsista⁴⁰ e vai fazendo filosofia a partir do cotidiano e não a partir de um Eu que restringe a Alteridade à esfera da identidade”. Essas autoras discutem a relação Eu-Outrem na Educação e a necessidade de se pensar em Outrem na formação humana como um despertar e um avivar a sensibilidade, em que o objetivo não é a posse ou o domínio, mas a acolhida das pessoas.

Segundo Simon Critchley (2006, p. 19-20), Levinas gostava de dizer que toda a sua filosofia podia ser resumida nas palavras “*Après vous, Monsieur*”, portanto, “Depois de você, Senhor” (tradução minha). Dessa forma, civilidade, hospitalidade, gentileza e cortesia seriam os ingredientes necessários diante de Outrem. Atos que não recebiam a devida atenção por parte dos filósofos da época.

Emmanuel Levinas foi um filósofo da itinerância⁴¹. Como sua história foi marcada pelo êxodo e exílio, Levinas era um intelectual radical que encarou os conflitos do seu tempo e propôs uma ética singular, na qual a Alteridade seria um

³⁸Que faz referência ao positivismo. Segundo Michael Löwy (1998, p. 17), “O positivismo – em sua figuração “ideal-típica” – está fundamentado num certo número de premissas que estruturam um “sistema” coerente e operacional: 1. A sociedade é regida por leis naturais, isto é, leis invariáveis, independentes da vontade e da ação humanas: na vida social, reina uma harmonia natural. 2. A sociedade pode, portanto, ser epistemologicamente assimilada pela natureza (o que classificaremos como “naturalismo positivista”) e ser estudada pelos mesmos métodos, démarches e processos empregados pelas ciências da natureza. 3. As ciências da sociedade, assim como as da natureza, devem limitar-se à observação e à explicação causal dos fenômenos, de forma objetiva, neutra, livre de julgamentos de valor ou ideologias, descartando previamente todas as prenoções e preconceitos”.

³⁹Relativo a anarquismo. Que ou o que é partidário da anarquia. (DICIONÁRIO PRIBERAM, *online*). George Woodcock (1998, p. 11), utilizando-se da etimologia, expressa que “A origem da palavra anarquismo envolve uma dupla raiz grega: *archon*, que significa governante, e o prefixo *an*, que indica sem. Portanto, anarquia significa estar ou viver sem governo. Por consequência, o anarquismo é a doutrina que prega que o Estado é a fonte da maior parte de nossos problemas sociais, e que existem formas alternativas viáveis de organização voluntária. E por definição, anarquista é o indivíduo que se propõe a criar uma sociedade sem Estado.

⁴⁰O Dicionário de Filosofia de José Ferrater Mora (2001, p. 2732), traz o conceito de solipsismo “como a radicalização do subjetivismo, como teoria – ao mesmo tempo gnosiológica e metafísica – segundo a qual a consciência à qual se reduz todo o existente é a consciência própria, meu “eu só” (*solus ipse*)”.

⁴¹Assim mencionou José André da Costa, professor, filósofo e pesquisador do pensamento de Emmanuel Levinas no Brasil, em entrevista ao Instituto Superior de Filosofia Berthier (IFIBE, 2013)

elemento estruturante da política, na qual os interesses individuais deveriam ser abandonados para gerir o bem comum e diminuir a violência no âmbito da sociabilidade humana (COSTA, 2011).

Segundo José Tadeu Batista de Souza (2014, p. 217), ao longo de seu itinerário intelectual, Levinas não fez apenas uma fenomenologia da história, mas fundamentou e criou, por meio da memória e da experiência filosófica de duas grandes guerras mundiais, “uma proposta de ação e reflexão teórica comprometida na responsabilidade infinita para com o outro”. Essa proposta exigia assumir responsabilidades incondicionais e infinitas para com as outras pessoas, “Disponibilizar-se para o outro, tornar-se próximo no frente a frente seria uma forma originária de produzir o acontecimento do tempo. A temporalização do tempo” (idem).

Além disso, Costa (2011) afirma que Levinas provoca uma nova maneira de pensar e de agir, em que Outrem deve ser respeitado. Quando pensamos, falamos ou agimos, a ética com relação à Outrem deve vir primeiro, “Levinas partiu do princípio de que o ato de pensar possibilita, através da linguagem, a “recepção do outro”. Portanto, Levinas elegeu outro ponto de partida para seu filosofar” (idem, p. 36), a ética e a Justiça perante Outrem em primeiro lugar.

Levinas nos provoca a pensar acerca dessa relação ética com Outrem, a intersubjetividade, não apenas no campo da filosofia. Na Educação, existem muitas searas abertas quando se trata da ética, especialmente relacionada à responsabilidade e ao acolhimento durante o processo de formação dos sujeitos. Nessa perspectiva, o compromisso com a abertura à Alteridade por meio do ato de acolher torna-se, antes de tudo, uma decisão ética.

A dramaturgia do espetáculo foi apresentada aqui como uma forma de compor o arcabouço teórico e conceitual de sustentação deste estudo. Por meio dos textos e dos dramaturgos apresentados neste capítulo encontramos o suporte necessário para criar e enunciar os pressupostos da tese. No capítulo a seguir, apresento a abordagem fenomenológica como método de compreensão pela iluminação e revelação do fenômeno.

Capítulo III

Sobre a iluminação

A Fenomenologia

Ao entrar em cena, fiquei surpreendido pela extraordinária solenidade, ordem e calma que nela reinavam. Saindo da escuridão dos bastidores, senti-me cegar pelas luzes da ribalta, tão intensas que formavam como que uma barreira entre o público e eu. Senti-me protegido e já respirava mais à vontade quando os meus olhos, habituados à luz, começaram a distinguir na obscuridade as caras dos espectadores. (STANISLÁVSKI, 2016, p. 38)

A iluminação tem muitas finalidades no teatro. Ela pode evidenciar aspectos cenográficos; enfatizar as ações que acontecem entre as atrizes e atores, entre eles e os objetos, e suas expressões; é usada para limitar o espaço cênico; e pode ser vista também como uma linguagem. Conforme Cibele Forjaz Simões (2013), a iluminação de um espetáculo, concebido como um “organismo complexo”, tem ainda sua função como instrumento de visibilidade, elemento artístico e expressivo, mas recebe nova função, a de produzir o movimento, pois confere temporalidade ao espaço.

Assim, a luz torna-se um elemento muito importante numa peça, e ela, muitas vezes, auxilia na criação de uma atmosfera que nos inspira e nos ajuda a encenar. Porém, assim como narrado por Stanislávski, ela tem poder, em alguns momentos, de nos cegar.

Na perspectiva de Levinas (2014), para falar de Outrem é preciso uma atitude crítica com relação ao reducionismo da ontologia, ou seja, é preciso olhar atento para o que não aparece como fenômeno à luz do ser, por exemplo, Alteridade reduzida à mesma. De algum modo, ela precisa ser resgatada. Segundo ele,

O dado – separado de tudo o que foi esquecido – não é senão uma abstração cuja posta em cena (*mis-em-scène*) é restabelecida pela fenomenologia. Husserl fala sempre das “viseiras” que deformam a visão ingênua. Não se trata somente da limitação de seu campo de objetividade, mas também do ofuscamento de seus horizontes psíquicos, como se o objeto ingenuamente dado já se velasse os olhos que o percebem. Ver filosoficamente, isto é, sem cegueira ingênua, é deixar a situação concreta do aparecer em favor do olhar ingênuo (esse ainda é o da ciência positiva); é fazer sua fenomenologia; é retornar à preterida em sua “*mis-en-scène*”, que

propicia o sentido do dado e, por trás de sua quiddidade, o seu modo de ser. (LEVINAS, 2014, p. 33-34)

É ir em busca do que não aparece de imediato diante dos nossos olhos, e, sim, na origem e nas circunstâncias concretas da significação. Por tudo isso, me apoio em Emmanuel Levinas (2007, 2009, 2010, 2011, 2014 e 2015), que enxergava na fenomenologia um caminho para reconhecer a voz de Outrem; em Husserl (2001; 2006), que primeiro buscou dar um estatuto de rigor para as ciências humanas⁴²; e Alfred Schütz (1979; 2012), que trouxe a fenomenologia para o mundo da vida, no qual as pessoas se encontram situadas a partir de suas experiências intersubjetivas.

3.1 A luz viva

«Os pontos luminosos que vão ver daqui a pouco vão representar certas coisas que lhe são familiares na vida corrente e, por consequência, igualmente indispensáveis no palco». O estrado e a sala foram mergulhados na total obscuridade. Depois, uma luz apareceu sobre a mesa junto da qual estávamos sentados. Na obscuridade, esta luz viva atraía a atenção. – Esta pequena lâmpada que brilha na obscuridade representa o Objeto Imediato – explicou o diretor. – Recorremos a ele nos momentos de forte concentração, quando é preciso reunir toda a atenção e impedi-la de se dispersar para objetos distantes. (STANISLÁVSKI, 2016, p. 182)

Como compreender um fenômeno quando existe o tempo? Durante todo o processo investigativo o tempo importa, no sentido reflexivo do termo, mas também no sentido prático. Algumas perguntas comuns e frequentes que permeiam a mente da pesquisadora e influenciam na produção científica final: qual é o tempo necessário para observação de campo? Terei o tempo suficiente para observar, coletar e analisar os dados com a dedicação que a pesquisa qualitativa impõe? Noutro sentido, para a filosofia moderna e contemporânea, o tempo tem uma dimensão muito mais além.

Em maio de 1989, na mesa-redonda “O tempo na filosofia e na história”, promovida pelo Grupo de Estudos sobre o Tempo, da Universidade de São Paulo (USP), o professor e sociólogo José Carlos Bruni defendeu que “O tempo existe no mundo sensível como o lugar de passagem, lugar daquilo que não permanece [...]”

⁴²Cf. CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

como o lugar em que nada é permanente” (AUGUSTO, 1989, p. 4). E é por isso que essa noção de tempo da filosofia e da história somada aos estudos filosóficos presentes, nesta pesquisa, complementam a compreensão da realidade e nos capacita a ver o fenômeno do acolhimento de maneira intuitiva.

A Filosofia Contemporânea, segundo César Aparecido Nunes, filósofo e professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), começou a ser produzida a partir de meados do século passado, com o objetivo de transformar o objeto da Filosofia Moderna. Em seus livros didáticos para o ensino da filosofia nas escolas, Nunes (1987, p. 85) expressa que “a filosofia se torna o espaço do humanismo e do discurso crítico com relação aos abusos desta própria ciência e racionalidade”. Para ele, a filosofia procura compreender a complexidade da vida, por meio da busca de sentidos sobre a condição humana, sobre a relação com si, com o outro e com o mundo.

Nesta busca, que chamamos de filosofia, muitos caminhos foram trilhados. São escolas, tendências, correntes filosóficas históricas. Desse modo podemos dizer, para fugir do essencialismo, que não há a Filosofia, mas filosofias, no plural, situadas historicamente e levadas a cabo por homens⁴³ concretos nas possibilidades condicionadas de seu tempo (NUNES, 1987, p. 88).

Sendo a fenomenologia um desses caminhos. Com o objetivo de tornar-se um novo método crítico para apreender a realidade, surge como uma doutrina metafísica da procura do ser, iniciado por Husserl e continuado por Heidegger. Derivada das palavras gregas: *phainomenon*, aquilo que se põe à luz, e *lógos*, que corresponde ao verbo *légo*: reunir, ordenar e a *légein*: dizer. Heidegger⁴⁴ busca, nessas duas palavras, recriar a fenomenologia proposta por Husserl.

Como ciência e método, a fenomenologia de Husserl era uma proposta que envolvia rigor, observação e descrição prévia de um fenômeno, na qual pré-juízos e pré-conceitos sobre ele não faziam parte. Apenas o que era manifestado e apreendido poderia ser teorizado e interpretado. Seu método tinha relação com o mundo dos significados, da experiência. “O mundo secundário é necessariamente dado sob a forma de um horizonte, isto é, acessível a partir do mundo primordial

⁴³César Aparecido Nunes (1987, p. 88), utilizou a palavra “homens”, mas estava se referindo aos seres humanos.

⁴⁴Cf. Obra “Ser e Tempo”. HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Parte I e II. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. 15.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

numa série ordenada de atos e experiências” (HUSSERL, 2001, p.147). Para ele, havia um mundo de significados ilimitados, contudo, o fenômeno limitava-se ao que aparecia como objeto da experiência, manifestava-se à consciência, era fruto de evidências.

Martin Heidegger, aluno de Husserl, deu continuidade ao método de seu mentor, porém, com menos exaltação sobre aquilo que se manifesta e mais atenção àquilo que possibilita as coisas aparecerem. Para Heidegger (2005, p. 66, grifos do autor), "o que, num sentido extraordinário, se mantém *velado* ou volta novamente a *encobrir-se* ou ainda só se mostra "*desfigurado*" não é este ou aquele ente, mas o ser dos entes. O ser pode-se encobrir tão profundamente que chega ser esquecido". Desse modo, seus esforços não foram concentrados na causalidade, mas, sim, na essência do ser.

Para Paula Campos (2007, p. 3), a ideia de fenomenologia é retomada por Heidegger como ontologia, onde "Resgatando a etimologia do termo fenomenologia, o autor intenta pensar o que está em jogo tanto em *phainomenon* quanto em *lógos*". É justamente nesse ponto que as críticas de Levinas se evidenciam com relação a insuficiência da ontologia. Para Ozanan Carrara (2012, p. 403):

A crítica a Heidegger, já esboçada em *Totalidade e Infinito*, é que o ente é visto sempre a partir do ser em geral, isto é, eu o compreendo a partir de sua história, de seu meio, do seu cotidiano. O que escapa sempre à compreensão é o ente. Para Levinas, isso significa que compreender o ente particular é se colocar já além deste particular. O particular não é assumido como tal, mas sua significação é dada pela significação do ser em geral. Destarte, o que é negado aí é a significação do Rosto. Um ente sem Rosto só pode ser definido pela totalidade da qual ele participa. Ao subordinar a relação com o ente (e assim a relação com o Rosto) à relação como ser em geral, a ontologia heideggeriana se torna uma filosofia do neutro. No ser neutro e anônimo, as particularidades perdem sua individualidade. Daí a ontologia heideggeriana ser incapaz de manter a distância, de aceitar o diferente em sua diferença e, assim, de respeitar a Alteridade de outrem.

Porém, apesar das críticas, Levinas manteve contato e certa proximidade com os pensamentos de Husserl e Heidegger em alguns momentos, inclusive, ele afirma que permitiram passagens importantes no seu caminhar e na sua maneira de pensar a ética como uma perspectiva. Em *Totalidade e Infinito*, Levinas (2015), ao

expressar a fenomenologia enquanto método de compreensão pela iluminação e revelação, afirmou que:

A consciência não consiste, portanto, em igualar o ser pela representação, em tender para a plena luz em que essa adequação se procura, mas em ultrapassar esse jogo de luzes - essa fenomenologia - e em realizar acontecimentos cuja significação última - contrariamente à concepção heideggeriana - não consegue desvelar. A filosofia descobre, sem dúvida, a significação dos acontecimentos, mas eles produzem-se sem a descoberta [...] ou sem que o acolhimento do rosto e a obra da justiça [...] possam interpretar-se como desvelamento. (LEVINAS, 2015, p. 14).

Essa consciência pode libertar-nos das verdades absolutas e pode ser fonte para novos sentidos. Mas, consciência apenas não é suficiente, é preciso saber como interpretar os sentidos dados por Outrem e produzir conhecimento a partir da sua Alteridade e humanidade, considerando a realidade e o contexto vivido.

3.2 A fluidez e o movimento das luzes

– É relativamente fácil concentrarmo-nos, na obscuridade, sobre um ponto luminoso. Vamos repetir agora o mesmo exercício com as luzes acesas. (STANISLÁVSKI, 2016, p. 183)

São tantas luzes acesas o tempo todo no mundo contemporâneo que, muitas vezes, fica difícil nos concentrarmos em um ponto específico ou conseguirmos nos mover deslocando apenas um foco luminoso para projetar aquilo que nos ocupa. Para Teresa Kazuko Teruya (2009), com mais recursos, principalmente midiáticos, possuímos novas formas de ver, de ler, de escrever e de nos conectar com outros universos e novos sentidos. Por outro lado, esses recursos também têm contribuído, em certa medida, “para fragilizar a nossa capacidade de conceituar, de pensar e de estabelecer relações dialéticas para a compreensão da realidade social” (idem, p. 156).

Aos poucos vamos percebendo que, cada vez mais, funcionamos em redes e de maneira automatizada. Por exemplo, para fazer uma simples busca de artigos acadêmicos nos ambientes de acesso à produção científica, utilizamos palavras-chaves e essas geram algoritmos. Desse modo, para qualquer coisa teremos um código. Para Pedro Domingos (2017, p. 2), “Um algoritmo é uma sequência de instruções que informa ao computador o que ele deve fazer”. Não por

acaso, “Os computadores são pura lógica. Os números e a aritmética são feitos de lógica, assim como tudo mais que existe em um computador” (p. 4).

Mas, então, a depender dessas pequenas chaves chamadas de transistores, terei, então, todos os textos que necessito para criar um texto sobre determinada temática? Pela lógica, parece que sim. Mas, ainda permaneço pensando naqueles tantos outros textos que poderiam contribuir à minha pesquisa e que ficaram de fora em função da minha escolha de palavras. Por isso, penso ser preciso buscar o que se encontra também à margem do objeto.

Para escolher os modos de pesquisa, da questão mais simples para a mais complexa, como tópicos de investigação e instrumentos de coleta e análise de dados, é importante observar o fenômeno a ser pesquisado, não apenas deslocando o foco luminoso para ele, mas também, a partir do que está a sua volta, “o entorno em que o fenômeno faz sentido” (BICUDO, 2011, p. 30). Reconhecendo, desde o início, que a realidade é “perspectival”⁴⁵. Ou seja, o fenômeno poderá ser compreendido no seu campo de manifestação, mas trará a historicidade da vivência daquele que o observa e compreende.

Na busca do conhecimento sobre os seres humanos e suas relações sociais, o sujeito consciente e ativo utilizar-se-á da experiência imediata como fonte, baseado nessa premissa. Alfred Schütz (1979, p. 55) procurou demonstrar que, se o mundo da vida é um mundo social, então, ele é dado ao indivíduo, bem como a existência de outras pessoas, logo, “todas as Ciências Sociais vêem a intersubjetividade de pensamento e ação como pressuposto. Que existem pessoas, que elas agem em função umas das outras”. Ou seja, o mundo comum da vida cotidiana representa uma realidade interpretada e validada por sujeitos, e não uma realidade objetiva. Para proceder uma investigação da realidade deve-se considerar a perspectiva espacial e temporal.

Por esse motivo, caminhei nesta tese no sentido de experienciar o espaço e o tempo vivido pelos sujeitos investigados a partir do compartilhamento de suas próprias vivências, resultado da memória, da reflexão e do aprendizado.

Minayo (2007) expressa que, para realizar a cartografia de escolhas para reconstrução da realidade, é preciso considerar três dimensões que se interligam entre si: dimensão técnica, ideológica e científica. A primeira diz respeito a escolha

⁴⁵Para Roberto Sidnei Macedo (2010), não existe uma só realidade, e sim, inúmeras interpretações sobre ela. Por este motivo, a fenomenologia considera a verdade provisória, mutável e relativa.

do objeto e os instrumentos investigativos; a ideológica tem relação com a escolha da base teórica motivada por intenções de pesquisa de um sujeito “sempre histórico e socialmente condicionado” (p. 34); e por fim, a científica, dimensão que permite à pesquisa científica superação do senso comum, que também faz parte da compreensão da realidade, para tornar-se objeto de conhecimento, ou seja, “une dialeticamente o teórico e o empírico” (ibidem).

Para Antonio Chizzotti (2001), esse conhecimento advindo das pessoas que participam de uma pesquisa qualitativa deve ser elevado pela reflexão, um exercício que vai da coletividade ao conhecimento crítico. O importante para ele é reconhecer, desde o princípio, que essas pessoas são sujeitos da pesquisa, elas elaboram conhecimento e praticam ações com objetivo de solucionar problemas na sociedade, ou seja, elas possuem conhecimento prático e representações sobre o mundo da vida e, a partir disso, orientam suas próprias ações.

É importante salientar ainda que esta tese foi desenvolvida no seio de um programa interdisciplinar, começou a ser tecida por meio da ideia de interdisciplinaridade como instrumento de ação e cooperação entre pesquisadoras e instituições parceiras, e teve como princípio norteador a produção e a socialização de conhecimento científico. Foi conduzida se apropriando de contributos teóricos e práticos de diferentes áreas das Ciências Humanas e Sociais, de modo que o desafio da interdisciplinaridade tornou-se parte da pesquisa.

Paralelamente, a interdisciplinaridade, como expressa Olga Pombo (2004, p. 11), “tem sido convocada para descrever este domínio do indiferenciado. Ela surge tanto para sancionar essa diluição das fronteiras [...] que todas as posturas disciplinares implicam” e “transversalidade entre conhecimentos que a anulação das fronteiras entre disciplinas pode favorecer.” Ou seja, vai muito além de unir especialistas e disciplinas afins.

Para Denise Rosana da Silva Moraes e Hêlena Paula Domingos (2015, p. 36), “a interdisciplinaridade está sempre situada no campo onde se pensa a possibilidade de superar a fragmentação das ciências”, por meio da disciplinaridade, ainda tão arraigada na produção do conhecimento. De acordo com Pombo (2004), na ciência da atualidade, necessitamos de um olhar transversal sobre os lugares e as coisas para que elas não permaneçam ocultas como quando observadas pelo olhar duramente disciplinar. Com efeito, a realidade somente será acessada por

meio dessa abertura, que pode possibilitar alcançar suas profundezas, onde o retalhamento disciplinar não fará mais parte.

Assim, a tarefa de realizar uma pesquisa interdisciplinar pode ser árdua por natureza, contudo, ela é recompensadora, pois nos faz tomar gosto pela colaboração e cooperação entre pesquisadores, pela pluralidade de saberes e, principalmente, pela busca de novidades epistemológicas que ela pode suscitar. Nesse sentido, procurei vivenciar a interdisciplinaridade por meio da pesquisa qualitativa, que aconteceu em virtude da experiência vivida e desse olhar transversal sobre os lugares, as coisas e as pessoas.

Resumidamente, o modo de produzir na pesquisa qualitativa pode ser realizado em três fases (MINAYO; COSTA, 2019). A primeira fase é a exploratória, etapa em que ocorre a preparação para a ação, ou seja, para o trabalho de campo e, além disso, é quando se define e delimita o objeto. O trabalho de campo é a segunda fase da pesquisa e nela acontece a oportunidade de compreensão da realidade empírica. Por último, a fase de análise e tratamento dos dados, em outras palavras, é o enquadramento da cena, do cenário da pesquisa, em que se unem os dados e realiza-se a interpretação de maneira contextualizada e reflexiva.

De acordo com Chizzotti (2001), a partir da década de 70, as pesquisas experimentais quantitativas, sustentadas pelo positivismo na ciência da época, começam a ser criticadas, principalmente com relação à pretensa neutralidade científica e a vinculação do conhecimento científico às estruturas sociais, os mecanismos de reprodução social e às lutas de classe. Para o autor, foi a partir de novas orientações filosóficas e novas técnicas que se colocaram contra a um único paradigma e legitimação dos conhecimentos.

Foi a partir desse momento que o conhecimento passou a ser considerado dentro de uma realidade sociocultural e as atrizes e atores sociais passaram a ser sujeitos da pesquisa. Segundo Chizzotti (idem, p. 32), revelou-se “a atividade do sujeito cognoscente no processo de conhecimento, com raízes na filosofia da vida de Bergson, no historicismo, na dialética, na filosofia da existência e na fenomenologia”.

A fim de exprimir todos os cambiantes de uma vida em grande parte subconsciente, é absolutamente necessário possuir e dominar um aparelho físico e vocal de uma extrema sensibilidade e cuidadosamente educado. Deverão ser capazes de reproduzir

instantânea e exatamente os sentimentos mais delicados e sutis. Eis a razão por que exigimos de vocês um trabalho muito mais intenso do que o que é pedido a outros atores. Deverão excitar simultaneamente o aparelho psíquico, que lhes permitirá criar a vida interior do personagem, e o físico – que exprimirá com precisão os seus sentimentos. A própria expressão exterior do papel é grandemente influenciada pelo subconsciente. Com efeito, nenhuma técnica artificial pode rivalizar com as maravilhas que opera a natureza.

Investigar, por meio da perspectiva fenomenológica, pode ser uma possibilidade de se conseguir exprimir o sentido dado pelos sujeitos da pesquisa a determinado acontecimento sem ter a pretensão de dissolver a multiplicidade das significações culturais. Por isso, debruçei-me em apreender os sentidos dados pelas mediadoras ao fenômeno do acolhimento a partir de suas próprias reflexões, conscientes e críticas, quanto às atitudes e aos ensinamentos provindos da experiência/vivência dos Círculos.

Busquei compreender como elas foram afetadas pela presença da outra e a humanidade das mulheres que convivem na privação da liberdade. Como elas sentiram a epifania do Rosto da Outra? Elas acreditam que existiu abertura em direção às mulheres, ou seja, houve ruptura do Eu em favor da Outra? Como elas saíram desse processo, como as mesmas que entraram na penitenciária ou elas saíram diferentes? Para responder a essas indagações, foram feitas entrevistas em profundidade com as mediadoras dos Círculos em Movimento, realizadas para e com as mulheres que convivem no sistema prisional.

Sabemos que, mesmo tendo acesso aos métodos e técnicas de investigação já validados, a tarefa de interpretar ainda é limitada, assim como a capacidade de observação. Minayo e Costa (2019) defendem a ideia de que quanto mais aprimorada for a capacidade de compreensão e os instrumentos de pesquisa, mais a pesquisa será compreensiva e válida. Para as autoras, “Interpretar é um ato contínuo que sucede à compreensão e também está presente nela: toda compreensão guarda em si uma possibilidade de interpretação, isto é, de apropriação do que se compreende” (p. 11). Trata-se de uma investigação que busca a aproximação da realidade por meio da interpretação dos sentidos dados.

Para Levinas (2015), as coisas começam a ganhar significado no caminho. “Daí a prioridade da preocupação relativamente à contemplação, ao enraizamento do conhecimento numa compreensão que tenha acesso à <<mundanidade>> do

mundo e que abra o horizonte à aparição do objeto.” (p. 84). Por conseguinte, para ele, “O espectáculo só é fato contemplado na medida em que tem sentido. O significativo não é posterior ao <<visto>>, ao <<sensível>> - por si mesmos insignificantes e que o nosso pensamento amassaria ou modificaria [...]” (idem). Numa perspectiva levinasiana, há necessidade da percepção anteceder a significação.

[...] conteúdos ausentes conferem uma significação ao dado. Mas este recurso à ausência atestaria que a percepção falhou em sua missão de perceber, que consiste em tornar presente, em representar. A percepção, por causa de sua finitude, teria faltado à sua vocação e teria suprido esta *falta*, procurando significar aquilo que ela não pode representar. O ato de significar seria mais pobre que o ato de perceber. De direito, a realidade possuiria imediatamente uma significação. Realidade e inteligibilidade coincidiriam. A identidade das coisas traria a identidade de sua significação. (LEVINAS, 2010, p. 21-22, grifo do autor)

Levinas afirma que “A intuição permanece a fonte de toda inteligibilidade⁴⁶” (idem, p. 23). Por meio dela, podemos acessar a criatividade, envolver-se nas relações, no diálogo, na ação crítica e reflexiva articular e complementar os processos investigativos.

Mediante o exposto, a Fenomenologia foi o método escolhido para produzir a luz viva, a fluidez e o movimento das luzes sob o fenômeno do acolhimento, uma vez que o objetivo de observá-lo estava em apreender a percepção da realidade vivida, utilizando-se da experiência das mediadoras, buscando concentrar esforços na interpretação das subjetividades das mediadoras como condição central na produção de sentido.

Além disso, a construção desta tese se deu de maneira exploratória e interpretativa, isto é, a metodologia aplicada ao estudo foi a pesquisa qualitativa, na qual as falas das mediadoras nas entrevistas em profundidade e na sistematização das experiências dos Círculos em Movimento na penitenciária foram as fontes principais utilizadas para analisar e interpretar o fenômeno estudado.

No próximo capítulo, apresentarei os modos de pesquisa qualitativa utilizados, os tópicos de investigação e os instrumentos de coleta e análise de dados.

⁴⁶Segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa *online*, inteligibilidade é a qualidade do que se consegue entender, do que é inteligível.

Capítulo IV - A arte de representar

O fenômeno do acolhimento do Rosto descortinado pelas mediadoras dos Círculos em Movimento a partir do primeiro contato, o encontro *face a face* com a Outra.

Caminhos metodológicos

Não se pode criar constantemente com a ajuda do subconsciente ou da inspiração: não existe um gênio capaz disso. Eis a razão por que devemos criar conscientemente e com todo o rigor porque é esse o melhor meio de abrir caminho ao subconsciente e, por ele, à inspiração. Quanto mais momentos de criação consciente tivermos no nosso papel, mais possibilidades teremos de encontrar a inspiração. (STANISLÁVSKI, 2016, p. 46-47)

Viver o papel de mediadora ou participar dos Círculos em Movimento são experiências e vivências únicas e transformadoras, uma vez que podem possibilitar momentos de criação consciente. Em outras palavras, caminhos de inspiração e reflexão para discutir sobre a existência e a intersubjetividade humana.

Para compreender o fenômeno do acolhimento de mulheres na penitenciária feminina e, primordialmente, apreender os sentidos dados pelas mediadoras à atitude de acolher a presença da Outra por meio do processo de escuta, reflexão e interpretação de suas falas torna-se o ponto central neste estudo. Ao ouvi-las sobre o que pensam e como compreendem os elementos da mediação sociocultural por meio dos Círculos, procuramos descortinar como, para elas, a solidariedade, a proximidade, a responsabilidade e a ética estiveram presentes na prática e no seu papel de mediação, e como, a partir da abertura intencional e consciente à Outra, elas se perceberam no final.

De acordo com Minayo e Costa (2019), a vivência é resultado da reflexão sobre a experiência, é de cunho pessoal e depende de vários fatores como personalidade e trajetória existencial, mas, necessariamente, acontece de modo singular, sujeito à influência do coletivo. A experiência, segundo os autores, “Por ser constitutiva da existência humana [...] alimenta a reflexão e se expressa na linguagem” (ibidem, p. 9). Por isso, é fundamental compreender o sentido da experiência, no qual a capacidade de sentir pode integrar essa interpretação.

[...] a arte do teatro é capaz de entusiasmar os espectadores e de lhes fazer compreender e sentir profundamente o que se passa no

palco, enriquecendo assim a sua vida interior e deixando-lhes impressões que o tempo não apagará. (STANISLÁVSKI, 2016, p. 51)

Verbo fundamental da pesquisa qualitativa, compreender as experiências pode trazer a intensidade necessária para operar com as práticas e narrativas, de modo a perceber “o fato de que a linguagem e representação, discursos e enunciados, são parte vital das práticas, eles mesmos são práticas, e estas se impõem aos sujeitos.” (FISCHER, 2007, p. 65).

A pesquisa qualitativa necessita ter compromisso com a crítica, por isso que as narrativas formadas e acessadas nas entrevistas neste estudo são analisadas com sensibilidade, mas também com consciência e criticidade, nas quais procuramos reescrever a história de nós mesmas por meio da experiência do acolhimento. Nas palavras de Rosa Maria Bueno Fischer (2007), é...

“[...] aceitar inicialmente a suposta obviedade do objeto, da temática; depois, duvidar dessa condição de óbvio e construí-lo como histórico [...] Pensar e analisar as práticas [...] aceitar que não destruiremos o grande mal, nem faremos o irromper o grande e belo absoluto da total libertação; significa que, modestamente, podemos estar participando de uma reescrita de nós mesmos, do estabelecimento de uma nova prática. Melhor? Não o sabemos. O certo é que a história, como quer Foucault, é o que fazemos dela”. (FISCHER, 2007, p. 66-67).

Utilizando-me do método fenomenológico, considerei a realização das entrevistas em profundidade como técnica para conhecer e compreender mais sobre os sentidos dados pelas mediadoras que vivenciaram o fenômeno do acolhimento com Alteridade e responsabilidade ética, para ter a prosperidade da experiência, da vivência e do significado da ação social desenvolvida por meio dos Círculos em Movimento desenvolvidos na penitenciária feminina de Foz do Iguaçu-PR.

4.1 Entrevistas em profundidade

Na generalidade, as pessoas não fazem nenhuma ideia de como observar os jogos fisionômicos, o olhar, a voz do interlocutor para compreenderem o seu estado de espírito. Não sabem nem apreender as verdades complexas da vida nem ouvir o que escutam. Se o soubessem a vida ser-lhes ia muito mais fácil e atraente e – no caso dos atores – o seu trabalho de criação imensamente mais rico, sutil e profundo. (STANISLÁVSKI, 2016, p. 219-220)

Para a realização das entrevistas com as mediadoras, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, com sede em Cascavel - Paraná, sendo apreciado e autorizado em 12/07/2020, sob Parecer nº 4.084.252 (Anexo 1).

Ainda nesse processo, foram adicionadas assinaturas das duas instituições co-participantes desse projeto de pesquisa. A constar da Diretora da Penitenciária Feminina de Foz do Iguaçu, em função da utilização do espaço prisional como campo de estudo, vinculado indiretamente ao objeto de pesquisa, e do Reitor da UNILA, em virtude desse projeto de extensão ter sido coordenado por mim naquela universidade, na qual atuo desde 2011, na função de Técnica em Assuntos Educacionais.

A entrevista é a técnica mais usada na pesquisa qualitativa com relação ao trabalho empírico para obter dados sobre um objeto de investigação, ou seja, informações que “expressam modos de pensar, sentir, agir e projetar o futuro por parte de uma pessoa ou de um grupo, no entanto elas têm uma base sociocultural” (MINAYO; COSTA, p. 13). A fala da entrevistada pode representar condições históricas, socioeconômicas e culturais dela e do grupo do qual ela faz parte.

A técnica de entrevistas não-diretivas, abertas ou em profundidade possibilita uma interlocução com maior liberdade e proximidade. À medida que a narrativa conduz a uma reflexão em profundidade, é possível acolher a intensidade vivencial do fenômeno em discussão. Os objetivos principais dessa técnica, de acordo com os autores (idem, p. 15), podem ser: “descrição do caso individual; (b) compreensão das especificidades culturais do grupo social ao qual o indivíduo pertence; e (c) complementaridade dos diversos casos ou comparação entre eles”. Dessa forma, a técnica escolhida permitiu a exploração dos aspectos afetivos, tão relevantes a este estudo.

De acordo com Chizzotti (2001), as entrevistas não-diretivas baseiam-se no discurso livre da entrevistada, confirma o pressuposto de que a informante pode exprimir com clareza dados sobre a experiência e revelar informações fidedignas tanto do aspecto da singularidade quanto da historicidade das ações, atos ou ideias. Entretanto, segundo ele, os principais cuidados para implementação da técnica são: tomar cuidado nas intervenções, intervir apenas quando necessário, a partir de

discretas interrogações; proporcionar um diálogo descontraído, por meio do qual a fala possa fluir sem receios ou constrangimentos. Para assegurar a cientificidade da técnica, Chizzotti (2001, p. 94) recomenda “a qualidade das informações recolhidas, seu registro e a redução do volume de dados a elementos passíveis de análise”.

Para me auxiliar na realização das entrevistas, me preparei previamente, elaborei um roteiro de entrevista e encaminhei com antecedência ao comitê de ética da universidade, o mesmo foi aprovado pela instância colegiada. Conforme Anexo 2, o roteiro continha algumas questões abertas e oferecia ampla liberdade para a entrevistada e para a pesquisadora, garantindo a flexibilidade e ampliação do diálogo em torno da temática. As entrevistas foram realizadas durante o período de pandemia COVID-19, por isso elas aconteceram por meio de videoconferência. Para posterior transcrição e análise, a gravação audiovisual das entrevistas encontram-se salvas em sistema eletrônico.

4.2 Análise Ideográfica e Nomotética

«De todos os sentidos, o mais apurado é o da vista e depois o do ouvido. É através deles que recebemos mais diretamente as impressões do exterior. Alguns pintores são dotados de um sentido visual de tal ordem que são capazes de fazer de memória o retrato de uma pessoa que não vêem há muito tempo. Alguns músicos podem transcrever inteiramente de memória uma sinfonia que só ouviram uma vez. Os atores possuem a mesma faculdade de poder fixar na memória impressões visuais e auditivas que poderão utilizar mais tarde: um rosto, uma expressão, uma silhueta, uma forma de andar, maneiras, gestos, uma voz, inflexões... Além disso, certas pessoas, sobretudo os atores, são capazes não só de evocar, de reproduzir recordações reais, mas ainda de fazer a mesma coisa com recordações imaginárias. Alguns apoiam-se na sua memória visual, outros na auditiva – para provocar uma impressão.» (STANISLÁVSKI, 2016, p. 373-374)

Entre a experiência vivida e as entrevistas em profundidade passaram-se aproximadamente seis meses, um tempo considerável para lembrar de detalhes do projeto. Porém, os momentos que vivemos na penitenciária foram tão intensos que as falas das entrevistadoras fluíram de maneira diferenciada, trazendo à tona recordações afetivas e marcantes dos Círculos. Algumas realizaram registros e conseguiram sistematizar a experiência por meio da ficha de recuperação de aprendizagens, outras recuperam detalhes ao longo das entrevistas.

De acordo com Minayo e Costa (2019, p. 12), a análise de dados não pode ser superficial nem representar “duplicação organizada do que foi ouvido e registrado pelo pesquisador de campo [...] é preciso espanar a preguiça intelectual tão nociva quando promove trabalhos qualitativos superficiais”. Segundo eles, o trabalho de análise possui algumas etapas decisivas, são elas:

- A. ordenação e organização do material, tanto das entrevistas como da observação;
- B. classificação dos dados ou categorização, “busca das unidades de sentido” (p. 27), etapa que tem como objetivo buscar o sentido em tudo aquilo que foi dito e vivenciado;
- C. contextualização dos termos destacados. Nesta etapa, os autores defendem a ideia do pesquisador “se desprender (do material empírico) para atingir a “segunda ordem” que é a elaboração dos significados do conjunto de atores” (p. 28);
- D. interpretação ou problematização, representa o retorno, de forma compreensiva e crítica, às teorias, elementos históricos e contextuais de toda a pesquisa.

No caso específico deste estudo, além do material empírico reunido por meio das entrevistas, utilizei as fichas de recuperação de aprendizagem, preenchidas pelas mediadoras após cada experiência dos Círculos em Movimento desenvolvido durante o projeto na penitenciária, como material secundário de análise. Procurei proceder a pesquisa qualitativa segundo a abordagem fenomenológica, principalmente a partir das contribuições de Maria Aparecida Viggiani Bicudo, Débora Candido de Azevedo e Taís Alves Moreira Barbariz (2017), que buscaram expôr e explicitar os modos de proceder uma pesquisa qualitativa com atitude fenomenológica, à luz do pensamento husserliano. Conforme as autoras,

O proceder fenomenológico caminha por *reduções* quando se reúnem sentidos e significados em articulações que revelam aspectos mais abrangentes do que esses sentidos e significados, tomados em sua individualidade, evidenciando o que temos entendido como teorização. É uma reunião do compreendido e que expressa o logos presente no pensar articulador. (BICUDO; AZEVEDO; BARBARIZ, 2017, p. 24, grifo das autoras).

Para elas, o fenômeno é dado no momento da percepção, porém, ele requer a consciência, palavra-chave para a fenomenologia, que diz respeito à intencionalidade, a estar atento aos sentidos das palavras e à produção de significados. Desse modo, numa entrevista fenomenológica, a consciência pretendida aqui é aquela proveniente de um movimento que envolve a percepção da entrevistada por meio de um “processo reflexivo, que é o de voltar-se sobre si e seus atos, [...] requer que o sujeito que percebe o fenômeno relate sua vivência que se dá no ato de perceber” (idem, p. 25).

O que foi percebido é, então, manifestado. Nesse sentido, a interrogação dará origem às descrições daquilo que foi vivido. Para a pesquisa qualitativa fenomenológica, que busca a descrição das vivências pessoais, é importante fazer com que as entrevistadas relatem suas vivências conforme a interrogação da pesquisadora (idem, p. 27), para, assim, guiar o restante do trabalho de análise e para proceder a sistematização dessas experiências.

Para articular as ideias, com relação aos sentidos e significados percebidos e manifestados por cada uma das entrevistadas, procurei realizar a Análise Ideográfica, “Trata-se de um movimento analítico que tem como referência a observação de ideias que convergem para um mesmo significado; (isto só é possível, após uma leitura exaustiva das descrições/falas/depoimentos/textos).” (BASTOS, 2017, p. 447). Refere-se a análise das ideias considerando os limites das descrições individuais.

Feito isso, o passo seguinte foi a Análise Nomotética, que trabalha a favor da convergência das ideias nucleares do fenômeno investigado, é o momento de interpretação do fenômeno. “A análise nomotética configura-se como uma passagem das ideias individuais dos sujeitos para o entendimento geral sobre o que se pesquisa, isto é, uma síntese integrativa.” (idem). Tanto a Análise Ideográfica quanto a Nomotética foram realizadas a partir das leituras/interpretações das fontes e da construção das unidades de significados.

Dessa maneira, essa pesquisa qualitativa fenomenológica teve como pressuposto a captação e a compreensão da abertura à Outra, ou seja, do fenômeno do acolhimento, a partir da análise do que pensam as mediadoras sobre esse acontecimento experienciado por elas dentro de um espaço destinado à privação de liberdade de seres humanos.

No capítulo seguinte, apresento como se deu a implementação do projeto de extensão na penitenciária, a atividade do Círculo em Movimento e os perfis das participantes, a constar: das mulheres em situação de privação de liberdade, das trabalhadoras do sistema prisional (policiais penais) e das mediadoras.

Capítulo V - Sobre a peça

Os Círculos em Movimento como possibilidade de pertencimento, conscientização, justiça e não-violência em ambientes prisionais

– Acima de tudo, devem procurar na arte o que é puro e tentar compreendê-lo – disse-nos ele. – Eis a razão por que vamos abordar esta discussão a partir dos elementos que considero mais construtivos desse espectáculo [...] tanto os atores como os espectadores foram absolutamente dominados pelo que se passava no palco. É em tais momentos felizes que reconhecemos a arte de viver o papel. (STANISLÁVSKI, 2016, p. 42)

Para Vássina e Labaki (2015), o que mais impressiona na obra e vida de Stanislávski, além de ele ser responsável pela criação de um novo modo de fazer teatro, desde o plano estético, ideológico e prático, era o que o teatro representava. Para ele, o teatro era uma verdadeira arte coletiva. Um espetáculo, uma peça, era uma produção coletiva.

Stanislávski lutou, dentro e fora dos palcos, por condições de trabalho decentes e confortáveis para as trabalhadoras e os trabalhadores da arte e para que os espetáculos estivessem ao alcance do público. Inclusive, “o nome original da companhia era Teatro de Arte de Moscou Acessível a Todos. No seu estatuto, dois objetivos principais: primeiro, a criação de um novo tipo de teatro ao alcance do público democrático que desejasse tomar consciência” (VÁSSINA; LABAKI, 2015, p. 30-31). Na visão de Stanislávski, por meio da arte o povo poderia tomar consciência dos problemas de seu país e deixar de ser uma espectadora ou um espectador passiva(o), uma mera ou um mero apreciador(a) de arte dramática, para se tornar co-criador(a) do espetáculo.

Na penitenciária, pudemos perceber a necessidade da coletividade. Ampliar o projeto para as policiais foi um modo de trazer todas as mulheres para a peça, de fazer a unidade inteira se envolver com a montagem do espetáculo e não se sentirem apreciadoras e sim co-criadoras do projeto. Portanto, o elenco que compõe essa peça na Penitenciária Feminina de Foz do Iguaçu-PR são as mulheres em situação de privação de liberdade, as trabalhadoras do sistema prisional (policiais penais) e as mediadoras (facilitadoras) dos Círculos em Movimento.

5.1 O elenco

Durante o primeiro ato o ator toma conhecimento do seu texto, tornam-se mais íntimos em seguida, querelam-se, reconciliam-se. Por fim, desta aliança nasce a personagem. O encenador facilita este encontro. O ator está então sob a influência do seu papel, que afeta toda a sua vida. [...] Analisando este processo, descobrirão que a natureza é regida por leis precisas, quer se trate de um fenômeno biológico ou da imaginação. Não poderão perder-se se compreenderem esta verdade, e se tiverem confiança na natureza. Não tentem imaginar «novos princípios», «novas bases» ou uma «nova arte». As leis da natureza são universais [...] (STANISLÁVSKI, 2016, p. 659)

No projeto de extensão, percebemos a necessidade do conceito de comunidade, por isso, inclusive, que seu nome fala em mulheres que convivem no sistema prisional e não apenas mulheres em privação de liberdade. Falamos de um mundo no qual a liberdade tem limites, no qual algumas podem sair para ir para casa, dormir e descansar, e outras permanecem, mas, ainda assim, comum. As policiais “também estão naquela mesma condição, porque provavelmente muitas delas acabam tendo maior tempo ali na penitenciária do que com suas próprias famílias” (Entrevista em profundidade - 10/07/2020 - Vitória).

Por meio dos termos comunidade e coletividade, queremos falar de consciência do mundo. Para Freire (2019, p. 22), isso somente é possível buscando-a num mundo comum, conscientizar-me depende do movimento de “comunicar-se com o outro. O isolamento não personaliza porque não socializa. Intersubjetivando-se mais, mais densidade ganha o sujeito”. Portanto, por meio da ação comunitária e coletiva, ganharíamos todas no processo.

5.1.1 As mulheres em situação de privação de liberdade

Nós tínhamo-nos calado e esperávamos o erguer do pano. Maria estava sentada no meio do proscênio, de *rosto* sempre escondido nas mãos. A atmosfera solene e o longo silêncio que se seguiu começavam a tornar-se pesados. Ela sentiu que era preciso fazer qualquer coisa. Começou por retirar uma das mãos do *rosto*, depois a outra, e ao mesmo tempo baixou tanto a cabeça que não lhe víamos mais do que a *nuca*. Ficou assim um grande momento. Era penoso, mas o diretor esperava num silêncio decidido. Consciente da crescente tensão, Maria olhou a sala, mas voltou logo à cabeça. Não sabendo para onde olhar, não sabendo que fazer, pôs-se a mudar de posição, a sentar-se de uma e de outra maneira, inclinando-se para trás, endireitando-se, a curvar-se para a frente, a

puxar para baixo a saia demasiado curta, a olhar fixamente um ponto do soalho... O diretor ficou um longo momento imperturbável; finalmente, deu ordem de baixarem o pano. (STANISLÁVSKI, 2016, p. 88-89, grifo meu)

Na obra “Entre-nós” (2010), Levinas expressou que Rosto era uma palavra usada em sua filosofia para trazer a ideia de Outrem na sua singularidade, diferente de Outrem como Eu Mesma e que ela não deveria ser entendida de modo limitado. E responde a um questionamento feito a ele, se “a nuca é um rosto...” (LEVINAS, 2010, p. 266). Para responder que ele via a nuca como o contrário de Rosto, Levinas cita obras do escritor israelense David Grossman (Jerusalém, 1954), conhecido por uma escrita pacificadora e por defender que a literatura é um instrumento de resgate da dimensão de humano nos conflitos. Grossman retratou, em pelo menos duas de suas obras, a respeito do envio de cartas e pacotes dos presos políticos em Moscou aos amigos e parentes. Na ocasião, as pessoas liam esses papéis apoiadas sobre a nuca da pessoa que a precedia na fila, eram palavras que traziam sofrimentos, mas também esperanças.

– Grossman não diz que a nuca seja um rosto, mas que nela se lê toda a fraqueza, toda a mortalidade, toda a mortalidade nua e desarmada do outro. Ele não o diz assim, mas o rosto pode tomar sentido a partir do que é “contrário” do rosto! O rosto não é, pois, cor dos olhos, forma do nariz, frescor das faces, etc. (LEVINAS, 2010, p. 266).

Logo, a descrição a seguir, não fala dos Rostos das mulheres em situação de privação de liberdade, mas, sim, apresenta somente as características principais de um grupo específico contido no sistema prisional, fala-nos de um perfil descrito com base em dados quantitativos, geralmente disponibilizados pelo próprio sistema de justiça. Dessa forma, os dados apresentados na linha a seguir, sobre o perfil das mulheres em situação de privação de liberdade, corresponde apenas à nuca, jamais ao Rosto daquelas mulheres que tivemos a oportunidade de encontrar por meio dos Círculos.

De acordo com o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (SANTOS, 2017a, p. 53), referente ao ano de 2014, apenas 12% das pessoas em situação de privação de liberdade estavam envolvidas em atividades educacionais, de ensino escolar e atividades complementares. Com relação às mulheres, o

levantamento Infopen Mulheres (SANTOS, 2017b) apontou que, em junho de 2014, existiam 5.703 mulheres em atividades educacionais formais e complementares, representando 25,3% da população total de mulheres. Desse total, apenas 6,8% participava de atividades educacionais complementares (videoteca, atividades de lazer e cultura) naquele período.

No mesmo relatório, Infopen Mulheres, foi apresentado o perfil das mulheres em situação de privação de liberdade no Brasil, destacando que duas em cada três presas eram negras (67%), na maioria jovens e presas pelo crime de tráfico de drogas (idem). Para a criminologia crítica, segundo Alessandro Baratta (2002), o sistema penal contribui para a manutenção e reprodução das desigualdades sociais.

Para Carla Akotirene (2020, p. 19), quando se pensa em gênero na prisão, “a pena de privação de liberdade tem sido mais cruel a elas do que aos homens”, e quando se pensa em raça, tem sido mais cruel para as mulheres negras do que as brancas. Com suas palavras, a autora descreve a diversificação das opressões em função da raça.

Na cadeia, pude perceber a persistência dos estigmas e capitais que colocam socialmente mulheres negras e não negras em situação de desvantagens ou privilégios, e a franquia de prerrogativas para uma parcela minoritária de mulheres brancas, a despeito das outras aglomerações, impostas a um cumprimento penal enrijecido pelo racismo da instituição.

Por isso mesmo, não será possível apresentar o perfil de pessoas em situação de privação de liberdade, em especial mulheres, sem ao menos apontar para o funcionamento do racismo e do sexismo na prisão, ou, ainda, sobre as estruturas políticas desiguais e as práticas de poder e de dominação vividas nas relações sociais desse cenário apresentado.

Além disso, foi preciso me manter atenta com relação aos dados quantitativos e qualitativos pesquisados e a ausência deles também, para evitar as distorções e as interpretações fragmentadas em torno da intersecção entre raça, gênero, classe e sexualidade.

Procurei caminhar pela interseccionalidade e reconhecer o privilégio da branquitude⁴⁷, do qual faço parte, assumindo-o como meu lugar de fala⁴⁸. Isso porque, ao escutar a pesquisadora Liv Sovik, na conferência de abertura do oitavo Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação, no ano de 2019, em Canoas - RS, percebi a importância desses posicionamentos na ordem prática do fazer pesquisa e extensão, no desafio do conhecimento diante dos novos modos de ser e estar da contemporaneidade, por meio de “outras epistemologias”⁴⁹.

Assim, como para os Estudos Culturais, concordo com Stuart Hall (2009, p. 330), quando diz que: “significados são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim”. Logo, procurei conhecer as dimensões interseccionais, os direitos das pessoas LGBTQIA+ e as boas práticas para o seu acolhimento nas prisões brasileiras, conforme a Resolução conjunta nº 1/2014 (BRASIL, 2014b).

Especificamente, tratando-se das participantes do projeto, considerando que o foco da ação de extensão não era a pesquisa em si e sim as práticas circulares, acabamos por não ter investigado a fundo os critérios utilizados pela equipe administrativa da penitenciária para definir as 25 mulheres participantes da atividade. Recordo-me apenas que a maioria era jovem e poucas eram negras. Lembro-me de duas ou três mulheres com 50 anos ou mais.

Para Ana Maria Marques (2020, p. 7), “Estudar é uma maneira de reduzir a pena no sistema carcerário: a cada 12 horas frequentadas na escola é abatido 1 dia do total de pena”. Porém, nem todas as atividades educacionais podem ser utilizadas para remissão, no caso da nossa, caracterizada como complementar, não foi possível utilizá-las como forma de redução de pena. Entretanto, a metodologia do Círculo em Movimento tem a prerrogativa de respeitar a decisão do participante em querer participar ou não, ou em deixar o processo circular a qualquer tempo. Por

⁴⁷De acordo com Lia Schucman e Lourenço Cardoso (2014, p. 5), “A branquitude significa pertença étnico-racial atribuída ao branco. Podemos entendê-la como o lugar mais elevado da hierarquia racial, um poder de classificar os outros como não-brancos, dessa forma, significa ser menos do que ele.”

⁴⁸‘Lugar de fala’ é também o entendimento de que todas as pessoas estão inscritas em determinados contextos discursivos, inclusive as que sempre estiveram no diagrama saber-poder, e pode expressá-lo para qualquer tema. Assim, o homem branco pode refletir criticamente sobre mulheres e racismo, mas o fará a partir do lugar que ocupa, isto é, do lugar de quem foi/é beneficiado por essa estrutura. Contudo, sua fala também jamais será equivalente à da mulher negra; e não se pode querer que seja, uma vez que é impossível assumir a fala do outro. (SANTOS, 2019, p. 361).

⁴⁹Cf. Conferência de Abertura do 8º SBECE Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/branquidade-e-racializacao-qual-e-o-lugar-da-educacao/>. Acesso em: 30 jul. 2021.

consequência, ninguém pode participar de um Círculo de maneira obrigatória, fica a critério do participante sua permanência na prática.

A pedido das próprias internas, nos esforçamos para não haver choque de horário entre as atividades de ensino e os Círculos, para que elas não precisassem escolher ou faltar à prática. Para a participação daquelas que foram selecionadas restaria apenas o querer. Entretanto, sabe-se que este “querer” no espaço da prisão é limitado e subjetivo. Assim, afirma Marques (2020, p. 8),

Frequentemente, as agentes prisionais alegam que as mulheres presas não querem sair de suas celas para estudar por motivos diversos (emocionais ou físicos), mas quando elas vão, dizem que não foram chamadas ou foram convocadas em cima da hora e não conseguem arrumar-se a tempo ou a contento ou, ainda, que a maneira como foram chamadas mostrou-se pouco convidativa. Enfim, às vezes, a situação prisional é desestimulante e desesperadora. A motivação tem de ser uma constante, nem sempre as mulheres presas encontram essa força por si.

Além disso, a prisão é um lugar onde tudo já parece estar estabelecido. O horário, o como, o onde e o que fazer já precisam estar bem definidos, nada pode sair do controle e da vigilância. Nós mesmos, na condição de mediadoras, fomos literalmente trancafiadas numa sala, sem banheiro e sem água, para realização das atividades. Descreveu José Leme (2002, p. 117), “Adentrar um presídio é saber que teremos nossas vontades e nossos desejos reprimidos. Só avançamos quando é permitido. Só teremos acesso a espaços que não revelem os segredos da prisão”.

O acesso a essas 25 participantes, por meio deste projeto de extensão, não garantiu de forma alguma a expressão real do universo de mulheres da penitenciária feminina de Foz do Iguaçu, tão pouco permitiu que conhecêssemos suas angústias e desejos dentro do sistema. O que nos foi possível, por meio dessa experiência, foi observar a responsabilidade da sociedade, da universidade e das demais instituições em querer promover novas sociabilidades entre as mulheres que convivem no sistema prisional, a partir do depoimento das mediadoras dos Círculos em Movimento e, sobretudo, analisar como acontece o fenômeno do acolhimento por aquelas que decidiram pelo agir solidário e justo nessa realidade periférica.

5.1.2 As trabalhadoras do sistema prisional

Ele fez um ar zangado, pondo-se rígido e abrindo muito os olhos. Andava com passo firme batendo com os tacões. Falava com voz rude querendo dar uma impressão de força e autoridade para exprimir o sentido do dever. (STANISLÁVSKI, 2016, p. 282)

Conforme o Manual do Agente Penitenciário⁵⁰, ao ser admitida como funcionária pública, a policial penal⁵¹ “realiza um importante serviço público de alto risco, por salvaguardar a sociedade civil contribuindo através do tratamento penal, da vigilância e custódia da pessoa presa [...]”. Além de apresentar a natureza do trabalho, o documento apresenta as atitudes e condutas do profissional, atribuições, direitos e proibições, princípios éticos, técnicas e táticas de segurança, procedimentos e legislações aplicáveis. Além disso, as policiais penais,

Devem ter atitudes estratégicas e criteriosas, para corroborar com mudanças no trato do homem preso, e realizá-las em um espírito de legalidade e ética. [...] É necessário, finalmente, aos Agentes Penitenciários reconhecerem as contradições inerentes à própria função; as possíveis orientações que variam conforme os pressupostos ideológicos de cada administração, pois, devem transcender a estas questões a fim de contribuir para a promoção da cidadania e assumir definitivamente como protagonista de seu papel de ordenador social, de funcionário público honrado. (DEPEN, 2020, p. 1).

No texto base desse documento consta a definição de “ética profissional”, no qual “A Moral é o conjunto de normas que indica ao ser humano o bom exercício de suas responsabilidades e que guia o homem para a realização da natureza para o qual foi criado” (idem, p. 5) e a ética é o conjunto de preceitos acumulados por meio experiência da humanidade em busca da perfeição humana. Dessa maneira, “Ética e Moral direcionam e ensinam ao homem o reto comportamento com a família, com a profissão, com a sociedade, com Deus”. O documento afirma também que os sujeitos podem atingir a felicidade quando ética e moral estão presentes no

⁵⁰Disponível em: http://www.depen.pr.gov.br/arquivos/File/manual_agente_pen.pdf. Acesso em: 14 dez. 2020.

⁵¹A mudança na nomenclatura de agentes penitenciários para policiais penais se deu a partir da EMENDA CONSTITUCIONAL Nº 104, de 04/12/2019, que altera o inciso XIV do caput do art. 21, o § 4º do art. 32 e o art. 144 da Constituição Federal, para criar as polícias penais federal, estaduais e distrital. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc104.htm. Acesso em: 10 dez. 2021.

indivíduo, ou podem produzir “a decadência ou a degeneração humana”, quando ética e moral encontram-se ausentes na criatura humana.

Partindo do que se entende por ética profissional no exercício da profissão do policial penal, segundo o próprio manual de conduta citado no parágrafo anterior, mas também o entendimento de que a prisão é uma instituição de controle, é preciso perceber as policiais como trabalhadoras que necessitam atuar por meio dos mecanismos de controle social, pautados na vigilância extrema. Ou seja, a essas trabalhadoras fica incumbida, obrigatoriamente, a tarefa de preservar a ordem interna daquela instituição.

Autores como Erving Goffman (2001), Michel Foucault (2011) e Francesco Carnelutti (2013), já descreveram de várias formas o que o ambiente hostil de uma prisão pode fazer com a vida das pessoas, incluindo marcas irreparáveis nos sujeitos que convivem no sistema prisional. A ressocialização de presos, conforme aponta Silvio José Bondezan (2011), gera gastos que os governantes não estão nem estiveram interessados em manter a longo prazo e o resultado é a precarização do trabalho do policial penal.

No Estado do Paraná, a política penal, herdada da década de 1990, deixou clara a relação do sistema penitenciário com os interesses do mercado, na qual, as parcerias público-privadas, implantadas em algumas penitenciárias do Paraná, colocaram em questionamento o ideal de ressocialização: as terceirizações dos presídios não serviram para baixar o custo da manutenção com os detentos, como pretendiam os governantes, porém oneraram o sistema, trouxeram precarização do trabalho penitenciário especializado e não produziram efeito algum no comportamento geral da massa carcerária.

O ano do desenvolvimento do projeto culminou com um momento de diversas mobilizações de policiais penais no Estado do Paraná por melhores condições de trabalho. O principal ponto de reivindicação era com relação à deficiência no número de policiais nas unidades penais. Deficiência que pode gerar acúmulo de serviço, levando ao esgotamento físico e mental das policiais, estresse, ansiedade, e outros transtornos característicos (VARELLA, 2012). Durante as práticas, ficou evidenciado tal deficiência apontada quando as participantes, por diversas vezes, recebiam recados pelo comunicador portátil e precisavam se ausentar da atividade para

atender alguma ocorrência, ou quando a ação tinha sido cancelada por falta de efetivo.

Conforme as entrevistadas, as policiais não conseguiram participar plenamente dos Círculos em função das condições de trabalho. A implementação de projetos de Justiça Restaurativa (JR) no sistema prisional prevê a participação delas como facilitadoras de Círculos, ideia que já vem sendo desenvolvida em outros projetos semelhantes ao nosso, inclusive nas unidades prisionais paranaenses. Algumas policiais que participaram do nosso projeto conheciam a metodologia porque já haviam participado de capacitações em JR na unidade.

Porém, foi possível compreender que a disposição e a motivação em participar de atividades dessa natureza das policiais penais foi diferente das mulheres em privação de liberdade. No caso das internas, os Círculos podem ter representado uma fuga da rotina carcerária, um momento de esquecimento da condição de presa, ou, ainda, um espaço de conexão com o mundo exterior. Mas no caso das policiais, considerando o que elas estavam passando com relação às circunstâncias laborais e aos conflitos entre equipes após o suicídio da colega de profissão, os círculos podem ter representado, a princípio, mais uma tarefa na rotina. Para as entrevistadas, elas estavam sentadas em Círculo, mas estavam ainda trabalhando.

Contudo, elas chegaram a revelar que os Círculos foram recebidos como um alívio diante daquela rotina e daquele momento de luto. Demonstrando, outra vez, a necessidade de que elas sejam vistas e ouvidas naquele lugar, que elas também têm problemas e precisam de acolhimento. Relataram ainda que poucas atividades com esse propósito são destinadas à elas, que a maioria são voltadas exclusivamente para as internas e, por isso, sentiam-se esquecidas pelas universidades e instituições públicas.

Mais importante do que qualquer objetivo de uma ação extensionista, naquele momento trágico, após a morte da colega de serviço, a prática dos Círculos em Movimento serviu para falar sobre a dor da perda, sobre suas trajetórias de vida e para que elas pudessem se escutar como seres humanos que pertencem a um mesmo grupo de pessoas, aquelas que convivem num sistema maior: o sistema prisional.

5.1.3 As mediadoras

Quando as reações do ator são mais fortes, a inspiração pode aparecer. Mas não percam tempo a perseguir uma inspiração que uma vez, por acaso os favoreceu. Não mais a encontrarão, tal como os dias passados, as alegrias da infância ou o vosso primeiro amor. Reúnam todos os esforços para criar uma nova inspiração. Não há razão para que ela seja pior que a de ontem. Talvez que não seja brilhante mas, ao menos, estará presente. Terá talvez surgido naturalmente das profundezas da vossa alma para provocar a faísca criadora. Quem pode dizer qual das manifestações da verdadeira inspiração é a melhor? São todas esplêndidas, cada qual a seu modo, somente porque são inspiradas.» (STANISLÁVSKI, 2016, p. 384-385)

“Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas.” Assim Eduardo Galeano (1995, p. 10), descreveu as pessoas e suas luzes próprias em “O livro dos abraços”. No trecho “O mundo”, Galeano conta a história de um homem que, ao subir no alto de uma montanha, no litoral colombiano, e contemplar a linda paisagem e a vida humana, revela: “- O mundo é isso [...] Um montão de gente, um mar de fogueirinhas”. Para mim, essa história representa como eu vejo as mulheres que aceitaram mediar as práticas circulares na penitenciária a partir do projeto de extensão. Para mim, elas são fogueirinhas que sentem o vento no seu Rosto e no Rosto da Outra.

Foram meses trabalhando ao lado dessas fogueirinhas, tentando entender o que havia em comum entre nós para que buscássemos ações como essas. Aparentemente não havia retorno algum, essas ações eram sem fins lucrativos, que inclusive nos geravam alguns gastos, como os de transporte até a penitenciária, lugar bastante afastado do centro da cidade; de alimentação para as participantes, que fazíamos questão de oferecer como uma forma de demonstrar carinho e cuidado; além do tempo e da disposição física e mental para a mediação.

Não éramos de uma igreja, a maioria de nós nem sequer tem uma religião, não pertencemos a entidades sociais ou organizações não governamentais, ou seja, não se tratava de caridade religiosa, tão pouco de assistencialismo social. Sabemos ainda que atividades de extensão ainda não são muito valorizadas para fins acadêmicos. Então, o que nos uniu para a ação?

Éramos um grupo formado por uma discente de graduação em cinema, uma discente de pós-graduação em nível de mestrado, uma jornalista e egressa de pós-graduação em nível de mestrado, duas técnicas-administrativas em educação e discentes de pós-graduação em nível de doutorado, uma docente do curso de história, realizando pós-doutoramento, uma advogada e discente de pós-graduação em nível de mestrado. Portanto, concomitantemente, trabalhadoras e estudantes, com tempo limitado. Além disso, das sete mediadoras do grupo, quatro eram mães de crianças pequenas.

Tratam-se de mulheres que tiveram acesso à educação e que hoje buscam no trabalho, nas pesquisas e nos projetos de extensão, o envolvimento com a comunidade, acreditam no diálogo como forma de estreitar as relações entre a universidade e sociedade. Mulheres sensíveis, capazes de escutar com respeito e justiça a realidade das outras a partir do conhecimento das trajetórias de vida, vivências e experiências, buscando a cada momento a abertura à Alteridade.

Eu acho que a gente se encontra também num lugar todo privilegiado, sabe. Eu não falo privilegiado por ter tido acesso à educação, embora isso seja um fator importante. Por exemplo, tem muitos médicos que tiveram muito acesso à educação e uma educação elitizada, que tem essa percepção do menos humano ou não humano. Eu acho que a gente teve privilégio num processo de formação que a gente vivenciou, tanto pelo meio familiar, de convívio, de colegas, nas relações que nós fomos estabelecendo, que contribuíram, em alguma medida, pra que a gente tivesse uma leitura com relação a isso, que seja diferenciada. Eu acredito que as experiências que a gente vivenciou ao longo da nossa vida, ao longo da nossa trajetória de vida, ela permitiu que a gente tivesse essa percepção. [...] Embora tenham pessoas que tenham acesso a oportunidade semelhantes e tenham uma visão ainda muito estigmatizada. Mas, enquanto sujeitos, a gente teve a oportunidade de [...] interpretar de maneira diferente, lidar de maneira diferente. (Entrevista em profundidade - 20/07/2020 - Yara)

A reflexão da entrevistada sobre o perfil do grupo de mediadoras fornece uma compreensão de fundo para as singularidades no processo de formação das mediadoras, ou seja, pressupostos que conduziram essas mulheres ao envolvimento subjetivo em meio a um projeto social que tinha como objetivo principal o acolhimento de outras. Ela considerou que o sujeito acaba sendo mais impactado pelo meio em que vive/viveu do que necessariamente pelas condições de

acesso, por exemplo, à educação. Para ela, as interações que fazemos ao longo da vida podem influenciar no modo de ver o mundo e interpretar os acontecimentos.

A partir dessa reflexão, podemos pensar no que Goffman (2006) expressa sobre os marcos de referência primários que se encontram na sociedade e que dão sentido a um acontecimento. São chamados de primários, pois não remetem a nenhuma outra interpretação anterior, podendo ser: naturais (puramente físicos) e sociais. O segundo comporta, de maneiras distintas, um conjunto de regras particulares de interação relativas à situação social concreta, na qual a caracterização de um mesmo acontecimento pode ser percebida de um modo diferente por cada pessoa, a depender do papel que ela desempenha naquela circunstância vivida. Desse modo, a pessoa organiza a experiência e guia suas ações utilizando-se desse quadros primários sociais.

Nessa perspectiva situacional, segundo Goffman (2002), podemos exercer papéis diferentes em cada situação, o que influencia também o modo como as pessoas percebem as ações praticadas pelas outras pessoas. Pensando dessa maneira, mudamos a forma “teatral” de nossas ações conforme interesses, outras vezes, também atuamos sem consciência disso, de qualquer forma a interação social tem influência na nossa atuação. Então, “quando chegamos a ser capazes de dirigir convenientemente uma rotina real, isto deverá, em parte, a uma “socialização antecipada”⁵², já tendo sido instruídos sobre a realidade que justamente se está tornando verdadeira para nós” (GOFFMAN, 2002, p. 72). Nessas interações que realizamos ao longo da vida, buscamos o pertencimento como vínculo social.

Esse grupo procurou agir pelo modo solidário e fraterno. Para isso, também foi preciso apoiar-se nas estratégias de definição da situação e nos quadros de referências primárias. Mas de um ponto de vista filosófico, existencial e fenomenológico, um grupo com esse perfil precisou, acima de tudo, recorrer a percepção, que segundo Maurice Merleau-Ponty (2011), é o recurso original para se relacionar com o mundo, no qual o sujeito está sempre comprometido. Para ele, a percepção seria o modo primário de estar no mundo e de agir sobre ele. A percepção parte de uma perspectiva anterior, repleta de conotações práticas e afetivas.

⁵²Socialização Antecipada, refere-se a socialização que se inicia antes da entrada dos sujeitos na instituição. Cf. MERTON, Robert King. **Social Theory and Social Structure**. Glencoe: The Free Press, edição revista e aumentada, 1957. p. 265.

A partir desse entendimento, podemos compreender que, provavelmente, o processo de formação desse grupo foi marcado por experiências afetivas significativas. Foi a percepção que elas tiveram delas mesmo que as conduziram a participar do projeto e desse estudo, o desejo em ver outras realidades, a conhecer e compartilhar trajetórias de vida, de acolher e ser acolhidas por pessoas que são “esquecidas” no mundo particular de tantas outras pessoas. Foram essas percepções sobre si mesmas que as trouxeram até aqui.

5.2 A direção

Foi hoje o dia da nossa primeira lição com Tortsov, o diretor. Estávamos todos muito impacientes, mas, com grande surpresa nossa, Tortsov limitou-se a anunciar-nos que a fim de nos conhecer melhor desejava que déssemos um espectáculo onde cada um teria a liberdade de representar uma cena à sua escolha. Era num palco, dentro de um cenário, caracterizados, com fatos de cena, que ele queria apreciar as nossas qualidades [...] (STANISLÁVSKI, 2016, p. 18)

Quando temos um projeto e iniciamos os passos para a sua implementação, é natural ter uma direção e a figura de uma diretora ou diretor. No caso dos projetos de extensão da Unila, temos a categoria de coordenadora do projeto, em alguns casos uma co-coordenadora, além de voluntárias, ministrantes de oficinas, e outras categorias mais. Para Vássina e Labaki (2015), uma diretora ou um diretor no teatro orienta as atrizes e os atores para fazerem livres improvisações no palco nas circunstâncias propostas e num certo ritmo já previsto nos ensaios. Para as autoras, Stanislávski (idem, p. 65) defendia que o diretor não deveria fixar as “*mise-en-scènes*” — elas deviam ser criadas a partir das improvisações [...] não fossem ditadas pelo encenador”⁵³, mas nascessem por si próprias, que a forma do espetáculo não fosse fixada, mas criada a partir das ações”.

No nosso grupo eram como encenadoras (diretoras) e atrizes ao mesmo tempo, pois nos envolvíamos livremente nas ações, buscando preservar a capacidade de improvisar e a liberdade de criação. Como éramos, a maioria, pesquisadoras com formação interdisciplinar, o projeto nos oportunizou essa abertura positiva na recepção das ideias.

⁵³Mesmo que diretor de espetáculo teatral.

Cada integrante buscou nas suas práticas cotidianas e experiências uma maneira de contribuir e adaptar a metodologia do Círculo para atender seus objetivos práticos. O resultado foi o desenvolvimento de Círculos únicos e autênticos. Conforme a entrevistada Yara, aquelas pessoas que se interessassem em se juntar ao projeto poderiam fazê-lo sem receio de sujeição, pois elas eram incentivadas a ficarem

[...] à vontade pra tomar determinadas iniciativas, pra elas não se sentirem também desconfortáveis, que elas se sentissem abertas, que elas pudessem expressar aquilo que elas pensam ou que elas queiram fazer alguma coisa, que elas colocassem isso ou com antecedência ou no momento se elas têm a ideia, para que elas não pudessem iniciar ou participar do projeto com muito receio sabe, um receio de: “Ah, quem tá coordenando é a Rê ou quem tá coordenando..., deixa eu ficar na minha ou coisa assim”. Eu acho que é importante a gente conversar com elas sobre isso e eu acho que as outras coisas elas vão (pegando), ao longo das nossas reuniões, o que a gente tá fazendo a gente vai conversando com elas também (Entrevista em profundidade - 20/07/2020 - Yara)

Desse modo, a implementação dos Círculos não ocorreu de forma estática, eles foram se tornando o próprio movimento do projeto. Entendemos, desde o início, que as ações futuras dependiam das respostas das mediadoras e das participantes com relação ao movimento vivido no Círculo, assim, foram as improvisações que abriram caminho para o campo imaginário, para além da ação, para a ação-reflexão-ação.

Para Freire (2001, p. 43), “O de que se precisa é possibilitar, que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica”. A reflexão entre as mediadoras, principalmente, constituiu-se como um movimento privilegiado para o desenvolvimento das ações do projeto de extensão.

De acordo com Levinas (2010, p. 65), “O ser atualiza-se em esforços criadores, em que coincidem seu ser e sua presença para a alma. Assim também no movimento fenomenológico, à intencionalidade do sentimento [...] conservava a estrutura de *noésis*⁵⁴”, ou seja, do ato ou ação.

⁵⁴Segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa *online*, *noésis* (do grego -eos, inteligência) significa ato pelo qual um pensamento visa um objeto, para a fenomenologia.

5.2.1 *Mise-en-scène*

A cena repete a cena se inverte

Um projeto chamado “O vento no seu Rosto traz histórias pra contar”

O anjo mais velho

O Teatro Mágico

“O dia mente a cor da noite
E o diamante a cor dos olhos
Os olhos mentem dia e noite a dor da gente

Enquanto houver você do outro lado
Aqui do outro eu consigo me orientar
A cena repete a cena se inverte
Enchendo a minha alma daquilo que outrora eu deixei de acreditar

Tua palavra, tua história
Tua verdade fazendo escola
E tua ausência fazendo silêncio em todo lugar

Metade de mim
Agora é assim
De um lado a poesia o verbo a saudade
Do outro a luta, a força e a coragem pra chegar no fim
E o fim é belo incerto... depende de como você vê
O novo, o credo, a fé que você deposita em você e só

Só enquanto eu respirar
Vou me lembrar de você
Só enquanto eu respirar [...]”
(O ANJO MAIS VELHO, 2012)

Se você conhece a música, escute novamente e congele a cena!

Caso ainda não tenha escutado, escute uma vez e congele a cena!

Quando a música toca no fundo da alma da gente, parece que um sentimento profundo se esconde por trás da letra, como se ali existisse um mistério a ser desvendado. Com essa música, “O anjo mais velho”, da Banda O Teatro Mágico, isso me aconteceu e talvez possa acontecer o mesmo com você.

Lembro que escutei essa canção pela primeira vez e me encantei de imediato, visto que eu a ouvia a partir das minhas memórias e sentidos. Na minha mente vieram as pessoas que estavam longe, das quais sentia saudade. Por

repetidas vezes, senti esse encantamento inicial com a música, mas queria saber mais sobre ela e sua história e de seu primeiro dono: o poeta.

Eis que encontro uma verdadeira história de amor: essa linda e breve canção foi escrita em homenagem a Rodrigo, irmão mais velho de Fernando. O compositor. Rodrigo morreu em 2012, em decorrência de um câncer, depois de anos de luta.

Descongele a cena e escute a música novamente! Mudou alguma coisa? As palavras poderiam ter um novo sentido ou uma outra intensidade? A palavra saudade tem o mesmo significado para quem perdeu um ente querido e para quem nunca passou por essa experiência? Não vivemos as experiências da mesma forma, assim como não produzimos os mesmos sentidos e significados sobre elas. Fenômenos como o da morte e do luto são vividos de maneira singular, pois,

[...] a experiência produz significados. Esses significados são uma via de acesso ao real, neste sentido que lidar com eles permite ao ser humano a ampliação das possibilidades e da complexidade da ação, situando-a num patamar qualitativo de outra ordem em relação ao simples comportamento. Mas esse acesso ao real pelos significados expressos é sempre limitado: há sempre mais na experiência vivida do que no significado que dela construímos. (AMATUZZI, 2007, p. 9).

A vivência vem da reflexão de cada sujeito diante da experiência, ou seja, mesmo que tivéssemos tido a mesma experiência, presenciássemos o mesmo fato ou fôssemos irmãos numa mesma família, ainda sim iríamos elaborar de maneira diferente o vivido. Entretanto, o contexto da história coletiva, comunitária e institucional influencia na compreensão das singularidades de cada um de nós, portanto, essa compreensão seria individual e social.

Assim, falar da experiência da outra pessoa a partir das minhas experiências e vivências pessoais significa desconsiderar e negar o infinito dela. Pessoas que possuem a experiência da não liberdade, como é o caso das mulheres em situação de privação de liberdade, podem compreender que o significado da palavra liberdade não pode ser comparado ao daquela pessoa que jamais esteve em condição semelhante, pode ser diferente também daquela que já vivenciou o cárcere privado resultante da violência de gênero. Então, me pergunto, qual o sentido da palavra liberdade para uma mulher numa prisão feminina?

Consigo imaginar e traduzir em palavras o que representa liberdade para mim, posso buscar hipóteses do que representa para ela, mas jamais conseguirei

perceber e interpretar todos os sentidos que esse termo carrega para quem vive nessa situação. Mesmo que, em determinado momento, ela me contasse, com suas próprias palavras, e eu as transcrevesse aqui, ainda assim, seria uma representação de um infinito de sentidos e significados.

A entrevista retratada no Documentário *“Nina: a historical perspective”*, de Peter Rodis (1970), traz Nina Simone, uma das maiores pianistas clássicas de todos os tempos, primeira pianista negra a ingressar na aclamada Escola de Música de Juilliard, em Nova York, respondendo ao entrevistador a seguinte pergunta: O que é liberdade para você? Ela ri e diz: - é a mesma coisa que é pra você, você me diz! E o entrevistador insiste: - não, me diga você. Novamente ela ri, vira o rosto e volta com a seguinte resposta:

É um sentimento. Liberdade é apenas um sentimento. É como tentar explicar para alguém como é estar apaixonado. Como você vai explicar isso para alguém que nunca sentiu? Você não consegue. Mas você sabe quando acontece. Houve algumas vezes no palco em que eu realmente me senti livre. E isso é uma coisa incrível. É realmente incrível. Eu te digo o que liberdade significa para mim: nenhum medo! Realmente nenhum medo. Se eu pudesse ter isso por metade da minha vida... É algo que realmente se sente. Como um novo jeito de enxergar.

Pensar em liberdade, por meio da filosofia contemporânea, especialmente pela concepção da ética da Alteridade como filosofia primeira, proposta por Emmanuel Levinas, requer um esforço de conhecer primeiro as condições para a efetivação dela por meio da justiça, exige compreensão da realidade propriamente dita, então, vai além de “simplesmente constatar, mas sempre compreender” (LEVINAS, 2015, p. 71). Conforme esse filósofo, “Para descobrir a facticidade injustificada do poder e da liberdade, é preciso não a considerar como objeto, nem considerar Outrem como objeto, é necessário medir-se com o infinito, isto é, desejá-lo” (idem, p. 73). Sendo que essa ideia de infinito tem relação com o desejo, na qual é preciso desejar o perfeito para reconhecer a própria imperfeição.

Dessa forma, o projeto de extensão “O vento no seu Rosto traz histórias para contar: histórias de vida de mulheres que convivem no sistema prisional” nasceu do desejo do acolhimento da Outra baseado na perspectiva da Alteridade. Abertas às vulnerabilidades, tanto daquela que acolhe tanto daquela que é acolhida, procuramos mediar práticas circulares em favor da liberdade, do diálogo e da

reflexão com as mulheres na penitência feminina, mulheres em situação de privação de liberdade e policiais penais.

Consta no documento da Política Nacional de Extensão Universitária, aprovada em maio de 2012, a seguinte sentença: “[...] a mera produção de conhecimento, por si só, não leva ao desenvolvimento sustentável e ético” (FORPROEX, 2012, p. 23). Como dito anteriormente, a extensão universitária busca relacionar-se com os problemas sociais da sociedade em que se insere, para além dos muros da universidade, pautada no processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político.

Para a presidente do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão - FORPROEX, Adriani Marmorì (2020, p. 8), “O compromisso social, o acesso às pessoas de diferentes grupos sociais, a metodologia dialógica para adentrar diferentes espaços, a capacidade de reconhecer os saberes multiculturais” estão contidas nas ações extensionistas. A experiência do “fazer” extensão é privilegiada de narrativas e vivências diferenciadas. Assim,

A Extensão é o lugar da “Alteridade” por excelência — é onde a universidade realiza o reconhecimento da diversidade tanto sociocultural quanto étnico-racial e permite não apenas a construção, como também o estabelecimento dos compromissos necessários à leitura do mundo. (DEUS, 2020, p. 23).

A partir da extensão universitária, atividade que compõe a tríade acadêmica de “ensino, pesquisa e extensão”, conseguimos desenvolver condições para escuta sensível, e, *a posteriori*, a reflexão com as mediadoras sobre Alteridade, ética e responsabilidade vivenciadas na ação. O emaranhado de narrativas das mulheres que aceitaram toda a vulnerabilidade presente no acolhimento, de “modo desinteressado”⁵⁵, formam o alicerce empírico desta tese e nos guiam para uma outra compreensão de liberdade.

A questão da liberdade em Levinas coloca-se no rol de sua crítica à ontologia ocidental, e, portanto, no cenário da *ética como filosofia primeira*. Levinas concebe a liberdade como acolhimento do Outro. Assim sendo, o início da consciência moral dá-se em sua relação necessária e conseqüente com a proximidade. A liberdade deve

⁵⁵Caracteriza o movimento de desejo ao infinito da Outra, isto é, um desejo desinteressado e gratuito, identificado pela Filosofia da Alteridade como bondade (LEVINAS, 2015). Dessa forma, um modo livre de recompensas, sejam elas materiais ou imateriais.

cessar de manter-se na certeza solitária da supremacia do Mesmo sobre o Outro. Deve superar o imperialismo do Mesmo sobre o Outro, porque a relação com o Outro não se dá mais em termos de domínio e posse. *Impõe-se como exigência que domina originalmente a própria compreensão de liberdade, uma vez que a proximidade é o sentido mais profundo da vida humana.* É anterior à consciência como caminho de retorno a si, não se tratando, nesse sentido, de negar a consciência, mas de recorrer ao nível prévio do saber, *a subjetividade singularizada*, a qual já significa proximidade, sensibilidade, vulnerabilidade (NODARI, 2006, p. 90, grifo meu).

Na tese, “A cena repete a cena inverte”, a inversão acontece quando, na intenção de acolher por meio da subjetividade singularizada, passamos a refletir sobre os Círculos em Movimento, sobre nós mesmas, sobre os momentos de escuta sensível (vulnerável) das trajetórias de vida de mulheres em situação de privação de liberdade ou das policiais penais, e percebemos que o acolhimento trazia um ensinamento.

Ao compreender isso, o acolhimento tornou-se um ensinamento para nós, um movimento capaz de demonstrar a importância de abandonar a ideia ou a pretensão de modificar a cena. A partir dessa tomada de consciência, vimos o acolhimento como atitude ética e justiça diante da Outra na privação de liberdade. Assim, a presença de Outra nos Círculos na penitenciária nos conduziu à renúncia do Eu.

Ao observar um fenômeno por meio da fenomenologia, como método crítico, almejamos captar e compreender a abertura à outra, considerando primeiro a realidade das mulheres que se encontram no sistema, do qual todas, inclusive nós, fazemos parte.

Partir da cena de uma prisão feminina no Brasil é fazer parte da realidade da periferia, de um lugar à margem da sociedade, invisível, mas nunca menos digno de refletor próprio e lentes ajustáveis para enquadrar a cena com atenção. “Refletindo sobre condições transcendentais do poema, você já perdeu o poema.” (LEVINAS, 2014, p. 31). Talvez, certos arranjos metodológicos sobre a cena pudessem ter sido, *a priori*, decididos no início do projeto de pesquisa. Entretanto, é preciso admitir que a oportunidade de não tê-los de maneira definitiva na prática nos trouxe o benefício do exercício criativo e libertador da pesquisa qualitativa durante a ação.

Além disso, a compreensão de fenomenologia para Levinas nos dá segurança para caminhar nesta perspectiva de procurar pela Alteridade no fenômeno, ou seja, no próprio acontecimento, que, neste caso, foi o acolhimento do Rosto da Outra na privação de liberdade.

Só existiu uma certeza desde o primeiro momento desta pesquisa: a Outra existe e importa, então a Alteridade e humanidade pode existir nela e no “Entre-Nós”. Aquela mulher que convive num sistema prisional, seja ela interna ou agente, ela importa. A partir dessa certeza, a responsabilidade em acolhê-la foi, primeiro, nossa.

5.2.2 Da montagem do espetáculo

– O vosso instrumento psíquico interior está agora pronto – anunciou-nos o diretor. «Imaginem que vamos montar uma peça, na qual cada um de vocês terá um papel importante. Que vão fazer ao chegar a casa, depois da primeira leitura?» – Representar – disse Vania, espontaneamente. (STANISLÁVSKI, 2016, p. 535).

No teatro, a imaginação é bem vinda para a arte de representar. Mas, na vida, podemos representar tudo e qualquer coisa? Reconheço o privilégio da representação para contemplar um fenômeno, contudo, há momentos em que ela precisa ser limitada, para evitar o esquecimento de Outrem. Acredito que quase tudo pode ser representado, porém, a dor de Outrem será irrepresentável.

Para além das manifestações ou representações contemporâneas de alteridade, como a solidariedade e a empatia, que também podem servir de máscaras, “buscamos, por trás dos rostos que nos falam e aos quais nós falamos, a relojoaria das almas e suas molas microscópicas” (LEVINAS, 2010, p. 45). Acredito que era isso que Levinas defendia, uma ruptura da representação e do desvelamento, que só é possível por meio da ética primeira. Desse modo, não podemos esperar que o Rosto se manifeste como fenômeno, pois, para além disso, ele é apelo, ele se manifesta como uma ordem, seria como: “Eu estou aqui”.

O contexto histórico-filosófico vivido por Emmanuel Levinas, entre os anos de 1950 e 1960, marcou a crise do humanismo contemporâneo em que, segundo Nilo Ribeiro Júnior (2005), Levinas acabou por denunciar o esquecimento de Outrem no pensamento filosófico ocidental, apontando a perda de sentido e a destruição da linguagem no campo da filosofia. Em seus escritos, pode-se perceber o quanto Levinas buscava assegurar o lugar da subjetividade e da Alteridade. Para ele, existiam possibilidades de retornar ao sentido do humano a partir da relação ética com Outrem, ou seja, por meio da Alteridade a justiça seria promovida novamente.

A crise do humanismo em nossa época tem, sem dúvida, sua fonte na experiência da ineficácia humana posta em acusação pela própria abundância de nossos meios de agir e pela extensão de nossas ambições. No mundo, em que as coisas estão em seu lugar, em que os olhos, as mãos e os pés sabem encontrá-las, em que a ciência prolonga a topografia da percepção e da *práxis*, mesmo ao transfigurar seu espaço, nos lugares onde se localizam cidades e campos que os humanos *habitam*, ordenando-se, segundo diversos conjuntos, entre os *entes*; em toda esta realidade "correta", o contra-senso dos vastos empreendimentos frustrados política e técnica resultam na negação dos projetos que os norteiam inconsistência do homem, joguete de suas obras. (LEVINAS, 2010, p. 71, grifos do autor).

Ao trazer essa discussão para os tempos atuais, aparentemente não tivemos tantos avanços com relação ao esquecimento de alguns grupos de sujeitos, em especial das mulheres em situação de privação de liberdade. Embora houveram mudanças significativas na legislação quanto às garantias de assistência e atenção à pessoa em situação de privação de liberdade, “as mulheres sempre são as mais esquecidas, as menos visitadas, as mais mal atendidas em suas necessidades particulares e as mais culpabilizadas” (MARQUES, 2020, p. 7). Caixa vazia: esse foi o resultado de uma tentativa de coleta para doação de materiais de higiene destinado às mulheres encarceradas, realizadas durante o projeto, demonstra como a sociedade ainda pensa a seu respeito.

Outra demonstração do esquecimento da mulher encarcerada pela sociedade pode ser percebido nas narrativas que tivemos acesso durante o projeto na penitenciária. Elas evidenciaram a escassez no número de visitas e abraços, e dos vínculos afetivos rompidos durante a permanência na prisão. “*Tua verdade fazendo escola*”, a verdade sobre esse esquecimento humano que, para muitos não tem importância porque está longe dos olhos, fez escola para nós.

O projeto de extensão “O vento no seu Rosto traz histórias para contar: histórias de vida de mulheres que convivem no sistema prisional”, executado no período correspondente ao dia 07/10/2019 e 21/12/2019, aconteceu em consonância com a Política Nacional de melhoria dos serviços penais proposta pelo Departamento Penitenciário (BRASIL, 2014a), em especial o eixo que trata da humanização das condições carcerárias e integração social, no sentido de buscar reconhecer a pessoa privada de liberdade e o egresso como sujeitos de direitos.

Em setembro de 2019, ao esperar os trâmites de aprovação do projeto, o grupo de mediadoras se reuniu para uma prática circular preliminar. Nessa oportunidade, duas facilitadoras com formação em Círculos de Construção de Paz realizaram a atividade. O tema escolhido foi “liberdade”. Foi uma forma de preparação para a realização dos Círculos em Movimento na penitenciária, mas também um momento de refletir sobre as expectativas daquele primeiro encontro com as participantes.

Quando a ideia surgiu, o público-alvo do projeto era apenas as internas. Mas numa conversa com a equipe técnico-administrativa da PFF-UP, especialmente com a pedagoga e com a chefe do setor de segurança da Unidade, percebeu-se a necessidade de estender as práticas circulares às policiais penais. O motivo principal para a solicitação da ação para elas também foi a morte de uma colega de unidade, em decorrência de suicídio. A agente havia morrido semanas antes e o clima pesava na equipe.

Com o início da vigência do projeto, realizamos o primeiro encontro na penitenciária. Participaram do primeiro Círculo 25 mulheres em situação de privação de liberdade e 6 mediadoras, sendo elas: duas facilitadoras com formação em Círculos de Construção de Paz e quatro co-facilitadoras. A ação aconteceu num espaço recentemente construído na PFF-UP, para abrigar a escola, a oficina de costura e outras salas destinadas ao trabalho das internas. Essa nova estrutura compõe a Unidade de Progressão, parte das ações do projeto “Cidadania nos Presídios”⁵⁶ do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). O título desse primeiro foi “Eu estou aqui”.

Na sequência, realizamos três Círculos utilizando o mesmo roteiro, denominado “Peça felicidade”, para três grupos de policiais penais. Esse planejamento se deu em função dos turnos de trabalho. Os encontros foram realizados no mesmo espaço físico utilizado pelas internas. O número de participantes era reduzido, assim como das mediadoras. Conseguiram participar aproximadamente 5 a 7 policiais e 2 a 3 mediadoras. Com as policiais, contamos com o suporte e o apoio da psicóloga da unidade, que esteve presente participando efetivamente dos Círculos.

⁵⁶Base normativa: Não foi encontrada base normativa específica do projeto “Cidadania nos Presídios”. Entretanto, os objetivos do projeto podem ser encontrados na página institucional do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/sistema-carcerario/cidadania-nos-presidios/>. Acesso em: 12 dez. 2020.

Depois dos encontros iniciais, começamos a ter alguns contratemplos que culminaram na impossibilidade de continuar a realizá-los na frequência prevista no plano de trabalho. Isso se deu principalmente em função da situação de precariedade do sistema penitenciário, que naquele momento enfrentava o baixo efetivo de policiais. Tal problemática foi apontada em âmbito local por diversas vezes durante a execução do projeto. No âmbito estadual, esse período foi marcado por vários protestos e mobilizações de policiais. Nisso, a maioria das ações em execução, como projetos de extensão, precisaram ser adiados ou atrasados.

Depois desse período, conseguimos realizar antes do recesso de final de ano apenas mais um Círculo com os três grupos de policiais, chamado “Um mundo melhor” e um Círculo com as internas, intitulado “Histórias de vida”.

Em todos os encontros, foram oferecidos alimentos e bebidas, com intuito de proporcionar um ambiente confortável às participantes. No último Círculo com as internas foi autorizada a entrada de bolo e refrigerante e na saída fomos presenteadas por objetos confeccionados pelas internas, a saber: uma bolsa jeans e um pano circular todo feito de retalhos, juntamente com uma boneca dada pela psicóloga da unidade.

O parecer da PROEX UNILA sobre o projeto desenvolvido em 2019, validado de ofício segundo a Resolução COSUEX nº 01/2015 (UNILA, 2015), em janeiro de 2020, apontou que “a ação atingiu o seu objetivo promovendo a interação dialógica e transformadora entre a universidade e a sociedade e que, os objetivos pré-estabelecidos foram atingidos” (Anexo 3).

A intenção das idealizadoras do projeto foi pela sua continuidade em 2020, mas em função do ano atípico, em decorrência da pandemia do vírus COVID-19, as práticas não puderam mais acontecer e os vínculos afetivos com aquelas mulheres foram rompidos.

No último capítulo, a seguir, apresento as unidades de significados das análises ideográficas e as reflexões das análises nomotéticas originadas dos discursos das mediadoras para as questões levantadas e, finalmente, os elementos que conduzem ao reconhecimento de Outrem e da diferença na privação de liberdade de mulheres encarceradas.

6. Capítulo VI

Abre-se a cortina, o espetáculo vai começar

Acolhimento que se traduz em solidariedade, abertura e responsabilidade nas mediações socioculturais.

Chegou o dia do espetáculo. Sentia-me capaz de prever tudo o que se ia passar e possuído de uma total indiferença. Mas logo que entrei no camarim, o meu coração começou a bater com uma tal violência, que tive de me sentar. [...] e o meu terror foi crescendo à medida que me ia deixando hipnotizar pelo público. Queria dar-lhe tudo o que tinha dentro de mim e sentia-me vazio, completamente vazio. (STANISLÁVSKI, 2016, p. 37- 38)

Difícilmente alguém consiga se sentir plenamente pronto para uma estreia de um espetáculo teatral. Por mais que tudo já tenha sido ensaiado, que intérpretes, contra-regra, operador de luz, operador de som, direção, em suma, toda a equipe técnica e elenco estejam cientes do que vai acontecer naquele lugar e naquela ocasião, a emoção de viver aquilo pela primeira vez não é completamente controlável pela atriz ou pelo ator. Quando a cortina se abre e o espetáculo começa tudo pode acontecer.

Nesse dia, em especial, o público parece interferir mais, tanto na vibração de quem atua na peça como na sintonia do espetáculo como um todo e a resposta que recebemos dele nos alimenta em busca do movimento de representar. Como expressa Stanislávski, o representar torna-se uma arte quando: “tanto os atores como os espectadores foram absolutamente dominados pelo que se passava no palco. É em tais momentos felizes que reconhecemos a arte de viver o papel”. Sem o encontro com o público, essa arte de representar o papel não poderia acontecer da mesma forma. Essa maneira única e singular de viver o papel é própria do teatro.

Entre o ato de representar no palco e a forma como conduzimos nossas ações nas experiências vividas existem discrepâncias, pois aquilo que acontece no palco não é real. A atriz pode tirar sua máscara e seguir sua vida sem se responsabilizar com o que a personagem viveu em cena, ou seja, na arte cênica pode existir uma separação entre atriz e papel representado, não há uma necessidade de continuidade. Porém, na vida real temos as consequências de nossos atos e nossas atitudes.

A arte de representar depende da sincronia entre quem está no palco e quem está na plateia. Com relação à Alteridade, a presença de Outrem e a intersubjetividade irão fazer parte do sujeito livre e sem máscara. De acordo com Levinas (2015), a Alteridade integra-se à identidade do sujeito pensante. Nesse ponto em diante, como um ser possuidor de desejo metafísico por Outrem, o Eu se alimenta do que ainda não têm para caminhar em direção a “uma coisa *inteiramente diversa*, para o *absolutamente outro*” (idem, p. 19, grifo do autor). Para ele, podemos nos nutrir na presença de Outrem e nas realidades que simplesmente pareciam que nos faltavam para adquirir esse alimento.

Por meio da metafísica do desejo, podemos compreender a motivação de quem escolhe conhecer outras realidades, como foi o caso das mediadoras dos Círculos em Movimento, que saíram em busca do acolhimento de pessoas desconhecidas. Talvez, um dos motivos principais de alguns seres humanos em participar de projetos comunitários em lugares periféricos seja então um apelo à não invisibilidade de Outrem, o desejo que Outrem faça parte do mundo em que todos os seres humanos possam viver e se relacionar, numa mesma realidade social e histórica, e que Outrem não continue longe dos nossos olhos e da nossa vida em comunidade.

Trazendo esse pensamento filosófico para a vida em sociedade, em conformidade com Paulo Freire, podemos pensar na importância da interação com Outrem como forma de, antes, conscientizar-me, já que “ninguém se conscientiza separadamente dos demais” (2019, p. 20).

Para esse autor, a intersubjetividade está na origem do processo histórico de humanização. Ela se dá por meio do diálogo com Outrem, sendo a própria historicização, pois “o movimento constitutivo da consciência que, abrindo-se para a infinitude, vence intencionalmente as fronteiras da finitude e, incessantemente, busca reencontrar-se além de si mesma” (idem, p. 22). Nesse caminho também é que vamos nos tornando sujeitos livres. Ou seja, primeiro nos reencontramos como sujeitos, depois, libertamo-nos.

Compreendemos, por meio da Filosofia da Alteridade, que o ser nunca é objeto, pois não desejamos dominá-lo, e sim possibilitar a ele que se apresente como Rosto, expressão e linguagem, deixamo-nos que Outrem possa ser Outrem. Trata-se de um movimento de desvelamento, ou, para usar a linguagem teatral,

descortinamento do ser, que nesse caso procuramos fazer por meio da experiência do diálogo.

Levinas expressou (2015, p. 60), “Chamamos justiça ao acolhimento de frente, no discurso. Se a verdade surge na experiência absoluta em que o ser brilha com a sua própria luz, a verdade só se produz no verdadeiro discurso ou na justiça”. Nesse sentido, procuramos descortinar o acolhimento com uma forma de justiça, iluminando a relação com Outrem na vivência dos Círculos e a partir das falas das entrevistadas. Para isso, descrevo os sentidos dados por elas a cada elemento que compõe a Filosofia da Alteridade.

6.1 Saindo da escuridão dos bastidores - a revelação do Rosto

Imediatamente, a sua presença tornou-se viva. [...] A sua sensibilidade encorajou-me a procurar outras inovações no mesmo sentido. Daqui surgiu uma cena inteiramente nova, alegre e natural, à qual o nosso público reagiu imediatamente. Isto encorajou-nos a continuar. [...] Todas estas reflexões deixaram-me paralisado, mas numa imobilidade cheia de ação. (STANISLÁVSKI, 2016, p. 327-328)

No desenvolvimento das relações contemporâneas, reconhecer Outrem como um infinito de possibilidades, ao invés de vê-la(o) como alguém igual a mim, ao meu ver, e de maneira simples, é uma forma de escolher eticamente pelo acolhimento como Justiça, respeitando a sua identidade. Nesse sentido, o acolhimento com Alteridade poderia ser acolher um Rosto para além das aparências, ou seja, da “diferença de atributos”⁵⁷. “O modo como o Outro se apresenta, ultrapassando a ideia do Outro em mim, chamamo-lo, de fato, rosto”

⁵⁷“Comumente, dizemos que uma coisa é outra porque ela tem outras propriedades. Ali está um papel branco, ao lado um papel preto - Alteridade? Eles são outros também pelo fato de que um está em um lugar no espaço e o outro em um outro lugar do espaço; isto não é a Alteridade que distingue você de mim. Não é de modo algum porque seus cabelos não são como os meus e porque você ocupa um outro espaço que não o meu - isso seria apenas uma diferença de propriedade ou de disposição no espaço, *diferença de atributos*. Mas, antes de qualquer atributo, você é um outro que não eu, outro de outro modo, outro absolutamente! E é essa Alteridade outra, além daquela que se deve aos atributos, que é sua Alteridade; ela é logicamente não-justificável, logicamente indiscernível”. - Emmanuel Levinas. Entrevista concedida à François Poirié, realizada entre abril e maio de 1986 (N. do A.). Cf. POIRIÉ, 2007, p. 86-87, grifo meu.

(LEVINAS, 2015, p. 38). Desse modo, do rosto vem a ideia de infinito⁵⁸ na filosofia levinasiana.

Numa entrevista concedida à Angelo Bianchi em Paris, em abril de 1985, sobre o tema “violência”, Levinas (2014, p. 28) descreve “[...] o rosto do próximo como portador de uma ordem, que impõe ao eu, diante do outro, uma responsabilidade gratuita - e inalienável [...]” e faz um autoquestionamento fundamental: “quem é meu próximo?”.

Daí o problema: quem é o meu próximo? Problema inevitável da justiça. Necessidade de comparar os incomparáveis, de conhecer os homens; daí seu aparecer como formas plásticas de figuras visíveis e, de certo modo, “des-figuradas”: como um grupo do qual a unicidade do rosto é como arrancada de um contexto, fonte de minha obrigação diante dos outros homens; fonte à qual a mesma procura da justiça, afinal de contas, remete e cujo esquecimento arrisca transformar em cálculo meramente político e chegando até aos abusos totalitários - a sublime e difícil obra da justiça (LEVINAS, 2014, p. 28-29).

Os rostos das pessoas comuns parecem não pertencer a história, ao espetáculo “mundo”, visto que na maioria das vezes são tão invisíveis que não são considerados nem elenco, nem plateia. São, em muitos mundos, apenas um conjunto de algoritmos pertencentes a um sistema. Observando o modo como são tratadas na penitenciária, é possível perceber que as mulheres que convivem no sistema prisional não significam um Rosto singular e único nem para ela e nem para as demais, mas, ainda assim, a Alteridade e a humanidade estão presentes ali. Para que se possa ver o Eu e a Outra são necessárias as relações intersubjetivas, pois elas descortinam os seres, elas possibilitam o acolhimento de Outrem e é por meio delas que passamos a dar sentido ao mundo e as pessoas que nele habitam.

A partir de Levinas (2015, p. 188), o Rosto irá destoar de um número ou um conceito. Ele estará presente no fenômeno estudado, mas, recusando-se a ser conteúdo, “não poderá ser compreendido, isto é, englobado. Nem visto, nem tocado - porque na sensação visual ou tátil, a identidade do Eu implica a Alteridade do objeto que precisamente se torna conteúdo”. Outrem se apresentará por meio do

⁵⁸No contexto da filosofia levinasiana, “O infinito seria a expressão da renúncia de qualquer espécie de totalidade e de qualquer forma centralizadora ao pensamento, delineando um caminho fora do Mesmo, como contexto não contingente em que é possível pensar além da identidade e dos esquemas da representação” (SAYÃO, 2011, p. 149).

Rosto, o que não significará uma possibilidade de representá-lo, mas, sim, de reconhecê-lo como o infinito ali presente.

Ademais, para Levinas, o Ser é único e permanece infinitamente estranho a mim, o que muda com o encontro é que o Rosto de Outrem me altera completamente, porque traz um apelo para mim.

Outrem permanece infinitamente transcendente, infinitamente estranho, mas o seu rosto, onde se dá a epifania e que apela para mim, rompe com o mundo que nos pode ser comum e cujas virtualidades se inscrevem na nossa *natureza* e que desenvolvemos também na nossa existência. (LEVINAS, 2015, p. 188, grifo do autor)

Na relação intersubjetiva, o Rosto me faz um apelo à responsabilidade por Outrem e “recorda as obrigações do ‘eu’” (COSTA, 2000, p. 140), portanto, na filosofia levinasiana, existiria outro processo em construção: a realização da ética como “filosofia primeira”⁵⁹ para atender a essa ordem. O desejo do encontro com Outrem é o começo da relação ética. Haddock-Lobo (2006) afirma que, à medida em que desejamos verdadeiramente Outrem, mais nos permitimos ir ao seu encontro e mais conscientes nos tornamos.

6.1.1 Análise ideográfica - o desejo por justiça

A partir da abordagem fenomenológica, a análise ideográfica nos conduz à interpretação dos discursos das mediadoras diante da experiência subjetiva vivenciada nos Círculos em Movimento realizados na penitenciária. O Quadro 1, a seguir, retrata os sentidos atribuídos por elas, ou seja, as unidades de significado para a seguinte pergunta: Qual foi a sua principal motivação em mediar os Círculos na penitenciária?

⁵⁹“Isto exige entender que a ética no pensamento de Levinas não é entendida como nós a entendemos em nosso conceito de ética ocidental tradicional, no sentido de algum estudo ou tratado sobre o agir, porque ele a coloca como filosofia primeira. Sua concepção de ética não traduz bem o nosso conceito de ética e religião. Razão, diálogo humano, ética e religião, Levinas funde tudo isso num bloco só, numa realidade só – sem, porém, que isso signifique absolutamente indiferenciação categorial, pois sua abordagem de conceitos e categorias é extremamente cuidadosa e sofisticada (não esqueçamos que Levinas formou-se, essencialmente, fenomenólogo)” (COSTA, 2011, p. 20).

Quadro 1 - Motivações para a realização dos Círculos em Movimento

Entrevistadas	Unidades de significados
Helena	pelo meu <u>interesse de conhecer</u> melhor, talvez ajudar de alguma forma. [...] eu, na real, mais aprendi, assim, foi um processo que me ensinou muito mais do que consegui contribuir, minha intenção inicialmente sempre foi <u>tentar contribuir</u> de alguma forma, mas eu acho que aconteceu meio que o contrário no projeto.
Yara	Primeiro foi uma curiosidade muito grande, eu acho que a gente é <u>motivada pela curiosidade</u> , pela <u>intenção de aprender</u> . Isso me motivou muito e me motivou principalmente a <u>ouvir as vozes das pessoas que são silenciadas</u> , que estão vivendo nessa condição de encarceramento. Eu acho que para além de ouvir... é <u>tentar aprender com elas</u> também, ouvir e tentar aprender. Então assim, essa vontade de participar, de ser também uma mediadora, tá ali, tá participando, ela veio muito dessa busca de <u>tentar compreender</u> e a partir disso, <u>também contribuir</u> , em certa medida, para oxigenar um pouco o que elas estão vivendo ali.
Maria Luiza	Eu acho que foi essa questão de <u>tentar essa aproximação das mulheres que estão lá dentro</u> , no sentido... o Círculo era o espaço em que as mulheres poderiam falar da sua própria história, então pra mim, dentro da minha pesquisa também era muito importante <u>a questão da voz delas por elas mesmas</u> .
Martina	Então, eu já tava com muito interesse em fazer algum tema com mulheres. Eu sempre tinha a intenção, mas nunca consegui fazer na prática, eu tinha participado de grupos feministas no Chile, na criação da secretaria de gênero (ela participou de debates na Unila, que deram origem a Política de Gênero), só que eu nunca chegava na parte prática, sempre passava na teoria. Então, eu tinha muito interesse em fazer alguma coisa nesse sentido, <u>para apoiar a ideia da justiça, da justiça social</u> e que eu achava que nesse espaço era muito importante estar atuando, por todas as problemáticas que têm, por todas as dificuldades que têm, eu tinha muito interesse em participar, em <u>apoiar algum projeto que tivesse ajudando em este espaço, a mulher especialmente</u> .
Rebeca	Eu acho que... acho que tem dois motivos principais. Um, pela questão da mediação dos Círculos mesmo, assim eu acho que era uma <u>oportunidade de praticar o Círculo</u> e se envolver com todo esse universo do Círculo Restaurativo, assim, então por ser uma oportunidade, e segundo por ser

	um ambiente que eu desconhecia e que eu tinha muita <u>vontade de conhecer uma realidade que eu não conhecia</u> , então eu acho que foi bem oportuno.
Vitória	Minha principal motivação quando eu recebi o convite pra ir fazer o Círculo seria de enfim conhecer... inicialmente <u>conhecer os espaços</u> , conhecer como são as presas aqui na unidade de Foz e também pela <u>oportunidade de aplicar o Círculo de Construção de Paz</u> , que é uma metodologia de pacificação social que eu tenho paixão assim, uma das coisas que eu mais gosto de fazer.

Fonte: Dados obtidos por meio das entrevistas em profundidade com as mediadoras dos Círculos em Movimento na PFF-UP, realizadas no mês de julho de 2020.

As unidades de significados de maior prevalência nas respostas das entrevistadas no que diz respeito à motivação para a ação foram:

1. Conhecer, no sentido de ver o espaço da penitenciária, a existência de pessoas em um local como aquele, as próprias mulheres que convivem ali, e também por curiosidade, ou seja, desejo de ver, ouvir, experimentar algo desconhecido;
2. Apoiar, ajudar e contribuir com as pessoas que estão vivendo em situação de privação de liberdade. As mediadoras em questão são mulheres com acesso aos estudos do cárcere, das condições das penitenciárias brasileiras e das mulheres nesse espaço;
3. Aproximar-se da outra pessoa, por meio da escuta da trajetória de vida, das vozes, *delas por elas mesmas*;
4. Pela oportunidade de realizar os Círculos, acreditando nessa metodologia como uma forma de levar Justiça Social ao grupo que vive e convive no cárcere.

6.1.2 Análise nomotética - a epifania do Rosto e o desejo que jamais alcança satisfação

Apenas por meio de uma postura humilde diante de Outrem, podemos pensar em valores humanistas, pois, “Enquanto, metafisicamente, o homem⁶⁰ permanecer

⁶⁰ Ser humano.

um conceito, e dos mais elevados, a ética egóica do humanismo só poderá apresentar-se como ética do mesmo” (HADDOCK-LOBO, p. 49-50). Para esse autor, o encontro com essa humanidade de Outrem, ou seja, com a ética da Alteridade, ainda está muito distante, até mesmo nas discussões sobre Direitos Humanos (DHs).

A crítica que Haddock-Lobo (2006, p. 47) faz aos Direitos Humanos (DHs) relaciona-se à Alteridade, percebida como uma mera qualidade e não como uma instância necessária para se co-habitar em sociedade. Para ele, os princípios dos DHs defendem uma coletividade ao invés da comunhão entre as pessoas e suas diferenças. A ética da Alteridade proposta por Levinas era mais radical, visava um sujeito não apenas filantrópico e caridoso, mas, sim, ético, justo e responsável com relação ao próximo (Ser).

Todas essas motivações apontadas pelas entrevistadas traduzem o desejo de aproximação dessas facilitadoras de Círculos em Movimento com as mulheres encarceradas que convivem na privação de liberdade, com sua realidade diversa e com a própria experiência coletiva, por meio da intersubjetividade. A oportunidade de ouvir a voz de Outrem, uma voz que não é dela mesmo e sim da outra pessoa, pode ter sido percebida por elas como um convite à epifania do Rosto, um apelo à proximidade e à sensibilidade.

De acordo com a entrevistada Yara, a vontade em participar da ação de extensão na penitenciária, de ser uma mediadora naquele lugar, veio principalmente da busca por compreender como as coisas aconteciam lá e, assim, contribuir com aquelas mulheres no sentido de ajudá-las a lidar com todos os sentimentos que uma mulher encarcerada pode estar vivendo na privação de liberdade, como o abandono, a tristeza, a saudade, tantos sofrimentos que não teríamos como listar aqui. Seu ponto de vista converge com o das demais entrevistadas quando pensam no que representa as experiências coletivas tanto para as mediadoras quanto para as participantes.

A princípio, elas pareciam ter consciência de que a experiência com os Círculos poderia trazer contribuições às participantes, ao passo que, com o caminhar do projeto e dos encontros com as internas e policiais, elas foram percebendo os contributos individuais e o quanto de aprendizado que aquilo representou para elas mesmas.

Yara, por exemplo, pensava que participar dos Círculos ajudaria aquelas mulheres a...

lidar com certos sentimentos, com certas situações e pensar em experiências coletivas, que eu acho que muitas vezes é o que vai possibilitar que muitas delas ouvindo histórias semelhantes, ouvindo experiências comuns, percebam que elas não são as únicas pessoas que estão sofrendo aquilo, é ela... uma em específico, mas que o coletivo de pessoas que estão ali têm experiências comuns assim... e elas compartilham essas experiências comuns.

O desejo de ser boa e generosa, na Filosofia da Alteridade, dá origem ao encontro *face a face* e nele ficamos suspensas a liberdade de escolher agir com ética. Nas relações éticas caminhamos para a transcendência, ou seja, para o infinito. Mas “Pensar o infinito, o transcendente, o Estrangeiro, não é pois pensar um objeto. Mas pensar o que não tem os traços do objeto é na realidade fazer mais ou melhor do que pensar” (LEVINAS, 2015, p. 36).

Quando interpreto o discurso das entrevistadas por meio dessas análises de abordagem fenomenológica, a intenção não é descortinar o que elas pensavam sobre elas ou sobre as participantes, ou ainda, sobre a metodologia, mas, sim, descortinar aquilo que elas pensam os sentidos, a experiência coletiva envolvendo diálogo e o que a interação intersubjetiva manifestou. Nos interessou saber como se aborda Outrem com Alteridade, como acontece essa atitude nos encontros e como foi caminhar buscando ética e justiça na presença da Outra. A partir das reflexões sobre a ação é possível perceber a tão sonhada abertura à Outra na privação de liberdade de mulheres encarceradas?

Por ser infinito, Outrem jamais poderá ser alcançado, assim, a necessidade de qualquer ação que se inicie por meio da bondade e da generosidade, deve ser desinteressada. É desejo por Outrem, mas “Não como um Desejo que a posse do Desejável apazigua, mas como Desejo do Infinito que o desejável suscita, em lugar de satisfazer. Desejo perfeitamente desinteressado – bondade” (idem, p. 38). Nas relações nas quais existe essa bondade, pensada por Levinas, de quem oferece algo, não existirá posse nem dominação de Outrem. Desse modo, o acolher com alteridade torna-se um movimento não violento de abordar Outrem, uma atitude ética e um ensinamento.

Foi algo bem novo pra mim, mas foi algo que foi bem especial, a experiência assim, achei bem interessante o processo, e como ele trabalha essa reflexão e essa ideia de ouvir o outro. E como você acaba digerindo aquilo que você tá ouvindo e internalizando e também fazendo a crítica de si mesmo, refletindo sobre aquilo que você fala, sobre o que você pensa. Eu achei muito interessante e pra mim foi um processo novo, assim sabe, um processo diferente, assim, acho que foi importante no sentido que eu acabei mais aprendendo. (Entrevista em profundidade - 20/07/2020 - Helena)

Na própria pergunta sobre a motivação em realizar os Círculos, a entrevistada Helena faz uma reflexão sobre o ensinamento que a experiência do acolhimento trouxe para ela e do quanto é possível aprender por meio do processo. Conforme Levinas (2015, p. 38), “A relação com Outrem ou o Discurso é uma relação não-alérgica, uma relação ética, mas o discurso acolhido é um ensinamento. O ensinamento [...] Vem do exterior e traz-me mais do que eu contendo”. Para ele, essa relação é a própria epifania do Rosto, quando podemos ver nele também a condição de receber.

6.2 Primeira aparição em cena

Há pessoas que tentam imaginar que de fato a vêem e esgotam toda a energia e atenção a persuadirem-se disso. Mas o ator experimentado sabe bem que o que importa não é a aparição em si, mas a sua atitude interior em face dela. (STANISLÁVSKI, 2016, p. 439)

Uma ação de extensão pode ser comparada a uma cena teatral, na medida que ela não pode existir apenas no mundo das ideias, mas deve se materializar em uma obra. Contudo, “A obra é sempre, num certo sentido, um ato falhado. Eu não acompanho inteiramente o que quero fazer” (LEVINAS, 2015, p. 224), pois, quando praticamos algo dessa natureza, não é raro nos preocuparmos mais com a execução da cena do que com a nossa atitude interior em face dela.

Projetos de extensão são baseados em diversas teorias, de ensino e de pesquisa, mas, seu objetivo final é aparecer junto à comunidade, ou seja, vai além das fronteiras acadêmicas entre os pares que a elaboraram, elas precisam ser vivenciadas também pelo público externo.

É uma obra que, no fim, visa instaurar alguma relação entre aqueles que estão dentro dos espaços acadêmicos com aqueles que não estão inseridos nesse

meio. Todas as ações do projeto extensionista aconteceram conforme um cronograma e um roteiro, mas, o que a Filosofia da Alteridade contribuiu foi em como refletimos durante e após sua execução. Como pensamos sobre os nossos desejos em estabelecer uma relação intersubjetiva com Outrem, o quanto ético e responsável essas relações podem se tornar ou o quanto podemos nos esforçar para que elas não sejam ações violentas e silenciadoras, mais do mesmo, com domínio da exterioridade, assimilação/aniquiração da diferença e aprisionamento do Eu em si Mesmo.

Para Levinas (2015, p. 222), “O rosto, cuja epifania ética consiste em solicitar uma resposta (que a violência da guerra e a sua negação mortífera apenas pode tentar reduzir ao silêncio), não se contenta com «boas intenções»”. Para ele, isso é simplesmente a atitude de alguém que goza de uma boa vida, na qual se tem de sobra e se pode oferecer como benevolência platônica.

Nesse sentido, Levinas (idem) defendia que era preciso ultrapassar as intenções heróicas de desempenhar um papel para se entregar verdadeiramente à vontade viva, que assegura sua interioridade, mas que respeita Outrem na sua, por meio da relação ética.

Assim, a primeira aparição em cena, ou seja, o primeiro encontro *face a face* com as mulheres na penitenciária, pode ser interpretado como um “movimento próprio do ato” que “consiste em desaguar no desconhecido – em não poder medir todas as suas consequências” (idem, p. 223). Após ter sido refletido, consciente e intencionalmente, o acolhimento não foi percebido pelas mediadoras como um ato heróico, e sim como justiça às mulheres encarceradas na privação de liberdade.

6.2.1 Análise ideográfica - a atitude interior da atriz

O Quadro 2 retrata as unidades de significado das respostas das mediadoras para duas perguntas feitas de uma só vez no momento da entrevista em profundidade sobre essa primeira aparição em cena, ou seja, o primeiro encontro *face a face*: Como foi o primeiro encontro com as participantes? Qual a lembrança mais presente na sua memória?

Quadro 2 - Sobre as lembranças do primeiro encontro

Entrevistadas	Círculo	Unidades de significados
Helena	das policiais	<p>O primeiro encontro, e o único que eu fiz, foi um encontro com as agentes, foi logo na sequência de um suicídio de uma das agentes, de uma das companheiras e eu acho que ficou muito gravada a <u>questão do trauma, como o trauma reflete sobre o ser social daquelas mulheres que estavam ali tentando se recompor</u> de alguma forma e toda aquela reflexão que foi bem intensa, eu acho assim, tanto para elas tanto para gente que estavam participando daquele momento, eu acho que foi bem marcante pra mim, assim. [...] Acho que elas se expuseram bastante, assim, essa <u>sensibilidade delas</u>, nesse sentido, do momento que elas estavam passando também, talvez que se fosse numa outra ocasião elas tivessem se preservado um pouco mais, mas como elas estavam muito machucadas ainda, do que tinha acontecido, acho que mostrou bastante a <u>fragilidade</u> de todas elas.</p>
Yara	das mulheres privadas de liberdade	<p>Eu não tenho como esquecer que eu tive que acudir a X (nome da interna)... que ela começou a chorar [...] Foi um momento curto e rápido, mas aquela situação da pessoa tá passando mal, não tá bem e você pedir por ajuda e não aparecer ninguém, aí você respira fundo e fala assim: “Bom, eu acho que eu tenho condição de ajudar, então, vamos tentar, enfim. Mas pra mim aquela situação eu fiquei pensando: “Nossa, podia ser eu que poderia estar no lugar dessa mulher aqui”. Aí <u>você se coloca no lugar do outro</u>. Aquilo me sensibilizou muito, assim, de perceber ou de sentir um pouco esse isolamento com relação a muitas coisas para além do isolamento social, [...] a amplitude dos isolamentos que isso implica é muito grande, <u>não é só uma questão de isolamento de um convívio</u>, é claro que ali se constrói outro convívio, outras relações, <u>mas esse sentimento de desamparo, de tá sozinho mesmo</u>, de perceber: “Pô, tô mal, tô ruim”. Simplesmente os caras fecham as celas, não aparecem aqui pra dar suporte, pra atender. Então pra mim foi muito forte. [...] E aí eu fiquei impressionada com a <u>abertura que elas tiveram, com a sensibilidade delas</u>.</p>
Maria Luiza	das	Pra mim foi muito... (recorda-se), foi um grupo

	mulheres privadas de liberdade	<p>muito grande (se emociona)... tinha uma roda enorme... E eu acho que sempre tinha aquela expectativa de como a gente seria recebida, e foi muito surpreendente no sentido que <u>a gente foi recebida com muito afeto</u>. Eu lembro que você tinha comentado também como você tava nervosa e cheia de expectativa. Eu acho que todo mundo tava bem nervoso. E assim, foi <u>algo que se deu de uma maneira muito fluída</u>. Acho que <u>elas se sentiram muito à vontade</u> quando apresentaram a proposta, que não era um espaço pra serem julgadas e tudo mais. Eu acho que isso foi crucial, assim, na forma como elas receberam a gente. Foi muito impactante, foi tanto carinho, que não tinha como, por exemplo, ah não pode abraçar... era algo tão natural dos encontros, faziam parte dos afetos ali. E isso foi incrível!</p>
Martina	das mulheres privadas de liberdade	<p><u>Eu pensei que ia ter muita desconfiança</u>, porque também é um espaço que elas sofrem muito preconceito e acho que é a preocupação principal desse primeiro encontro era que fosse um ambiente hostil [...] No momento quando estava começando o Círculo, eu também não sabia como me apresentar... como estrangeira também, pensando a mesma ideia que eu tinha desse espaço, <u>pensei que elas pudessem ter de mim, uma estrangeira, uma desconfiança... além de que elas já não me conheciam</u>, ou se eu não ia conseguir fazer-me entender bem.... era minha preocupação... <u>e não, quando começamos o Círculo, eu vi que elas foram super abertas</u>, umas, claro, falavam mais que outras, mas com o andar da conversação, eu também senti que elas foram abrindo as temáticas, contando da história delas.</p>
		<p>E con las agentes... también aconteceu un poco eso, eu ia pensando uma coisa, que ia ser... eu pensei que ia ser... mais... também mais hostil, mas de outra forma, um poco de não dar tanta importância, talvez pensei que elas não iam dar tanta importância para a atividade. Que ia ser uma parte do trabalho que elas tinham que fazer, eu não sabia qual era o interesse também delas em participar. E também <u>foi surpreendente a forma como elas foram reagindo, a gente viu também o outro lado</u>. Que às vezes também tínhamos, talvez, o preconceito de pensar que elas eram mais rígidas, mas aí você viu que também era o trabalho</p>

		delas, que elas também tem muito trabalho, tem muitos também problemas, que elas também estavam sendo, como decir, estavam vivendo situações complicadas, não era fácil também para elas e permitiu ver o outro lado. <u>Não foi tão hostil, eu até achei que foi um pouco mais... não sei se... é... angustiante.</u>
Rebeca	das mulheres privadas de liberdade	A sensação que eu tive assim, eu acho até que eu tinha comentado com você, é de uma <u>coisa de humanidade</u> , sabe? [...] Vamos, <u>vamos procurar quem é essa pessoa, elementos de humanidade dela.</u> Daí ver essas pessoas lá e conversar com essas mulheres e <u>a forma com que elas falaram com a gente e se sentiram à vontade, senti que elas ficaram felizes com a nossa presença</u> , me fez, não sei, entender assim essa... <u>essa existência delas, mas de uma forma mais próxima, que não era só no meu imaginário</u> , mas que era real, aquele momento era real.
Vitória	das policiais	E a partir desse contato (referindo-se ao primeiro Círculo com as agentes), sabe Regi, me deu uma grande vontade de pesquisar, se essa é uma condição geral [...] <u>essas pessoas também tão presas, porque elas tão presas na mesma realidade.</u> A diferença é que elas podem ir pra casa, elas não estão em um regime obrigatório, no sentido de que, só vai sair dali o dia que sair o alvará de soltura. [...] Mas assim, o que mais me <u>chamou atenção mesmo foi essa condição assim, de quanta dor e sofrimento tinha na fala daquelas mulheres</u> , o quanto elas estão adoecidas, o quanto o sistema adoeceu elas.
	das mulheres privadas de liberdade	Eu percebi logo no primeiro contato a maneira como <u>elas me olhavam, a maneira como elas me viam</u> [...] elas se sentiam representadas na minha fala, que elas se <u>sentiam acolhidas no que eu tava dizendo</u> [...] Eu queria conhecer elas, saber de onde elas eram, a idade, conhecer elas, uma oportunidade... A expressão que utilizei é que elas me dessem uma oportunidade, de que elas pudessem me conhecer e que eu também pudesse conhecer elas, que as nossas histórias pudessem se unir. Então, a partir da minha história, eu <u>gostaria de deixar um pouco de mim e gostaria de levar muitas coisas.</u>

Fonte: Dados obtidos por meio das entrevistas em profundidade com as mediadoras dos Círculos em Movimento na PFF-UP, realizadas no mês de julho de 2020.

As unidades de significados de maior prevalência nas respostas das entrevistadas no que diz respeito às lembranças do primeiro encontro baseiam-se em sentimentos de expectativa e surpresa, principalmente com relação às três facilitadoras que mediarão Círculos em Movimento com as policiais: Helena, Martina e Vitória. Suas respostas demonstraram o choque que elas receberam ao depararem-se com a situação de suicídio apresentada pelas policiais, a dor e o sofrimento delas que se fizeram presentes nos Círculos, como a dor da perda, o sentimento de culpa, o excesso de trabalho, a realidade de quem precisa trabalhar no regime de turnos, a distância dos familiares, a sensação de que elas são esquecidas pela instituição e pelo próprio Sistema de Justiça.

Com relação ao primeiro encontro com as mulheres em situação de privação de liberdade, Yara comentou o episódio que mais marcou para ela na experiência do primeiro encontro: a saída de uma das participantes do Círculo. Na ocasião, a proposta era que as participantes trouxessem uma lembrança da cela, poderia ser uma fotografia, uma carta ou qualquer objeto que falasse delas ou da conexão com o mundo exterior. Todas falavam da lembrança e colocavam no centro do Círculo, em cima do tapete em formato de flor que havíamos levado para o encontro, foi então que a participante ao receber o objeto da palavra e iniciar sua fala começou a se emocionar e pediu para deixar a atividade. Como o Círculo em Movimento é baseado nos princípios de voluntariedade e consensualismo, a pessoa que não se sente bem tem a liberdade de não falar quando não sentir vontade e de deixá-lo se for preciso.

Ela saiu do Círculo, mas como estávamos todas naquela ocasião literalmente atrás das grades, foi preciso aguardar até que alguma agente aparecesse e pudesse abrir o portão para liberar a participante. Nesse momento, Yara deixou o Círculo para prestar apoio à participante. As duas conversaram e depois de certo tempo, elas retornaram para a prática. Nesse instante, a participante pediu para falar, circulamos o objeto da palavra até ela, que começou a falar, emocionada e emocionando todas as presentes.

Yara se surpreendeu com a sensibilidade que elas demonstraram nesse encontro. As demais entrevistadas também trouxeram sentimentos de satisfação com relação a esse dia, pois ele não aconteceu conforme nossas expectativas. Esperávamos certa desconfiança e hostilidade e, no fim, pudemos perceber pelas atitudes das internas o desejo por novos Círculos. As mediadoras relataram a

presença do afeto por meio da prática circular, além de uma abertura por parte delas com relação a nós.

Essa satisfação gerada nos encontros e discutida pelas entrevistadas, pode significar, com base na leitura da obra *Totalidade e Infinito*, de Levinas, o conceito de fruição, ou ainda, gozo da vida. Somos seres que buscamos a felicidade do ser, e a “fruição é a própria produção de um ser” (LEVINAS, 2015, 140). Ela é encontrada nessas horas de “voo livre e o seu encanto são sentidos” (idem, p. 140). Todas essas dimensões da interioridade do ser são importantes para a relação com Outrem. O desejo metafísico necessita dessa fruição, egoísta e satisfeita neste primeiro momento, para a “*tomada de significação* a partir da qual se levantará a possibilidade da sua expressão” (idem, p. 89, grifo do autor). Para Levinas, essa expressão é a palavra e “a palavra é ensinamento”, ela aparece no Rosto de Outrem, e ganha significação a partir da reflexão.

Se a reflexão não existir, “O «para si» fecha-se sobre si e, uma vez satisfeito perde, toda a significação” (idem, p. 88). Por isso Levinas tanto acreditou na importância da linguagem em sua fenomenologia, pois, para ele, ela é o elemento chave de manifestação da significação dos seres.

Todo encontro, na Filosofia da Alteridade, pode ser visto como um encontro de estrangeiros, entre pessoas que não tem mais pátria comum, “O desejo metafísico não assenta em nenhum parentesco prévio, é desejo que não poderemos satisfazer” (LEVINAS, 2015, p. 20). Ao responder sobre a experiência do encontro, Marina, que é estrangeira no Brasil, fala de como se sentiu ansiosa para saber se conseguiria se comunicar com as mulheres brasileiras. O que ela descreveu do primeiro encontro foi justamente a satisfação de reconhecer que a comunicação aconteceu independente dela pertencer a outra cultura, falar “portunhol” no encontro ou ser estrangeira. Em suas palavras, ela conseguiu transmitir a felicidade que sentiu ao ser acolhida pelas participantes no primeiro encontro: “alegria de sentir-me como em casa, por ter sido de uma forma muito íntima” (Entrevista em profundidade - 14/07/2020 - Martina).

Por isso, viver esse primeiro encontro assemelhou-se à experiência de aparecer em cena pela primeira vez e começar a dar o texto ou contracenar com outra personagem e perceber que, embora a plateia fosse estrangeira, todas as pessoas presentes no teatro pareciam se entender. Fomos como as atrizes experimentadas que Stanislávski buscava formar com seus ensinamentos, aquelas

que sabiam que não importavam a *aparição em si, mas a atitude interior em face dela*.

6.2.2 Análise nomotética - a intersubjetividade

Conforme dito anteriormente, a relação com Outrem de maneira ética, conforme Levinas (2015), acontece por meio de sentimentos de amizade e demonstrações de afetos, contudo, ela nasce no apelo do desconhecido que exige humanidade nos olhos de Outrem que clamam por justiça. Essa aparição do vulto de Outrem é que nos faz refletir sobre a responsabilidade no encontro *face a face*.

Levinas tinha a intenção de defender a ética como ponto de partida de toda a filosofia (BORDIN, 1998, p. 155). Assim, as reflexões que se possa fazer, bem como as escolhas a tomar, ocorrem a partir de quando há consciência do compromisso e responsabilidade por Outrem, e essa é a existência da ética em primeiro lugar. Isso realmente me parece uma mudança radical na forma de pensar, falar e agir, o que corrobora o pensamento de Levinas ao proclamar a Alteridade.

Com todo o imaginário que se tem com relação ao ambiente prisional, é comum nos sentirmos ansiosas e inseguras sobre como aconteceria o primeiro encontro. As entrevistadas evidenciaram em seus discursos que tinham consciência que era preciso se despedir dos preconceitos do mundo exterior sobre aquelas mulheres assistidas pelo projeto e, além disso, entendiam que isso não era uma tarefa simples, não era como se despir de um figurino no camarim. Inclusive, em alguns momentos, elas refletiam sobre o medo de estar naquele espaço, principalmente porque existe, historicamente, interiorizado em muitas de nós, importantes representações sociais sobre esse público.

As entrevistadas falaram que faziam ideia de que essas mulheres tinham suas vidas perpassadas por violências, que suas histórias revelariam pontos em comum na trajetória delas, em especial do motivo delas estarem ali, de terem sido julgadas e condenadas pelo sistema. Entenderam também que dificilmente seria um encontro em que elas já se sentiriam à vontade para contar suas histórias. Porém, por meio da reflexão que as mediadoras fizeram desse primeiro encontro, elas tiveram a sensação de que a abertura iniciou-se desde esse primeiro Círculo. A ponto de emocionar Maria Luiza,

o que levou elas a estarem lá... é uma história que se repete de uma forma bem viciada, então pesa muito quando você vê pontos tão em comuns e você vê um sistema que individualiza as escolhas e que individualiza a culpa que elas sentem também, porque chega um ponto que elas também assimilam isso, que elas são responsáveis única e exclusivamente pelas escolhas que elas tomaram, foram as escolhas ruins que fizeram com que elas se tornarem péssimas mães, que elas se sentissem péssimas mulheres porque elas acabaram lá dentro, então essa questão da individualização das escolhas e da culpa que elas sentem por terem escolhido aquilo, sendo que existe todo um contexto muito maior... eu acho que é uma das coisas que é mais centrais, que mais me toca, nesse sentido. (Entrevista em profundidade - 21/07/2020 - Maria Luiza)

A reflexão feita por Maria Luiza converge com o pensamento do grupo de mediadoras. Elas têm consciência de que as trajetórias de vida dessas mulheres se repetem e do quanto é decepcionante perceber que, provavelmente, a própria dinâmica social irá conduzir aquela pessoa que está diante dos nossos olhos, nos contando a sua história, de volta ao mesmo lugar, à prisão. Constatar esse fato trouxe uma angústia importante ao grupo, mas, tornou-se essencial para pensar na relação com elas, na maneira de olharmos para essas mulheres e para o mundo em que elas vivem. Nos levou a entender que poderíamos estar, dependendo das circunstâncias, no mundo delas também, no papel de mulher privada de liberdade.

É uma linha muito tênue entre você manter o tal do contrato social, manter uma boa convivência em sociedade e você por uma questão (extrema)... eu não vou dizer que não existem situações em que as pessoas crescem na criminalidade e a criminalidade está tão incutida nela que, matar uma pessoa é a coisa mais simples do mundo, mas tem muitas pessoas que para cometer (um determinado crime) [...] é um ato de sacrifício extremo e isso traz reflexos na pessoa... não existe pena maior do que a própria condição da pessoa de conviver com aquilo. (Entrevista em profundidade - 10/07/2020 - Vitória)

A forma como os Círculos são preparados para acontecer tem um outro olhar para a Justiça, pois se trata de uma prática restaurativa, o que corrobora o estabelecimento de uma conduta ética das mediadoras perante as participantes, consiste num “processo transformativo a partir desse olhar mais humanizado sobre as pessoas, para essas pessoas, com essas pessoas, que estão no sistema prisional” (idem). Partimos do reconhecimento que vivemos numa sociedade em que a prisão é uma escola, onde uma pessoa que rouba uma bicicleta convive com outra

que é assassina, e que o crime, muitas vezes, é a porta que permanece aberta para muitas pessoas, enquanto as outras se fecham.

Estar diante dessa outra mulher, aquela que vive em situação de cárcere, exige conhecimento sobre todo esse universo, de todo esse cenário que nos rodeia e nos leva a refletir sobre esses Círculos e a filosofia ética, restaurativa e de Alteridade, que desejamos empreender por meio desse projeto. As práticas restaurativas vem em meio a um sistema penal em crise, que encarcera milhares de pessoas sem perspectiva de mudança ou transformação social.

o sistema penal é uma ideia de exclusão. No meu modo de ver esse sistema (penal) nunca vai ser possível uma ressocialização. Então, eu acho que as pessoas precisam se sentir parte de alguma coisa pra elas desejarem voltar a ter uma conduta padrão que a sociedade espera. Mas se você não se sente mais parte daquilo, tanto faz sabe. Você vai sair do sistema, terminou de cumprir a pena, ninguém vai querer te dar emprego mesmo, você vai ficar taxada como uma ex-presidiária. Então, essa ideia de exclusão do sistema, não faz com que a pessoa consiga ver uma saída disso. Então, trabalhar com essa ideia de pertencimento, de acolhimento [...] são próprias das práticas restaurativas. (idem)

Também poderíamos dizer que o que nos moveu em direção a esse encontro, com essas mulheres em especial, foi a consciência da problemática da mulher que convive no sistema prisional e do abismo social entre elas e o grupo de acadêmicas. Entretanto, foi o encontro *face a face* com elas, a intersubjetividade iniciada ali, no primeiro encontro, que permitiu essa consciência reflexiva e intencional presente nas falas das mediadoras.

Essa consciência, que não é mais fechada em si mesma, que é consciência de algo e que não aceita mais a separação dos mundos, nos conduzia à responsabilidade por elas. Levinas (2010; 2015) defendia a ideia de que essa responsabilidade acontece à medida que o ser humano vai se relacionando e se abrindo à Outrem. Então, a responsabilidade não é apenas um atributo da subjetividade humana, mas, sim, ela vai acontecer a partir da intersubjetividade.

Principalmente em *Totalidade e Infinito* (2015), obra publicada pela primeira vez em 1961, Levinas aprofunda a questão do sujeito e retoma a discussão sobre a subjetividade pela perspectiva ética da relação com Outrem. A noção de sujeito era o ponto central da Filosofia Moderna, ocupando a posição de sujeito-objeto.

Para Luciane Martins Ribeiro (2015), Levinas procurou afastar a introspecção e a intencionalidade da consciência autorreferente promovida pela fenomenologia

de Husserl da concepção de subjetividade. Para a filosofia de Levinas, “O sujeito não é apenas afetado pelas coisas do mundo” (idem, p. 12), e sim, “O sujeito é fundamentalmente afetado pela Alteridade humana o que ocasiona uma alteração no sentido da constituição da subjetividade enquanto sensibilidade”. Sendo que uma das principais críticas de Levinas aos escritos filosóficos de seus antecessores estaria no descuido com Outrem, inclusive na filosofia do ser.

Para Levinas (2010, p. 101), “A subjetividade significa por uma passividade mais passiva que toda passividade, mais passiva que a matéria, por sua vulnerabilidade, por sua sensibilidade [...]”. Desse modo, para não ser igual ao mesmo, alterar-se, torna-se “outramente que ser”, a vulnerabilidade diante do Rosto de Outrem faz-se essencial para pensar uma nova subjetividade ética, a qual requer responsabilidade, mesmo no sofrimento.

Sofrer pelo outro é ser responsável por ele, suportá-lo, estar em seu lugar, consumir-se por ele. Todo o amor ou todo o ódio do próximo, como atitude refletida, supõe esta vulnerabilidade prévia, misericórdia; “gemidos de estranhas”. Desde a sensibilidade, o sujeito é para o outro: substituição, responsabilidade e expiação. (LEVINAS, 2010, p. 101).

“Todo o humano está do lado de fora, dizem as ciências humanas. Tudo está do lado de fora, ou tudo em mim é aberto” (LEVINAS, 2010, p. 99). Para Levinas, o sujeito pode ser aberto conforme a vulnerabilidade, caso contrário, ele permanece dentro de si. “Na vulnerabilidade encontra-se, portanto, uma relação com o outro que a causalidade não esgota.” (idem, p. 100).

Nessa relação, posso escolher uma atitude de abertura, de acolhimento e de escuta sensível à palavra de Outrem. Seria, portanto, a presença da sensibilidade ética no encontro *face a face*. Como expressa Martina (Entrevista em profundidade - 14/07/2020),

você também tem que se abrir, não é só receber [...] ser vulnerável também en este espacio, acho que *a vulnerabilidade também é chave no acolhimento*, porque você tem que se abrir senão você está só recebendo alguém superficialmente, tá acolhendo alguém só na aparência, o que acontece às vezes com a caridade ou com outras formas de acolhimentos, que às vezes não são reais, porque você recebe mas você também não se abre... e nesse sentido, eu acho que o acolhimento também você tem que entrar en este espacio e ser vulnerável de contar suas coisas como a outra pessoa

também, e também escutar o que a outra pessoa tá falando, a outra mulher em este caso. Eu acho que *através da conversacion é quando começam a se derrubar os seus preconceitos*, quando você escuta outra pessoa e vê que *tua história tem mais alguma coisa com a história dela*, quando começa a encontrar también coisas em comum. (grifo meu)

Como num palco, as atrizes não podem assistir a uma cena, elas precisam viver a cena, as emoções e os sentimentos. Para Levinas, é importante analisar a intencionalidade da sensibilidade. Concorda Ribeiro (2015, p. 26), “Trata-se de elevar a sensibilidade ao nível de intencionalidade afetiva retirando-a do papel de mero fato ou atributo”. Para ela, a ética primeira que Levinas defende na Filosofia da Alteridade conduz ao desejo e à bondade em relação à Outrem e não ao próprio Ser, como na ontologia. Portanto, “Inaugura uma outra maneira de perceber a subjetividade como sensibilidade conduzindo-a para a relação original.” (p. 76).

Dessa forma, a Alteridade, como uma nova forma de relação com Outrem, pode acontecer a partir da proximidade e da sensibilidade para com o desconhecido, o estrangeiro, a pessoa com deficiência, a criança, o idoso, o apátrida, ou, ainda, com os Rostos esquecidos, nos encontros e nas relações sociais do cotidiano.

6.3 Fim da cena - revendo-as à luz da sua interpretação

Continuava a debitar o meu papel e a seguir a marcação automaticamente, pensando unicamente em chegar ao fim da cena, [...] De regresso a casa, sozinho no meu quarto, sentia-me bastante abatido. Felizmente Leo veio visitar-me. Tinha-me visto na plateia, durante a representação, [...] Começámos a falar da peça e do papel de Otelo, que ele conhecia bem. Explicou-me a maneira como via a paixão do Mouro, a sua dor [...] Depois de ele sair, retomei certas passagens do papel, revendo-as à luz da sua interpretação. Descobri então novos aspectos do desgosto de Otelo, a tal ponto que as lágrimas me vieram aos olhos. (STANISLÁVSKI, 2016, p. 36-37)

Stanislávski dizia que quando estamos falando ou agindo na vida, temos uma vontade: a de viver. Mas quando uma atriz entra em cena existem duas vontades: uma é representar para o público, afinal, é dele que se espera a atenção, se deseja emocionar através da personagem; a outra é conseguir verdadeiramente viver o papel em cena (VÁSSINA; LABAKI, 2015). É frustrante para uma atriz não

conseguir sentir pela personagem, porque dificilmente se pode exprimir sentimentos por meio do rosto, do corpo ou da voz quando não se vive aquilo verdadeiramente.

Para ele, a atriz possui um aparelho psíquico, físico e vocal que precisa trabalhar simultaneamente para exprimir sentimentos dos mais delicados e sutis possíveis. É uma “obrigação viver interiormente a sua personagem e dar depois uma manifestação exterior da sua experiência. [...] na nossa escola, consideramos com uma atenção especial a influência do espírito sobre o corpo” (STANISLÁVSKI, 2016, p. 50). Todo ensinamento desse mestre transformou a maneira de atuar, permitiu que atrizes e atores se comprometessem com a vida interior de suas personagens, o que gerou espetáculos com mais vivências naturais e verdadeiras, assim como, precisão de sentimentos.

No acolhimento real não temos nem atriz nem personagem, mas experiência sensível, que à luz da interpretação, pode nos manifestar sentidos e significados sobre o modo como atuamos uns com os outros, ou seja, como falamos, agimos e vivemos nossas relações intersubjetivas. Segundo Levinas (2015, p. 69), “A metafísica tem lugar nas relações éticas”, e equivale a transcendência, assim, aquela pessoa que sai em busca de Outrem e o encontra, possivelmente refletiu sobre o acontecimento e já não é mais a mesma, é outra pessoa, essa é a ideia de infinito.

E para isso, Outrem estava presente, pois não existe, num fim, um ser separado. “A reflexão pode, sem dúvida tomar consciência deste frente a frente, [...] uma atitude crítica que se produz frente do Outro e sob sua autoridade” (idem, p. 71). Essa passagem da percepção ao conceito requer, por meio dessa filosofia, o consentimento de quem entra no discurso, que também não é mera confrontação de dois seres que se afastam do objeto. Por isso, nesta tese, propus estudar o fenômeno do acolhimento à luz da interpretação daquelas que intencionalmente o vivenciaram.

O pressuposto por esta escolha teórica-metodológica esteve justamente no fato de não me permitir mais um trabalho solitário, de quem se dirige ao mundo das ideias, “A generalidade do objeto é correlativa da generosidade do sujeito que vai para Outrem, para além da fruição egoísta e solitária, e fazendo brilhar desse modo, na propriedade exclusiva da fruição, a comunidade dos bens deste mundo” (idem, p. 66). Dessa forma, uma das principais questões levantadas às entrevistadas foi a respeito de como elas se sentiram depois do fenômeno vivido, ou seja, que sentidos

e significados elas podem rever e manifestar após a experiência do primeiro encontro com as mulheres que convivem no ambiente prisional.

6.3.1 Análise ideográfica - a reflexão

No Quadro 3 estão contidos os sentidos atribuídos pelas entrevistadas para as seguintes indagações: Como você saiu dos Círculos? Descreva os principais sentimentos.

Quadro 3 - Sensações após a realização dos Círculos

Entrevistadas	Unidades de significados
Helena	Quando a gente sai de lá de dentro, a gente sente a <u>necessidade de estar mais lá dentro</u> [...] preciso estar aqui mais vezes pra poder realmente ajudar, elas precisam da gente, elas precisam da nossa força, a gente sai mesmo com esse sentimento de que <u>cumprimos a função daquilo que a gente se propôs a fazer, de estar ali</u> , de dar o nosso ouvido, de conversar, de se expor, no sentido de um ombro amigo.
Yara	Olha, a gente sai dali esgotada (risos). É um sentimento, uma <u>sensação de esgotamento</u> , eu não sei se com todas aconteceu isso, mas é uma sensação de esgotamento. [...] Então, até eu conseguir voltar o <i>plug</i> , porque eu tinha que ir para uma sala de aula e trabalhar determinados temas e determinados conteúdos... <u>eu só tinha vontade de falar daquela experiência que eu tinha vivenciado naquele dia</u> . Então, eu tinha que me ressintonizar, me reorganizar, pra fazer esse processo. [...] A gente precisava fazer uma terapia... A gente precisava de um momento individual e um momento coletivo, tem que ser feito, pensado nisso, porque a gente tá trabalhando, queira ou não, a gente tá tocando em coisas muito sensíveis, muito vulneráveis ali. E é normal isso acontecer com a proposta de trabalho e eu acho que até se a gente não fosse com essa proposta de trabalho, poderiam acontecer situações (sensíveis e vulneráveis) também. [...] eu acho que enquanto a gente estivesse desenvolvendo o projeto era importante a gente fazer, ou individualmente ou fazer de maneira coletiva, essa <u>reflexão sobre aquela experiência vivenciada</u> com alguém na área da Psicologia ou da Psicanálise.
Maria Luiza	Eram sentimentos opostos, no sentido de que era algo realmente que me deixava muito, <u>muito feliz e muito</u>

	<p><u>emocionada, de estar ali com as mulheres, de ter todo aquele afeto envolvido</u>, de toda aquela confiança que elas tinham na gente, mas ao mesmo tempo [...] eu saia com um peso muito grande, doía bastante, pelas histórias delas, porque eram histórias perpassadas por muitas violências antes delas estarem ali no sistema, das violências do sistema que, vez ou outra sempre aparecia alguma coisa e da própria estrutura da prisão, que é totalmente perversa assim, aqueles corredores, aquela coisa meio gelada e úmida, cinza. Então, <u>tinha sentimento bom, de poder ter estado com elas, mas tinha esse sentimento doloroso, de presenciar tanto sofrimento também.</u></p>
Martina	<p>Eu acho que uma coisa <u>foi a reflexão, eu refleti muito depois do Círculo.</u> Sempre ficava dias pensando nas situações delas, me colocando ou imaginando <u>como era estar no lugar delas, um pouco empatizando, pensando como era viver essa realidade.</u> [...] era uma tristeza também saber a situação... ver a pessoa falando de estar longe da família dela, de estar abandonada, sem receber visita ou estar longe, ou não ser reconhecida pela família.</p> <p>[...] <u>eu me senti acolhida por elas</u>, (recebi) abraços com palavras “eu gosto de você”, esse tipo de coisa que você se sente acolhida, você se sente escutada também, mesmo sendo de outro país, eu me senti super acolhida.</p>
Rebeca	<p>Então, eu tava com o corpo cansado, mas ao mesmo tempo eu tava eufórica, assim, eu não tava sem energia sabe [...].</p> <p>[...] por mais que eu não tivesse conversando com essas mulheres antes, eu acho que estar lá fez muita diferença pra poder materializar a realidade daquela vivência. Se eu só tivesse lido sobre as histórias delas, se eu tivesse participado de um Círculo em uma associação de moradores com pessoas que ficaram presas, esta é uma experiência totalmente diferente. <u>Eu acho que estar no lugar em que, naquele momento, era a realidade delas e fez com que essa experiência se materializasse</u> e isso me impactou muito, saber como que era, não que eu tivesse curiosidade, mas é <u>uma percepção que vem com sentimentos sobre aquele espaço</u>, sabe?</p> <p>Entrevistadora: <u>Um pertencimento?</u></p> <p>Rebeca: Isso, exatamente.</p>
Vitória	<p>[...] desde o primeiro Círculo que eu fiz com elas, muitas coisas <u>eu refleti... a partir daquelas histórias</u> [...] eu vi aquelas mulheres que estavam lá, sujeitos como eu, com os</p>

	<p>mesmos direitos [...] quando você pratica mesmo a escuta ativa e você escuta a história do outro, se coloca na história do outro... que tanto você quanto aquela pessoa são <u>pessoas iguais</u>, o que diferencia uma da outra foram as oportunidades que para uma podem ter sido maiores do que para a outra, mas isso não faz nem você melhor que aquela pessoa nem aquela pessoa inferior a você, [...] eu via no olhar daquelas mulheres que elas sentiram a <u>igualdade entre a gente</u>, eu não tava numa condição de avaliação.</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Dados obtidos por meio das entrevistas em profundidade com as mediadoras dos Círculos em Movimento na PFF-UP, realizadas no mês de julho de 2020.

A partir das unidades de significados, foi possível perceber que a reflexão foi a reação mais comum das entrevistadas após a experiência dos Círculos. Sentidos de fruição foram descritos por elas. Além de um esgotamento físico e mental seguido pela vontade de entender o que aquele acontecimento poderia ensinar para elas enquanto seres humanos que buscam a consciência reflexiva. Para aquelas dispostas a pensar dialeticamente na transformação das realidades e em suas próprias ações, não resta senão o recurso de refletir os temas que lhe afetam no mundo, diante daquela situação e daquelas circunstâncias dadas.

Como expressa Poirié (2007, p. 135), “O sentido do caminhar filosófico varia, para aquele que o percorre, conforme o momento ou o lugar em que tenta dar-se conta dele. Somente de fora é possível abarcar e julgar um tal processo de devir”. A experiência nos oferece uma infinidade de sentidos sobre a realidade. Para Rebeca, por exemplo, a realidade daquela situação de privação de liberdade se materializou a partir de um certo sentimento de pertencimento ao lugar e pode estar relacionado à intencionalidade da consciência. Conhecer as histórias daquele lugar, mesmo que contadas posteriormente por pessoas que viveram a experiência de estar numa penitenciária, para ela, não tem o mesmo significado de estar lá, não seriam iguais aos sentidos que ela pôde dar sobre o que representou o encontro com mulheres que estavam naquele momento vivendo o lugar, a situação e as circunstâncias. Para ela, o lugar desconhecido simplesmente se materializou.

Para Martina e Vitória, a reflexão após o encontro com a outra se deu na medida em que elas buscavam se colocar no lugar da outra, solidarizando-se com a realidade das mulheres que participavam do projeto. Porém, esse se colocar no lugar da outra foi realizado com a consciência de que esse desejo não é plenamente

possível, pois, conforme a fala da entrevistada Yara: “ninguém consegue vivenciar ou saber o que que o outro sente, porque não está vivendo na pele. Eu acho que isso é impossível, mas assim, pelo menos você se sensibiliza” (Entrevista em profundidade - 20/07/2020). A sensibilidade também faz parte do gozo, visto que é acontecimento da fruição. Embora não seja a consciência intencional ainda, ela pode ser o ponto de partida para a estabelecer a ética como primeira nas relações humanas.

Tanto Helena quanto Maria Luiza falam do desejo de estar com aquelas mulheres e da felicidade de ter vivido a experiência. Maria Luiza expressa ainda a frustração com a realidade das mulheres atendidas. Ela sentiu que as trajetórias de vida relatadas por aquelas pessoas transmitem toda a problemática da sociedade contemporânea e a crise do sistema carcerário brasileiro. Para ela, ouvir essas histórias foi sofrer com elas e por elas. Ela descreveu, principalmente, o sofrimento de saber que aquelas mulheres que vivem aquela situação de cárcere, ao longo de suas vidas, estiveram convivendo constantemente com a violência, a dor e as misérias humanas.

6.3.2 Análise nomotética - “amar a arte em si, e não a si mesmo na arte”

Essa é umas das frases célebres do mestre Stanislávski. Ela contém uma mensagem importante quando pensamos que agimos, muitas vezes, centradas em nos ver interpretando um papel, na nossa atuação em cena e nos aplausos do público. Será que, agindo assim, refletimos sobre o que a arte nos proporciona e nos modifica? Se Outrem pudesse ser visto como a arte foi percebida pelo mestre, poderíamos então afirmar que amamos Outrem em Nós?

Vássina e Labaki (2015), concluíram que os princípios stanislavskianos inspiraram a ética de um trabalho consciente da atriz e do ator sobre a criação do personagem e do espetáculo, ele demonstrou a partir de seus pensamentos que a atriz ou o ator são também seres criadores, capazes de acessar sua memória afetiva para criar uma personagem com emoções genuínas. Esse trabalho não era realizado de maneira solitária, mas, sim, numa espécie de laboratório, a partir da noção de conjunto e de trabalho coletivo, preconizadas por ele no seu Sistema.

As falas das entrevistadas sobre como elas saíram do encontro com a Outra, seus sentimentos, os sentidos e significados compartilhados com a entrevistadora,

demonstraram a vontade de apreensão por meio da reflexão da experiência vivida. Elas praticamente olham para a reflexão como uma possibilidade de apreender o mundo e a realidade da Outra.

Contudo, nos alertou Levinas (2010, p. 44), esse caminho em busca da reflexão não deve chegar de modo algum ao mesmo lugar. Deve descortinar, como “uma partida sem retorno [...] significa, para o agente: renunciar a ser o contemporâneo do resultado, agir sem entrar na Terra Prometida” (idem, p. 45). É renunciar o ser, é perceber o mundo sem “mim (moi)”, precisa ser “um movimento que vai para fora do idêntico, para um Outro que é absolutamente outro” (idem, p. 44). Do contrário, é apenas uma “aventura pelo mundo [...] um retorno à sua ilha natal – uma complacência no Mesmo, um desconhecimento do Outro” (idem, p. 44). Portanto, reconhecer Outrem é mais do que um ato de conhecimento, da própria ontologia e do processo de subjetivação. A relação com Outrem não se situaria apenas no plano epistemológico, mas, sim, na relação ética que conduz à intersubjetividade.

Por esse motivo, Levinas fala da necessidade de recolhimento do Eu na sua Morada, “O movimento pelo qual um ser constrói sua casa abre-se e garante a interioridade, constitui-se num movimento pelo qual o ser separado se recolhe. O nascimento latente do mundo dá-se a partir da morada” (LEVINAS, 2015, p. 149). Esse recolhimento nos tira da imersão e inicia um novo acontecimento, a busca pelo ensinamento primeiro, a ética. Para isso, é necessário estar onde não vivo e acolher Outrem que se apresenta na minha casa, devo colocar minha casa a disposição de Outrem. Para a pesquisadora Hygina Bruzzi Melo (1999, p. 124):

O rosto do outro aparece na janela que contempla, a distância, ao mesmo tempo como aproximação e distanciamento, abstraindo essa ambiguidade para tornar possível um olhar que domina, um olhar daquele que escapa aos olhares, ou seja, o olhar que contempla. Assim, enquanto contemplação, o nascimento latente do mundo se produz a partir da morada.

Para a autora, o acolhimento para Levinas tem início ao oferecer minha casa, ou seja, abertura da minha morada a Outrem (idem). Acolher é ter um lugar onde exista e se ofereça a bondade, a responsabilidade e a cortesia, onde a linguagem seja acolhedora ao ponto da outra encontrar refúgio nas palavras, alimento e conforto, “[...] é marcadamente um abrir as portas de sua morada para experimentar

a aventura da convivência e da partilha de mundos e perspectivas diferentes que se cruzam e se entrelaçam na interioridade da casa.” (SÍVERES, 2006).

Nessa perspectiva, o convite à morada é a própria acolhida, entretanto, Luíz Síveres e Paulo Giovanni Rodrigues de Melo, pesquisadores da Pedagogia da Hospitalidade com base na Filosofia da Alteridade em Levinas, expressam o quanto a acolhida “[...] não pode ser englobante, pois se torna opressora e esmagadora. O risco da inclusão escolar e social com o Eu fechado é a massificação, impedindo a relação ética da Alteridade do rosto” (2012, p. 43). Essa relação constitui-se num evento ético quando a acolhida acontece de maneira respeitosa, com o acolhimento da diversidade de Outrem.

Como afirma Guedes (2007, p. 13-14), “Levinas acaba construindo uma filosofia que subverte o movimento ontológico de apropriação da diversidade.” Para o autor, a filosofia ocidental esteve por muito tempo preocupada em apropriar-se de Outrem para torná-lo igual à Mesma ou ao Mesmo. Assim, enfrentamos em diferentes espaços de convívio humano, inclusive na escola, as relações excludentes que visam resistir à diversidade. Ademais, o autor (idem, p. 142-143, grifo meu) denota que: “A cultura construída através do diálogo aponta para a possibilidade de uma nova cultura, marcada pela *acolhida* e pelo compromisso com a Alteridade sem, contudo, negar a própria identidade.”

Durante toda a entrevista, as mediadoras refletem sobre a importância de estar na penitenciária para ouvir a Outra, a palavra. Isso porque o objetivo central do projeto era o encontro com o Rosto da Outra por meio da linguagem vivenciada por essa metodologia dos Círculos, que pressupõe a escuta sensível e o diálogo horizontal, conseqüentemente, caminha na direção da intersubjetividade.

Assim, quando elas falam sobre como saíram dos Círculos, em especial do primeiro contato com as mulheres na penitenciária, é possível perceber uma vontade de permanecer no movimento da Alteridade por meio da escuta das vozes delas por elas mesmas. Todas elas revelaram que a preocupação primeira era com a responsabilidade de não permitir que a subjetividade da Outra fosse calada no discurso, ou seja, seria a “Violência do Rosto”⁶¹.

⁶¹Cf. LEVINAS, Emmanuel. Violência do Rosto. Tradução de Fernando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

De acordo com a Filosofia da Alteridade, existiria uma diferença entre “«aparecer na história» (sem direito à palavra) e aparecer a outrem assistindo ao mesmo tempo à sua própria aparição” (LEVINAS, 2015, p. 251). Todos temos nossos discursos pessoais, de mim à outras, mas “O meu ser produz-se ao produzir-se para os outros no discurso, é o que se revela aos outros, mas participando na sua revelação, assistindo a ela” (idem). É uma relação que não anula o recolhimento ou as singularidades, mas já não aceita a existência de verdades universais, tão pouco o apagamento da Outra.

O que justifica a outra preocupação: a linguagem. Na perspectiva levinasiana, é necessário, ao abrir-se à Outrem em razão da acolhida, preocupar-se com a linguagem do *face a face*, ou seja, do encontro singular e original com Outrem, pois “a linguagem instaura uma relação irreduzível à relação sujeito-objeto: a *revelação* do Outro” (LEVINAS, 2015, p. 62, grifo do autor).

Nesse sentido, o acolhimento descrito nesta tese tem relação direta com a linguagem interpessoal produzida por meio do diálogo ético e amoroso, como um sinal de abertura à Outra. Assim sendo, uma decisão consciente e ética praticada pelas mediadoras dos Círculos em Movimento.

a Alteridade não determina o outro formalmente como a Alteridade de B em relação a A que resulta simplesmente da identidade de B, distinta da identidade de A. A Alteridade do Outro, aqui, não resulta da sua identidade, mas constitui-a: o Outro é Outrem. [...] Produz-se nas múltiplas singularidades [...]. (LEVINAS, 2015, p. 250)

Alteridade é um movimento que não permite o retorno a mesma pessoa. Quando vejo a outra e ela pode ser ela mesma, com suas singularidades, renuncio o meu Eu sem violência, pois não cometo suicídio da minha identidade nem a ressignifico, mas, sim, transcendo a epifania de Outrem (LEVINAS, 2015, p. 251-252). Esse movimento traz ensinamentos que superam, muitas vezes, a teoria, como pode ser percebido na fala a seguir:

O que eu vejo mais importante na minha vida é esse meu olhar para as pessoas [...] eu posso aprender muitas coisas com Paulo Freire, eu posso aprender muitas coisas com a Kay (referindo-se a Kay Pranis), eu posso ir lá e estudar o seu autor (referindo-se a Emmanuel Levinas) e me apaixonar por ver tantas coisas que ele tem para me acrescentar, mas isso não pode me tirar do meu ponto,

de eu ser gente, de eu estar com as pessoas, de eu ser e eu estar ali. (Entrevista em profundidade - 10/07/2020 - Vitória)

Sobre como elas saíram do primeiro Círculo, podemos entender que as mediadoras percebem o acolhimento como uma forma de ensinamento, ininterrupto, um desejo metafísico que não permite que nos sintamos saciadas e que nasce nas relações de confiança. Para Levinas (idem, p. 253), o acolhimento de Outrem é o acontecimento metafísico da transcendência que ocorre no discurso e tem relação com o amor, que nada tem a ver com posse, mas com justiça e responsabilidade.

6.3.2.1 O Amor e a Bondade

Amor e Bondade são duas palavras que apareceram com frequência neste estudo, tanto nos fundamentos teóricos como nas reflexões acerca dos discursos das mediadoras. Conforme já explicitado, na Filosofia da Alteridade, Levinas apresenta os termos supracitados de forma singular e autêntica. Aqui, para a compreensão de Justiça e acolhimento, o entendimento deles volta a se tornar essencial.

Se pensarmos, a trajetória de vida de Emmanuel Levinas está associada diretamente aos eventos catastróficos que marcaram o século XX, especialmente a Segunda Guerra Mundial. Portanto, ele viveu parte da sua vida num século marcado pela crise da civilização europeia, por conflitos e pela intensa violência entre os seres humanos, motivada, principalmente, pelo não acolhimento das diferenças. Entretanto, apresentava-se, em seus discursos, como um sujeito esperançoso com relação à humanidade.

Penso ainda que as provas pelas quais passou a humanidade no decurso do século XX sejam, em seu horror, não apenas a medida da depravação humana, mas também um apelo renovado à nossa vocação. Tenha a impressão de que elas modificaram alguma coisa em nós. (LEVINAS, 2014, p. 41)

Os antecedentes judaicos de Levinas puderam manifestar-se em seus escritos, ao longo de sua obra, como se pode notar no uso restrito da palavra amor, em suas raras aparições. No sentido de que “O amor significaria então a instância propriamente judaica, revelada, mais antiga que o perdão ou a partilha”

(BENSUSSAN, 2018, p. 26), Levinas preservou o amor como um dever do ser humano, um mandamento.

Levinas não utilizou-se da palavra amor na mesma concepção da filosofia ocidental e também não o fez sem reflexão. Para ele, o amor é entendido a partir da responsabilidade (LEVINAS, 2010, p. 135). Trata-se da responsabilidade ética diante do Rosto, que diz: “não matarás”. Ou seja, quando ouço primeiro o apelo do Outro, o apelo de um sujeito único e singular, infinito, e me responsabilizo em não matá-lo na sua humanidade. Faço isso respeitando o próximo na diversidade e na diferença, na não-violência de querer fazer dele igual a mim.

Levinas falou de amor quando defendeu a ideia de que Outrem tem prioridade na perspectiva da Alteridade. A sociabilidade pensada por ele preconizava o agir com amor e diálogo e, por meio dela, o sujeito tornar-se-ia um sujeito ético, pois “a definição positiva do amor distingue-se de tudo o que é erótico e concupiscência. O amor sem concupiscência é a própria socialidade” (RIBEIRO JÚNIOR, 2008, p. 332).

Assim como amor, a palavra bondade na filosofia levinasiana apresenta singularidades. Também advém da ideia de Infinito, isto é, de Rosto. Para Nilo Ribeiro Júnior (2009, p. 73), “[...] a bondade para com o outro chega antes mesmo que o indivíduo possa dar-se conta da sua capacidade de se querer bem ou de poder abrir-se para acolher o outro”. Diferentemente de quando tenho algum interesse antes do ato de acolher, por exemplo uma recompensa material ou imaterial.

É a presença desse elemento de bondade - exigência para si, indulgência para outrem - que torna justa e humana a Justiça. Se esse elemento vem a desaparecer, a Justiça nada mais é do que uma força cega, perigosa. Mas, e é preciso sublinhar este ponto, a Justiça deve continuar rigorosa, inflexível; ela julga com toda imparcialidade e eqüidade. Somente *após* a Justiça, a Bondade pode intervir novamente. É o que permite tratar o culpado com humanidade. Levinas insiste na importância, por exemplo, de dar aos presos a televisão em suas celas... Humanizar a Justiça, ter consciência de que a Justiça jamais é *suficientemente* justa... Face ao rosto de Outrem, fraco e nu, nascem dois sentimentos contraditórios: a violência (machucar outrem) e bondade (tomar conta dele). (POIRIÉ, 2007, p. 41, grifo do autor)

Considerados esses conceitos ou categorias, entende-se que a linguagem do encontro *face a face* tem relação com a ética do amor como justiça e bondade. Uma

relação estabelecida por meio da responsabilidade na presença e no acolhimento de Outrem condiz com uma linguagem aberta à pluralidade, numa práxis⁶² de acolhida.

Olhar para o amor dessa maneira como podemos captar nas obras de Levinas nos inspira a pensar nele como um ato revolucionário, que pode acontecer do lado de fora da gente e torna-se coletivo, mas que precisa acontecer, sobretudo, dentro de cada um. Como compreendo e apresento o amor desde o início dessa tese, ele requer justiça de um sujeito com relação ao outro sujeito. Assim sendo, “A responsabilidade pelo próximo é, sem dúvida, o nome grave do que se chama amor do próximo, amor sem Eros, caridade, amor em que o momento ético domina o momento passional, amor sem concupiscência.” (LEVINAS, 2010, p. 82). É esse amor que nos interessou interpelar no fenômeno do acolhimento de mulheres que convivem no sistema prisional.

6.4 Fechou-se a cortina

O primeiro ato acabou com um silêncio sepulcral da plateia. Uma das artistas desmaiou e eu mesmo, de desespero, mal me mantinha de pé. Mas de repente, depois de uma longa pausa, a plateia explodiu em berros, barulho e aplausos enlouquecidos. Fechou-se a cortina... abriu-se... de novo, fechou-se, e nós ficamos pasmos. Depois, novos berros... e, de novo, a cortina. Todos nós estávamos imóveis, sem perceber que precisávamos agradecer. [...] incrivelmente emocionados, começamos a abraçar um ao outro como se abraça na noite de Páscoa. (STANISLÁVSKI, 1989 apud VÁSSINA; LABAKI, 2015, p. 33)

A sensação de dever cumprido nos deixa entusiasmados, nos causa euforia e agitação. Assim, podemos descrever como nos sentimos após o fechamento da cortina e o retorno da plateia em face do trabalho realizado. Entre as atrizes e os atores parece um momento propício para festejar, como comentado pelo mestre Stanislávski, é bastante comum os artistas se abraçarem para solenizar aquela obra de arte vivida no palco, fruto da dedicação da direção, do elenco e da equipe técnica.

⁶²Conforme Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 94), no glossário especializado em teoria social e cultural na educação, *práxis* é “Uma das categorias centrais do marxismo, no qual recebe, entretanto, variadas interpretações. Basicamente, *práxis* significa toda atividade histórica e social, livre e criativa, através da qual o ser humano modifica a si próprio e ao mundo.

O último Círculo realizado com as internas nos trouxe sensações similares, pois acabamos por realizar um Círculo de celebração, com bolo, com muita descontração e abraços entre nós. Na entrevista, Vitória lembrou esse dia com emoção, contudo, procurou refletir sobre o significado daquele ato. Em seu registro, ela elabora a relação da experiência da celebração junto às mulheres na penitenciária com uma ocasião festiva, uma data comemorativa, assim como o Natal e a Páscoa, como fez o mestre ao descrever o final do primeiro ato de um espetáculo teatral.

Então, esse processo do bolo foi especial, primeiro porque eles autorizaram entrar, [...] sem picotear o bolo... Ele estava assim... aquela aparência bonita de bolo de quando a gente pensa em aniversário... a gente também caminhou esse Círculo para um Círculo de celebração... E esse também é outro viés desse movimento restaurativo, a questão da celebração, o quanto é importante a gente celebrar a vida. [...] Celebrar nossa vida... o quanto isso pode ser paradoxal quando a gente fala com pessoas que estão naquele ambiente, porque isso também é uma forma de punição, não permite celebrar [...] Afinal, o que você tem para celebrar? [...] Naquele dia, eu não me permiti comer aquele bolo... porque ele tava tão bonito... ver a felicidade delas em comer aquilo e elas verbalizar que tinha pessoas ali que fazia 2 anos que não tinham comido bolo [...] eu não me permiti tirar um mínimo que fosse delas [...] a gente não dá valor as coisas tão pequenas e isso é um aprendizado que eu tenho do meu pai... doce eram para momentos de celebração, eram para aniversário, eram para Natal e Páscoa. (Entrevista em profundidade - 10/07/2020 - Vitória)

Viver os Círculos, estar com aquelas mulheres, perceber o que o movimento do desejo ao infinito da Outra representou, principalmente para as mediadoras, é procurar apreender a necessidade das outras pessoas nas relações intersubjetivas e no processo constante de humanização.

De acordo com Freire (2019, p. 40), humanizar ou desumanizar são possibilidades que os seres humanos encontram, dentro da história e de um contexto concreto, real e objetivo, uma vez que são seres inconclusos e conscientes de que jamais podem ser concluídos. A desumanização, para ele, trata-se da “distorção da vocação de *ser mais*” (idem, grifo do autor). Ou seja, desumanizar não seria uma vocação histórica, “ a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, *o ser menos*” (idem, p. 41, grifo do autor).

Assim, se aceitarmos o pressuposto de que a desumanização é uma *vocação histórica* ou um *destino dado*, a luta pela humanização já perdeu totalmente a significação. A luta, para Freire, é pelo *ser mais*, que só pode ser alcançada por meio da superação da situação de opressão. Essa superação implica na necessidade de reconhecimento crítico e de ação transformadora sobre a realidade (idem, p. 46). De igual forma, o humanismo de Levinas caminhou para descortinar o ser humano como um ser capaz de ser além da essência. Por meio da relação ética, em que o Rosto de Outrem se manifesta, o ser abandona a ideia de ser o Mesmo, para ser Outramente Outro (LEVINAS, 2011). Para ambos, lutar para transformar a realidade acarreta responsabilidade com Outrem e é uma atitude radical.

Radical porque se trata de uma responsabilidade que inaugura uma relação ética com Outrem. Pois, não basta sofrer por Outrem depois de descobrir que Outrem sofre, mas, sim, solidarizar-se, que, para Freire (2019, p. 49) é o mesmo que assumir a situação de com quem se solidarizou, ou seja, é um compromisso que se assume perante Outrem. Embora Levinas não tenha se expressado com relação ao significado de solidariedade, ele defendeu, da mesma forma, o agir ético para e com Outrem, aquele que é introduzido por sua presença e se torna um exercício de Alteridade.

6.4.1 Análise ideográfica - a consciência intencional

O Quadro 4 corresponde à significação do acolhimento para cada mediadora. Desse modo, representa as unidades de significados que elas atribuíram ao acolhimento enquanto prática e ação transformadora. A partir da pergunta final da entrevista: “Como você descreveria o ato de acolher uma outra mulher?”, em que elas puderam refletir acerca do acolhimento das mulheres que convivem num ambiente de privação de liberdade.

Ademais, as entrevistadas puderam analisar se os Círculos em Movimento podem oportunizar o encontro com o Rosto da Outra de maneira ética/solidária e, assim, constituir-se num acolhimento com amor e justiça, considerando a realidade objetiva da penitenciária e respeitando a identidade daquelas mulheres, chamando para “si” a responsabilidade por elas e pela acolhida.

Quadro 4 - Sobre o acolhimento na privação de liberdade de mulheres encarceradas

Entrevistadas	Unidades de significados
Helena	<p><u>Acho que é quando eu acolho a mim mesma</u>, porque eu me vejo nas mulheres que eu acolho, assim, de alguma maneira, então eu acho que é isso, quando eu as acolho me vejo nelas.</p>
Yara	<p>Ouvir, porque é necessário ouvir, é necessário ouvir o outro... [...] Eu não me sinto professora de história, não me sinto cientista social, não me sinto nada disso, <u>eu me sinto a Yara, com todos os seus defeitos, suas vulnerabilidades</u>, enfim. É difícil eu fazer esse processo de desligamento de não ficar tentando fazer um processo de construção social, de análise... e esses momentos de acolhimento, eles exigem que você tenha esse ato de ouvir sem ficar fazendo essas associações, sem fazer essas problematizações, essas análises. Então, pra mim também <u>é um desafio... ouvir, nesse sentido, de tentar perceber algumas subjetividades</u>, mas sem ficar tentando fazer o serviço de historiadora, sabe. Então, o acolhimento ele é ouvir, ele é ouvir e compartilhar, enfim, e não julgar, eu acho que é o principal.</p>
Maria Luiza	<p><u>Acho que o maior ato de acolher, ou os maiores, foram o da escuta</u>. Acho que isso é uma necessidade sempre muito grande delas, de falarem sobre elas, não só das coisas ruins, mas das coisas boas também, e ter alguém escutando. <u>E o fato de como que o afeto</u>, no sentido da gente, sei lá, tocar, abraçar, dar um beijo, perguntar como que elas estão, o quanto que isso <u>fazia com que elas se sentissem mais “humanas”</u> [...] uma vez uma delas falou para mim, eu acho que eu fui e dei um abraço e perguntei como ela tava, e ela me disse: quando vocês estão aqui, eu me sinto gente! Alguma coisa assim. E isso é muito simbólico. Muito simbólico. Porque, se com um gesto desse ela se sente gente, como elas são tratadas lá dentro? Então, eu acho que... com relação ao acolhimento são essas duas coisas.</p>
Martina	<p>Acolher a mulher... eu acho que é uma coisa que nessa sociedade não é fácil de fazer, justamente pelas relações de competitividade e de preconceito, de que você espera que uma mulher seja así, así, así... Então se ela não cumpre isso, eu vou castigá-la, assim, moralmente. Não é um ato fácil de fazer na sociedade e eu acho que a forma de fazer seria igual como a gente fez, pra ser uma forma real de acolhimento, que seja mútuo, que seja baseado também no</p>

	<p>carinho, sem preconceito. [...] <u>Acho que através da conversacion é quando começam a se derrubar os seus preconceitos, quando você escuta outra pessoa e vê que tua história tem mais alguma coisa com a história dela, quando começa a encontrar también coisas em comum, começam a cair o preconceito, você vê: “Ah, não era assim como eu imaginava”, acho que aí realmente se começa a criar uma relação, um acolhimento real</u>, realmente aceita a pessoa, escutar a pessoa e também você se colocar nesse espacio vulnerável também, eu acho que seria mais ou menos... (isso).</p>
Rebeca	<p><u>Acho que é um momento de conexão</u>, pensando principalmente no acolhimento de uma outra mulher. Porque existem elementos que me fazem sentir como um ser humano, que me dão as características de ser humano e esses elementos estão presentes no outro, então, quando eu participo, quando eu sou capaz, <u>quando eu decido acolher mesmo o outro ser humano, eu tô enxergando nesse outro ser humano elementos que me tocam</u> de alguma maneira... [...] <u>é o momento de você se conectar com a vida, assim, com o outro ser que não é você.</u> Então, quando você acolhe uma outra mulher, eu acho que você, de alguma maneira, consegue entender a sua fragilidade também e você consegue se conectar.</p>
Vitória	<p><u>A minha intenção era acolher essas mulheres, mas eu também me senti acolhida por elas</u> [...]</p> <p>[...] vejo essa questão do acolhimento, desse trabalho com os Círculos em Movimento, que é também, <u>além de uma forma de acolhimento, uma forma de você empoderar essas pessoas, elas perceberem que são sujeitos</u>, que elas têm direitos, que elas têm o poder de reivindicar. <u>E o maior poder que elas têm é o da conscientização</u>, porque a partir do momento que as pessoas tiverem consciência do poder que elas têm... A gente tem uma Constituição maravilhosa, que fala que todo o poder emana do povo.</p> <p>[...] no Círculo de Construção de Paz é mais intenso porque eu não tô ali para facilitar o diálogo, eu estou no diálogo. Então, eu me senti, nesse primeiro Círculo, como numa mão dupla, <u>eu me senti acolhida por elas porque elas sentiram que eu estava ali sem interesse.</u></p>

Fonte: Dados obtidos por meio das entrevistas em profundidade com as mediadoras dos Círculos em Movimento na PFF-UP, realizadas no mês de julho de 2020.

Talvez, esse momento fosse o apogeu para descortinar a significação do acolhimento por parte de quem escolheu o *face a face*. Isso porque as unidades de

significados elaboradas pelas mediadoras a essa questão final completaria a apreensão do fenômeno do acolher a outra, aquela que convive num espaço de confinamento humano. Entretanto, ao longo da construção do discurso pessoal das mediadoras, foi possível perceber que as descrições que elas fizeram com relação ao acolhimento de Outrem resultam das reflexões que aconteceram por meio das questões anteriores.

Eis a experiência nos ensinando a reinterpretar os sentidos. Falar sobre o acolhimento com as mediadoras trouxe à luz o modo como fomos sendo afetadas pela vivência dos Círculos e pelas discussões que aconteceram depois da experiência. O projeto de extensão não parou com a pandemia do Covid-19, todavia, a prática dos Círculos e o contato com as mulheres precisou ser interrompido. Os protocolos de contenção do vírus nos obrigaram a mudar o rumo do projeto. Começamos, então, a desenvolver encontros na modalidade on-line com pesquisadoras e pesquisadores de áreas correlacionadas ao projeto. Foram momentos importantes e oportunos para recordarmos o que vivemos na penitenciária e ouvir experiências semelhantes.

De maneira concomitante a esses encontros virtuais, realizei a entrevista com as mediadoras. Constantemente, elas comentavam o desejo que sentiam em voltar com os trabalhos na penitenciária e do quanto a vivência dos Círculos havia modificado seu modo de pensar e agir. Helena falou em entrevista o quanto se sentia afetada na sua essência pelo projeto e o quanto ela havia aprendido a partir dele: “Foi um processo que me ensinou muito mais do que consegui contribuir, minha intenção inicialmente sempre foi tentar contribuir de alguma forma, mas eu acho que aconteceu meio que o contrário no projeto” (Entrevista em profundidade - 20/07/2020 - Helena).

Nesse momento, Helena, assim como as demais também falaram sobre a via de mão dupla, recusa a ideia de apenas *dar* assistência às mulheres que convivem em situação de privação de liberdade, para também *receber* o “acolhimento do ensinamento”, como exprimiu Jacques Derrida (2008, p. 35-36):

Ora, para Levinas, o *acolhimento do ensinamento* dá e recebe outra coisa, mais do que eu e mais que uma outra coisa [...] Levinas propõe pensar a *abertura* em geral a partir da hospitalidade ou do acolhimento – e não o contrário (grifo meu).

Para a Filosofia da Alteridade, o Rosto de Outrem nos convida a uma interpelação ética, nos torna responsáveis por aquele encontro, que também nos afeta e nos altera. “Perante o rosto, somos afetados em nossos projetos, e a legítima defesa é para sempre atravessada pelo imperativo “não matarás”, enunciado por ele” (VIEIRA, 2018, p. 82). Ao ver a Outra, é como se ela pudesse se ver, ver a si mesma, ver o que não era plástico e representável, ver e desejar o infinito da Outra.

Ao retomar o mandamento “não matarás”, pode-se entender que, diante da Outra, precisamos abdicar do egoísmo, desprender-se do Eu e ofertar-se, pois “*Se este está nu veste o manto sagrado*”. Um encontro com Outrem pode ser visto como um momento em que se é solicitado uma decisão: manter-se no individualismo do Ser a Mesma ou seguir na direção deste mandamento, “tu não matarás”, ou ainda, “tu amarás teu próximo”.

De modo filosófico, seria como cometer uma injustiça à Outrem quando decido por não acolher seu Rosto, pois isso seria uma maneira de matá-lo também. Conforme afirma Francisco Bonamigo (2016, p. 48-49),

“Tu não matarás” ou “Tu amarás teu próximo” é o cerne da Escritura. Ele não *proscree* somente a violência do homicídio; ele diz respeito a um julgamento que vem de longe acerca de todos os nossos assassinatos lentos e invisíveis que acontecem *desde* os nossos desejos e nossos vícios; ele diz respeito a todas as crueldades visíveis, desde as nossas indiferenças acerca do próximo e do distante; ele diz respeito a todas as injustiças justificadas em nome do equilíbrio de nossos regimes sociais (grifo do autor).

Helena fala ainda na entrevista que o egoísmo desumaniza toda a sociedade e não apenas o sujeito. Nesse sentido, Levinas buscou apontá-lo como o grande responsável por uma série de conflitos da história, como as guerras, violências e sofrimento humano vivenciados no século passado. Em seu livro “Humanismo do outro homem” (2009), procurou demonstrar o reflexo do agir egoísta e da centralidade do Eu nas relações contemporâneas.

Ele trouxe ao debate aquele momento histórico que era sua realidade, após as duas grandes guerras, um pensamento inverso desse sustentado pelo individualismo, desumanizador por natureza, na intenção de que se pudesse repensar a importância da abertura à Outrem, da sensibilidade, da ética e da justiça (amor) perante o próximo.

Mas, o que significa essa abertura? Seria a empatia, uma forma de manifestar a alteridade, colocar-se no lugar da Outra e perceber sua dor como se fosse minha? Ou seria a intencionalidade da consciência do Ser? Nas palavras de Levinas (2010, p. 99), existiria um terceiro sentido, “A abertura é o desnudamento da pele exposta à ferida e à ofensa. [...] Na sensibilidade, “coloca-se a descoberto” expõe-se um nu mais nu que o da pele”. Essa sensibilidade é a própria vulnerabilidade.

Yara e Martina falam da necessidade da vulnerabilidade para se criar uma relação, que ela chamou de “acolhimento real”, e para perceber e sentir as subjetividades de Outrem durante o diálogo com as mulheres. Nesse sentido, a vulnerabilidade que falamos aqui é aquela na qual o sujeito se permite afetar e alterar, sendo capaz de provocar mudanças especialmente em Si Mesmo. Entretanto, para o sujeito se permitir vivenciar esse tipo de vulnerabilidade, já entrou em cena a consciência moral e a atitude ética, que é um agir próprio do acolhimento de Outrem.

Conforme Levinas (2010, p. 39), a Filosofia Contemporânea revelou existir uma luta com relação à noção de sujeito. Por desconfiança do humanismo, a filosofia ocidental busca um princípio de inteligibilidade que remova o ser humano do cuidado com a destinação humana. Todavia, a mudança radical proposta por Levinas para a humanidade está justamente na responsabilidade humana no “humanismo do outro ser humano”. No sentido que, “na consciência assim pensada há o despertar para a humanidade. A humanidade da consciência não está absolutamente nos seus poderes, mas na sua responsabilidade” (idem), de tal modo que o acolhimento antecede a consciência para poder humanizar.

Vitória faz a relação entre a acolhida ética e a conscientização. Para ela, realizar o movimento circular por meio do diálogo amoroso com aquelas mulheres permitiu que ela se sentisse acolhida e responsável pela consciência das outras. Para Levinas, quando existe a consciência de si já somos múltiplas, pois “No conhecimento se é dois, mesmo quando se está só, mesmo quando se toma consciência em si, já há ruptura” (idem, p. 140). Levinas insiste que o despertar de si seja uma obrigação, isso seria a verdadeira bondade, o sinal maior de quem quer fazer o bem. Existe chance do ser humano não despertar para Outrem? Existe e, para o autor, isso seria o mal.

No movimento do Círculo e, principalmente, no encontro com as mulheres, o que recebemos foi o ensinamento do acolhimento. Não éramos a outra, não éramos mais as Mesmas, e, sim, éramos uma conexão. Para Rebeca, o acolhimento foi essa conexão, responsável por nos sentirmos tocadas, por poder tocar a outra e sermos tocadas ao mesmo tempo. Por isso, vejo os contributos desta filosofia tão relevante para a humanização e para a própria humanidade, pois revelam na justiça, na ética e na responsabilidade por Outrem modos revolucionários de ser.

O acolhimento, conforme a fala de Maria Luiza, inicia-se na escuta. Para conectar umas com as outras, a palavra foi o meio que encontramos. É o modo que escolhemos para sair da impessoalidade e permitir a abertura à outra. Ademais, ela comenta que o afeto foi o segundo elemento de proximidade entre nós. Essa disposição afetiva delas nos fez compreender a importância de não eliminar nossas carências, mas em satisfazê-las, entendendo que a Alteridade da Outra está nela. Isso significa ver *Outrem como mestra*, atitude que “pode servir-nos também de exemplo de uma Alteridade que não subsiste apenas em *relação* a mim, que, pertencendo embora à essência do Outro, só é no entanto visível a partir de um eu” (LEVINAS, 2015, p. 112, grifo do autor). Todas as entrevistadas expressaram a presença da afetividade nos Círculos, sobretudo, descrevem a importância dos abraços, tanto das internas como das policiais, para o acolhimento.

6.4.2 Análise nomotética - o acolhimento como ensinamento

A apreensão do fenômeno do acolhimento na perspectiva daquela que está disposta a dar e oferecer acolhida e hospitalidade, por meio da socialidade, da epifania do Rosto e da palavra, aconteceu à medida que as fontes foram sendo ouvidas.

A partir da reflexão dos sentidos atribuídos pelas próprias mediadoras à experiência dos Círculos em Movimento com as mulheres na penitenciária, o acolhimento da Outra, baseado no pensamento de Levinas, foi descortinando-se, não apenas como um ato de solidariedade, abertura e responsabilidade nas relações intersubjetivas, mas, principalmente, como um ensinamento, tanto no que diz respeito ao agir ético e solidário quanto à presença da Alteridade e da humanidade nas mulheres que convivem em situação de liberdade.

O reconhecimento de Outrem como fonte de toda a significação⁶³, e não simples objeto do conhecimento, tornou-se um elemento norteador desta pesquisa de atitude fenomenológica, isso porque a nossa intenção foi captar o fenômeno para além do Rosto, reconhecendo todas no discurso, procurando importar-se antes com elas, ou melhor, com todo o elenco. Para Levinas, não se aborda o Rosto como rosto, aborda-se com ética para consigo mesmo em primeiro lugar, com cortesia. Como explicou Levinas em entrevista:

François Poirié: Trata-se de en-carar (*en-visager*) o outro muito mais do que des-carar (*dévisager*)?⁶⁴

Emmanuel Levinas: Sim, encarar... ainda que se encare muitas vezes descarando. Sabe-se a cor dos seus olhos, o formato do nariz, etc., mas olhando como uma imagem. Porém, quando eu te digo “bom-dia”, eu te abençoei antes de te conhecer, eu me ocupei com seus dias, eu entrei em sua vida além do simples conhecimento. (POIRIÉ, 2007, 85-86)

Além disso, Levinas dizia que ao abordar Outrem deixamos de ser indiferentes a ela ou a ele. O que não é o mesmo que indiferença. Adotar uma postura de indiferença para com Outrem já seria uma atitude, uma espécie de resposta (*idem*). O que esse autor nos convida a pensar é como posso me responsabilizar com Outrem a ponto dele sair da invisibilidade. A começar consigo mesmo, qual a relação que deve estabelecer com Outrem para que seu apagamento não ocorra?

Mulheres em privação de liberdade representam “números” para o sistema prisional, por isso são, muitas vezes, tratadas por quem o conduz como meros corpos que preenchem celas por determinado tempo, de preferência dóceis e disciplinados. Porém, numa sociedade justa e fraterna, o que pretendemos não são seres incapazes de se posicionar conscientemente, oprimidos ou injustiçados. Sonhamos por sujeitos livres e autônomos, por mulheres que se reconheçam na sua história e possam constantemente transformar sua existência.

⁶³“A significação, nesse caso, é o infinito que não se apresenta em conjunto de signos e nem mesmo à atividade sensível, mas na presença de Outrem. A linguagem é o evento da significação como ideia de infinito no Outrem.” (GUEDES, 2007, p. 33).

⁶⁴Na impossibilidade de encontrar em português termo com significado correspondente a *dévisager*, optou-se pela palavra que mais se aproxima do vocábulo original. Naturalmente a leitora ou o leitor devem considerar que, em francês, *dévisager* exprime não apenas descarar, isto é, desfigurar a cara, como também encarar alguém para reconhecê-la ou reconhecê-lo (N. da T.; em POIRIÉ, 2007, P. 85).

Em diferentes momentos das entrevistas, quando as mediadoras falam do acolhimento vivenciado nos Círculos em Movimento com as mulheres que convivem na penitenciária, elas manifestam a importância da escuta para acolher Outrem e da disposição de falar primeiro para estabelecer uma relação com as outras mulheres. Para elas, os Círculos puderam movimentar a relação que nasce a partir da contação de histórias comuns, sendo que a forma como ele é conduzido oportuniza e potencializa o diálogo.

Inclusive, Carolyn Boyes-Watson e Kay Pranis (2011), incentivam o uso dessas práticas em diferentes comunidades e instituições justamente por acreditarem que o modelo proporciona a democracia interna dos grupos, o desenvolvimento da experiência dialógica e a construção de ambientes comunitários mais sensíveis a presença de Outrem.

Ademais, Paulo Freire (1921-1997), referência reconhecida mundialmente, utilizou-se, dentro da sua proposta de Educação Libertadora, a representação geométrica de um círculo em suas práticas, nomeadas de Círculos de Cultura. De igual forma, a intenção de Freire era praticar o diálogo amoroso, não apenas como um instrumento de conversação, mas como um compromisso com Outrem. Para ele, não existe diálogo se não houver amor e humanidade (FREIRE, 2019, p. 110-111).

O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe, se seus polos (ou um deles) perdem a humanidade. [...] Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros “istos”, em quem não reconheço *outros eu*? [...] Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais. Não há também diálogo se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de *ser mais*, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens⁶⁵. (FREIRE, 2019, p. 112, grifo do autor)

Afirmção da obrigação do diálogo amoroso com Outrem para saber agir em comunhão e a vocação dos seres humanos pela humanização converge tanto com a filosofia dos Círculos em Movimento de Carolyn Boyes-Watson e Kay Pranis (2015) quanto à Filosofia da Alteridade de Levinas, no sentido da necessidade existencial de Outrem para a transformação do Eu, da “pluralidade do Mesmo e do

⁶⁵Paulo Freire (2019, p. 112), utilizou a palavra “homens”, mas estava se referindo às pessoas.

Outro. É paz” (LEVINAS, 2015, p. 198). Para que o encontro entre os seres humanos tenha justiça, reconhecer e acolher Outrem no discurso e na linguagem se torna um dever ético.

Tanto para Freire como para Levinas, o diálogo abre possibilidades para o infinito de Outrem, vence as fronteiras na comunicação e torna-se movimento constitutivo da consciência, ele “fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana; [...] Intersubjetivando-se mais, mais densidade subjetiva ganha o sujeito” (FREIRE, 2019, p.22). E as mediadoras aparentavam saber disso quando falaram da preocupação com a linguagem do encontro:

Entrevistadora: [...] a gente mudou um pouco, na nossa cabeça, algumas formas de linguagem também. A linguagem, você acha que interfere no ato de acolher?

Rebeca: Sim, com certeza eu acho que interfere, porque eu acho que pelo uso da linguagem você coloca, se coloca em algumas posições assim, sociais. E, por exemplo, fazer o uso de algumas palavras mais difíceis ou falar de uma forma que pareça, sei lá, fazer uso da norma culta [...] pode dar a impressão de que você é o dono da razão, que você que tá no lugar diferente. Em alguns momentos, a gente precisa fazer o uso disso, quando você tá sendo inquirido por alguma razão, num evento que você tá sendo avaliado por essas habilidades, então tem momentos que você vai fazer o uso disso, mas quando você está acolhendo alguém, você tá no momento de conectar... tanta a pessoa tem que tentar falar de uma maneira que você consiga entender e você tem que fazer o uso da linguagem verbal e corporal que mostre pra pessoa que você também tá interessado em se conectar com ela. (Entrevista em profundidade - 17/07/2020 - Rebeca)

O diálogo circular no método de Freire objetivava a libertação das oprimidas e dos oprimidos por meio da palavra, que é essencialmente o diálogo. Tanto em espaços educativos formais como não-formais, o Círculo de Cultura foi utilizado como ferramenta metodológica de experiência coletiva de construção de diálogo, sendo que a Educação Libertadora, proposta por ele, esteve pautada na concepção pedagógica transformadora e emancipatória, ou seja, na educação humanizadora a partir da conscientização.

O termo conscientização, utilizado por Freire desde o início de seu trabalho na educação, foi formatado por ele para expressar “a unidade indissolúvel entre minha ação e minha reflexão sobre o mundo” (FREIRE, 2008, p. 30), no qual é

preciso tomar distância do mundo para admirá-lo, e então, “agir conscientemente sobre a realidade objetivada” (idem, p. 29). Trata-se, pois, do “desvelamento” da realidade a partir do olhar crítico, em constante movimento.

A intencionalidade da consciência e o “ser mais” da Pedagogia do Oprimido foi subscrita no existencialismo sartreano (FREIRE, 2019), ou seja, tem a fenomenologia também como base científica. Conforme expressou Freire (ibidem, p. 98), “consciência e mundo se dão simultaneamente. Não há uma consciência antes e um mundo depois e vice-versa”, ou seja, o que existe é um movimento em que a consciência necessita da relação com o que está no seu exterior. O mesmo que Jean Paul Sartre (1987, p. 153) dizia sobre a vocação ontológica dos seres humanos em busca de superação do ser: “É superando o dado em direção ao campo dos possíveis e realizando uma possibilidade entre todas que o indivíduo se objetiva e contribui para fazer a história”.

Sartre (1905-1980) e Levinas tiveram pontos em comum e algumas divergências. Segundo Simon Critchley (2006, p. 14), o existencialismo no pós-guerra foi dominado por Sartre enquanto a obra de Levinas teve menos interesse naquele momento. Contudo, Levinas costumava gracejar “que sua imortalidade filosófica estava assegurada porque ele introduzira Sartre na fenomenologia, na década de 30” (HADDOCK-LOBO, 2006, p. 14). Podemos observar que a principal diferença entre esses filósofos foi o lugar da ontologia e da ética em suas obras. A obra sartriana parte do viés da ontologia, ao passo que, para Levinas, a ontologia já fazia parte da ética.

Por meio da abertura ao novo, à infinitude, Freire defendia a ideia de que existiam níveis diferentes de consciência para se alcançar a conscientização. Ele percebia o trabalho educativo como meio para o sujeito realizar a passagem da consciência transitiva ingênua ou semi-intransitiva, na qual “é característica das estruturas fechadas. Dada sua quase-imersão na realidade concreta, não percebe muitos dos desafios da realidade, ou percebe-os de uma maneira deturpada” (FREIRE, 2008, p. 50), para a consciência transitiva crítica, resultado da união da ação e da reflexão que objetiva principal a conscientização por meio do esforço intelectual e da práxis. Nesse sentido, “A práxis [...] é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido” (2019, p. 52).

Levinas também abordava em seus escritos a intencionalidade da consciência, influenciado por Husserl, principalmente no que se refere ao privilégio da presença de Outrem e tomada do que é apreendido, da consciência de si. Para o autor, “o pensamento leva ao pensável, ao pensável chamado ser [...] Aquilo que o pensamento conhece ou o que em sua “experiência” ele apreende é, ao mesmo tempo, o *outro* e o *próprio* do pensamento” (LEVINAS, 2010, p. 151, grifo do autor). Assim, na presença de Outrem, a necessidade do pensamento pode ser atendida, o pensante e o pensável encontram-se, pode, então, acontecer a transcendência do ser, ou seja, a Alteridade.

Com efetiva ligação à escola de Husserl, Emmanuel Levinas vê na intencionalidade da consciência e na intersubjetividade ética uma maneira de transcender, conforme o filósofo afirma: “É Husserl, sem dúvida, que está na origem dos meus escritos. É a ele que devo o conceito de intencionalidade que anima a consciência” (LEVINAS, 2010, p. 149). A noção de intencionalidade tem sua importância nesta análise, pois a consciência das mediadoras sobre o acolhimento relaciona-se à percepção e à intuição e, por conseguinte, carrega alguma intencionalidade no ato, ou seja, cada uma de nós que vivenciou a experiência de circular⁶⁶ esteve, de alguma forma, ciente do ato a ser realizado.

Levinas, ainda jovem, defendeu a intuição como processo de investigação, inclusive para além da indução e da dedução, e a intencionalidade da consciência como processo de superação do dualismo entre sujeito-objeto (OLIVEIRA, 2010, p. 82). A intuição teria sido, senão a principal questão de Levinas com relação ao seu mestre, como a razão maior para a crítica à proposta de fenomenologia de Husserl. Para seu mestre,

Toda intuição em que se dá algo originariamente é um fundamento de direito de conhecimento; tudo aquilo que se nos brinda originariamente, por assim dizê-lo, em sua realidade corpórea, na intuição, há que tomá-lo simplesmente como se dá, e só dentro dos limites em que se dá. (HUSSERL, 2006, p. 43)

Assim, Husserl propôs um novo método filosófico, uma nova maneira de fazer ciência, a ser aplicado em diferentes áreas do conhecimento, no qual a intuição era o ponto central e a intencionalidade (GRZIBOWSKI, 2016). Entretanto,

⁶⁶Verbo utilizado comumente por aqueles que praticam a metodologia dos Círculos de Construção de Paz.

Levinas critica a proposta de Husserl por considerá-la exageradamente intelectual, preocupada apenas com a consciência teórica, deixando de lado outros modos de vida que provêm de conhecimentos não teóricos, principalmente com relação às estruturas subjetivas de Outrem.

Como afirma Silvestre Grzibowski (2016, p. 75), “Não há dúvidas, que a intuição e a percepção são fundamentais para Levinas, no entanto, a crítica maior que ele fará como Husserl apresenta o ato de intuir, e ao intuir o sujeito teoriza o Outro”. Quem deve falar da sua intuição, da sua percepção e da sua intenção, em determinado ato, não é o intelectual e suas teorias, mas, sim, o próprio sujeito da pesquisa.

Levinas afirmou ainda que a intencionalidade constitui a subjetividade do sujeito, portanto, um ser consciente dependeria da intencionalidade da consciência (OLIVEIRA, 2010, p. 91). Para Levinas (POIRIÉ, 2007; LEVINAS, 2010), toda consciência implica a presença de si, de Outrem e do mundo, e acontece a partir do que ele chamava de “mundaneidade”, que significa se expor no mundo para capturá-lo, para tomar consciência de si e para apropriar-se dele. A consciência intencional está dirigida no mundo e nos objetos, porém, estruturada como intencionalidade, ou seja, existe por trás dela uma intenção. Na perspectiva levinasiana, a má consciência não tem intenção, não tem responsabilidade e não tem culpabilidade. A ética da Alteridade seria responsável, nessa passagem da má consciência ou consciência pré-reflexiva para a consciência intencional ou reflexiva, por impedir que o ser humano retome à má consciência ao buscar os sentidos que procura ao estar diante de uma situação ou acontecimento. A partir da Alteridade, o Eu não retornaria ao Mesmo, mas transcenderia.

A maneira como Levinas foi construindo o entendimento de Alteridade na sua filosofia provêm da fenomenologia husserliana. Mas é Levinas o precursor da ideia de que a consciência intencional advém do encontro com Outrem. A partir da exterioridade, da epifania do Rosto e da vulnerabilidade que o ser pode transcender. É Outrem que me toca e me convoca a uma reviravolta, e me torna responsável. “Responsabilidade que não é a privação do saber da compreensão e da captação, mas a excelência da proximidade ética na sua socialidade, no seu amor sem concupiscência” (LEVINAS, 2010, p. 177). O pensamento de Levinas leva a um pensamento para além da fenomenologia dos demais filósofos do seu tempo, ao

passo que é praticada como uma fenomenologia da socialidade a partir do Rosto de Outrem.

Nesse construto fenomenológico, o compromisso e a responsabilidade por si, por Outrem e pela natureza podem ser compreendidos a partir do acolhimento do Rosto de Outrem, conforme a Filosofia da Alteridade, ao se pensar o fenômeno como um processo em permanente construção, no qual todo o sujeito pode e deve ser percebido como inacabado e inconcluso, como alguém capaz de ressignificar a existência a partir da intersubjetividade.

Como nos disse Paulo Freire (1987, p. 94), “não podemos, no processo de conscientização, atribuir à consciência um papel que ela não tem, o de transformar a realidade. Mas não podemos também reduzir a consciência a um mero reflexo da realidade”. Para ele, a dinamicidade do processo da conscientização visa possibilitar ao sujeito reconhecer o mundo, refletir criticamente o que ficou escondido dentro de cada um de nós.

Desse modo, a questão da Alteridade precisa estar presente em diferentes espaços de formação humana, nas escolas, nos centros comunitários, nos hospitais ou nas penitenciárias, onde existem pessoas, existe a necessidade de pensar a humanização do ser humano, diferenças, diversidades, conflitos, tomada da consciência, direitos e responsabilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abertura e a responsabilidade nas intersubjetividades estabelecidas durante a execução do Projeto de Extensão “O vento no seu Rosto traz histórias para contar: histórias de vida de mulheres que convivem no sistema prisional”, foram o alicerce desta tese sobre o agir ético, justo e solidário com a Outra, introduzido por sua presença como exercício de Alteridade. Assim, tanto o acolhimento quanto a Alteridade, nesta tese, tiveram relação com a metafísica do Ser, mas também traduziram-se nas manifestações afetivas e cognitivas que tivemos a oportunidade de interpretar por meio da ação-reflexão-ação.

Mediante o projeto, vivenciamos possibilidades de pertencimento e refletimos sobre inclusão, autonomia, conscientização, libertação de sujeitos, justiça e não-violência do Rosto de Outrem na privação de liberdade, isto é, na prisão, um lugar de periferia. A alteridade que buscamos trazer para dentro deste “não lugar”, baseada na proposta por Levinas, foi de mudança radical na relação com Outrem, na qual a ética antecede a ontologia para edificar um novo humanismo e a intersubjetividade inaugura a renúncia do Eu em direção à exterioridade, à Outrem, ao infinito, e afasta a ideia de dominar Outrem ou de assimilar e aniquilar a diferença.

O acolhimento do Rosto da Outra, da mulher encarcerada, apresentou-se como um apelo, uma obrigação por essa inversão radical originada na Filosofia da Alteridade. Assim sendo, constitui-se enquanto um movimento para dar lugar a um outro Ser, que não é mais o Mesmo, que é “Outramente Outro Ser”.

Dessa forma, refletimos consciente e criticamente sobre os Círculos realizados por meio da ação extensionista e sobre nós mesmas, mediadoras, não objetivando o Rosto das mulheres em situação de privação de liberdade, mas seu reconhecimento por meio da proximidade e da sensibilidade, que nos permite sermos suscetíveis à dor e à realidade da Outra.

A alteridade no acolhimento foi percebida pelas mediadoras dos Círculos como manifestações de hospitalidade e acolhida, a exemplo da solidariedade e da empatia, e iniciaram a partir do desejo metafísico pelas mulheres na privação de liberdade. O aceno à não invisibilidade desse grupo social específico inaugurou a ação de busca pela abertura à Outra, pela tomada de consciência e, finalmente, pela atitude ética de acolher.

Com a reflexão sobre os Círculos, podemos dizer que o acolhimento com alteridade na privação da liberdade foi também uma forma de responsabilidade com as mulheres encarceradas e mais do que isso: um ensinamento com relação à ética primeira e à exigência de toda a justiça.

Capturar o modo como estabelecemos o contato umas com as outras por meio da intersubjetividade, a humanidade e Alteridade presentes nelas ali nos Círculos e a importância do diálogo e da linguagem na privação de liberdade foram algumas das revelações que o fenômeno do acolhimento com Alteridade nos proporcionou.

Por meio de pesquisa qualitativa conduzida a partir de uma abordagem fenomenológica, pudemos descrever o acolhimento tal qual ele se manifestou para as mediadoras, observando tanto a intemporalidade quanto a temporalidade das circunstâncias presentes no momento experienciado. À medida que os elementos surgiram, a *mise-en-scène* foi sendo interpretada.

Sabemos que a realidade do encarceramento de qualquer ser vivo é por si só uma cena dolorosa de se ver e querer de fato conhecer. Contudo, saímos da universidade e adentramos nesse universo. Naquele momento, éramos as estrangeiras na realidade alheia, naquele lugar onde muitas mulheres precisam conviver, adaptar-se e relacionar-se. Compreendemos, desde o início, que o acolhimento não era algo que uma pessoa pode dar e a outra simplesmente receber, mas era “vida na presença”. Por fim, foi um acontecimento totalmente novo, pois foi a Outra, do seu próprio palco, a nos ensinar a transcender.

Exploramos o despertar da consciência ética a partir do Rosto. Acessamos um lugar e a humanidade presente na privação de liberdade de mulheres encarceradas e a partir dele começamos a nos afetar, a nos alterar, ou seja, a aceder a alteridade.

Tudo ali nos acedeu. O cenário nos afetou, pois compreendíamos que não seria possível reconhecer a Outra em sua totalidade se não nos deixássemos ser afetadas por todo aquele mundo exterior. As trajetórias de vida nos afetaram, nos tornando responsáveis por elas também. Mas o que mais nos afetou, nesse movimento do acolhimento, que inclusive se converteu em lições recebidas, foi a presença da Outra.

Nos surpreendeu quando evidenciamos o quanto o contar histórias pode mobilizar a fala e a escuta intencional, tornando-se de fato uma oportunidade de

reflexão sobre si mesma. Além disso, percebemos que a contação de histórias entre as pessoas revela pontos em comum em suas trajetórias de vida e isso pode gerar afeição, amor e simpatia onde antes existia, muitas vezes, desconhecimento, distanciamento, preconceito ou estigmatização.

Por meio da metodologia dos Círculos em Movimento, entendemos que a partilha e a celebração da vida pode representar uma aproximação entre nós, capaz de unir-nos na humanidade. Por meio da Filosofia da Alteridade, concebemos que para atravessar os lugares e agir de maneira solidária e ética é preciso existir com Outrem em comunhão.

Conforme as mediadoras, os elementos que conduzem ao reconhecimento de Outrem e da diferença na privação de liberdade de mulheres encarceradas são: o desejo metafísico pela Outra; a vulnerabilidade diante do Rosto; a linguagem do encontro *face a face*, que demanda o amor (justiça); a visão do acolhimento como ensinamento; a importância do diálogo emancipador, libertador e justo; a visão do acolhimento como direito; a necessidade da reflexão crítica e consciente sobre a ação; a renúncia do Eu e a abertura à transcendência.

Por meio da metafísica do desejo pudemos compreender a motivação de quem escolhe conhecer outras realidades, como foi o caso das mediadoras dos Círculos em Movimento, que saíram em busca do acolhimento de pessoas desconhecidas. Talvez, um dos motivos principais de alguns seres humanos em participar de projetos comunitários em lugares periféricos seja então um chamamento ao não apagamento da Outra, o desejo que Outrem possa fazer parte da mesma realidade social e histórica, para que não permaneça longe dos nossos olhos e da nossa vida em comunidade.

A vulnerabilidade diante do Rosto foi essencial para pensar uma nova subjetividade ética, a qual requer responsabilidade, mesmo no sofrimento. Por meio da reflexão das mediadoras, a sensibilidade e a vulnerabilidade são a chave do acolhimento com alteridade, pois são atitudes que nos permitem perceber e sentir as subjetividades de Outrem durante o diálogo. Quando elas se permitiram vivenciar tanto a sensibilidade quanto a vulnerabilidade, entrou em cena a consciência moral, a atitude ética, que é um agir próprio do acolhimento de Outrem.

A linguagem do encontro *face a face*, nesta tese, teve relação com a ética do amor como justiça e bondade. Uma relação estabelecida por meio da responsabilidade na presença e no acolhimento de Outrem, que condiz com uma

linguagem aberta à pluralidade, numa práxis de acolhida. Portanto, procuramos olhar para o amor dessa maneira, como podemos captar nas obras de Levinas, como um ato revolucionário que envolve o mandamento: "não-matarás". Foi esse amor desinteressado e sem concupiscência que nos interessou interpelar no fenômeno do acolhimento de mulheres que convivem no sistema prisional.

Concluimos que quem escolhe acolher deve estar consciente da importância do ato de ação-reflexão-ação crítica e quem acolhe com o propósito da Alteridade, firma um compromisso com a outra pessoa e deve estimular que Outrem participe desse momento, sem perder de vista a visão crítica da sua realidade e do seu contexto vivido.

Podemos dizer que esse acolhimento que desejamos é um movimento que não permite o retorno à mesma pessoa, pois, quando vejo a Outra e ela pode ser ela mesma, com suas singularidades, renuncio o meu Eu sem violência, não cometo suicídio da minha identidade nem a ressignifico, mas transcendo a epifania de Outrem. Esse movimento estaria entre os principais ensinamentos do acolhimento: ele é um acontecimento metafísico da transcendência, que ocorre no discurso e tem relação com esse amor como justiça, que nada tem a ver com posse e domínio da mulher encarcerada.

Uma pessoa em situação de privação de liberdade é também uma pessoa com direitos, inclusive, de ser um ser social, de produzir e ressignificar atitudes e conhecimentos. Toda a pessoa tem o direito de ser um sujeito inacabado e inconcluso, como nos disse Paulo Freire, tem vocação ontológica para se humanizar. Esse pensamento nos move a pensar o impacto de nossas ações para as mulheres na privação da liberdade, pessoas dignas de respeito, de atenção e de cuidado, além de todos os outros direitos assegurados por lei, como o direito à saúde e à maternidade, o direito à educação, alimentação, trabalho e assistência jurídica.

Nesta tese não foi possível estudar os resultados dos Círculos em Movimento na PFF-UP, o que demanda novos estudos sobre os efeitos de práticas como essas na privação da liberdade, tanto para as mulheres encarceradas quanto para a gestão da penitenciária. Contudo, foi possível perceber a existência da Alteridade e da humanidade nas relações intersubjetivas estabelecidas por meio dos Círculos e como essas relações afetaram as mediadoras.

Aquela pessoa que saiu em busca de Outrem e encontrou, o fez por meio da reflexão sobre o acontecimento, pois a Outra precisou estar realmente presente nesse encontro “entre-nós”. Entendemos, assim, que não existe um ser em separado. O fenômeno do acolhimento, à luz da interpretação daquelas que intencionalmente o vivenciaram, demonstraram o quanto essa máxima é legítima.

A partir das unidades de significados, foi possível perceber que a reflexão foi a reação mais comum das mediadoras após a vivência dos Círculos. Reflexão iniciada pelos sentidos de fruição que a experiência provocou. Mas, foi a disposição das mediadoras em pensar dialeticamente na transformação de suas próprias ações que realmente nos levou a abdicar da ideia de objetivar o Rosto, para apreender o mundo e a realidade da Outra, e para, finalmente, acolher o Rosto da mulher na privação de liberdade.

Portanto, reconhecê-la foi mais do que um ato de conhecimento da própria ontologia e do processo de subjetivação, significou assumir um pacto na presença e na relação com ela, que não se situa apenas no plano epistemológico, mas, sim, na intersubjetividade.

Assim, o acolhimento com Alteridade, nesta perspectiva filosófica, só teve início quando oferecemos e abrimos nossa Morada, um lugar para a bondade, a responsabilidade e a cortesia, onde a linguagem buscou ser acolhedora ao ponto de a outra encontrar refúgio nas palavras, alimento e conforto. Assim, esperamos que o nosso movimento tenha se constituído num evento ético de maneira respeitosa, sem domínio da exterioridade, assimilação/aniquiação da diferença e aprisionamento do Eu em si Mesmo.

Respeitamos a vasta e densa obra de Emmanuel Levinas por acreditar que ela nos trouxe um despertar da questão de Outrem. Vivenciar as ações com a comunidade em privação de liberdade foi uma escolha que nos possibilitou o recolhimento do Eu e nos tirou da imersão, iniciando em cada uma de nós uma nova forma de receber a outra pessoa num território que também é dela.

Por fim, esta tese, de abordagem fenomenológica, não teve a intenção de descortinar o que as mediadoras pensavam sobre elas ou sobre as participantes, ou, ainda, sobre a metodologia. O objetivo foi descortinar aquilo que elas refletiram sobre o os sentidos dados ao acolhimento e à Alteridade na privação de liberdade de mulheres encarceradas na experiência/vivência dos Círculos.

Acreditando ser possível que o vento no seu Rosto traga histórias para contar, traga o amor como forma de justiça, traga todas as trajetórias de vida... Desejando que o vento no seu Rosto nos faça enxergar a Outra de um outro jeito, sua realidade de uma outra forma.... Sonhando que o vento no seu Rosto nos abra Moradas, nos alimente a alma e o coração e nos faça querer dizer a cada encontro com a Outra: "*Après vous, Madame*", portanto, "Depois de você, Senhora" (tradução minha).

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução: Julia Romeu. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AKOTIRENE, Carla. **Ó pa í, prezada: racismo e sexismo institucionais tomando bonde nas penitenciárias femininas**. São Paulo: Pólen, 2020.

AMATUZZI, Mauro Martins. Experiência: um termo chave para a Psicologia. **Memorandum**, Belo Horizonte, n. 13, p. 08-15, nov. 2007. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a13/01Amatuzzi.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2020.

ANDRADE, Rubya Mara Munhóz de. **A extensão universitária e a democratização do ensino na perspectiva da universidade do encontro**. 2019. 241f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

ARAÚJO, Ana Paula. Justiça Restaurativa na Escola: Estado do Conhecimento. **Revista Educação por Escrito**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 76-90, 30 jul. 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/12877/9702>. Acesso em: 21 jul. 2021.

ARAÚJO, Antonia Dilamar. Práticas discursivas em conclusões de teses de doutorado. **Linguagem em (Dis)curso**, [S.l.], v. 6, n. 3, p. 447-462, out. 2010. ISSN 1982-4017 *online*. Disponível em: https://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/345. Acesso em: 23 jul. 2021.

AUGUSTO, Maria Helena Oliva. **Estudos sobre o tempo: o tempo na filosofia e na história**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. São Paulo: IEA/USP, 1989. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/estudos-sobre-o-tempo-o-tempo-na-filosofia-e-na-historia>. Acesso em: 03 dez. 2020.

BARATTA, Alessandro. **Criminologia crítica e crítica do Direito penal: introdução à sociologia do Direito Penal**. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

BASTOS, Carmen Célia Barradas Correia. Pesquisa qualitativa de base fenomenológica e a análise da estrutura do fenômeno situado: algumas contribuições. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo, v. 5, n. 9, p. 442- 451, dez. 2017.

BENSUSSAN, Gérard. Amor, justiça e perdão. *In*: RIBEIRO JÚNIOR, Nilo; AGUIAR, Diogo Villas Bôas; RIAL, Gregory; CARVALHO, Felipe Rodolfo de (Orgs.). **Amor e Justiça em Levinas**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2018. p. 15-26.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A. Aspectos da pesquisa qualitativa efetuada em uma abordagem fenomenológica. *In*: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani (Org.). **Pesquisa qualitativa segundo uma visão fenomenológica**. São Paulo: Editora Cortez, 2011, p. 29-40.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; AZEVEDO, Débora Candido de; BARBARIZ, Taís A. M. A pesquisa qualitativa realizada segundo a abordagem fenomenológica. *In*: COSTA, António Pedro; SÁNCHEZ-GÓMEZ, María Cruz; CILLEROS, María Victoria Martín. (Orgs.). **A prática na investigação qualitativa: exemplos de estudos**. (1ª parte). Portugal: Ludomedia, 2017. p. 21-49.

BORDIN, Luigi. Judaísmo e Filosofia em Emmanuel Levinas: à escuta de uma perene e antiga sabedoria. **Síntese Nova Fase**, Belo Horizonte, v. 25, n. 83, p. 551-562, 1998.

BOYES-WATSON, Carolyn; PRANIS, Kay. **No coração da esperança: guia de práticas circulares - o uso de Círculos de construção da paz para desenvolver a inteligência emocional, promover a cura e construir relacionamentos saudáveis**. Tradução de Fátima De Bastiani. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, Departamento de Artes Gráficas, 2011. Disponível em: http://www.justica21.org.br/arquivos/Guia_de_Praticas_Circulares.pdf. Acesso em: 29 set. 2020.

BOYES-WATSON, Carolyn; PRANIS, Kay. **Círculos em movimento: construindo uma comunidade escolar restaurativa**. Tradução: Fátima De Bastiani. Porto Alegre, RS: AJURIS, 2015. Disponível em: <https://www.escolamaispaz.org.br/wp-content/uploads/2018/11/Circulos-em-Movimento-BLOCO-I-.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2021.

BRAGA, Ana Gabriela Mendes. **Reintegração social: discursos e práticas na prisão – um estudo comparado**. 2012. 355f. Tese (Doutorado em Direito Penal) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

BRANCHER, Leoberto Narciso; MACHADO, Cláudia. Justiça Restaurativa e Educação em Porto Alegre: uma parceria possível. *In*: MACHADO, Cláudia (Org.). **Cultura de paz e justiça restaurativa nas escolas municipais de Porto Alegre**. Porto Alegre: PMPA/SMED, 2008. p. 62-68.

BRANCHER, Leoberto Narciso. **Justiça restaurativa: a cultura de paz na prática da justiça**. [S.l.; s.n.; s.d.]. Disponível em: <https://jjj.tjrs.jus.br/doc/justica-restaurativa/A-Cultura-de-Paz-na-Pratica-da-Justica.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2020.

BRASIL. **Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984**. Lei de Execução Penal. Institui a Lei de Execução Penal. Brasília: Senado Federal, 1984. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm. Acesso em: 21 jul. 2021.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 19 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Justiça. Conselho Nacional de Justiça. **Resolução nº 125, de 29 de novembro de 2010**. Dispõe sobre a Política Judiciária Nacional de tratamento adequado dos conflitos de interesse no âmbito do Poder Judiciário. Disponível em: <https://atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/156>. Acesso em: 8 dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Justiça. Departamento Penitenciário Nacional - DEPEN. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias INFOPEN 2014**. Brasília, jun. 2014a. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/news/mj-divulgara-novo-relatorio-do-infopen-nesta-terca-feira/relatorio-depen-versao-web.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Justiça. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária - CNPCP. **Resolução conjunta nº 1, de 15 de abril de 2014**. Brasília, abr. 2014b. Disponível em: <https://www.gov.br/depen/pt-br/composicao/cnpcp/resolucoes/2014/resolucao-conjunta-no-1-de-15-de-abril-de-2014.pdf/view>. Acesso em: 19 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Justiça. Conselho Nacional de Justiça. **Resolução nº 225, de 31 de maio de 2016**. Dispõe sobre a Política Nacional de Justiça Restaurativa no âmbito do Poder Judiciário e dá outras providências. Disponível em: https://atos.cnj.jus.br/files/resolucao_225_31052016_02062016161414.pdf. Acesso em: 8 dez. 2020.

CALDERONI, Vivian. Adolescentes em conflito com a lei: considerações críticas sobre a medida de internação. **Revista Liberdades** – Instituto Brasileiro de Ciências Criminais, [S.l.], n. 5, p. 19-53, set./out. 2020. ISSN 2175-5280 *online*. Disponível em: https://www.ibccrim.org.br/media/posts/arquivos/6/artigo1_.pdf. Acesso em: 12 jul. 2021.

CAMILLO, Carlos Eduardo Nicoletti. **O conceito de direito em Emmanuel Levinas: a Alteridade e o primado da ética como fundamentos do sistema jurídico**. 2013. 119 f. Tese (Doutorado em Direito) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

CAMPOS, Paula. *Phainomenon e lógos* na apropriação de fenomenologia de Heidegger: um leitura do §7 de Ser e Tempo. **Revista Ética e Filosofia Política**. [S.l.], v. 10, n. 2, p. 01-11, 2007. ISSN 2448-2137 *online* DOI 10.34019/2448-2137.2007.17836. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia/article/view/17836>. Acesso em: 12 jul. 2021.

CARNELUTTI, Francesco. **As Misérias do Processo Penal**. Tradução: Ricardo de Rodrigues Gama. São Paulo: Russell, 2013.

CARRARA, Ozanan Vicente. Fenomenologia e Ética em Emmanuel Levinas. **Filosofia Unisinos**, [S.l.], v. 13, n. 3, p. 393-405, set./dez. 2012.

CASTRO, Amanda Motta; DE LA PAZ, Nivia Ivette Núñez. Educação popular e estudos feministas: contribuições para a linguagem inclusiva. **Revista de Educação Popular**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 80–88, 2018. DOI: 10.14393/REP-v17n22018-art06. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/41189>. Acesso em: 12 jul 2021.

CEEGED/UNILA. **Comitê Executivo pela Equidade de Gênero e Diversidade da Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA**. [Site institucional]. Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/reitoria/ceeged>. Acesso em: 12 out. 2020.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001

CHONG, Natividad Gutiérrez. Interseccionalidad. *In*: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Orgs.). **Dicionário Crítico de Gênero**. 2.ed. Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

CIDH. Comissão Interamericana de Direitos Humanos. **Observações preliminares da visita in loco da CIDH ao Brasil**, que ocorreu de 5 a 12 de novembro de 2018. Documento elaborado pela CIDH. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/dl/cidh-recomenda-ampliacao-acesso-justica.pdf>. Acesso em: 02 out. de 2020.

CNJ. **Conselho Nacional de Justiça**. [Site institucional]. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/sistema-carcerario/cidadania-nos-presidios/>. Acesso em: 12 dez. 2020.

COSTA, José André da. **Ética e política em Levinas: um estudo sobre Alteridade, responsabilidade e justiça no contexto geopolítico contemporâneo**. 2011. 207 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

COSTA, Márcio Luis. **Levinas**: uma introdução. Tradução: J. Thomaz Filho. Petrópolis: Vozes, 2000.

COSTA, Wanderleia Dalla; DIEZ, Carmem Lucia Fornari. A relação eu-outro na educação: abertura à Alteridade. *In*: IX ANPED SUL Seminário de Pesquisa em Educação Região Sul, 2012, Caxias do Sul. **Anais eletrônico [...]**. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/472/860>. Acesso em: 17 ago. 2020.

COUTINHO, Adriana Maria Ferreira. **Educar depois de Levinas**: para uma pedagogia do rosto. 2008. 123f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2008.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 10, n.1, p. 171–188, jan. 2002. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?lang=pt>. Acesso em: 12 jul. 2021.

CRITCHLEY, Simon. Introdução a Emmanuel Levinas. *In*: HADDOCK-LOBO, Rafael. **Da existência ao infinito**: ensaios sobre Emmanuel Levinas. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2006. p. 13-20.

DAMIANI, Suzana; HANSEL, Cláudia Maria; QUADROS, Maria Suelena Pereira de (Orgs.). **Justiça restaurativa na prática**: ações realizadas no município de Caxias do Sul. Caxias do Sul, RS: Educs, 2018. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-justica-restaurativa.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2020.

DAVIS, Angela. **Estarão as prisões obsoletas?** Tradução: Marina Vargas. 6.ed. Rio de Janeiro: Difel, 2020.

DEPEN. Departamento Penitenciário Nacional. **Manual do Agente Penitenciário**. Disponível em: http://www.depen.pr.gov.br/arquivos/File/manual_agente_pen.pdf. Acesso em: 14 dez. 2020.

DERRIDA, Jacques. **Adeus a Emmanuel Levinas**. Tradução: Fábio Landa com a colaboração de Eva Landa. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DEUS, Sandra de. **Extensão universitária**: trajetórias e desafios. Santa Maria, RS: Ed. PRE-UFSM, 2020.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org>. Acesso em: 18 set. 2020 e 03 dez. 2020.

DOMINGOS, Pedro. **O Algoritmo Mestre**. Como a busca pelo algoritmo de machine learning definitivo recriará nosso mundo. São Paulo: Novatec, 2017.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. *In*: COSTA, Marisa Vorraber Costa (Orgs.). **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007. p. 49-70.

FORPROEX. Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Ilhéus: Editus, 2001.

FORPROEX. Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Política Nacional de Extensão**. Manaus: FORPROEX, 2012.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. *In*: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 1992, p. 89-128.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução: Raquel Ramallete. 39. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FRANCISCO BONAMIGO, Gilmar . O problema do humano em Emmanuel Levinas. **O que nos faz pensar**, [S.l.], v. 25, n. 38, p. 139-160, jun. 2016. Disponível em: <http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/493>. Acesso em: 21 jan. 2021.

FREIRE, José Célio. A Psicologia a Serviço do Outro: Ética e Cidadania na Prática Psicológica. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, v. 23, n. 4, p. 12-15, dez. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000400003>. Acesso em: 10 jul. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/10.-Pedagogia-da-Esperan%C3%A7a.pdf>. Acesso em: 01 out. 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. 2. reimp. São Paulo: Centauro, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 70. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços**. Tradução: Eric Nepomuceno. 9.ed. Porto Alegre: L&PM, 1995.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução: Mathias Lambert. 4. ed. São Paulo: LTC, 1988.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. Tradução: Dante Moreira Leite. 7. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução: Maria Célia Santos Raposo. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Frame Analysis**. Los marcos de la experiencia. Tradução: José Luis Rodríguez. Madrid: Ed. Centro de Investigaciones Sociológicas, 2006.

GOMES PINTO, Renato Sócrates. Justiça restaurativa é possível no Brasil? *In*: SLAKMON, Catherine; DE VITTO, Renato Campos Pinto; GOMES PINTO, Renato Sócrates (Orgs.). **Justiça Restaurativa**. Brasília: Ministério da Justiça e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, 2005.

GRZIBOWSKI, Silvestre. Intuição e percepção em Husserl: leituras de Emmanuel Levinas. **Revista do NUFEN**, Belém, v. 8, n. 2, p. 65-76, 2016.

GUEDES, Edson Carvalho. **Alteridade e diálogo**: uma meta-arqueologia da educação a partir de Emmanuel Levinas e Paulo Freire. 2007. 181f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, Paraíba, 2007.

HADDOCK-LOBO, Rafael. **Da existência ao infinito**: ensaios sobre Emmanuel Levinas. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2006.

HALL, Stuart. “Que “negro” é esse da cultura negra?”. *In*: SOVIK, Liv (Org.). **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Parte I e II. Tradução: Márcia Sá Cavalcante Schuback. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HUSSERL, Edmund. **Meditações cartesianas**: Introdução à fenomenologia. Tradução: Frank de Oliveira. São Paulo: Madras, 2001.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Tradução: Márcio Suzuki. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2020 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. 148 p. (Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica). Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

LEME, José Antonio Gonçalves. **A cela de aula**: tirando a pena com letras. Uma reflexão sobre o sentido da educação nos presídios. 2002. 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

LEVINAS, Emmanuel. **Ética e Infinito**. Tradução: João Gama. Lisboa: Edições 70, 2007.

LEVINAS, Emmanuel. **Humanismo do Outro Homem**. Tradução: Pergentino S. Pivatto (Coord.) *et al.* 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

LEVINAS, Emmanuel. **Entre nós**: ensaios sobre Alteridade. Tradução de Pergentino Pivatto (Coord.) *et al.* 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LEVINAS, E. **De outro modo que ser ou para lá da essência**. Tradução: José Luis Pérez e Lavínia Leal Pereira. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

LEVINAS, Emmanuel. **Violência do Rosto**. Tradução de Fernando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Tradução: José Pinto Ribeiro. Revisão: Artur Morão. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. 3. ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, Lta, 2015.

LÖWY, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen**. Marxismo e Positivismo na Sociologia do conhecimento. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1998.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica / etnopesquisa formação**. Brasília: Liber Livros, 2010.

MARMORI, Adriani. Prefácio. *In*: DEUS, Sandra de. **Extensão universitária: trajetórias e desafios**. Santa Maria, RS: Ed. PRE-UFSM, 2020. p. 08-10.

MARQUES, A. M. Ler, escrever e libertar: experiências que promovem a diminuição de pena para mulheres privadas de liberdade em Mato Grosso. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, p. e0104, 2020. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180312292020e0104>. Acesso em: 2 fev. 2021.

MELO, Eduardo Rezende. Justiça restaurativa e seus desafios histórico-culturais: um ensaio crítico sobre os fundamentos ético-filosóficos da justiça restaurativa em contraposição à justiça retributiva. *In*: SLAKMON, Catherine; DE VITTO, Renato Campos Pinto; GOMES PINTO, Renato Sócrates (Orgs.). **Justiça Restaurativa**. Brasília – DF: Ministério da Justiça e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD, 2005.

MELO, Hygina Bruzzi de. O rosto do Outro: a morada como acolhimento em Levinas. **Síntese – Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, v. 26, n. 84, p. 119-126, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MERTON, Robert King. **Social theory and social structure**. ed. rev. e ampl. Glencoe: Free Press, 1957.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 20 jul. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, António Pedro. **Técnicas que fazem uso da palavra, do olhar e da empatia: pesquisa qualitativa em ação**. Aveiro: Ludomedia; 2019.

MORAES, Denise Rosana da Silva; DOMINGOS, Hêlena Paula. As mídias e a interdisciplinaridade na formação de professores: diálogos pedagógicos. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 4, n. 6, p. 33-53, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacaoelinguagens/article/viewFile/798/412>. Acesso em: 04 ago. 2021.

NODARI, Paulo César. Liberdade e proximidade em Levinas. **Veritas**, Porto Alegre, v. 51, n. 2, p. 89-96, jun. 2006.

NUNES, César Aparecido. **Aprendendo filosofia**. Campinas, SP: Papirus, 1987.

O ANJO MAIS VELHO. Intérprete: Fernando Anitelli. Compositor: Fernando Anitelli. *In: O Teatro Mágico: Entrada para Raros*. Banda O Teatro Mágico. São Paulo: produção independente, 2008. Faixa 12. Duração: 5 '41".

OLIVEIRA, Juliano de Almeida. **Levinas fenomenólogo?** Investigação a partir do conceito de intencionalidade da consciência. 2010. 94f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

ONU. **Resolução nº 2002/12 da ONU, de 24 de Julho de 2002**. Princípios básicos para utilização de programas de justiça restaurativa em matéria criminal. Disponível em:

https://juridica.mppr.mp.br/arquivos/File/MPRestaurativoEACulturadePaz/Material_de_Apoio/Resolucao_UNU_2002.pdf. Acesso em: 29 jul. 2021.

PASTORAL CARCERÁRIA. **Relatório sobre mulheres encarceradas no Brasil**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em:

<https://carceraria.org.br/wp-content/uploads/2013/02/Relato%CC%81rio-para-OEA-sobre-Mulheres-Encarceradas-no-Brasil-2007.pdf>. Acesso em: 02 out. 2020.

POIRIÉ, François. **Emmanuel Levinas: ensaio e entrevistas**. Tradução: J. Guinsburg, Mario Honorio de Godoy e Thiago Blumenthal. São Paulo: Perspectiva, 2007.

POMBO, Olga. Prefácio. *In: Interdisciplinaridade. Ambições e limites*. Lisboa: Relógio d'Água, 2004. p. 11-14.

PORTAL GELEDÉS. **Conferência de Abertura do 8º SBECE Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação**. Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/branquidade-e-racializacao-qual-e-o-lugar-da-educacao/>. Acesso em: 30 jul. 2021.

PRANIS, Kay. **Processos Circulares: teoria e prática**. Tradução: Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athenas, 2010.

PRANIS, Kay. **Círculos de Justiça Restaurativa e de Construção de Paz: Guia do Facilitador**. Tradução: Fátima de Bastiani. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, Departamento de artes gráficas; 2011. Disponível em:

https://site.mppr.mp.br/arquivos/Image/Nupia/guia_do_facilitador_de_circulo_da_paz_por_kay_pranis1.pdf. Acesso em: 7 dez. 2020.

RAMOS, Fernão Pessoa. A mise-en-scène realista: Renoir, Rivette e Michel Mourlet. *In: XIII Estudos de Cinema e Audiovisual SOCINE*, 13., 2012, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Socine, 2012, v. 1. p. 53-68.

RENAN HAMEL, Marcio. Justiça e Direitos Humanos na Filosofia do Direito de Emmanuel Lévinas. **Revista de Filosofia Aurora**, [S.l.], v. 30, n. 49, p. 322-341, abr. 2018. ISSN 1980-5934. Disponível em:

<https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/23405>. Acesso em: 02 fev. 2021.

RIBEIRO, Luciane Martins. **A subjetividade e o outro: ética da responsabilidade em Emmanuel Levinas**. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.

RIBEIRO JÚNIOR, Nilo. **Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas**. São Paulo: Loyola, 2005.

RIBEIRO JÚNIOR, Nilo. **Sabedoria da paz: ética e teo-lógica em Emmanuel Levinas**. São Paulo: Loyola, 2008.

RIBEIRO JÚNIOR, Nilo. Ética e Alteridade: a educação como sabedoria da paz. **Conjectura: Filosofia e Educação**, [S.l.], v. 14, n. 3, p. 53-83, set./dez. 2009.

RUBEM, Alves. **Estórias de quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1984.

SANTORO, Luciano de Freitas. **Justiça Restaurativa: valores, experiências comparadas e crimes econômicos**. São Paulo: ESA OAB SP Publicações, 2021. *E-book*.

SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. **Fontes orais: testemunhos, trajetórias de vida e história**. Curitiba: DAP, 2005. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Testemuhostrajetoriasdevidaehistoria.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2020.

SANTOS, Gilney Costa. Ribeiro D. O que é lugar de fala? **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 43, n. especial 8, p. 360-362, dez. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sdeb/v43nspe8/0103-1104-sdeb-43-spe08-0360.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2020.

SANTOS, Thandara (Org.). **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias: Infopen Atualização - Junho de 2016**. Brasília, DF: Ministério da Justiça e Segurança Pública/Departamento Penitenciário Nacional, 2017a.

SANTOS, Thandara (Org.). **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias: Infopen Mulheres**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Justiça e Segurança Pública/Departamento Penitenciário Nacional, 2017b.

SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. *In: Coleção Os pensadores*. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 01-32

SAYÃO, Sandro Cozza. Levinas e o argumento do infinito: um diálogo com Descartes. **Princípios: Revista de Filosofia**, Natal, v. 18, n. 30, p. 143-162, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/1718/1183>. Acesso em: 05 mar. 2021.

SAYÃO, Sandro Cozza; PELIZZOLI, Marcelo Luiz. **Fundamentos dos direitos humanos e educação para a diversidade**. Educação em direitos humanos e diversidade. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012.

SCHUCMAN, Lia; CARDOSO, Lourenço. Apresentação Dossiê Branquitude. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 6, n. 13, p. 05-07, jun. 2014. ISSN 2177-2770 *online*. Disponível em: <http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/146>. Acesso em: 17 dez. 2020.

SCHÜTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Tradução: Ângela Melin. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SCHÜTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Tradução: Raquel Weiss. Petrópolis: Vozes, 2012.

SILVA, Marcelo Donizete da. **Educação, ideologia e complexidade = contribuição para a crítica ao pensamento de Edgar Morin e sua interface com a educação brasileira**. 2010. 306 p. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2010. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251461>. Acesso em: 22 jan. 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SIMÕES, Cibele Forjaz. **À luz da linguagem: a iluminação cênica: de instrumento da visibilidade à "Scriptura do visível"**. 2013. **Tese** (Doutorado em Teoria e Prática do Teatro) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27156/tde-18112013-155400/publico/CIBELEFORJAZSIMOES.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2021.

SÍVERES, Luiz. **Universidade: torre ou sino?** Brasília: Universa, 2006.

SÍVERES, Luiz; MELO, Paulo Giovanni Rodrigues de. A pedagogia da hospitalidade a partir da filosofia da Alteridade em Levinas. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 17, n. 3, p. 34-48, set./dez. 2012.

SOARES, Carla Poennia Gadelha; VIANA, Tania Vicente. Educação no cárcere: um estudo a partir da descolonialidade do ser. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 9, n. 18, p. 15-29, set./dez. 2017. Disponível em: <http://revistanupem.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/500/303>. Acesso em: 21 jul. 2021.

SOUSA, Antonio Rodrigues de. Sociedade, gestão penal e tratamento ao preso – uma pedagogia de despossuição. *In*: ANPED, 27., Caxambu, 2004. **Anais [...]**. Caxambu: ANPEd, 2004. p. 1-16.

SOUZA, José Tadeu Batista de. A história e seus imprevistos em Levinas. **Problemata**, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 202-220, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/20497/12373>. Acesso em 15 jul. 2021.

STANISLÁVSKI. Konstantin. **A criação de um papel**. Tradução: Pontes de Paula Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

STANISLÁVSKI. Konstantin. **Minha vida na arte**. Tradução: Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

STANISLÁVSKI. Konstantin. **A preparação do ator**. Tradução: Ângela Correia (Coord.) *et al.* 1. ed. Lisboa: Vozes, 2016. Disponível em: https://bibliotronicaportuguesa.pt/wp-content/uploads/2015/03/Konstantin_Stanislavsky_A_Preparacao_do_Actor.pdf. Acesso em: 10 jul. 2021.

TERUYA, Teresa Kazuko. Sobre mídia, educação e Estudos Culturais. *In*: MACIEL, Lizete Shizue Bomura; MORI, Nerli Nonato Ribeiro (Orgs.) **Pesquisa em Educação**: Múltiplos Olhares. Maringá: Eduem, 2009. p. 151-165.

TOMASI, Geórgia Ramos. Sete lições essenciais sobre Justiça Restaurativa e Cultura de Paz. *In*: DAMIANI, Suzana; HANSEL, Cláudia Maria; QUADROS, Maria Suelena Pereira de (Orgs.). Justiça restaurativa na prática: ações realizadas no município de Caxias do Sul. Caxias do Sul, RS: Educs, 2018. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-justica-restaurativa.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2020.

TONATTO, Regiane Cristina. **Este barco é nosso!**: do ciberespaço aos caminhos rumo à alteridade. 2017. 149 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Foz do Iguaçu, 2017.

TONATTO, Regiane Cristina; OLIVEIRA, Renata Peixoto de. (Orgs.) **Por Elas e por nossas lutas**: igualdade e justiça nos debates de gênero e diversidade nas sociedades contemporâneas. 1. ed. Foz do Iguaçu: Editora CLAEAC, 2020. Disponível em: <https://publicar.claec.org/index.php/editora/catalog/book/23>. Acesso em: 26 ago. 2021.

UNILA. **Estatuto da Universidade**. Foz do Iguaçu, 2012. Disponível em: <https://atos.unila.edu.br/paginas/estatuto>. Acesso em: 18 dez. 2020.

UNILA. **Resolução COSUEX nº 001, de 25 de fevereiro de 2015**. Estabelece normas gerais para regulamentação, registro e avaliação das atividades de extensão no âmbito da UNILA, de acordo com a Política Nacional de Extensão e com a Política de Extensão da UNILA. Foz do Iguaçu, 2015. Disponível em: <https://unila.edu.br/sites/default/files/files/RESOLU%C3%87%C3%83O%20COSUEX%20N%C2%BA01%20DE%202015.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2021.

UNILA. **Resolução CONSUN nº 18, de 19 de junho de 2017**. Aprova a Política de Equidade de Gênero da UNILA. Foz do Iguaçu, 2017. Disponível em:

https://unila.edu.br/sites/default/files/files/18_2017%20-%20Aprova%20a%20pol%C3%ADtica%20de%20equidade%20de%20g%C3%AAnero%20no%20%C3%A2mbito%20da%20UNILA_vers%C3%A3o%20final%20.pdf. Acesso em: 07 nov. 2021.

UNILA. **Relatório de atividades – 1ª etapa (2018)**. Projeto Universidade Restaurativa. Foz do Iguaçu, 2018a. Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/comissoes/etica/universidade-restaurativa>. Acesso em: 28 jul. 2021.

UNILA. **Portaria UNILA nº 615, de 12 de setembro de 2018**. Cria o Comitê Executivo pela Equidade de Gênero e Diversidade. Foz do Iguaçu, 2018b. Disponível em: <https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/cria%C3%A7%C3%A3o%20do%20comite.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2021.

UNILA. **Edital PROEX N° 36/2019, de 15 de janeiro de 2019**. Disciplina o registro, a avaliação, a aprovação e o desenvolvimento das Ações de Extensão em fluxo contínuo no âmbito da UNILA. Foz do Iguaçu, 2019. Disponível em: <https://documentos.unila.edu.br/editais/proex/1-6>. Acesso em: 10 dez. 2020.

VARELLA, Drauzio. **Carcereiros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

VÁSSINA, Elena; KABAKI, Aimar. **Stanislávski: vida, obra e Sistema**. Rio de Janeiro: Funarte, 2015.

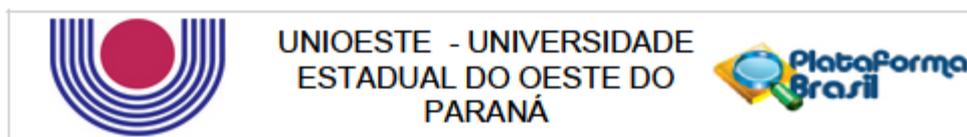
VIEIRA, Frederico. À escuta do Dizer do Rosto: pensar a imagem com Levinas. In: MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; VIEIRA, Frederico (Orgs.). **Imagens e alteridades**. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2019. p. 77-93. Disponível em: https://seloppgcom.fafich.ufmg.br/novo/wp-content/uploads/2019/09/imagens_alteridade.pdf. Acesso em: 21 jul. 2021.

WOODCOCK, George. **Grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 1988.

ZEHR, Howard. **Justiça restaurativa**. Tradução de Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2015.

ANEXOS

ANEXO 1 - Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O vento no seu rosto traz histórias para contar: ética e responsabilidade no ato de acolher mulheres em contextos críticos.

Pesquisador: REGIANE CRISTINA TONATTO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 32100620.0.0000.0107

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANA

Patrocinador Principal: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANA

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.084.252

Apresentação do Projeto:

Título da Pesquisa: O vento no seu rosto traz histórias para contar: ética e responsabilidade no ato de acolher mulheres em contextos críticos.

Pesquisador Responsável: REGIANE CRISTINA TONATTO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 32100620.0.0000.0107

Submetido em: 10/06/2020

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANA

Situação da Versão do Projeto: Em relatoria

Objetivo da Pesquisa:

Saneamento de pendências

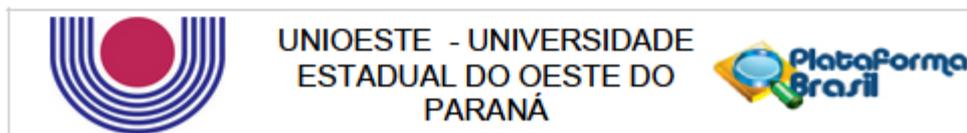
Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Já descrito anteriormente

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Já descrito anteriormente

Endereço: RUA UNIVERSITARIA 2069
Bairro: UNIVERSITARIO **CEP:** 85.819-110
UF: PR **Município:** CASCAVEL
Telefone: (45)3220-3092 **E-mail:** cep.prppg@unioeste.br



Continuação do Parecer: 4.084.252

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Já descrito anteriormente

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Agora, O projeto deve esclarecer e adequar nos seguintes itens:

1) a solicitação de dispensa do TCLE foi mantida e corrigido; foi apresentado o roteiro para as "entrevistas previstas no projeto"; está claro quem serão os sujeitos cobertos pela pesquisa, inclusive a quantidade de voluntários previstos em cada categoria/área, e sendo de mais de uma categoria/área, como consta no projeto; todos os anexos foram apresentados e postados na plataforma Brasil em arquivo próprio, com as respectivas assinaturas.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1532163.pdf	10/06/2020 21:07:32		Aceito
Outros	Anexos.pdf	10/06/2020 21:05:03	REGIANE CRISTINA TONATTO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PP.pdf	10/06/2020 21:03:52	REGIANE CRISTINA TONATTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	10/06/2020 21:03:12	REGIANE CRISTINA TONATTO	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	15/05/2020 15:19:18	REGIANE CRISTINA TONATTO	Aceito
Outros	ficha.pdf	27/04/2020 10:52:55	REGIANE CRISTINA TONATTO	Aceito

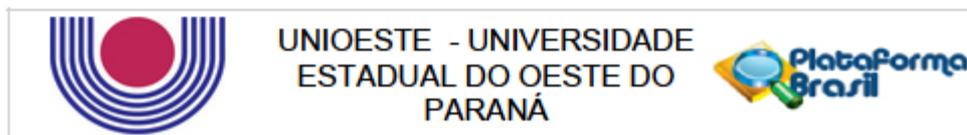
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: RUA UNIVERSITARIA 2069
 Bairro: UNIVERSITARIO CEP: 85.819-110
 UF: PR Município: CASCAVEL
 Telefone: (45)3220-3092 E-mail: cep.prpgg@unioeste.br



Continuação do Parecer: 4.084.252

CASCADEL, 12 de Junho de 2020

Assinado por:
Dartel Ferrari de Lima
(Coordenador(a))

Endereço: RUA UNIVERSITARIA 2069
Bairro: UNIVERSITARIO **CEP:** 85.819-110
UF: PR **Município:** CASCADEL
Telefone: (45)3220-3092 **E-mail:** cep.prrpg@unioeste.br

ANEXO 2 - Roteiro de entrevista aprovado pelo CEP

Roteiro de entrevista

Dados da entrevistada	
Nome completo:	
Profissão/formação:	
Instituição vinculada:	
Dados da atividade:	
Nome do círculo:	
Data:	
Perguntas	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Como você conheceu o projeto de Extensão "O vento no seu rosto traz histórias para contar: histórias de vida de mulheres que convivem no sistema prisional"? 2. Qual foi a sua principal motivação em mediar os círculos na penitenciária? 3. Você já conhecia a metodologia de círculos em movimento? 4. Como foi o primeiro encontro com as participantes? Qual a lembrança mais presente na sua memória? 5. Que mulheres você esperava encontrar lá? 6. Como você saiu dos círculos? Descreva os principais sentimentos. 7. Você voltaria e por quê? 8. Entre as palavras Bondade, Solidariedade e Caridade, qual você mais se identifica para representar o ato de acolher? 9. Como você descreveria o ato de acolher uma outra mulher? 10. No círculo, o que o feminino representa para você. 	

ANEXO 3 - Parecer de aprovação do relatório do projeto de extensão - PROEX UNILA

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO DE ATIVIDADES ACADÊMICAS
	EMITIDO EM 12/12/2020 16:12

VISUALIZAÇÃO DE RELATÓRIO

RELATÓRIO DE PROJETOS DE EXTENSÃO

Código:	PJ145-2019
Título:	O vento no seu rosto traz histórias para contar: as histórias de vida de mulheres que convivem em sistema prisional
Tipo de ação:	PROJETO
Área Temática:	8 - INCLUSÃO SOCIAL
Coordenador(a):	REGIANE CRISTINA TONATTO - regiane.tonato@unila.edu.br
Tipo de Relatório:	RELATÓRIO FINAL
Período da Ação:	07/10/2019 a 21/12/2019
Público Estimado:	60 pessoas
Público Real Atingido:	60 pessoas
Situação do Relatório:	Enviado em 06/01/2020 17:00:15
Financiamento Interno:	SIM
Esta ação foi realizada:	SIM

DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS:

Apresentação em Eventos Científicos: 0 apresentações.

Resumo sobre a apresentação:

Iniciamos as atividades em meados do segundo semestre de 2019. Pretendemos apresentar os resultados em eventos científicos de 2020.

Artigos Científicos produzidos a partir da ação de extensão: 0 artigos

Resumo sobre o Artigo:

Iniciamos as atividades em meados do segundo semestre de 2019. Pretendemos apresentar os resultados por meio de artigos científicos este ano.

Outras produções geradas a partir da ação de Extensão: 6 produções

Resumo sobre a Produção:

No total foram realizados 5 círculos de construção de paz com grupos de mulheres na Penitenciária Feminina de Foz do Iguaçu. 2 círculos com as internas e 4 círculos com as agentes penitenciárias.

INFORMAÇÕES DO PROJETO

Dificuldades Encontradas:

A maior dificuldade é manter uma rotina de atividades com cronograma fixo. Isso porque a penitenciária, por motivos internos, interrompe os atendimentos a qualquer tempo. Nossos círculos foram transferidos por diversas vezes. Houve também greve das agentes penitenciárias por algumas semanas e atendimento ficou suspenso.

Observações Gerais:

Recebemos muitos comentários positivos a respeito das nossas atividades por parte dos gestores. Disseram que a agentes se sentiram muito bem em participar e que gostariam que os círculos se tornassem permanentes. A experiência foi muito gratificante para todas as envolvidas.

Membros da Equipe

Nome	Categoria	Função	Departamento	Início	Fim
CAMILA SILVA CORADETTE MARCHI	DISCENTE	MINISTRANTE		07/10/2019	21/12/2019
CARLA GISELLE DUENHA DE SOUZA	EXTERNO	INSTRUTOR / MINISTRANTE		07/10/2019	21/12/2019
NAÍRA FRUTOS GONZÁLEZ	EXTERNO	COLABORADOR(A)		07/10/2019	21/12/2019
CELESTE MARTINA AMARANTA SKEWES GUERRA	DISCENTE	MINISTRANTE		07/10/2019	21/12/2019
CAROLINE GATTI SOBREIRO DE MEDEIROS	DISCENTE	MINISTRANTE		07/10/2019	21/12/2019
CINTIA FIOROTTI LIMA	DOCENTE	COORDENADOR(A) ADJUNTO(A)	ILAACH	07/10/2019	21/12/2019
REGIANE CRISTINA TONATTO	SERVIDOR	COORDENADOR(A)	REITORIA	07/10/2019	21/12/2019

Lista de Arquivos

Planejamento UNILA e DEPEN 

Preparação - Círculo com as facilitadoras 

Fotos da PFF 

Fotos da PFF 

Fotos da PFF 

Fotos da PFF 

Fotos da PFF 

Participação - evento sobre o tema promovido pela UNILA, em sua primeira edição 

Reunião de encerramento 

Participação no evento interno da PFF, junto com a equipe de trabalho da unidade 

Itens confeccionados pelas internas p/ nos presentear e utilizar nos círculos 

Atividades Desenvolvidas

Incentivar vivências que permitam a mulher se perceber como protagonista de sua própria história.

Atividades Relacionadas:	Período Realização:	Carga Horária:	Andamento Objetivo:	Situação Objetivo:
1. As aulas-oficinas serão voltadas para levantar reflexões junto a estes sujeitos sobre a importância e valorização de seus conhecimentos e suas experiências de vida. Pretende-se proporcionar com estas oficinas, o estímulo ao registro destas trajetórias de vida, onde estas pessoas em condição de reclusão percebam-se como sujeitos.	07/10/2019 a 21/12/2019	48 h	100 %	CONCLUÍDO 
2. Encontros de Alteridade e práticas de yoga	07/10/2019 a 21/12/2019	80 h	99 %	CONCLUÍDO 

Digite um breve relato sobre a execução do objetivo
 Foram realizados 6 círculos com mulheres da Penitenciária Feminina de Foz do Iguaçu-PR. Círculos de Construção de Paz com as internas (total: 2) Primeiro círculo Tema: "Eu estou aqui" Facilitadores: Cida Maria e Regiane Tonatto Objetivo: proporcionar as internas do sistema prisional a vivência de um círculo em movimento, dando início aos encontros de alteridade. Segundo círculo Tema: "Minha trajetória até aqui" Facilitadores: Carla, Celeste e Cintia Objetivo: proporcionar as internas do sistema prisional falar a respeito de sua trajetória de vida por meio de um círculo em movimento. Círculos de Construção de Paz com as agentes (total: 4) Primeiro círculo (para 3 equipes) Tema: Peça felicidade Facilitadores: Carla de Souza e Regiane Tonatto Objetivo: proporcionar as agentes da PFF experimentar a vivência de um círculo em movimento. Segundo círculo (para uma equipe) Tema: Autocuidado Facilitadora: Caria de Souza Objetivo: proporcionar as agentes da PFF descobertas sobre si e a importância do autocuidado.

Validação do Departamento

Departamento:

REITORIA

Avaliador(a):

JOSIEL ALAN LEITE FERNANDES MARQUES

Data Análise:

09/01/2020 11:02:17

Parecer Depto.:

APROVADO

Justificativa:

Validado de ofício segundo a Resolução COSUEX 01/2015.

Validação da Proex

Data Análise:

27/01/2020 09:32:01

Parecer PROEX:

APROVADO

O presente relatório descreve as atividades desenvolvidas no projeto "O vento no seu rosto traz histórias pra contar: as histórias de vida de mulheres que convivem no sistema prisional" descrevendo-o e também fazendo uma reflexão sobre o mesmo. Dentre as dificuldades mencionadas cita-se a manutenção de uma rotina com um cronograma fixo, uma vez que a penitenciária fez, em algumas vezes, a transferência das atividades e também uma greve das agentes penitenciárias aconteceu no decorrer da ação. Como observação, a coordenação do projeto enfatiza os pontos positivos que foi a vontade que as agentes demonstraram que ações como essa fossem permanentes no espaço prisional. Considera-se, no entanto, que a ação atingiu o seu objetivo promovendo a interação dialógica e transformadora entre a universidade e a sociedade e que, os objetivos pré-estabelecidos foram atingidos; Considerando alguns indicadores de extensão advindos de várias fontes (FORPROEX, FORPLAD, PDI), cabe algumas observações e sugestões: Com relação à publicação dos resultados e participação em eventos, a coordenação menciona que tem a intenção de realizar no ano de 2020. Citando a vinculação do projeto com projetos de pesquisa não se verifica claramente esse elo, mas registra-se como sugestão, uma vez que se espera que em todas as ações haja essa ligação ensino-pesquisa e extensão. No que se refere à vinculação do projeto a um componente curricular fica evidente a preocupação em demarcar o espaço de vivência dessas práticas como sendo também um campo para o estágio dos discentes de licenciatura em História, proporcionando mais sustentação a esse vínculo. O indicador envolvimento de discentes também é atendido na proposta, pois a mesma envolve estudantes de graduação da Unila. Dentre os vários indicadores anteriormente mencionados, tem -se a participação do projeto na Região da Tríplice Fronteira (Paraguai e Argentina), que, embora haja a limitação do espaço de execução da ação, possa ser contemplado por exemplo com participações em eventos na região trinacional, onde os resultados advindos dessa ação possam ser apresentados. Ademais, considera-se que a ação, embora com algumas dificuldades enfrentadas, atingiu o objetivo de promover a extensão universitária através de seu objetivo geral que foi proporcionar práticas de alteridade, de respeito à diversidade e de construção do diálogo, bem como seus objetivos mais específicos. Por fim, parabeniza-se a coordenação do projeto pelo esforço na continuidade da ação, mesmo com dificuldades e o cumprimento dos objetivos propostos. A Divisão de Acompanhamento de Ações de Extensão de coloca à disposição para auxílio pedagógico pelo e-mail: acompanhamento.proex@unila.edu.br ou pelo telefone: (45)3529-2191

Justificativa:**Informações do Projeto****Dificuldades Encontradas:**

A maior dificuldade é manter uma rotina de atividades com cronograma fixo. Isso porque a penitenciária, por motivos internos, interrompe os atendimentos a qualquer tempo. Nossos círculos foram transferidos por diversas vezes. Houve também greve das agentes penitenciárias por algumas semanas e atendimento ficou suspenso.

APÊNDICE - Entrevistas transcritas**ENTREVISTA COM A MEDIADORA HELENA**

Tipo: vídeo

Tempo de gravação: 25 minutos e 25 segundos

Data: 20/07/2020

Entrevistadora: Como você conheceu o projeto de extensão o vento no seu rosto traz histórias para contar: história de mulheres que convivem no sistema prisional?

Helena: Então, eu fiquei sabendo por meio de você. Você me fez o convite que estava desenvolvendo um projeto e se eu tinha interesse dentro do sistema carcerário, como eu já tinha interesse, já tinha procurado a XXX (professora e coordenadora do Projeto de Extensão da Unila “Direito à Poesia”), pelo meu interesse de conhecer melhor, talvez ajudar de alguma forma. Daí a gente conseguiu se reunir, participar daqueles encontros que aconteciam na Unila, do pessoal para conseguir fazer um convênio. Aí a gente começou o projeto, no ano passado, foi agregando mais pessoas e logo foram entrando as outras meninas que ajudaram também no Círculo, porque a gente que entrou não tinha experiência do Círculos e as meninas tinham experiência e acabou que foi uma troca geral.

Entrevistadora: A gente conversou bastante antes de entrar lá, de todas as nossas expectativas. E assim, Helena, qual você acha que foi a sua principal motivação para mediar círculos em penitenciárias?

Helena: Então, eu nunca tinha trabalhado com a questão de mediação, foi algo bem novo pra mim, mas foi algo que foi bem especial, a experiência assim, achei bem interessante o processo, e como ele trabalha essa reflexão e essa ideia de ouvir o outro. E como você acaba digerindo aquilo que você está ouvindo e internalizando e também fazendo a crítica de si mesma, refletindo sobre aquilo que você fala, sobre o que você pensa. Eu achei muito interessante e pra mim foi um processo novo, um processo diferente. Acho que foi importante no sentido que eu acabei aprendendo mais do que podendo proporcionar, mais aprendi. Foi um processo que me ensinou muito mais do que consegui contribuir, minha intenção inicialmente sempre foi tentar contribuir de alguma forma, mas eu acho que aconteceu meio que o contrário no projeto.

Entrevistadora: Você já conhecia alguma prática circular ou foi sua primeira experiência?

Helena: Foi minha primeira experiência, foi a primeira vez que eu tive contato, que ouvi falar, eu nunca tinha tido nenhum contato.

Entrevistadora: Como foi o primeiro encontro com as participantes? Qual a lembrança mais presente na sua memória?

Helena: O primeiro encontro e o único que eu fiz, foi um encontro com as agentes, foi logo na sequência de um suicídio de uma das agentes, de uma das companheiras e eu acho que ficou muito gravada a questão do trauma, como o trauma reflete sobre o ser social daquelas mulheres que estavam ali tentando se recompor de alguma forma e toda aquela reflexão que foi bem intensa, eu acho assim, tanto para elas como para nós que estávamos participando daquele momento, eu acho que foi marcante.

Entrevistadora: Que mulheres, no nosso imaginário, você achou que ia encontrar lá, como é que você pensou que fossem as agentes?

Helena: Olha, elas responderam muito as minhas expectativas, eu imaginava encontrar todos os tipos de agente, mas eu esperava muito mais uma brutalidade que eu não vi nelas, que talvez o meu imaginário construiu delas na questão de... a gente sabe a necessidade de uma agente, de ter o pulso, de conseguir manter as exigências que uma instituição exige daquele funcionário, então eu imaginava mulheres muito menos humanizadas. Aí, eu cheguei lá e vi, totalmente o contrário assim, eu acho que nesse sentido foi diferente, nessa questão, mas eu já imaginava que eram mulheres fortes, guerreiras e trabalhadoras, já pela profissão, não deve ser uma profissão fácil no dia-a-dia.

Entrevistadora: Você sentiu também uma certa fragilidade nelas?

Helena: Sim, acho que é porque o momento do círculo é um momento de fragilidade. Então, eu acho que sim. Acho que elas se expuseram bastante, assim, essa sensibilidade delas, nesse sentido, do momento que elas estavam passando também, talvez se fosse numa outra ocasião, elas tivessem se preservado um pouco mais, mas como elas estavam muito machucadas ainda, em função do que tinha acontecido, acho que mostrou bastante a fragilidade de todas elas.

Entrevistadora: Como você, Helena, saiu do círculo? Quais foram seus principais sentimentos depois dele.

Helena: Eu sai... são vários sentimentos, que é difícil de explicar. Mas, eu acho que o principal deles é... quando a gente sai de lá de dentro, a gente sente a necessidade de estar mais lá dentro. Acho que esse distanciamento não faz essa reflexão, mas quando a gente tá lá dentro, a gente fala: nossa, preciso estar aqui mais vezes, pra poder realmente ajudar. Elas precisam da gente, elas precisam da nossa força, a gente sai mesmo com esse sentimento. Cumprimos a função daquilo que a gente se propôs a fazer, de estar ali, de dar o nosso ouvido, de conversar, de

se expor, no sentido, de um ombro amigo mesmo. Era aquilo que a gente estava se proporcionando no momento e eu acho que, para mim, foi especial. Como foi só uma experiência, foi uma experiência que eu tive com as agentes. Mas, mesmo assim, eu conheci as meninas que estavam trabalhando na costura, teve todo aquele entrosamento com as meninas que estavam presas e que trabalham ali na costura, toda a empolgação delas de mostrarem os trabalhos delas, a delicadeza do trabalho, a dedicação. Pra mim foi muito especial, sai de lá muito empolgada, querendo muito ter tempo para fazer todos os projetos que a gente tinha desenvolvido na época.

Entrevistadora: Você voltaria e por quê?

Helena: Ah sim, com certeza, eu voltaria e voltaria mais disposta, podendo estar mais consciente do que eu poderia ajudar, podendo trazer o cinema de uma maneira que contribuísse com elas. Queria poder entender o que elas necessitam de mim, para eu poder ajudar. Então, eu voltaria, mas eu voltaria mais consciente do projeto, do que o projeto se propõe e o que eu me proponho em ajudar no projeto, nesse sentido.

Entrevistadora: Entre as palavras bondade, solidariedade e caridade, qual você se identifica mais para representar o ato de acolher?

Helena: eu acho que solidariedade, mas eu não sei o real significado da palavra, mas no sentido do senso comum, ser solidário, é ajudar a si mesmo também, de uma certa maneira.

Entrevistadora: Como você descreveria o ato de acolher uma outra mulher?

Helena: Eu acho que é quando eu acolho a mim mesma, porque eu me vejo nas mulheres que eu acolho, de alguma maneira. Então, eu acho que é isso, quando eu acolho elas, eu me vejo nelas!

Entrevistadora: Falando com a Yara (outra entrevistada), agora de manhã, ela refletiu sobre as pessoas serem “humanas” e “não humanas”, o que seria, para você uma pessoa “humana” e uma pessoa “não humana”?

Helena: O não humano, eu acho que é a categoria que eu encaixo o egoísmo. Eu acho que, quando a pessoa se torna uma pessoa egoísta, ela se torna uma pessoa não humana, ela passa a pensar em si antes de pensar em uma sociedade inteira. É uma pessoa não humana para mim. O egoísmo torna o indivíduo não humano, desumaniza a sociedade.

Interrupção - Nesse momento houveram problemas técnicos e a entrevista foi encerrada. Agradecimentos e despedida foram realizados pelo whatsapp.

ENTREVISTA COM A MEDIADORA YARA

Tipo: vídeos

Tempo de gravação: 50 minutos e 39 segundos; 49 minutos e 13 segundos

Data: 20/07/2020

Entrevistadora: Como você conheceu o projeto de extensão “O vento no seu rosto traz histórias para contar: história de vida de mulheres que convivem no sistema prisional”?

Yara: Eu conheci participando da reunião do Depen, naquela tentativa de organizar o convênio que partiu tanto da instituição quanto por parte das direções da penitenciária. Participando das reuniões que eu fui conhecer você, a Cleusa, fui conhecer a menina do cinema... Fui conversar com vocês para tentar me aproximar. Conversei com vocês, soube do projeto, me interessei, achei interessante. E aí depois de um tempo a gente ficou tentando elaborar uma proposta dentro do curso de História e licenciatura. A ideia era tentar expandir a possibilidade de realização do estágio supervisionado também para dentro da escola, que funciona lá dentro da penitenciária feminina. Porém, a proposta de metodologia da forma como é organizado o estágio curricular, a concepção que se pensa em trabalhar o conteúdo de história, a disciplina de História, a partir de aulas e oficinas, elas não se enquadravam dentro do modelo, do formato que a instituição oferecia de educação lá. Eles têm uma lógica, uma dinâmica muito próxima daquela de preparação de cursinho pré-vestibular, a forma de organizar as aulas. Mas, a gente sabe que existe possibilidade de fazer isso diferente, de trabalhar de maneira diferente. Só que aí pesou, nesse momento, também pensar que os estudantes teriam que arcar com uma parte desses deslocamentos, embora a gente reservasse o carro da universidade, dependendo do dia se fosse só um estudante lá para realizar o estágio, ele teria que pagar o transporte para ir até lá. Os estudantes já têm muita dificuldade financeira. Quando eu orientava para o estágio, eu pedia para eles escolherem uma escola perto da casa deles, para eles não terem essa despesa com deslocamento também. E aí teria essa questão da despesa com deslocamento e teria um outro problema que seria mais sério ainda, porque o estágio tem uma carga horária muito grande para ser cumprida dentro da escola, ou com observação, principalmente com observação, e com acompanhamento. E essa observação seria muito difícil de ser feita pelo molde, pelo formato como está organizada a instituição. Mas, seria possível de fazer, só que como a gente sabe que tem muitos imprevistos, determinados dias não tem atividade, isso acontece com muita frequência, essa suspensão das atividades, suspende de manhã o que ia acontecer a tarde, uma coisa muito instável para eles conseguirem cumprir toda aquela carga horária que eles precisariam cumprir. Então, eles teriam que pegar desde o primeiro dia que abrisse o estágio, sem ter tempo de elaborar um projeto, de organizar tudo e já começarem. E ainda corria o risco de não conseguir fazer o cumprimento da carga horária toda. Tinha uma preocupação com relação a isso. Aí eu falei assim... bom,

realizar as oficinas como a gente tá pensando em realizar seria muito difícil, de ser organizada dentro dos moldes que está estabelecido a organização da escola, acho que a gente teria mais liberdade, maior possibilidade de articulação organizando oficina como projeto. Mas aí eu teria que fazer esse projeto sozinha, não tinha estudante, não tinha bolsista, não tinha nada, aí eu falei: eu vou conversar com a Rê (risos), vou conversar com você, para tentar agregar o projeto, pra ter corpo, pra ir formando, se aproximando, conhecendo. E aí depois, realizasse as oficinas com elas. E durante esse tempo eu conseguiria um pouco de fôlego para tentar trazer mais estudantes do curso, da graduação de história, pra participar dessas atividades, principalmente quem não tinha bolsa, não tinham condições de ter uma... os estudantes que teriam despesas para fazer esses deslocamento, para se organizar. Então, teria que ser uma coisa pensada, organizada no projeto, que eu conseguiria o transporte, ou da Universidade ou ia com meu carro, o que a gente sempre fez. E aí a ideia era se aproximando um pouco com o projeto, tendo contato com elas e aí depois ir realizando essas oficinas de maneira mais pontual, numa dinâmica, ter essa proximidade mesmo com relação a própria perspectiva de uma pesquisa etnográfica, de conhecer, de criar certos vínculos, proximidades, pra depois adentrar necessariamente em alguns assuntos que estariam relacionados necessariamente à área da História, que a gente pensaria em trabalhar, que era problematizar parte dessas trajetórias de vidas, dessas histórias. E aí foi isso, aí vocês aceitaram, a gente entrou e agora já tem uma galera da história lá (risos).

Entrevistadora: Foram entrando aos pouquinhos. Que bom. Eu tô muito feliz assim, pela continuidade e por ser uma ideia que a gente possa fazer mesmo... essa parte, a escrita da trajetória de vida e eu achei isso tão importante, é uma forma de poder, dessas mulheres.

Yara: Sim. E a ideia é um pouco tentar transformar isso num material para levar para outras pessoas da comunidade, pra terem acesso, que é o que tem no projeto, que é levar isso para fora da instituição, para que outras pessoas conheçam e tenham uma visão diferente também com relação a quem tá nesse (espaço)... vivendo essa condição de cárcere. Como que tá nessa situação. E aí, foi muito legal, vocês foram muito acolhedores, me acolheram, acolheram o projeto, incorporaram, super abertas, não teve imposição de nada, sempre aceitando diversas ideias, dialogando sempre. Houve um acolhimento muito grande. Então, foi uma coisa bem legal assim e fluiu, porque a gente conseguiu trabalhar legal, a gente consegue trabalhar bem. A gente não tá trabalhando (pandemia), mas a gente consegue conversar, dialogar, entender determinadas coisas. E eu acho que esse momento da pandemia também tá sendo importante para trazer essa uniformidade com relação a alguns objetivos do projeto, de repensar certas práticas que a gente tá fazendo, de ter esse processo de formação também, proximidade com outros pesquisadores da área, para conhecer outras realidades e ver como é que a gente pode transitar e abordar determinados temas. Então, acho que a pandemia ela também deu fôlego que talvez a gente não achasse necessário no momento inicial,

mas que agora a gente observa e analisa também que foi um pouco importante, esse contato que a gente tá tendo.

Entrevistadora: Mas é importante também essa pausa, principalmente em julho, é um mês de um pouquinho de descanso merecido, precisa,? Senão a gente não tem fôlego para o restante do semestre, do próximo semestre.

Yara: E é um semestre longo... Porque é tenso aquela expectativa se vai retornar, se não vai retornar, como vai retornar. Eu acredito que não vai retornar. Eu acredito que a gente só vai conseguir entrar na Penitenciária novamente quando houver alguma vacina, quando houver alguma vacina, medicação, não sei, provavelmente vacina. Acho que a gente não consegue entrar antes disso, eu acho que esse momento assim ele é ruim, porque também deixa essas mulheres numa condição praticamente de solidão, de falta de contato, de contato com as famílias, quanto tempo elas ficaram sem ter contato com as famílias, a gente recebe o material problematizando um pouco isso... ter contato com pessoas de fora, explicar o que tá acontecendo, como tá acontecendo, porque agora reduziu muito o número de pessoas que conseguem transitar e entrar lá dentro. Acho que está sendo um momento muito ruim para elas. Eu acredito que a gente vivendo a quarentena, quando a gente cumpre a quarentena corretamente, não vai na casa da mãe (risos), a gente se sente assim, acho que um por cento daquilo que muitas vezes elas vivem com relação ao isolamento social... um por cento... pra gente entender...

Entrevistadora: Eu pensei muito nisso mesmo. Em alguns momentos eu ficava brava, olhando para todo mundo fazendo coisas erradas: cara, eu vou sair disso! Aí, eu pensando... a gente tem essa possibilidade de sair mesmo, se a gente quiser decidir agora que não vai cumprir, não vai cumprir, vai sair, vai ser responsável por aquilo, mas elas não têm, elas não tem essa possibilidade.

Yara: Elas não têm direito nenhum de escolha, de organização. Então assim, uma coisa que a gente tá vivendo por alguns meses, um ano assim, acho que não chega nem dá um por cento perto do que elas vivenciam... a gente sente um pouco o que é que é isso na pele. E aí, tem um aspecto que eu acho que é muito forte, muito pesado: a questão da restrição das visitas com relação às famílias. Eu acho que os projetos são importantes, porque eles dão uma mexida na dinâmica, a gente sabe que os projetos não chegam atingir nem dez por cento do que precisa ali também, porque a gente tem contato com pessoas que foram selecionadas pela própria instituição educacional que tá lá, que é uma APED (Ação Pedagógica Descentralizada), como se fosse uma extensão na educação de jovens e adultos, funciona lá dentro da SEED. E aí a gente já tem essa seleção que é feita por parte deles, então você imagine o peso disso para aquelas que nem entram nessa seleção de projetos, que provavelmente deve repetir as mesmas mulheres nos projetos, porque eles trabalham com a concepção de corpos dóceis... praticamente... que tão dentro da disciplina, que vão ter um determinado

comportamento... então assim, eu acho que é muito pesado isso, é muito tenso. E você vê que não tem uma política pública pra pensar em mudar esse ambiente, esse lugar, mesmo com o contexto da pandemia.

Entrevistadora: Porque poderia... a gente poderia mediar círculos online.

Yara: A pandemia pro sistema carcerário tá sendo ainda mais excludente, tá tendo um impacto ainda pior. Ela faz aquilo que muitos teóricos estão apontando, ela escancara as desigualdades sociais, ela escancara uma série de coisas que muitas vezes estavam naturalizadas ou acomodadas.

Entrevistadora: Eu tô lá no meu condomínio e eu abuso, faço churrasco, chamo todo mundo lá, se der algum problema, eu tenho outra casa, eu vou para um Hotel Fazenda, eu vou não sei aonde. Então, o acesso das pessoas... alternativas para quando a coisa fica feia é muito grande, enquanto outros não tem alternativa nenhuma, então por exemplo, chegou lá na periferia, eu não tenho para onde ir, é aquela mesma casa dividida com 10 pessoas, com meus filhos e tudo. Então eu acho assim... que é muito fácil pra algumas pessoas acharem que ok, a pandemia... Mas é bem isso que você falou, por outro lado a desigualdade é tão grande que outras pessoas ficam piores.

Yara: Você imagina uma casa, por exemplo, que a média, 30 metros quadrados... 20 metros quadrados... morando 5 pessoas, 6 pessoas, o espaço de circulação do bairro... de convívio, a ida à escola, a ida ao mercado, ao bar ou qualquer que seja, qualquer espaço, de convivência, ela é muito forte, ela é muito importante, porque é um espaço muito pequeno para um número de pessoas conviverem, durante não sei quanto tempo, fechadas ali dentro, nessa situação de detenção. Então, é muito injusto exigir determinados comportamentos sendo que não tem estrutura pra isso, não tem condições, não tem nenhum suporte [...]

Interrupção - conversamos sobre outros assuntos relacionados a pandemia por alguns minutos, para então, retomar as questões da entrevista.

Entrevistadora: [...] Yara, qual foi a sua principal motivação em mediar círculos, embora você não conhecesse a metodologia, qual foi a sua motivação em trabalhar com essas mulheres, com as internas...

Yara: Primeiro foi uma curiosidade muito grande, eu acho que a gente é motivada pela curiosidade, pela intenção de aprender. Isso me motivou muito e me motivou principalmente a ouvir as vozes das pessoas que são silenciadas, que estão vivendo nessa condição de encarceramento. Eu acho que, para além de ouvir... é tentar aprender com elas também, ouvir e tentar aprender. Então, essa vontade de participar, de ser também uma mediadora, tá ali, tá participando, ela veio muito dessa busca de tentar compreender e a partir disso, também contribuir, em certa

medida, para oxigenar um pouco o que elas estão vivendo ali, para tentar... sei lá, lidar com certos sentimentos, com certas situações e pensar em experiências coletivas, que eu acho que muitas vezes é o que vai possibilitar que muitas delas, ouvindo histórias semelhantes, ouvindo experiências comuns, percebam que elas não são as únicas pessoas que estão sofrendo aquilo. Não é ela, uma em específico, mas que o coletivo de pessoas que estão ali têm experiências comuns, e elas podem compartilhar essas experiências comuns. Eu acho que, a partir do momento que elas começam a perceber ou visualizar experiências comuns e até mesmo quando a gente relata situações nossas de vivências, (elas) percebem também que mulheres que estão fora do sistema ali, mulheres que tem uma carreira profissional ou que estão ali participando, que também vivenciam situações muito próximas a delas... com relação à maternidade, com relação muitas vezes a infância, a traumas que foram vivenciados. Eu acho que isso, de certa forma, possibilita com que elas se visualizam e se percebam melhor em sociedade, elas percebem que muitas vezes aquilo que elas estão experimentando não é uma coisa isolada ou individual delas, claro que cada um vai experimentar isso de maneira individualmente e vai responder de maneira diferente a isto, mas que outras pessoas também compartilham daquelas experiências e isso acho que possibilita um pouco também a lidar, em parte, desse sofrimento que elas vivenciam ali, em parte, dessas dificuldades de lidar com determinadas situações. E muitas vezes, amparar uma à outra, conhecendo melhor elas, entre elas, conhecendo parte das experiências delas também, elas começam a olhar a outra de maneira diferente. Isso foi relatado numa das atividades que nós realizamos, um dos círculos, que uma delas falou assim: “nossa eu achei importante isso (se referindo aos círculos) porque agora eu olho pra ela de maneira diferente, antes via que ela era fechada, triste... então, eu julgava ela como uma pessoa mal-humorada ou qualquer que seja... agora, conhecendo parte da história dela, tendo entendido esse sofrimento que ela passa, os motivos que levaram a isso... eu consigo entender melhor ela e conviver melhor com ela, e eu sei que determinados assuntos, determinadas formas de agir, vão ofendê-las... pode ofender ou pode vir a tocar em determinadas feridas, então eu vou tentar me organizar ou me relacionar de maneira diferente. Eu achei muito válido este relato que teve de uma das internas, de falar dessa importância de também conhecer a outra, porque muitas vezes elas estão num espaço de convívio, mas que elas necessariamente não se conhecem ou que elas não tem tempo, não se organiza dentro da própria dinâmica para ouvir o próximo e ouvir de maneira a se sensibilizar também com a situação do outro, se perceber na condição do outro. E se perceber na condição de outro é uma situação muito difícil. Eu acho que a arte, ela... por exemplo, de maneira externa, vamos pensar isso... quando você lê um livro de literatura e o personagem tá relatando aquilo de determinada maneira... a arte e a literatura, elas te permitem isso, muitas vezes, tentar se colocar no papel do personagem, muitas vezes o cinema te possibilita isso. E as experiências dessas mulheres quando elas são relatadas, quando elas são compartilhadas, eu acho que também permitem para aqueles que estão ouvindo também se sentirem... um pouco... no papel do outro. Um pouco no lugar do outro, é claro que nunca ninguém

consegue vivenciar ou saber o que é que o outro sente, porque não está vivendo na pele. Eu acho que isso é impossível, mas assim, pelo menos você se sensibiliza.

Entrevistadora: É isso aí. Você já conhecia a metodologia de práticas circulares?

Yara: Não, eu não conhecia, Rê. A gente realizava muitas vezes, como diria essa prática, mas não sabia que esse era o nome e que isso tinha uma metodologia que era sistematizada e organizada. Eu já vivenciei essas práticas em outros grupos, em outros espaços, mas eu não sabia que esse era o nome e não conhecia a metodologia. Eu participava, a gente fazia, mas acho que era meio intuitivo algumas coisas que a gente fazia e se aproximavam muito dessa dinâmica, que é uma forma de lidar com muitas situações. Eu me lembro quando eu participava desses grupos de comunidade de base, Pastoral da Terra e participava de outros espaços, juventude franciscana, eu lembro que a gente vivenciava alguns momentos muito próximos assim, de organização, de círculos. E eu lembro que em uma das situações, a gente teve uma formação com psicólogo, eu tinha uns dezessete dezoito anos, e aí tinha uma metodologia muito parecida, que ele organizava as pessoas para fazerem. Aí depois eu fui vivenciar isso numa atividade, tipo um curso de formação, eu acho que as pedagogas da escola conheciam a metodologia, mas não externalizavam, não explicavam o que que estava sendo feito, e a gente participava meio sem entender. Mas de conhecer e ter propostas relacionadas a isso, eu organizar isso ou eu pensar em como organizar um círculo, eu nunca tinha feito, foi uma experiência nova, eu adorei aprender. Quando voltar às atividades nas escolas, eu quero organizar alguns grupos, um pessoal para a gente trabalhar a partir disso. Eu fiquei encantada. Eu acho que isso precisava acontecer em muitos espaços, em muitos ambientes.

Entrevistadora: E como foi para você o primeiro encontro, com as internas, que memória vem mais na sua mente, a principal desse primeiro encontro.

Yara: Eu não tenho como esquecer que eu tive que acudir a XXX (nome da interna)... porque ela começou a chorar. Para mim foi aquela situação de perceber um pouco do que elas sentem, do que elas vivenciam. Por exemplo, ela tá mal, ela tá muito ruim, ela tá chorando, ela tá deprimida, mas não existe assistência pra ela, não existe amparo pra ela, não existe. A situação de encarceramento é uma situação que não é só isolamento social, é isolamento afetivo também, muitas vezes, isolamento ao acolhimento, então assim, eu achei aquilo... Foi um momento curto e rápido, mas aquela situação da pessoa tá passando mal, não tá bem e você pedir por ajuda e não aparecer ninguém, aí você respira fundo e fala assim: "Bom, eu acho que eu tenho condição de ajudar, então vamos tentar. Mas, pra mim, aquela situação... eu fiquei pensando: "Nossa, podia ser eu que poderia estar no lugar dessa mulher aqui". Aí você se coloca no lugar do outro. Aquilo me sensibilizou muito, assim, de perceber ou de sentir um pouco esse isolamento com relação a muitas coisas para além do isolamento social, de isolamento de convívio, de sair da

vida em sociedade para ficar numa vida ali em cárcere, isso significa a amplitude dos isolamentos, não é só uma questão de isolamento de um convívio, é claro que ali se constrói outro convívio, outras relações, mas esse sentimento de desamparo, de tá sozinho mesmo, de perceber: “Pô, tô mal, tô ruim”. Simplesmente os caras fecham as celas.

Interrupção - problemas técnicos com a conexão de internet.

Entrevistadora: Você consegue lembrar, Yara, que momento que você percebeu a interna se sentindo mal? Eu não lembro muito... Eu lembro que você teve essa sensibilidade de olhar pra ela...

Yara: Acho que foi no círculo que a gente tratou a questão de maternidade, objeto de memória, foi no primeiro que elas trouxeram?

Entrevistadora: Foi.

Yara: Aí, ela trouxe alguma coisa da filha dela, uma fotografia da filha dela, ela levou uma fotografia... aquela situação de tá longe da família, se eu não me engano...

Entrevistadora: Quando chegou a vez dela, ela falou que não conseguia falar, que não queria participar mais.

Yara: Foi. Foi algo com relação à filha e foi com relação aos sentimentos de culpa em relação à mãe. Ela é filha de uma pedagoga e diretora de uma escola. Até minha sogra trabalha na prefeitura e eu perguntei quem que era... “Nossa, essa mulher é tão dedicada, tão esforçada, a mãe dela”. Eu acho que ela também sente muita culpa de ter decepcionado a mãe, por tá vivenciando aquela situação, então assim, foi um momento que ela se colocou também no lugar de filha, foi um momento que ela percebeu essa dificuldade em estar longe da filha. Eu acho que talvez o sentimento de peso estava mais associado à figura da mãe do que necessariamente à figura da filha, mas eu não posso analisar isso, eu não tenho condições. Mas aquele momento foi muito forte. E eu fiquei impressionada com a abertura que elas tiveram, com a sensibilidade delas. Por exemplo, a gente com aquele conjunto de pessoas que estavam ali, sei lá, eu acho que cinco por cento poderia ter falado, o que seria o normal no primeiro encontro.

Entrevistadora: Eu também esperava...

Yara: E houve uma participação muito grande, acho que cinco por cento não falou, e isso na primeira rodada, mas na segunda já falou. Então assim, eu fiquei impressionada, impressionada com a abertura e com a recepção delas, com a sensibilidade, com o respeito, com o não julgamento. Esse monte de mulher dondoquinha, patricinha, vem aí falar alguma coisa, é muito fácil, é muito confortável

na situação que elas vivenciam, na condição que elas estão e virem falar alguma coisa... eu acho que se eu fosse interna eu ia pensar isso, sabe (risos). Mas enfim, elas tiveram assim uma receptividade, uma abertura muito grande. Eu fiquei impressionada também, inicialmente, com aquela separação, aquele vidro que a gente via outras mulheres trabalhando, que no momento não podiam ser incorporadas. Eu me senti espantada com a naturalização que eu tive do ambiente, porque aquilo me lembrava, me remetia quando eu trabalhava com a educação de jovens e adultos, aquilo me lembrava uma escola... aí a gente pensa nas instituições, elas (refletindo)... a arquitetura das instituições... elas revelam isso. E o comportamento também, de sentar em cadeira, delas ficarem paradas. Assim, teve um momento que eu tava ali... que eu tinha a sensação que eu tava dentro de uma sala de aula. Isso me lembrava muito a educação de jovens e adultos, porque não eram crianças, eram pessoas mais velhas e eu tive turmas muito parecidas assim, com o mesmo número de pessoas. O uniforme da escola inclusive lembrando a mesma cor. Então assim, pra mim, aquilo foi chocante... chocante... chocante... Mas enfim, esse momento de abertura mesmo, a sensibilidade delas, a afetividade delas com aqueles objetos que elas levaram, o significado que elas atribuíram pra aqueles objetos, pra aquelas lembranças que elas tinham levado. A sensibilidade que elas começaram a ter, umas com relação às outras... ouvindo as histórias. Então, pra mim, foi muito, muito marcante, assim. Eu, na época, tava fazendo terapia, eu brinquei com a psicóloga, falei: "Olha, se continuar dando certo os círculos, provavelmente eu vou parar de vir aqui, porque eu tô vendo mais resultado (risos)..."

Entrevistadora: Você falou isso... (risos)

Yara: Mais com a atividade coletiva que eu tô desenvolvendo lá com as meninas do que nas terapias. Você me desculpe a sinceridade, eu falei pra ela: mas, eu acho que eu me sinto mais confortável, tenho mais afinidade lá com as detentas... eu brinquei com a psicóloga.

Entrevistadora: Que mulheres você achou que ia encontrar lá, porque a gente sempre tem uma expectativa. Qual era a sua expectativa? Pode ser bem sincera.

Yara: Eu não criei expectativa com relação a isso, vou te ser bem honesta, sabe. O que me impressionou assim, de diferente, que eu achei, foi ver duas senhoras de idade. Até eu fui conversar pessoalmente com elas e entender porque elas estavam ali. Eu me espantei em ver duas pessoas de idade, porque assim, até os 30/40 anos você acha natural, você acha normal, que é o padrão da faixa etária, porque são a maioria presas com relação ao tráfico de drogas. Então, você já tem uma (expectativa quanto ao perfil)... a gente que já pesquisa um pouco nessa área, você já tem uma noção do perfil, do estereótipo. Me chamou atenção ver duas senhoras de idade, uma delas era de Palotina e ela contou que o filho tinha droga em casa e tal, foi pego por escuta telefônica. E uma outra era uma senhora mais reservada, mais fechada, de cabelo bem grisalho, assim, bem de idade. Parecia que ela...

assim, ela botava um pouco de medo no resto das mulheres ali, mas ela assim, também relatou o porquê ela tava lá naquele momento, mas eu não lembro, mas não era por tráfico. E aí, me surpreendeu ver duas pessoas na faixa etária assim próxima aos sessenta anos, não lembro se elas tinham sessenta anos, mas pela idade dos filhos que elas relataram ter, por já serem avós, pela fisionomia, aparentavam ter uns 60 anos, se não tinha sessenta... aquela senhora de cabelo grisalho eu tenho quase certeza que tinha mais de 60 anos, acho que a outra tinha 50 e poucos, perto de 60. Me impressionou isso, talvez elas não tivessem essa idade, porque a condição que elas vivem ali pra você envelhecer... eu acho que você envelhece 10 anos em 1, mas aquilo me assustou um pouco, de perceber, eu não esperava encontrar pessoas assim, idosas nessa condição, não sei porque a gente cria expectativa. E assim, como que eu posso te dizer, embora a gente espere também encontrar uma faixa etária de mulheres mais jovens, me assustou a quantidade de jovens, então assim, a gente tem noção, tem consciência que isso acontece, tem noção que muitas vezes elas estão mais vulneráveis ao tráfico, mas a situação de perceber meninas da idade da XXX (nome da interna), dependentes químicas... aquela outra moça, não sei se você vai lembrar... ela era... ela falava muito, se expressava muito. Eu não sei onde eu enfiei aquele bendito daquele papel, eu tinha anotado o nome e uma característica de cada uma delas e a história delas e eu perdi o bendito do papel. E aí, a questão... a situação... era uma moça negra, de cabelo curto, ela era meio gordinha assim, alta e ela falava muito, ela participava muito e era jovem também, tinha muitas mulheres jovens ali, eu achei.

Interrupção - Fim do primeiro vídeo de 50'39".

Yara: Embora a gente vá com essa consciência e espera um pouco isso, às vezes a gente se surpreende. Então, eu me surpreendi com a faixa etária muito jovem, mas o que mais me surpreendeu foi a faixa etária mais envelhecida, tá ali naquela situação de cárcere.

Interrupção - problemas técnicos com a conexão de internet.

Entrevistadora: Como você saiu do círculo, descreva seus principais sentimentos.

Yara: Olha, a gente sai dali esgotada (risos). É um sentimento, uma sensação de esgotamento, eu não sei se com todas aconteceu isso, mas é uma sensação de esgotamento. E pra mim, era muito difícil porque eu lecionava. Eu acho que era na quarta-feira e eu lecionava à noite. E aí, essa sensação de esgotamento que eu levava era difícil... pra chegar em casa, tomar um banho... eu precisava tomar um banho, parecia. Não sei se isso é correto ou não, mas dá uma relaxada, respirar fundo. Eu lembro que era o tempo que eu tinha, porque eu não tinha tempo de comer pra voltar pra dar aula, por mais que eu saísse um pouco antes para pegar as crianças e tal, aí eu tentava dar banho nas crianças pra ajudar o XXX (nome do companheiro) a cuidar deles logo na sequência. E aí eu saía com a sensação

meio... eu fazia as coisas meio mecânicas assim, objetivas, que eu tinha que fazer. Aí normalmente eu levava alguma coisa enrolada assim pra comer, um pouco antes da aula. Ficava em cima do laço do horário porque tem trânsito e é só 40 minutos da República Argentina na Unila, tinha dia. E aí, era uma sensação de esgotamento, inicialmente, de cansaço mental. Então, até eu conseguir voltar o *plug*, porque eu tinha que ir para uma sala de aula e trabalhar determinados temas e determinados conteúdos... mas eu só tinha vontade de falar daquela experiência que eu tinha vivenciado naquele dia. Então, eu tinha que me ressintonizar, me reorganizar, pra fazer esse processo. Um dia o XXX (nome do companheiro, que também é pesquisador) falou pra mim: "Yara, você tinha que dar um jeito de organizar esses horários pra você chegar em casa e fazer um diário de campo, fazer um relato, porque isso é importante, tem muita coisa que passa despercebido, você não vai lembrar em outros momentos, o sentimento, a vivência, de como foi... E eu não tinha esse tempo pra fazer isso. E isso, eu lamento muito por não ter feito, a próxima vez que a gente for eu quero me organizar pra fazer isso..."

Entrevistadora: Eu também. Imagina eu. O que foi bom por um lado, porque eu não tinha interesse na pesquisa. Igual quando você vai com um interesse de pesquisa é diferente, igual por exemplo a participação da XXX (nome de uma participante que foi com objetivos de pesquisa), às vezes a pessoa não se envolve naquilo tanto.

Yara: A situação de você ficar anotando que as pessoas tão falando... eu acho constrangimento isso, pra quem tá falando e a outra tá anotando. Eu acho desagradável isso. Eu acho ruim. Quem tá falando, ela não se sente bem com a outra pessoa anotando... aí o que será que ela tá anotando, eu vou cuidar o que eu vou falar porque ela tá anotando. Então assim, essa situação é muito estranha.

Entrevistadora: Se você fica ali anotando, perde um pouco esse sentido....

Yara: Ah, com certeza perde. Mas a gente tem uma concepção tão produtiva e internalizada, que a gente pensa nossa rotina do dia... bom, eu tenho de tal a tal horário pra ficar lá, de tal horário eu pego filho na escola, de tal a tal horário eu vou trabalhar... minha tarde está aqui vaga, eu vou me organizar pra ir participar no projeto de extensão nesta tarde aqui, só que a gente não funciona assim, liga e desliga. Então assim, por exemplo, o momento que eu tenho para ir fazer um projeto de extensão na penitenciária eu não posso agendar nada depois disso, que exija esforço mental, intelectual, concentração (rituais pós-círculos)... Então, pra mim, era muito difícil essa situação, sabe. Então, se eu for organizar isso (novo círculo), de forma alguma eu vou querer sair de lá e dá aula, mas enfim, era os dias que a gente conseguia fazer. E era os dias que eu podia participar também, porque as atividades de sexta eu nunca conseguia participar, sempre alguma coisa acontecia. E aí, o que marcou também foi um sentimento muito forte de impotência, queira ou não a gente tenta filtrar, organizar, a gente tá lá fazendo atividade, vou fazer o meu melhor enquanto eu tô lá, vou organizar isso... e aí você tem um sentimento muito grande

de impotência, quando você começa a problematizar uma série de coisas. Então, trabalhar isso, de que eu tenho um limite do que eu vou poder fazer, não me cobrar pra além deste limite de que eu vou fazer, isso é um trabalho que demora, que é difícil de fazer. Esse sentimento de impotência, de não conseguir ajudar, de perceber que as coisas estão numa esfera um pouco maior, dificulta um pouco. Mas eu acredito que isso é parte também de qualquer projeto que você vai participar, mas é que ali as coisas ficam mais evidentes, elas são mais gritantes e para nós assim, por exemplo, no meu caso, é uma situação extremamente nova. Talvez, se eu fosse fazer uma pesquisa... por exemplo... o tanto que eu frequentei de escolas em Foz do Iguaçu, acompanhando estágio, projeto. Então assim, a gente sabe que a instituição escolar ela tem infinitos limites que são mais problemáticos, eles não estão numa situação de cárcere oficialmente falando, e tem uma série de problemas também, mas esses problemas, essas limitações, essa contextualização, elas não vinha na minha mente o tempo inteiro, elas não me pesavam tanto, eu já sabia lidar com essa situação. Então, com essa atividade que a gente realizava dentro da penitenciária, eu sofria com isso, Rê, de pensar nessa impotencialidade, nesses limites e muitas coisas. Então, acho que eu demoraria um tempo participando de mais atividades, este processo de debate que nós estamos fazendo agora, com outros pesquisadores, têm contribuído também pra refletir sobre como a gente lida com esse sentimento de impotência, de dificuldade e de compreensão.

Entrevistadora: No planejamento, mesmo naquela época, era pra gente fazer um (círculo) e fazer outro conversando (sobre ele). A gente precisava trocar essas informações do que sentimos, só que não dava tempo, malemal conseguíamos cumprir os círculos, derá tipo... fazer essa preparação. A gente fez um círculo antes, lá na casa da Helena, foi o primeiro... sobre liberdade. Foi bem legal tudo. Mesmo assim, para que todas conseguissem se encontrarem era difícil. Mas mesmo assim, tantos cafés maravilhosos que a gente teve... aqueles cafés na verdade eram outra coisa, era uma preparação também, não era só um café, porque ali a gente trocava ideia sobre muitas coisas, sobre desigualdade de gênero, a gente conversou muita coisa, a gente se ajudava, se apoiava, cada uma tava num ritmo, precisando do apoio uma da outra. Eu achei em muitos momentos...

Yara: E assim... é muito complicado, porque você trabalha com esses círculos, com essas atividades, eu acho que a gente deveria ter também uma parte de formação no campo da própria Psicologia, sei lá, umas coisas meio chaves pra resolver. Eu tô fazendo agora uns cursos de psicanálise, tô acompanhando um grupo que tem...

Entrevistadora: Antes da gente começar de novo lá, nos círculos, a gente podia pensar numa preparação assim...

Yara: É claro que a gente tem...

Entrevistadora: De repente uma psicóloga pudesse entrar junto com a gente.

Yara: A XXX (nome de uma colaboradora do projeto, psicóloga da Defensoria Pública de Foz do Iguaçu-PR), por exemplo, se ela pudesse participar todos os círculos conosco... eu acho que teria uma contribuição imensa, eu acho que, por exemplo, o pessoal que é formado que nem você, formado em pedagogia, quem é formado na antropologia tem uma capacidade maior de compreensão, de intervenção, eu acho que é legal. Então cada um, de cada área, com uma forma de leitura, de interpretar e de ver as coisas, eu acho que contribui. Mas realmente, eu acredito que alguém formado na área, não sei se é na área da saúde isso, mas formado na área da Psicologia ou da Psicanálise ou até um Psiquiatra, alguém pra participar, pra ouvir parte daquilo lá... a gente tenta ouvir por parte da humanização, pro lado das experiências, mas...

Entrevistadora: A gente pode pensar nisso até pra nós também, pro nosso apoio assim, já que a gente vai acolher lá, alguém que nos acolha também.

Yara: Eu acho que uma das raízes que a gente podia ter para o nosso projeto é que se a gente conseguisse, enquanto a gente está realizando os círculos, a gente fazer terapia. A gente precisava de um momento individual e um momento coletivo, tem que ser feito, pensado nisso, porque a gente tá trabalhando, queira ou não, a gente tá tocando em coisas muito sensíveis, muito vulneráveis ali. E é normal isso acontecer com a proposta de trabalho e eu acho que até se a gente não fosse com essa proposta de trabalho poderiam acontecer situações (sensíveis e vulneráveis) também. Porque assim, não adianta a gente também precisa, eu acho que toda pessoa que realiza atividades mais sensíveis com relação à outra, ela precisa também dela fazer esse processo. Eu acho que, no nosso caso, dá para fazer coletivo, acho que pode ser até mais produtivo. Então, esse feedback que a gente faz, depois, ele é importante, a gente precisa dar jeito de se disciplinarizar pra que isso aconteça e a gente poderia fazer isso online, porque a gente tem uma dificuldade muito grande de deslocamento, de horário, de tudo mais. E aquela que não pode participar, ela assisti depois, sabe. Fazer online esse feedback depois, fazer esse encontro e aí a gente poderia, se conseguisse, fazer com um profissional da área (psicologia), acho que seria o mais adequado.

Entrevistadora: Verdade, vamos pensar nisso sim. Yara, entre as palavras bondade, solidariedade, caridade, qual você mais se identifica para representar o ato de acolher?

Yara: Bondade, solidariedade e caridade, são três... Ah, eu acho que solidariedade. Tenho um preconceito muito grande com a palavra caridade... eu nunca escolheria! (risos)

Entrevistadora: Todas elas tão falando isso.

Yara: Talvez ela tenha algum significado diferente do que esse preconceito que eu já carrego (risos).

Entrevistadora: Mas você sabe que tem muitas entradas de projetos mais com esse enfoque da caridade e alguns mais ligados a cura do sujeito, a cura da alma assim do sujeito e em troca essas pessoas estariam fazendo... tipo, fazendo bem por algum interesse, nem que seja o reino do céu: “aí, eu vou pra vida eterna”. O que você acha disso?

Yara: Eu não acredito em nada disso, eu sou realmente cética. A única coisa que eu acredito é na humanidade, meu esposo diz que eu sou muito romântica por acreditar na humanidade, mas é melhor do que acreditar em algo abstrato (risos).

Entrevistadora: Sabe que as mediadores são parecidas nas respostas. Acho que a gente se encontrou ali, todo mundo se encontrou ali.

Yara: A gente se identificou.

Entrevistadora: Então, quer dizer que você não foi com esse interesse, de salvar almas? (ironia, risos)

Yara: Não, não. (risos)

Entrevistadora: Ai que bom. Amém. (risos)

Yara: Eu primeiro teria que acreditar em alguma coisa pra além... É muito embaçado isso... você fazer uma coisa pelo outro com interesse em ter algo posterior, eu acho que a gente que trabalha com educação, é muito presente isso, queira ou não, todas as ali tem experiência com educação. Seja a Rebeca, por exemplo, a Rebeca faz um trabalho muito importante no campo educacional, a Vitória tem experiência, você tem experiência, as meninas são um espetáculo, a Martina, a Helena, a Maria Luiza, são umas princesas. A gente sempre tá acostumada a fazer sem esperar nada em troca, a gente não tem nem salário em troca, dirá outra coisa (risos).

Entrevistadora: Por isso que chama a atenção esses projetos, porque não tem nada em troca. Isso é legal, de modo desinteressado.

Yara: Sim, a gente acredita que os seres humanos podem ter humanidade com relação ao outro, eles podem se ajudar, eles podem se transformar, eles podem mudar. Eu acho que... eu não tenho pretensão nenhuma de fazer qualquer conversão, transformação em qualquer uma delas que tão ali ou mudar qualquer coisa... a gente tenta pensar numa compreensão maior [...].

Interrupção - conversamos sobre outros assuntos por alguns minutos, para então, retomar as questões da entrevista.

Entrevistadora: [...] Estamos nos encaminhando para o final. Como você descreveria o ato de acolher uma outra mulher?

Yara: Ouvir. Eu não sei... tem uma diferença entre ouvir e escutar, escutar é quando você escuta um barulho, ouvir é quando você tá entendendo, interpretando. Ou vice-versa. Mas assim, é ouvir, ouvir, ouvir e pensar sobre aquilo que eu tô ouvindo, sabe. Pensar... não ficar pensando em como ajudar ou como dar a respostas, mas ouvir pra tentar compreender, assim não adianta... o ouvir porque é necessário ouvir, é necessário ouvir o outro. Então, às vezes é difícil você se desligar desse (costume/hábito do historiador)... da sua profissão enquanto cientista social. Pra mim, essa experiência... ela tem sido um desafio muito grande e eu gosto muito dessa situação de não estar relacionado à pesquisa, porque eu me sinto a Yara. Eu não me sinto professora de história, não me sinto cientista social, não me sinto nada disso, eu me sinto a Yara, com todos os seus defeitos, suas vulnerabilidades. É difícil eu fazer esse processo de desligamento de não ficar tentando fazer um processo de construção social, de análise... e esses momentos de acolhimento, eles exigem que você tenha esse ato de ouvir sem ficar fazendo essas associações, sem fazer essas problematizações, essas análises. Então, pra mim também é um desafio... ouvir nesse sentido certo, de tentar perceber algumas subjetividades, mas sem ficar tentando fazer o serviço de historiadora, sabe. Então, o acolhimento ele é ouvir, ele é ouvir e compartilhar,, e não julgar, eu acho que é o principal. Então, eu tenho medo de muitas vezes que eu faço esse processo automático de análise, se eu também não tô julgando, que também é uma forma de julgar. Então... eu penso isso. Eu trabalhei sempre muito com história oral, então com história oral, pra você fazer análise de fonte, você tem que sempre tomar um cuidado pra não criar um julgamento sobre aquilo, então, eu acho que isso me ajuda muitas vezes, sabe. Me ajudou muito trabalhar com essa metodologia. Mas, desligar do processo de análise, de problematização, pra mim é um desafio. Embora eu vou lá sem pretensão nenhuma, assim, é um desafio. É o momento em que eu tento me desligar de tudo isso e ser só humana, ser só uma pessoa que tá lá, que precisa daquele momento tanto quanto as pessoas que estão lá também. Não sei se é a melhor resposta, mas enfim.

Entrevistadora: É a sua resposta.

Yara: É a minha. Boa.

Entrevistadora: De certa forma você já falou um pouquinho do primeiro encontro, da primeira experiência. Você lembra dessa primeira experiência que no final uma interna pediu: “E vocês, o que vocês achavam que iam encontrar aqui?” Você consegue recordar desse momento?

Yara: Eu lembro dela perguntando. Daí perguntaram se a gente não tinha ficado com medo de ir lá.

Entrevistadora: Bem isso...

Yara: Respondi que era a mesma situação da escola.

Entrevistadora: É, eu lembro que você respondeu pra elas, você falou até que não, que era bem o contrário, de que a gente tava pensando... ou eu falei, como é que a gente tava pensando como elas iam receber a gente, que a gente vinha da academia, que a gente ficou com aquele medo delas julgarem a gente como... e que não, que isso não tinha acontecido, que tinha sido uma troca legal, daí rolou uma sessão de abraços, você lembra?

Yara: Eu lembro, foi gostoso.

Entrevistadora: A gente abraçou muitas mulheres sem saber (do crime que elas haviam cometido)... em nenhum momento a gente se importou do crime que elas estavam lá.

Yara: Ah, isso nem passou pela minha cabeça.

Entrevistadora: Também não. Só pensando aqui... uma parte, algumas pessoas, pensam nisso. Ficam com medo de ir lá e também de abraçar, tem uma resistência. Assim, existe uma resistência muito grande que a gente percebe nos projetos, quando a gente faz campanha de doação de higiene para penitenciária, muitas mulheres e homens falam... faz alguma coisa aqui, faz algum projeto pra pessoas daqui (de fora), porque você vai se importar com aquelas pessoas que estão lá (dentro da prisão), que estão lá porque fizeram alguma coisa (infringiram a lei), são bandidos. Esse julgamento, que é muito mais pesado.

Yara: Eu acho que passa pela situação que o XXX (um palestrante que participou do projeto em 2020) problematizou, de pensar que alguns são mais humanos e outros são menos humanos, ou seja, como se existisse duas categorias de humanidade.

Entrevistadora: Na verdade, eu tô só aqui refletindo, não tenho uma pergunta. É como se eu tentasse... pensar aqui, o que nos difere dessa outra categoria, a não humana? O que aconteceu na vida da Yara pra que hoje ela tenha uma consciência diferente dessas outras pessoas?

Yara: Eu acho que a gente se encontra também num lugar todo privilegiado, sabe. Eu não falo privilegiado por ter tido acesso à educação, embora isso seja um fator importante. Por exemplo, tem muitos médicos que tiveram muito acesso à educação

e uma educação elitizada, que tem essa percepção do menos humano ou não humano. Eu acho que a gente teve privilégio num processo de formação que a gente vivenciou, tanto pelo meio, familiar, de convívio, de colegas, nas relações que nós fomos estabelecendo, que contribuíram, em alguma medida pra que a gente tivesse uma leitura com relação a isso e pra que ela seja diferenciada. Eu acredito que as experiências que a gente vivenciou ao longo da nossa vida, sei lá, ao longo da nossa trajetória de vida, ela permitiu que a gente tivesse essa percepção. E enquanto sujeitos, eu acho que isso tá muito mais atribuído às pessoas com as quais a gente teve a oportunidade de conviver também, de se relacionar ao longo da nossa vida, elas permitiram também a gente ter essa percepção. Embora tenham pessoas que tenham acesso a oportunidade semelhantes e ainda tenham uma visão muito estigmatizada. Mas, enquanto sujeitos, a gente teve a oportunidade de aproveitar alguma dessas coisas, ou sei lá, interpretar de maneira diferente, lidar de maneira diferente. Por exemplo, eu acredito que se eu for falar um pouco sobre isso, meu pai talvez tenha uma visão estigmatizadora, mas escolheu, fez aquilo que tinha que fazer, a minha mãe talvez não. Mas, não está só relacionado à família que a gente se formou, mas a quantidade de pessoas, de coisas, de situações, de conhecimentos, de relações que a gente teve, então isso possibilita. Eu acho que não está relacionado somente ao acesso à educação, à escolarização, ao fato de ter tido feito uma formação na área de ciências humanas, eu acho que tá pra muito além disso. Eu acho que a gente tem muito aprendizado com relação às experiências, às relações que a gente estabelece, que vão contribuir muito mais com a forma como a gente vai ler. Você vai ter uma série de profissionais, pessoas que foram formadas em ciências humanas que vão ter uma visão estereotipada, que vão ter... A gente que trabalha em universidade sabe disso, trabalha em escola, ah, nem me fala em escola, como tem.

Entrevistadora: Eu acho que isso nunca vai parar, Yara. A gente nessa busca por realidades que não são as nossas.

Yara: É. E isso é muito complicado, assim tem hora que eu fico me culpando, problematizando isso, porque o espaço que eu trabalho é um espaço que precisa de muita intervenção (escola/universidade), é um espaço que pede socorro constantemente, e tem gente pedindo socorro constantemente... E no espaço de trabalho você tem dificuldade de lidar com certas coisas, com certas circunstâncias... embora a gente acaba fazendo isso no cotidiano de trabalho, mas tem hora que isso se torna um tanto quanto complicado [...]

Interrupção - conversamos sobre outros assuntos por alguns minutos, para então, retomar as questões da entrevista.

Entrevistadora: [...] Verdade amiga, verdade. A gente falou do primeiro, mas não falou do segundo. Você lembra alguma coisa do segundo, que vale... tudo vale a

pena, mas que vem mais assim expressivo pra você do segundo círculos, que foi das trajetórias de vida, o que você tá rindo (risos)

Yara: Eles (os filhos) desmontaram o quarto, tem quatro, cinco crianças aqui com a minha mãe... (ela) fazendo almoço...

Entrevistadora: Pede desculpa para ela por mim, fala que eu vou mandar um cacto para ela.

Yara: Não esquento não. Ela fica brava, depois ela fica tranquila... Olha, do segundo encontro o que mais me marcou foi a participação da Martina. A Martina é um encanto,? Ela é fantástica. A Martina é a Martina. Se eu tivesse um pinga da sensibilidade que a Martina tem, eu seria uma pessoa melhor viu [...] Mas eu achei que, o que marcou muito foi a participação da Martina, elas não queriam inicialmente deitar no chão, porque passavam ratos ali. Aí, ela levou o papel kraft e as coisas, e as meninas não falaram sobre isso, sabe, elas comentaram depois. Não lembro se foi nesse momento ou foi a Maria Luiza que falou da situação da yoga... é um lugar que não cheira bem. Mas elas deitaram, elas fizeram a atividade. Eu fiquei impressionada com a participação delas, sabe, com a sensibilidade delas naquele momento. E assim, eu achei elas estavam ainda mais participativas e mais receptivas no segundo encontro, sabe, almejando muito, com muita expectativa que a gente voltasse lá, que tivesse novamente encontro, que a gente tinha ficado muito tempo sem ir, porque a gente tinha pulado um. Então, assim, elas estavam numa esperança muito grande com relação a esse encontro. E aí, foi muito legal porque nesse segundo encontro elas deram um feedback melhor de como melhorou parte da relação delas depois do primeiro encontro, entre elas. Então isso pra mim foi algo assim... "A gente quer muito que vocês continuem vindo, porque a nossa relação, nossa relação com as outras, não só com as que estão participando aqui, a gente percebeu que ela melhorou depois que a gente teve um encontro". Outra assim, "Nossa, que legal, eu fiquei muito feliz com a notícia" e sempre essa receptividade, essa participação, a fala, porque é muito pessoal, as coisas que a gente conversa ali. Então, queira ou não, o fato de você desenhar o outro, desenhar uma parte do corpo, como vai ser... também é uma coisa que envolve revelar uma parte de si, que expressa uma parte do que você pensa, deixa de pensar, como você se organiza. Então, eu achei super legal, ceder o corpo para que o outra pudesse fazer... esse momento da troca entre elas, de permitir esse toque, esse aconchego, esse espaço. E aí eu me diverti muito no segundo encontro, porque eu conversei muito assim, em particular com elas. E aí eu me diverti, porque é a questão quase do antropólogo lidar com o exótico, a questão da sexualidade eu fiquei impressionada. Elas falaram muito sobre a sexualidade. E de fato, a presença da XXX (nome de uma participante que foi com objetivos de pesquisa), que chega e fala: "Olha, eu sou preta, sapatão, não sei o que...". Aí já viu, muitas vezes a gente é um monte de recalcada, tudo hetero.

Entrevistadora: Você acha que a presença dela e a forma como ela se posicionou deu uma abertura para que as elas também se identificassem e pudessem falar mais abertamente?

Yara: É, sim, eu achei embora ela tenha criado aquela situação um pouco de constrangimento, de ficar constantemente anotando, um trabalho muito de pesquisadora. No segundo encontro foi a primeira vez que eu fui com a Vitória, que a Vitória foi. Elas receberam a Vitória tão bem. A Vitória tem aquela coisa dos animais, que ela gosta muito de animais e quando ela falou sobre a relação dela com os animais, eu acho que ela conseguiu quebrar qualquer barreira com aquelas mulheres. Eu observei isso, porque a Vitória é uma pessoa assim... por exemplo, quando a gente vai na penitenciária... eu, você, as meninas, a gente não vai com brinco, não vai maquiada, a gente tenta ir mais simples possível, e a Vitória é sempre linda, tá sempre muito bonita...

Entrevistadora: Me chama atenção as unhas dela, *glitter*...

Yara: Ela é muito cuidadosa. E aí, quando a Vitória entrou, toda... eu fiquei pensando... será que não vai ser difícil pra elas, ver uma mulher toda bem cuidada, maquiada, sendo que elas não conseguem ter acesso a essas coisas aqui... eu pensei isso na hora, veio na minha cabeça. E daí, eu comecei a observar elas, elas se arrumavam pra ir nos nossos encontros, elas passavam batom, elas passavam maquiagem... Então, olha como que as coisas vão tendo contribuições, até a presença da XXX (nome de uma participante que foi com objetivos de pesquisa) numa ação teve uma contribuição...

Entrevistadora: porque teve representatividade...

Yara: É... o fato da Vitória tá arrumada, teve uma sensibilidade maior para perceber que elas se produziam pra ir porque aquele era um momento importante pra elas. E assim, várias que eu vi que tinha tirado a sobancelha, que tinham passado um lápis preto, que tinha passado maquiagem, que tinha arrumado o cabelo diferente e aí eu achei bem legal isso. Elas ficaram encantadas com a Vitória.

Interrupção - conversamos sobre outros assuntos por alguns minutos, para então, retomar as questões da entrevista.

Entrevistadora: [...] Estamos encerrando, tá? O último recado, é o que você deixaria pra estudantes que vão entrar lá, que nunca foram nenhuma vez, quais seriam suas recomendações.

Yara: A primeira delas é... não leve nada que tenha problemas. Não entre com nada que tenha problemas.

Entrevistadora: Não leve canetinhas... (risos).

Yara: Isso acaba com um laço de confiança que a gente estabeleceu. A minha primeira preocupação é essa, não adianta eu fugir disso, sabe, não leva nada que criem problemas.

Entrevistadora: Deixa as coisas no carro.

Yara: Deixa as coisas no carro. E assim, que elas ficassem à vontade pra tomar determinadas iniciativas, pra elas não se sentirem também desconfortáveis, que elas se sentissem abertas, que elas pudessem expressar aquilo que elas pensam ou que elas queiram fazer alguma coisa, que elas colocassem isso ou com antecedência ou no momento se elas têm a ideia, pra que elas não possam iniciar ou participar do projeto com muito receio sabe, um receio de: “Ah, quem tá coordenando é a Rê ou quem tá coordenando..., deixa eu ficar na minha ou coisa assim”. Eu acho que é importante a gente conversar com ela sobre isso e eu acho que as outras coisas elas vão, ao longo das nossas reuniões, o que a gente tá fazendo a gente vai conversando com elas também. Mas é isso, porque sensibilidade não adianta a gente ensinar, ou você tem ou você não tem...

Interrupção - Nesse momento houveram problemas técnicos e a entrevista foi encerrada. Agradecimentos e despedida foram realizados pelo whatsapp.

ENTREVISTA COM A MEDIADORA MARIA LUIZA

Tipo: vídeo

Tempo de gravação: 1 hora 6 minutos e 13 segundos

Data: 21/07/2020

Entrevistadora: Eu tenho um roteiro aqui, mas a gente vai conversando assim, fica bem à vontade. Você que é minha amiga antropóloga sabe como é a metodologia. Bom, Maria Luiza, como você conheceu o projeto de extensão “O Vento no seu Rosto traz história pra contar: histórias de vida de mulheres que convivem no sistema prisional”.

Maria Luiza: Então, eu já trabalhava, já pesquisava a questão de mulheres no sistema prisional, mais especificamente mães. Se eu não me engano quem me falou do seu projeto foi a XXX (professora e coordenadora do Projeto de Extensão da Unila “Direito à Poesia”).

Entrevistadora: Mas você começou a ir naquelas reuniões do convênio? Ou você não chegou aí, a gente se conheceu em outro (momento)?

Maria Luiza: Eu cheguei, eu cheguei a ir numa do pré-convênio, que foi em 2017, e depois eu cheguei a ir a alguma do convênio sim, mas eu não fui nas primeiras. Eu lembro que alguém fez essa ponte entre a gente e a gente começou a se falar, dialogar, aí você falou sobre seu projeto, tudo mais e a gente foi conversando. Mas, eu não lembro exatamente qual foi o conector dessas histórias.

Entrevistadora: Verdade. E assim, eu também tava tentando lembrar em quantos Círculos você tinha participado, eu lembro de você no primeiro Círculo das internas, você chegou a ir em um, e no segundo você foi? Aquele das trajetórias de vida, que a Martina mediou, que foi o dia do bolo?

Maria Luiza: Sim sim, aham, eu acho que eu fui em três. Eu nunca fui no das agentes, porque assim, acabou que no fim das contas teve... tiveram poucos encontros, aí se eu não me engano eu fui nos três primeiros, eu não lembro em quantos...

Entrevistadora: das agentes você não foi? Das agentes não?

Maria Luiza: das agentes eu não fui em nenhum.

Interrupção - precisei dar uma pausa na entrevista para receber uma entrega.

Entrevistadora: [...] Qual foi a sua principal motivação em mediar os Círculos na penitenciária?

Maria Luiza: Eu acho que foi essa questão de tentar essa aproximação das mulheres que estão lá dentro, no sentido... o Círculo era o espaço em que as mulheres poderiam falar da sua própria história, então pra mim, dentro da minha pesquisa também era muito importante a questão da voz delas por elas mesmas. E eu acho que o Círculo foi o projeto que mais teve essa proposta, de ser um espaço onde elas se sentissem seguras, para falar das suas experiências, das suas dores, das suas culpas, dos seus afetos, sem ser mais um julgamento, no sentido do julgamento mesmo do sistema penal. E eu acho que foi isso! Os dois encontros que rolaram... foi esse espaço onde elas eram as protagonistas da atividade e infelizmente só aconteceram 2 encontros. Mas acho que foi o principal motivo.

Entrevistadora: Você lembra que teve uma pergunta assim, se a gente ia continuar, que não era pra gente (parar), que muitas coisas aconteciam lá, mas acabavam assim do nada, e que elas não queriam que isso acontecesse. A gente, na ingenuidade, a gente pegou e disse: não, a gente vai continuar. Só o que acontece... nem tudo depende da gente, a gente começou a perceber muitas vezes que a gente tentava e as coisas não davam certo, era cancelado de última hora. Você acha que isso faz parte do sistema ou foi só uma coincidência?

Maria Luiza: Acho que isso faz completamente parte do sistema. É uma forma de, estruturalmente, você ir podando todos os projetos que de certa forma fazem com que essas mulheres possam se sentir humanizadas. Então, todos os projetos que eu participei aconteceram o mesmo mecanismo. E todos os contatos que eu tinha de projetos que aconteceram antes, alguns anos antes, era a mesma situação. Eles começavam a dar várias desculpas de última hora, desde “tá chegando um bonde de mulheres presas” a “tá tendo qualquer coisa, campanha de vacinação”, tudo caía justamente no dia das atividades. E acho que faz parte, porque também eu não sei como funciona, toda essa questão da seletividade penal, o quanto seria bom para o sistema que essas mulheres encontrassem outros caminhos que não fossem estarem nesse ciclo de crime-cadeia, crime-cadeia, crime-cadeia. Todos os projetos que funcionam como remissão de pena, de repente, começam a ser podados. É aquela coisa, é sempre pelas beiradas, não é nada determinante para não parecer muito culpa (responsabilidade do sistema).

Entrevistadora: Eu sabia que você ia ter esse olhar. Eu demorei um pouco pra me tocar disso, você tá lá e pensa que é dificuldade mesmo, mas não sei, existe algo maior que a gente... (desconhece), que até as próprias funcionárias, a pedagoga, é algo assim estrutural, podemos falar.

Interrupção - conversamos sobre outros assuntos por alguns minutos, para então, retomar as questões da entrevista.

Entrevistadora: No último Círculo das agentes eu não fui, mas em conversas que eu fiz com a Martina e com a Vitória, elas contaram que nesse último Círculo começou um papo assim, sobre estarem acontecendo atividades demais para as mulheres, para as internas, e que, cursos que, às vezes, não eram oferecidos para a sociedade aqui fora, eram oferecidos para elas lá, e que elas achavam que era injusto. É aquele julgamento que a sociedade tem... perante aquelas mulheres. Eu não sei, eu acho que é o lugar onde as pessoas mais são julgadas, depois de serem julgadas pelo sistema, elas continuam sendo julgadas, de uma forma muito cruel, que torna todo mundo monstro, sabe? A gente tentou fazer uma coleta de materiais de higiene para encaminhar para eles lá, não teve doação, a caixa ficou vazia. Teve um menino que me procurou e falou assim: eu ia doar, mas aí eu vi aquela história do Drauzio Varela, que foi lá... “imagina ele abraçou uma trans que tinha estuprado um menino. Eu não vou doar, porque eu acho que se a pessoa tá lá, ela tem que pagar mesmo por aquilo”. Ao mesmo tempo que a sociedade espera que as pessoas saiam de lá melhores. Então, pra mim, as pessoas esperam por um milagre. Se tira as pessoas do convívio com outras pessoas, deixam tudo cinza, você viu como é cinza lá. Depois eu queria que você falasse um pouquinho sobre o que era a sensação de colocar aquelas mulheres no solo para fazer yoga, que elas devem ter falado alguma coisa, sentido alguma coisa [...].

Maria Luiza: Só deixa eu pontuar mais uma questão da interrupção dos projetos, porque além disso que você falou dessas questões das mulheres continuarem

sendo punidas, eu acho que tem uma questão de gênero aí, que é muito importante. Porque, dentro dos próprios projetos, eu participei do outro projeto, do Direito à Poesia, ele acontecia no feminino e no masculino. No masculino, ele acontecia regularmente toda semana, não tinha praticamente desculpas, inclusive ele continuou ocorrendo durante um tempo em que o feminino foi suspenso. Sobre a escolha, pessoalmente eu tive uma relação familiar que passou um pouco por isso, dessa relação de separação por conta de questão de drogas, que é um dos motivos que mais leva mulheres a serem encarceradas, então, isso aí foi um pouco próximo a minha história, mas sobretudo, eu creio que também estando dentro da área de Ciências Sociais, da área da Ciências Humanas. Pra mim, nunca fez sentido ter escolhido essa área pra fazer algo que não pudesse ter uma crítica social envolvida. Com a chegada da maternidade... a maternidade por si só já é algo muito frágil na sociedade, pensar qual é o papel da mãe nas instâncias de uma maternidade hegemônica e tudo mais, e não é bem assim na prática, a maternidade é algo múltiplo. Aí me veio, entre diálogos com outras colegas do curso que participavam do projeto de Direito à Poesia, de 2016, me veio essa questão: como será que é a maternidade, as maternidades, dentro das prisões, aí começou a partir daí, mais ou menos.

Entrevistadora: Você já conhecia a metodologia de Círculos, práticas circulares?

Maria Luiza: Não, não, não conhecia, nadinha.

Entrevistadora: Você gostou dessa metodologia?

Maria Luiza: Gostei bastante, aham.

Entrevistadora: Foi legal a experiência.

Maria Luiza: Foi.

Entrevistadora: Maria Luiza, como é que foi o primeiro encontro com as participantes e qual é a lembrança mais presente na sua memória?

Maria Luiza: Do Círculo?

Entrevistadora: Do Círculo, aham. No primeiro encontro que você teve com aquele grupo, aquelas 25 mulheres.

Maria Luiza: Pra mim foi muito... (recorda-se), foi um grupo muito grande, (se emociona)... tinha uma roda enorme... E eu acho que sempre tinha aquela expectativa de como a gente seria recebida, e foi muito surpreendente no sentido que a gente foi recebida com muito afeto. Eu lembro que você tinha comentado também como você tava nervosa e cheia de expectativa. Eu acho que todo mundo

tava bem nervoso. E assim, foi algo que se deu de uma maneira muito fluida. Acho que elas se sentiram muito à vontade quando apresentamos a proposta, que não eram um espaço pra serem julgadas e tudo mais. Eu acho que isso foi crucial na forma como elas receberam a gente. E assim, foi muito impactante, foi tanto carinho, que não tinha como, por exemplo, ah não pode abraçar... era algo tão natural dos encontros, faziam parte, dos afetos ali. E isso foi incrível! E a questão da tartaruginha foi muito legal também. Foi algo que elas sabiam que tinham que respeitar a fala uma da outra, então foi bem simbólico. Mas, principalmente eu acho que o que mais me marcou, porque eu não consegui controlar minhas emoções, então chegou uma hora que eu não conseguia parar de chorar... Foi de uma mulher, eu não me lembro o nome dela, que ela falou especificamente, que até hoje eu não entendi o que ela quis dizer com aquilo, que ela perdeu dois filhos dela por causa das escolhas dela. E assim, quando elas falam em perdas, sempre pra mim fica algo muito flutuante, porque eu não sei qual é a dimensão dessa perda. Se é a perda física, das mulheres terem escolhido, essa no caso escolheu, escolheu não, mas ela tava envolvida com a questão de drogas, isso eu não lembro, ou se ela perdeu na dimensão física mesmo, deles terem morrido ou se ela perdeu na dimensão de não poder mais ter contato com isso, foram para uma casa abrigo ou perdeu a guarda, enfim.

Entrevistadora: É relativo? É igual pensar em liberdade? Pra mim é uma coisa, pra ela que é privada de liberdade é outra. A gente querer dizer que agora em pandemia a gente perdeu a liberdade, é outra coisa também sabe, porque sabe tem comparação. Sobre determinadas situações e realidades, cada palavra tem um significado e um peso muito diferente.

Maria Luiza: Inclusive, liberdade para se referir às minhas experiências é algo que eu aboli da minha vida, porque quando você conhece a realidade dentro do presídio, você entende que é muito mais delicado o assunto, a gente daqui de fora querer falar de liberdade, é outra coisa.

Entrevistadora: Eu sempre penso nisso, sabe Maria Luiza, isso mudou muito a minha vida essa experiência [...]. E que mulheres você esperava encontrar lá? Sua situação é outra porque você já vem de um estudo, há anos que você já está comprometida com esse estudo, então não sei se foi a sua primeira ida à penitenciária, mas de certa forma, por mais que somos pesquisadoras, sempre tem uma expectativa, uma coisa assim, de como vai ser, mas em relação à elas, você tinha alguma expectativa?

Maria Luiza: Não, não tinha. Eu sabia que eu ia encontrar mulheres que tinham passado por situações de muita violência durante a vida, era a única coisa que eu tinha na minha cabeça. E a expectativa se elas iriam me receber bem, assim no sentido de me confiarem algumas coisas, dos relatos das vidas delas, mas quem eram essas mulheres, eu não tinha nenhuma expectativa.

Entrevistadora: Idade, cor? Alguma coisa chamou sua atenção, assim?

Maria Luiza: Então... sim. Porque como eu já vinha estudando, eu já tinha noção dos dados estatísticos. No projeto dos Círculos, era bem misto, tinham mulheres negras e mulheres brancas, a faixa etária não me surpreendeu porque realmente a maioria que a gente conheceu eram mulheres jovens, algumas um pouco mais velhas, mas eram duas ou três, se não me engano. Mas a questão da racialização me surpreendeu um pouco, porque no fim das contas, contando com o projeto do yoga também, tinham mais mulheres brancas. O que me faz pensar também, se dentro da estrutura do presídio existe também um processo de seletividade para quem vai ou não participar desses espaços, dessas atividades. Então, acredito que sim, acredito que tenha ali uma seletividade que passa por toda essa questão de racialização, por isso que tinham mais mulheres brancas nos encontros do que mulheres negras. Isso não quer dizer que na prisão lá, não existam mais mulheres negras na totalidade.

Entrevistadora: É, porque a gente não perguntou qual foi o critério. Mas depois no último Círculo lá, que as agentes se manifestaram, elas falaram que o nosso projeto elas achavam interessantes porque pegaram mulheres que tinham bom comportamento e no outro, na Cantata de Natal, eles pegavam mulheres com mau comportamento, por quê? Porque a religião, essa questão, parece que entra como uma forma de controle, controlar corpos, então se de repente eu conseguir converter alguém, ela vai se tornar mais dócil, aquela coisa de dominação, domesticar. E o nosso projeto não, o nosso projeto foi para as de bom comportamento. Eu não tenho como afirmar isso, mas depois dessa abertura, a gente nota isso (a seletividade). Eu não sei, estaticamente eles não tem que passar essas informações (sobre cor/raça) pra algum relatório?

Maria Luiza: É, tem que passar pro Infopen, mas essa questão, desse perfil de quem são essas mulheres, a relação a idade, raça, tudo mais, eles dão em nível geral. Não especificamente de cada presídio.

Entrevistadora: Que pena.

Maria Luiza: Mas eu acho que tem como ter acesso, eu não tive, mas eu acho que tem como solicitar.

Entrevistadora: Você voltaria, ou melhor, antes disso é, como você saiu do Círculos, quais foram seus principais sentimentos? Pós Círculos, assim?

Maria Luiza: Eram sentimentos opostos. No sentido de que... (recordando) eu saia muito feliz e muito emocionada, de estar ali com as mulheres, de ter todo aquele afeto envolvido, de toda aquela confiança que elas tinham na gente, mas ao mesmo

tempo eu saia com um peso muito grande, doía bastante, pelas histórias delas, porque eram histórias perpassadas por muitas violências antes delas estarem ali no sistema, das violências do sistema que, vez ou outra, sempre aparecia alguma coisa e da própria estrutura da prisão, que é totalmente perversa, aqueles corredores, aquela coisa meio gelada e úmida, cinza. Então assim, tinha sentimento bom, de poder ter estado com elas, mas tinha esse sentimento doloroso, de presenciar tanto sofrimento também.

Entrevistadora: Verdade. Você voltaria?

Maria Luiza: Sim, com certeza. Eu voltaria porque eu nunca quis parar, porque a gente ter parado... foram eles que determinaram e não a gente. E eu voltaria principalmente porque eu acho uma grande sacanagem essa obsessão do sistema em fazer com que as mulheres tenham tantos vínculos afetivos rompidos subitamente. A gente não pôde se despedir, a gente não pôde nem explicar, e possivelmente eles também não explicaram, então... isso é um peso muito grande, eu acho que isso é quase uma dívida. E eu gostaria de voltar, pelo menos para dizer: olha, aconteceu isso e isso, e a gente infelizmente não vai poder estar aqui agora.

Entrevistadora: Eu também eu carrego isso comigo. Por isso que aquela ideia das cartas... e justamente porque elas pediram para que a gente não deixasse de ir, elas queriam que a gente fosse semanalmente lá, eu que falei que foi acertado de quinze em quinze dias, até porque a gente também precisaria ter uma preparação, a gente precisava uma semana antes conversar, para nós é uma carga emocional muito grande. Mas essa situação de não ter se despedido e nem dado explicação, também me, nossa... quando paro para pensar. Você acha que, de certa forma, você carrega essas histórias, essas mulheres, com você? Você tá falando de um peso assim, que ficou do projeto, de certa forma não parece que você, que a gente, teve essa oportunidade de escutar essas histórias e...

Maria Luiza: Sim, eu carrego elas comigo acho que todos os dias. No sentido de também estar revivendo isso por conta do mestrado, de reescrever essas histórias e de lembrar dos momentos, e também pela proximidade de ter vivido coisas similares durante a minha infância. Então, assim, não tem um dia que eu não pense nisso. E principalmente, como você também falou, que eu não pense no como elas se sentem do fato da gente ter desaparecido, não ter mais ido lá e sequer ter falado com elas, eu penso bastante nisso, todo dia.

Entrevistadora: Porque além de tudo, se um dia a gente conseguir encontrá-las, vai ser totalmente diferente. A gente nem sabe se vai conseguir ter esse mesmo grupo, eu acho difícil, sabia, acho bem difícil!

Maria Luiza: Eu também acho que não, Rê. Eu tb acho, infelizmente.

Entrevistadora: Entre as palavras bondade, solidariedade e caridade, qual você mais se identifica para representar o ato de acolher?

Maria Luiza: Eu acho que solidariedade.

Entrevistadora: Você pensaria por quê?

Maria Luiza: Porque bondade, vou começar a falar das porque não. Acho que bondade tem muito daquilo, daquele valor moral, do que que é bom e do que que é mau, então... se a gente está fazendo algo bondoso é porque a necessariamente alguém fez algo ruim, então, isso me incomoda. E a caridade me incomoda mais ainda, um por ser uma palavra extremamente cristã, de que quando a gente faz caridade a gente está se elevando, então parece que a gente está fazendo algo mais pra que nós, pra que a gente se sinta bem com nós mesmos, do que fazer algo conjunto. Então, mais uma vez, quando a gente faz caridade a gente tá acima, parece que a gente é melhor do que aquelas pessoas que estão lá. E solidariedade, eu acho que a palavra que talvez melhor se encaixe, porque assim, eu não posso tá no lugar daquelas mulheres, muitas coisas que elas viveram não passam por mim, seja por ter tido melhores condições sociais, seja por não ter a cor da pele, enfim, mas eu posso tentar me solidarizar com a história delas, nunca no sentido de: ah, eu posso sentir o que você sente ou eu sei (o que você sente)... Não, eu não sei, mas eu me solidarizo com isso, e de alguma forma posso te acolher ou dividir afetos com você, ou pelo menos te escutar.

Entrevistadora: Perfeito, como você descreveria o ato de acolher?

Maria Luiza: Olha Rê, dentro do Círculo eu acho que o maior ato de acolher, ou os maiores, foram o da escuta, acho que isso é uma necessidade sempre muito grande delas, de falarem sobre elas, não só das coisas ruins, mas das coisas boas também, e ter alguém escutando. E o fato de como que o afeto, no sentido da gente, sei lá, tocar, abraçar, dar um beijo, perguntar como que elas estão, o quanto que isso fazia com que elas se sentissem mais humanas, entre aspas. Mas, é que uma vez uma delas falou para mim, eu acho que eu fui e dei um abraço e perguntei como ela tava, e ela me disse: “quando vocês estão aqui, eu me sinto gente!”. Alguma coisa assim. E isso é muito simbólico. Muito simbólico. Porque, se com um gesto desse ela se sente gente, como elas são tratadas lá dentro? Então, eu acho que com relação ao acolhimento são essas duas coisas.

Entrevistadora: [...] O primeiro Círculo, ele foi sobre “Eu estou aqui”. Daí teve a questão das fotografias, cartas, alguma memória que elas tinham na cela, elas levaram para atividade, daí elas contaram sobre aquilo. Você lembra que teve aquele tapete cheio de recordações, e tudo.

Entrevistadora: Na segunda situação eu não fui, naquela das trajetórias de vida, você consegue lembrar de alguma coisa desse Círculo, o que mais te marcou, foi o dia do bolo, porque esse eu não tenho muitos dados, mais ouvindo vocês mesmo.

Maria Luiza: Eu acho que o que mais me marcou foi o ponto em comum entre a maioria delas, como eu falei, essa questão da vida ser perpassada por violências, isso é muito cruel, isso é algo que pelo menos sempre me toca bastante. Então, eu acho que foi um Círculo que elas falaram muito do porquê elas estavam lá dentro, se eu não me engano, o que levou elas a estarem lá, é uma história que se repete de uma forma bem... bem viciada, então pesa muito quando você vê pontos tão em comuns e você vê um sistema que individualiza as escolhas e que individualiza a culpa que elas sentem também, porque chega um ponto que elas também assimilam isso, que elas são responsáveis, única e exclusivamente, pelas escolhas que elas tomaram e foram escolhas ruins. Escolhas que fizeram com que elas se tornassem péssimas mães, que elas se sentissem péssimas mulheres, porque elas acabaram lá dentro, então, essa questão da individualização das escolhas e da culpa que elas sentem por terem escolhido aquilo, sendo que existe todo um contexto muito maior, eu acho que é uma das coisas mais centrais aqui, que mais me tocam, nesse sentido.

Entrevistadora: Esse Círculo foi das trajetórias, elas foram contando passo a passo até aquele dia. Alguém me comentou que foi bem linear, assim, elas nem sempre faziam uma reflexão, elas contavam pontos, como se elas tivessem traçado uma linha, aqui deixei a escola, aqui isso, aqui aquilo.

Maria Luiza: É, muito cronológico.

Entrevistadora: Você deve ter, não sei se você tem esse livro aqui, Ó pai i ó?

Maria Luiza: não, da Carla Akotirene?

Entrevistadora: Isso, bem interessante, tu vai gostar. Ali ela faz uma crítica justamente assim... que a gente cria uma ideia, que as próprias internas também tem, do porquê elas estão lá, sem a gente fazer uma reflexão que é muito, tipo econômica. No final de todo esse capitalismo, de tudo, é o final, é a ponta, poderia ser eu, poderia ser você, poderia ser qualquer mulher que vivesse toda aquela situação, ela estaria lá, entendeu? Realmente assim, eu depois que conheci elas eu fico pensando... eu poderia tá lá sabe, eu não consigo me ver como uma pessoa que não faria assim, igual você vai pegar pessoas, principalmente religiosas: “ah, não interessa, o certo é certo, eu não faria isso”. Faria, na minha visão, a pessoa faria.

Maria Luiza: Eu também acho assim, principalmente quando você é mãe, e tem que sustentar seus filhos.

Entrevistadora: A necessidade. É isso que ela fala, que ninguém quer falar da necessidade da pessoa cometer crimes. Fica só nesse nível (individualização da culpa).

Maria Luiza: É uma escolha (ironia).

Entrevistadora: Se um outro grupo ou alguém falasse: oh, vou fazer atividades na penitenciária, o que você, Maria Luiza, recomendaria para essas pessoas que vão fazer atividades lá.

Maria Luiza: Eu recomendaria, primeiro, que não criasse tanta expectativa em relação a ter uma constância nas atividades. Eu recomendaria que colocasse a questão do afeto em primeiro lugar, que você tá ali para mostrar que você tem afeto e respeito por aquelas mulheres, independente de qualquer coisa. E acho que é muito importante a forma como a gente fala lá dentro, eu acho que tem a questão da linguagem, que linguagem que a gente utiliza para conseguir dialogar com elas. Porque se você, dependendo da área acadêmica que você é, você chega lá falando de uma forma toda rebuscada, cheio de conceitos e tal, elas olham para você e não vão entender nada do que você tá falando, o que você tá querendo dizer com isso. Então assim, eu acho que tem que ter muito... tem que trabalhar muito isso, na forma como a gente vai falar. Não adianta nada a gente chegar lá e falar “ah, porque no feminismo você pode encontrar isso, isso e isso, os conceitos e tudo mais, se isso não diz nada pra elas”. Então, eu acho que primeiro momento é escutar e depois, aos poucos, tentando passar o que você quer passar ou desenvolver a atividade que você quer desenvolver. Acho que é isso.

Entrevistadora: Você é antropóloga, você sabe que não é simplesmente entrar na realidade daquele grupo, porque você tem essa parte teórica, como é que foi para você, você teve esse processo, esse processo do teórico pra prática, processo dialético. Você conseguiu isso na sua pesquisa de mestrado.

Maria Luiza: Então, primeiro na graduação eu não consegui. Inclusive a minha etnografia da graduação foi meio que... a partir das ausências. O porquê eu não consegui chegar até essas mulheres, que já dizia muita coisa. Então, não consegui, foram meses e meses, foi um ano praticamente tentando entrar, não consegui, era não para cá, não para lá, justificativa para cá, justificativa pra lá. No mestrado, eu já tava em vias de perder a esperança também e já tava começando a repensar na pesquisa de maneira geral e aí rolou o convênio. E eu só consegui entrar de fato porque eu comecei a fazer parte dos projetos e teve o convênio, porque senão eu não conseguiria. A parte do diálogo com as mulheres, em todos os projetos que participei, eu acho que foi muito fluído, foi muito incrível, algo que eu não esperava que eu fosse falar, eu assim, eu não sou uma pessoa que gosta de chegar e me comunicar e ficar falando muito, então, eu sempre ficava um pouco mais quieta e

tudo mais. Eu me coloquei nesse lugar de também tá ali sempre pra escutar, mais pra escutar do que pra falar, porque eu acho que não tinha muita coisa para dizer não. E se deu de uma maneira muito fluida. O estar com as mulheres nunca foi uma questão, nunca foi um problema, nunca foi difícil, o difícil mesmo é fazer o trajeto para você entrar, conseguir entrar lá dentro e encontrar essas mulheres e depois para você se manter, porque de repente vão acabar com o projeto e você não vai mais poder ir e não tem pra onde recorrer.

Entrevistadora: Como foi para você a experiência do yoga?

Maria Luiza: Ah, foi muito boa. Tiveram mais encontro de yoga do que dos Círculos. Acho que consideravelmente a mais, então foi um espaço que eu conseguia estar ali dialogando com elas. Era semanal, era uma hora e meia semanal. Bom, na parte do contato com elas, tinha todo um estranhamento sobre o yoga, eu também tinha que adaptar todos os conceitos, as palavras do yoga. A princípio eu não falava o nome, por exemplo, dos exercícios, é, ah as posturas, quando a gente faz posturas com os corpos se chama asanas, eu nunca falava, falava essa é a parte física do yoga, o yoga vocês podem praticar lá na cela de vocês e tal. Tinha que ter esse trabalho, o yoga, transformar o yoga que fosse prático na vida delas e lá dentro, não podia chegar falando “ah, hoje a gente vai ficar de cabeça para baixo e tudo mais”, não, não é assim que funciona. Eu sempre tentava levar exercícios respiratórios práticos, para que elas pudessem praticar sozinhas. E aí foi isso. E então assim, no começo tinha um pouco de resistência delas em fazer algumas coisas que elas achavam engraçado, elas achavam esquisito. E aí, eu perguntava se elas estavam confortáveis ou não. Algumas ficavam: “Ah, não quero fazer e tal”, aí então eu falava: “Ah, então fica só respirando da forma que você achar melhor”. Aos poucos elas iam se adaptando. E aí, com o tempo, acho que logo depois do segundo encontro, elas já vinham falando: “Ah, porque eu tô fazendo isso todo dia e tal, tá sendo muito bom, passei até pra minhas companheiras lá da cela e tudo mais”. Tava sendo bem legal e aí no final a gente sempre fazia um espaço também pra conversar. Você tinha perguntado sobre os materiais e ter que fazer yoga naquele chão. Então, isso foi uma questão problemática, que não permitia com que a gente pudesse se dedicar inteiramente a prática do yoga, porque eu não tinha condição de comprar material, eu acho que eram vinte mulheres quase, vinte e uma, coisa assim, era uma turma grande, e eu não tinha qualquer condição, como bolsista de Mestrado. O convênio não tinha essa parte de compra de material, então era impraticável também tentar alguma coisa naquele momento pelo projeto.

Entrevistadora: Era aquela mesma sala dos Círculos ou não?

Maria Luiza: A sala dos Círculos era aquela que dava com umas mulheres que costuravam?

Entrevistadora: Sim, do lado da costura, aquela sala lá.

Maria Luiza: Então era, ficava cheio de entulho no canto. No yoga, a prática completa tem momento que você deita, tudo mais... o chão super gelado, no frio não dava para deitar, no calor não dava para relaxar, porque era muito quente e assim... é sujo, né? E eu perguntava pra elas, o que vocês acham, como vocês querem, e elas falavam: “sem condição da gente deitar nesse chão, nesse chão passa rato”, “ah, ficar sentada ainda vai, mas deitada sem condição”, a gente não deitava, então assim, tinham muitas posturas que eram deitadas, que tinha que dar uma relaxada a mais, mas a gente não conseguia ficar à vontade ali. E também, uma situação que eu achei muito interessante, foi que teve uma postura do yoga que a gente fez, isso me marcou bastante, que tinha que botar a mão na cabeça (Maria Luiza reproduz a postura). E aí elas entraram em choque, falaram “não, a gente não vai fazer, professora, porque isso aí a gente tá assim sempre recebendo revista, isso aí não, por favor!”. Aí eu falei: “não, tranquilo, tudo bem, qualquer postura que vocês se sintam desconfortáveis ou que façam vocês se lembrarem de alguma coisa violenta que vocês vivem aqui dentro, é só me falar”, e aí a gente adaptava. Mas isso foi bem marcante. Então assim, foi muito bom, elas curtiam, mas tinha uma série de limitações, então, não dava para aproveitar o que poderia ser aproveitado, e igual depois começou a acontecer, me mandavam mensagem tipo uma hora antes, falando que não ia ter. Começou a ficar, deu uma vez um mês, aí depois no outro mês deu uma vez, e depois começou a ficar de 15 em 15 dias, de semana em semana. Eu acho que consegui uns cinco ou seis encontros, não mais.

Entrevistadora: Estou contemplada, gostaria de falar mais alguma coisa?

Maria Luiza: Ah, com o tempo. Assim, o que a gente já falou do projeto, era essencial que a gente tivesse uma regularidade pro projeto conseguir se desenvolver, e é bem triste, eu imagino que agora não vai ter como voltar a fazer atividade em presídio.

Entrevistadora: Mas vamos ser fortes. Eu quero que você saiba que eu te admiro muito, muito mesmo, você me ensinou muita coisa. Eu sinto pela gente tá longe e do projeto tá diferente agora, mas quem sabe mais para frente a gente consiga reverter isso.

Maria Luiza: Obrigada, é recíproco. Espero poder estar em Foz daqui um tempo, estou com saudades.

Entrevistadora: Vem sim.

Despedidas.

ENTREVISTA COM A MEDIADORA MARTINA

Tipo: vídeo

Tempo de gravação: 2 horas 12 minutos e 33 segundos

Data: 14/07/2020

Entrevistadora: A primeira pergunta é assim, como você conheceu o projeto de extensão “O vento no seu rosto traz histórias para contar: histórias de vida de mulheres que convivem no sistema prisional”.

Martina: Bom, eu conheci a primeira vez que você conversou comigo, que tinha um projeto que estava desenvolvendo. Quando você conversou comigo que você tava organizando esse projeto, que tava começando, foi assim... nessa conversação. Daí, quando a gente se encontrou por primeira vez no café, conversamos, conheci mais em detalhes sobre o projeto. É, eu acho que foi nessa reunião que eu conheci assim detalhes, profundidade do projeto, por primeira vez.

Entrevistadora: E qual foi a sua principal motivação em participar desses Círculos na penitenciária?

Martina: São muitas que vem en mi cabeza, vamo vê. Estoy tentando lembrar este momento. Bom, eu sempre achei muito interessante trabalhar com mulheres, eu estava saindo de fazer minha pesquisa em Piraí, en la Argentina, pelo IELA (programa de pós-graduação da UNILA), tinha terminado recentemente de fazer com crianças, só que dentro deste projeto eu estava trabalhando tematica meio ambiental e crianças, só que não ficava muito tranquila, porque tava vendo esse tema mas eu sempre via coisas de gênero aparecerem em muitos lugares así, problemáticas, vários temas que eram difíceis de ver, que não era o meu objeto de pesquisa mas eu via ela em toda parte, assim que, havia muita desigualdade de gênero, muita problemática assim, com as mulheres que moravam aí, isso me causava muita intranquilidade, não conseguia abordar elas, não conseguia saber muito bem como reagir em muitos casos. E eu fiquei com essa sensação depois de ter terminado o TCC, que eu não consegui dar muita atenção nesse tema porque estava tentando lançar en tema de TCC, isso foi bem no final do meu TCC e no ano que estava com muito isso na cabeça e por isso eu entrei na pós, na especialização de gênero e diversidade (também na UNILA). Então, eu já tava com muito interesse em fazer algum tema com mulheres. Eu sempre tinha a intenção, mas nunca consegui fazer na prática, eu tinha participado de grupos feministas no Chile, na criação da secretaria de gênero (participou de debates que deram origem a Política de Gênero da Unila), só que eu nunca chegava na parte prática, sempre passava na teoria. Então, eu tinha muito interesse em fazer alguma coisa nesse sentido, para apoiar a ideia da justiça, da justiça social e que eu achava que nesse espaço era muito importante estar atuando, por todas as problemáticas que têm, por todas as dificuldades que têm, eu tinha muito interesse em participar, em apoiar algum

projeto que tivesse ajudando em nesse espaço, a mulher especialmente. Acho que isso foi meu principal interesse.

Entrevistadora: E você já conhecia essa metodologia de Círculos em movimento?

Martina: Não, eu não conhecia, não tinha escutado, nunca tinha participado e eu gostei muito. Eu achei bem transformador, eu achei bem, assim... mudou a forma também que eu tinha de ver a possibilidade de fazer metodologias em grupos, eu gostei muito, eu achei a parte muito profunda, a forma de você conversar, de você chegar a ponto que são muito difíceis de tocar, de abordar em temáticas, em espaços que são complexos também de abordar algumas temáticas e eu gostei demais, eu achei muito bom, muito interessante que conseguiu uma profundidade nos temas e nas pessoas, tanto da pessoa que tá dentro da penitenciária, como interna e agentes, e com a equipe que tava trabalhando também, eu acho que foi meio horizontal assim... a forma de abordar a temática, não foi na hierarquia, foi bem horizontal e afetou acho que todo mundo de igual a igual, eu percebi assim.

Entrevistadora: Você consegue se recordar do primeiro encontro com as participantes, eu digo mais em relação às internas. Quer dizer, se poderia... se você puder fazer também esse contraponto, falar um pouquinho de como foi o primeiro encontro, pra você, das participantes, tanto das internas com as agentes e qual foi a lembrança mais presente na tua memória, de cada um desses encontros?

Martina: Eu acho que em cada um dos encontros, eu fui com uma ideia já... vamos dizer, um pré-conceito... no sentido, de ter uma ideia já pensada de como ia ser a situação, eu já havia uma ideia de... no caso das internas, que vá ser, por exemplo, que vá ser muito hostil, eu pensei que poderia ser hostil, eu tava muito preocupada de como elas iam pensar... porque a gente estava indo pra lá. Eu pensei que ia ter muita desconfiança, porque também é um espaço que elas sofrem muito preconceito e acho que é a preocupação principal desse primeiro encontro era que fosse um ambiente hostil, que fosse o ambiente de desconfiança, de não conseguir conversar com elas e criar, e que elas confiassem também na gente, eu pensava que era muito difícil isso acontecer. E quando chegamos... na apresentação, já quando começamos o Círculo e você explicou como ia ser a metodologia, também tinha um pouco de preocupação de como elas iam aceitar a metodologia, o Círculo, como elas iam reagir, sendo que elas não conheciam a gente e tal. E foi todo o contrário... foi todo o contrário do que pensei... das minhas preocupações. No momento quando estava começando Círculos, eu também não sabia como me apresentar... como estrangeira também, pensando a mesma ideia que eu tinha desse espaço, pensei que elas pudessem ter de mim, uma estrangeira, uma desconfiança... além de que elas já não me conheciam, ou se eu não ia conseguir fazer-me entender bem.... era minha preocupação... e não, quando começamos o Círculo, eu vi que elas foram super abertas, umas, claro, falavam mais que outras mas com o andar da conversação eu também senti que elas foram abrindo as

temáticas, contando da história delas, contando também... algumas, a gente percebeu que tinham muita vontade contar porque ela estavam ali, pra talvez justificar, não sabemos bem... Mas foi muito mais aberto do que eu esperava, assim... eu esperava um lugar muito mais hostil, de muito mais desconfiança, e foi o contrário, foi muito bom, foi um ambiente bem aberto, bem sincero, que a gente também foi bem sincera. Eu até lembro que uma pessoa... não sei se foi nessa vez... que alguém perguntou o que a gente pensava delas... qual era nossa ideia inicial... O que a gente pensava delas? Elas... um pouco que quebrou o gelo, porque eu acho que todo mundo tava um pouco pensando isso... de todas essas ideias que a gente faz, o que elas pensava de nós, o que nós pensávamos delas. Elas tavam pensando exatamente da mesma forma que eu entrei pensando: “O que será que elas vão a pensar de mim?”. E eu vi que elas também pensavam: “O que será que nós pensávamos delas... foi muito interessante.

Entrevistadora: Foi no primeiro encontro. Eu me recordo bem que terminou o Círculo e uma disse: “Posso fazer uma pergunta?”. Daí a gente: “Pode!”, “ - Que mulheres vocês achavam que iam encontrar aqui? Podem ser sinceras”, ela falou, “O que vocês esperavam?”

Martina: Sim e isso acho que foi super... Eu acho que foi um pouco que todo mundo, talvez não todo mundo, mas pelo menos eu pensava assim... o que elas pensam de mim, daí você vê que a outra pessoa também tá pensando: “O que será que ela tá pensando de mim?”. Então, foi bem comovedor (comovente) esse momento, achei bem interessante e mostrou também a sinceridade, a transferência... que eu senti durante todo o Círculo, eu senti... claro, nunca vou saber... mas eu senti uma confiança e uma transparência. Talvez, não cem por cento de tudo porque também, é lógico, ter um pouco de desconfiança de quem vem de fora, mas eu senti que elas se abriram bastante e foram muito carinhosas, muito carinhosas, com abraços... e agora pensar em abraços é até estranho nesse contexto (pandemia) também, que ninguém pode ficar perto. Mas os abraços, o carinho, foi o que mais eu lembro assim, desse encontro, de todos, mas desse encontro em especial, porque quebrou todo o que eu pensava quando eu entrei, de como ia ser. E com las agentes... también aconteceu un poco eso, eu ia pensando uma coisa, que ia ser... eu pensei que ia ser... mais... também mais hostil, mas de outra forma, um pouco de não dar tanta importância, talvez pensei que elas não iam dar tanta importância para a atividade. Que ia ser uma parte do trabalho que elas tinham que fazer, eu não sabia qual era o interesse também delas em participar. E também foi surpreendente a forma como elas foram reagindo, a gente viu também o outro lado, que às vezes também tinham talvez o preconceito de pensar que elas eram mais rígidas, mas aí você viu que também era o trabalho delas, que é o trabalho delas, que elas também tem muito trabalho, tem muitos também problemas, que elas também estavam sendo, como decir, estavam vivendo situações complicadas, não era fácil também para elas e permitiu ver o outro lado. Não foi tão hostil, eu até achei que foi um pouco mais... não sei se... é... angustiante, mas parecia muito mais denso a

conversação, parecia mais... de falar da depressão, de todos os problemas que elas tinham vivido... era muito mais triste os temas, era mais que as internas. Não sei... não sei... como descrever com palavras... mas acho que com as agentes foi mais durão, foi mais denso, foi mais difícil para mim pelo menos, não sabia como continuar... o que falar... parecia... parecia um ambiente mais difícil.

Entrevistadora: Talvez, por que tava relacionado aquele evento do suicídio?

Martina: Também, aham, o evento. E eu também acho que elas também estavam muito cansadas, pareciam muito cansadas da carga de trabalho, parecia. Das horas... elas falavam muito do sacrifício que elas faziam, uma viajava muitos quilômetros, não sei, de outra cidade. E todos os dias, cansativo... que às vezes elas eram poucas... e tinha trabalho para muitas e estavam em poucas e... além do suicídio também, que dava pra ver claramente que era um tema que estava no ambiente o tempo todo, também acho que o trabalho delas também tinham elas bem cansadas, assim, em conflitos entre elas, entre grupos... que tinha conflito com um do grupo... além de todo o tema suicídio que vinha depois, então eu acho que foi o contrário, pensei que ia ser mais difícil com as detentas e acho que foi mais difícil la conversação, no sentido de que os temas eram mais pesados, com as agentes.

Entrevistadora: E acabou já falando que mulheres que você esperava encontrar lá... então eu te pergunto: como você saiu dos Círculos, se você puder descrever os principais sentimentos que você, Martina, sentiu após os Círculos.

Martina: Foram muitos... eu acho que uma coisa foi a reflexão... eu refleti muito depois do Círculo. Sempre ficava dias pensando nas situações delas, me colocando ou imaginando como era estar no lugar delas, um pouco empatizando, pensando como era viver essa realidade. Depois do Círculo, sempre eu ficava dias e dias refletindo e pensando. Também era frustrante, saber que eu conseguia entrar e sair e que elas ficavam aí. Saber a situação, era uma tristeza também saber a situação... ver a pessoa falando de estar longe da família dela, de estar abandonada, sem receber visita ou estar longe, ou não ser reconhecida pela família. Também ficava, bom era tristeza mesmo nessa reflexão... me colocar ou tentar imaginar como seria estar no lugar delas, também era uma sensação de... não sei de frustração... ou a palavra como angústia, eu acho que era angústia... sentir que muitas delas... lembro de uma pessoa em particular que falava que ia sair logo, que este ano ia sair, que faltava pouco... E os planos e como falava de sair, pra mim era muito angustiante imaginar essa pessoa saindo e não se encontrar com la situação que ela imaginava... ser excluída novamente da sociedade, ter isso nos papéis delas (antecedentes criminais), não conseguir trabalho. Era a angústia pensar que talvez ia acabar no mesmo lugar, porque a história de vida delas... algumas já tinham caído a segunda vez, porque quando elas saiam... lembro da história de uma... você não tem trabalho, não tem nada... a única... não sei se foi dentro desse espaço que se falou así ou fora, noutro... em alguma palestra, mas falavam... acho

que foi em uma das palestras (ações do projeto de extensão em 2020), mas falaram que a única porta que ficava aberta era o crime, porque ninguém contratava elas. Então, era uma angústia também pensar que tanto dentro como fora, elas iam ser discriminadas, que era muito difícil qualquer dos dois caminhos. Então, angústia é uma coisa que ficava. Eu gostava muito de estar aí, mas depois lembrar da situação delas, foi uma angústia nesse sentido. Mas também eu ficava muito feliz ao mesmo tempo... de poder ter a oportunidade de compartilhar com elas, de conhecer as histórias delas, de pessoas que são muitas vezes tão estigmatizadas no imaginário coletivo que são de uma forma e você poder conversar tranquilamente... passar um bom tempo... gostava muito de ir, conversar, dar risada. Elas eram super divertidas, as agentes também, mas as detentas eu achava muito especial así... os momentos. Então, pra mim era um pouco essa felicidade, alegria de sentir-me como em casa, por ter sido de uma forma muito íntima. Ao mesmo tempo... quando eu voltava pra casa eu ficava angustiada pensando em como vai seguir a vida delas...

Entrevistadora: Que lindo... muito bonita experiência... Você voltaria e por quê?

Martina: Eu voltaria sempre. Nossa, isso marcou muito, até no trabalho agora que estou... a gente tá trabalhando com crianças, trabalho agora com crianças, bom... a distância agora, mas ainda así... fazendo atividade científica com crianças, é outro projeto... mas a criança especialmente, tem uma coisa de genealogia, outra vez lembrei de nossa atividade, da história das mulheres. No meu trabalho atual, eles falaram: nossa mais, tinha crianças muito diferentes uma da outra, muito diferentes nesse programa, tem criança que tem tudo, tipo economicamente, tem criança que não tem... agora que están nessa coisa online, não tem um celular para se conectar e tudo... é um desafio muito grande. Aí a gente pensa... como falar de eso (disso), que era uma atividade que já tava pensada, de uma forma que não afete a criança que não tem... por exemplo mãe, que não tem pai, que sofreu algum tipo de abandono... e eu lembrava muito também da atividade que a gente teve... que era a mesma coisa... como você trabalha esses temas que son tão delicados com pessoas que talvez têm histórias muito terríveis... que você também não quer trazer todo eso em cima... daí eu sempre faço a reflexão delas, vamos decir... ainda que seja, por exemplo, agora estoy trabalhando com criança e ciência, você vê a mesma problemática... porque son un grupo humano, você vê que somos todos iguais, nesse sentido de ter dificuldades. Sempre penso nesse estigma que tem nas pessoas que estão na prisão, e quando você vê, son as mesmas problemáticas que você vê com crianças que están lá no fim, na Patagônia, entende? Você vê que aparece os mesmos temas, então... eu acho que trabalhar com elas foi muito bom, foi revelador de realidade que parece muito diferente, mas na verdade você vai... claro, são diferentes, são difíceis, não dá pra falar que são fáceis, mas que também são iguais... às vezes é um experiência que você poderia ter ou contar na brincadeira, você vê que no fundo... poderiam ser amigas, não tem essa estigmatização. Então, eu acho que foi muito bom trabalhar com elas, o tempo que eu conheci elas. Eu voltaria sempre! Eu gostei muito. Eu fiquei muito triste, um

quando eu tive que ir, agora, era uma coisa que queria muito ficar, continuar fazendo, que gostei muito e também porque daí aconteceu tudo isso, essa situação (Pandemia de Covid-19), que também eu tenho pensado muito nelas, quando começou o tema de ficar, de todo eso, em geral, eu pensava nelas: “nossa, elas están en confinamento”, elas están fechadas entre muitas pessoas, daí... essa angústia volta.

Entrevistadora: Eu até pensei da gente escrever cartas, mas aí eu nem pensei muito porque acho que todas nós assim... eu senti que a gente não tá assim tão bem assim para esse papel, vamos dizer assim, eu pelo menos não me sinto.

Martina: Sim, sim... Mas se existisse alguma possibilidade de voltar... eu voltaria feliz.

Entrevistadora: Entre as palavras bondade, solidariedade e caridade, qual você mais se identifica para representar o ato de acolher?

Martina: De acolher?

Entrevistadora: Acolher é, acolher pra você é mais um ato de bondade, solidariedade ou caridade?

Martina: Ah, eu estou entre dois, mas acho que eu vou ficar com solidariedade.

Entrevistadora: Você ficaria entre...

Martina: Entre Bondade e solidariedade. Mas eu acho que vou ficar com solidariedade, porque acho que é mais integrador. Acho que Bondade é importante, mas solidariedade eu acho que é um pouco mais equitativo. Para acolher também a bondade é muito importante, mas eu acho que a solidariedade é um pouco mais pró-ativa, um pouco mais horizontal na relação, me dá mais essa questão... não é só eu... acolher também tem uma parte que eu também estou recebendo as pessoas.

Entrevistadora: Também tá sendo acolhida?

Martina: Acho que sim.

Entrevistadora: E como você descreveria o ato de acolher uma outra mulher.

Martina: Como eu descreveria o ato de acolher outra mulher... Ah que difícil, difícil...

Entrevistadora: Deixei as mais difíceis por último (risos).

Martina: (risos) Eu estoy pensando em describir como... ah, estou um pouco perdida...

Entrevistadora: Vamos dizer que as nossas práticas ali, buscavam o acolhimento da outra, mas de uma forma responsável, como a gente procurou sempre com ética não invadir, não violentar elas, porque se a gente pensar que tem muitas ações que se fazem por igrejas, pessoas que vão lá para curar, a gente não foi pra curar ninguém, só que a gente acaba acolhendo elas e elas nos acolhendo. Então, existe ali um ato de acolhimento. Então, o que para você representa esse ato? É complexo mesmo. A Martina consegue fazer isso, mas nem todas as pessoas conseguem. E ainda, é uma mulher e outra mulher...

Martina: Sim, eu vou pensar... Bom, o ato de acolher, só pra não me perder... acolher a mulher... eu acho que é uma coisa que nessa sociedade não é fácil de fazer, justamente pelas relações de competitividade e de preconceito, de que você espera que uma mulher seja así, así, así... Então, se ela não cumpre, eu vou castigá-la assim moralmente. Não é um ato fácil de fazer na sociedade e eu acho que a forma de fazer é igual como a gente fez, pra ser uma forma real de acolhimento, que seja mútuo, que seja baseado também no carinho, sem preconceito. Pra mim, o acolher también é un poco o acompanhar, o ato de acompanhar-se. No sentido de conversar, entender, se colocar no lugar do outro. También tentar... quando você conversa, acho que a conversação, é claro, não somente a parte desse acompanhar, mas também de escutar, de também poder falar, porque você também tem que se abrir, não é só receber, receber. Tem que se abrir, ser vulnerável también en este espacio, acho que a vulnerabilidade también é chave no acolhimento, porque você tem que se abrir senão você está só recebendo alguém superficialmente, tá acolhendo alguém só na aparência, o que acontece, às vezes, com a caridade ou com outras formas de acolhimentos, que às vezes não são reais, porque você recebe mas você também não se abre... e nesse sentido, eu acho que o acolhimento también você tem que entrar en este espacio e ser vulnerável de contar suas coisas como a outra pessoa também, e também escutar o que a outra pessoa tá falando, a outra mulher en este caso. Eu acho que através da conversacion é quando começam a se derrubar os seus preconceitos, quando você escuta outra pessoa e vê que tua história tem mais alguma coisa com a história dela, quando começa a encontrar también coisas em comum, começam a cair o preconceito, você vê: "Ah, não era assim como eu imaginava". Eu acho que aí realmente se começa a criar uma relação, um acolhimento real, realmente aceitar a pessoa, escutar a pessoa e também você se colocar nesse espacio vulnerável también, eu acho que seria mais ou menos isso.

Entrevistadora: Que legal, eu achei bem interessante, Martina. Essa vulnerabilidade.

Martina: Não sei se respondi a pergunta, fiquei meio nervosa.

Entrevistadora: Eu vou conceituar vulnerabilidade, gostei.

Martina: Aí, que bom.

Interrupção - problemas técnicos com a conexão de internet.

Entrevistadora: Em alguns momentos, você se percebeu dentro daquelas histórias. Acho que no primeiro Círculo elas pediram para que a gente falasse sobre alguns temas, a gente pediu que temas que elas gostariam de trabalhar e aconteceu um pouco de pedir temas sobre relacionamentos abusivos, machismo, então a gente presenciou algumas histórias que refletem desigualdade de gênero.

Martina: Sim, o tema que me choqueou, que eu imaginava, mas não na proporção que foi falado, foi o tema também do abandono... muitas delas estarem aí pelos companheiros e daí quando elas ficaram, o companheiro nunca mais foram ver elas, ou eles estão presos também, mas muitas falaram muito do abandono... que acontece muito aqui fora e que não tem muita diferença, quando uma mulher... e tem estatística... quando uma mulher fica doente (por exemplo), eu tenho um caso muito perto, uma amiga da minha tia, muito amiga dela, ela ficou com uma doença crônica, aquela de movimentação, que o corpo vai meio que com o tempo ele vai, não sei como decifrar... as funções deixam de funcionar aos poucos, até que a pessoa fica totalmente imobilizada, é uma doença crônica que não tem cura. Ela ficou com essa doença, passou dois meses, a pessoa deixou ela. Tem muitos casos, é muito comum isto acontecer. Então, por isso eu sempre pensava e reflito agora também, como eu imaginaria no masculino, o que eu falei antes que eu imaginaria no masculino, porque eu sinto que eles refletem o que acontece aqui fora, então esse abandono que elas vivem lá dentro, também vivem aqui fora. Porque se você fica doente, se te acontece qualquer coisa, muitas vezes você é abandonada, e elas sendo cuidadoras, muitas vezes, então quando uma cuidadora vai numa situação dessas (mulher é presa), o que acontece? Abandono. Eu lembro que estudava muito, muito esse tema, a gente não tem visita, nas masculinas tem filas, aqui não tem ninguém, muitas que até o filho não ia mais ou a vó. Eu lembro de um caso de uma pessoa que falou que ela já não podia ter contato com as filhas delas.

Entrevistadora: Ela perde a custódia da criança, os pais abandonam nessa situação quando a mãe, a mulher vai presa e o homem entrega a criança, às vezes para os avós.

Martina: Para outra mulher.

Entrevistadora: Ou quando não quer ou não tem como ficar com a criança. Isso deve gerar tanto sentimentos nessa mulher que tá ali, que acha que pode achar que nunca mais vai ter contato com o filho, então são muitas perdas ao mesmo tempo.

Martina: É muito esse sentimento de abandono, de estar sozinha, está longe de todo mundo, e também... pensando agora... não sei se saiu dentro desse momento, mas esse abandono também é do esquecimento, porque as pessoas esquecem de quem está lá dentro, elas falavam, não sei se com essas palavras, mas o abandono acho que reflete isso também, de que você já não vai ver a pessoa, vai esquecendo e ela fica num espaço, fechada, sem ser lembrada, sem serem cuidadas. O mínimo que seria ser ir ver elas, ir a ver elas, mandar carta, qualquer coisa que demonstrasse um interesse na pessoa. Então, eu acho que isso é muito duro. Claro, um caso extremo, mas também eu acho que acontece aqui fora, talvez de formas mais sutis, mas lá você vê assim claro.

Entrevistadora: Igual você falou, assim como aqui fora a preocupação do pai é muito diferente da preocupação da mãe, com os cuidados. É o mesmo que acontece ali dentro, então aquela responsabilidade, aquele sentimento de culpa, tudo isso, que a gente vive aqui fora, lá é uma continuidade.

Martina: A culpa lá, eu acho que... por não cumprir o papel de cuidadora, não cumprir o papel que a mulher deveria ter, por estar nessa situação, deve ser muitas coisas juntas e além de tudo, ser esquecidas. Que não visitam você, de ser abandonada, então me chamou a atenção que, quando você falou... quando elas queriam falar desses temas, é outra coisa que eu pensei... que elas não iriam me querer falar muito de esto, que não ia ser um tema, eu pensava antes de ir... quando eu vi que elas falavam muito de los temas de abandono, de la discriminação, do machismo, me chamou a atenção, porque eu pensei que nesse espaço elas não iam a mencionar tanto isso. Aí, na primeira vez, como você falou agora, foi o primeiro que elas falaram, quando perguntou de que temas.

Entrevistadora: Foi a primeira coisa que elas queriam falar.

Martina: Isso foi bem interessante, que uma coisa que eu não esperava assim, eu fiquei feliz que fosse.

Entrevistadora: Eu recordei uma coisa aqui sobre esse sentimento, se você se sente assim... como se... que de certa forma tem uma esperança assim, quando eu sair daqui... de renovação assim, que as coisas vão ser diferentes. Não em todas (as mulheres em situação de privação de liberdade), mas em uma parcela grande ali.

Martina: Eu sinto que elas tinham muito, acho que todas tinham esse sentimento de sair... de quando sair... quando sair... quando sair... eu escutava así... ou quando una ia sair... estava muito feliz pela companheira que va sair... Eu realmente espero así, com o meu coração, que seja así, mas às vezes eu pensava... esse meu lado pessimista... e eu acho que nem é pessimista, é porque você vê como é a realidade aqui fora e às vezes ficava essa angústia de pensar que a pessoa aqui fora vai sofrer discriminação, vai ser difícil achar um trabalho. Então, essa angústia de saber

que eu queria muito que fosse assim e eu espero que seja assim, espero estar errada quando eu penso que é difícil, porque eu realmente vejo difícil, pelas outras histórias. Uma vez também falei com Vitória, que tinha um colega dela que também estava no sistema penitenciário, ele estudou com ela, parece que ele era muito bom e finalmente foi advogado, conseguiu passar na prova (OAB), passou muito bem e tudo, só que ele... e eu lembro muito bem que a Vitória dizia... mas ele... ele falava que não importava que ele fosse advogado, porque ninguém ia contratar ele com antecedente, porque a primeira coisa que você precisa quando vai buscar um trabalho é teu antecedente. Aqui, quantas vezes, no Chile, para tudo me pede antecedente. Então, se eu tenho antecedentes é muito difícil que me contratem. O estigma que existe às pessoas que estão no cárcere é muito grande. Então, por um lado, sempre quando escutava elas falar, a felicidade de voltar pra suas famílias, eu ficava feliz de ver toda essa emoção, mas também ficava muito angustiada... pensar se ia ser así realmente, se ela ia ser recebida pela família, de que forma, como ela ia ser recebida pela sociedade que é tão cruel com as pessoas que estão saindo do sistema penitenciário, tanto no laboral como social. Parece que a pessoa fica com uma marca de estigma mesmo, de pessoa que tá no sistema penitenciário, eu acho que é muito complicado así. Eu, às vezes, sinto que sou muito pessimista, mas era o que eu sentia sobre essas histórias que eu escutava. Uma mesma falou que tinha saído e depois voltou a se relacionar com outra pessoa que tava dentro ali e começou... entrou nas drogas, narcotráfico e finalmente voltou. E eu lembro, agora não lembro em que palestra que a gente foi esse ano, que estábamos ali, que alguém falou que a única porta que fica aberta, uma das poucas, é o crime, de novo, porque outras portas legais, fecham, fecham pra eles, uma possibilidade de conseguir um emprego, daí a pessoa não tem dinheiro, o que faz? Tem que ir pro crime, porque o sistema legal de trabalho, emprego, fecha muito as portas, é uma situação muito complicada. Eu lembro de pensar (nisso) várias vezes. Eu via essa emoção da pessoa contando, me dava assim uma felicidade por ver essa esperança, que fala de sair, de mudar a vida... e tomara que seja assim, que consiga, que faça, ou de ter algum empreendimento. Eu lembro que alguém falava de algum empreendimento, coisas que ela tinha aprendido dentro da penitenciária, que elas tinham aprendido también nuevas ferramentas de trabalho, cursos... e eu espero que sim, que consigam, quem sabe sair com essas ferramentas que são dadas dentro desse espacio, fazer, mudar, mudar o caminho.

Falamos sobre as fichas de recuperação e nos despedimos.

ENTREVISTA COM A MEDIADORA REBECA

Tipo: vídeo

Tempo de gravação: 1 hora 7 minutos e 53 segundos

Data: 17/07/2020

Entrevistadora: Rebeca, como você conheceu o projeto de extensão “O vento no seu rosto traz histórias pra contar: histórias de vida de mulheres que convivem no sistema prisional”.

Rebeca: Eu conheci por meio da minha amiga Regiane, que trabalha comigo no comitê de gênero da unila e por meio do envolvimento dela no projeto, eu fiquei sabendo e daí eu recebi o convite também pra participar, tudo foi sua culpa! (risos)

Entrevistadora: Qual foi a sua principal motivação para mediar Círculos na penitenciária?

Rebeca: Eu acho que... acho que tem dois motivos principais. Um pela questão da mediação dos Círculos mesmo, eu acho que era uma oportunidade de praticar o Círculo e se envolver com todo esse universo do Círculo Restaurativo, então por ser uma oportunidade. O segundo por ser um ambiente que eu desconhecia e que eu tinha muita vontade de conhecer, uma realidade que eu não conhecia, então, eu acho que foi bem oportuno.

Entrevistadora: Você já conhecia então a metodologia dos Círculos em Movimento?

Rebeca: Em Movimento?

Entrevistadora: Práticas circulares na verdade, da Kay Pranis, a gente conheceu por aquele curso, quer dizer a gente chamou ele disso, mas eu tô procurando chamar aqui ou em Círculo em Movimento ou práticas circulares, mais do que de Círculo de Construção de Paz ou do Restaurativo, porque esse parece que remete mais a questão do Direito, de mediação.

Rebeca: De conflito específico?

Entrevistadora: Isso.

Rebeca: Entendi, mas assim eu conhecia o universo das práticas circulares na Unila pelo Projeto de Universidade Restaurativa e tive a oportunidade de fazer o curso, Construção de Círculo de Paz, Círculo de Construção de Paz, então, com você, com a XXX (psicóloga do CEEGED) e com a XXX (docente do CEEGED). A gente fez outra formação e foi meu primeiro contato. Antes dessa formação, nesse mesmo período, desse projeto da unila, eu nunca tinha ouvido falar. Então, foi o primeiro contato que eu tive. Assim, na época que teve o curso da Kay Pranis aqui, eu ainda não tava muito envolvida, nem tentei ir, eu sei que a Unila dispôs de algumas vagas lá. Você chegou a ir?

Entrevistadora: Então, eu não sei onde que eu tava na época, só sei que um dia escutei a Cláudia falando (dele). No começo até achei bem esquisito porque ela

falou que tinha sentido a estudante lá, que tinha tido tipo uma troca energética entre elas lá. Daí eu falei: eita, que coisa louca. Comecei com preconceito, entendeu?! Aí, de tanto que ela insistiu que eu fosse numa reunião lá, eu fui. Era uma reunião com o responsável...

Rebeca: o XXX (idealizador do Projeto Universidade Restaurativa da Unila)?

Entrevistadora: o XXX tinha convocado, para um futuro curso, aí foi minha primeira vez. E eu assisti uma palestra do Marcelo Pelizzoli também, que eu achei muito legal. E aí, comecei a gostar um pouco, um pouco...

Rebeca: Então, eu também, aquele evento lá, que veio do Marcelo Pelizzoli, foi meu primeiro contato. Até o momento que a gente fez um Círculo, lembra? Que daí a gente... não sei se você tava na mesma sala, porque ele fez várias atividades, enfim... quando a gente vê na prática assim, você fala: nossa. É o que eu falei já para você, das outras vezes, às vezes antes do Círculo eu fico um pouco: "ah, será, gente? Será? Acho que as pessoas não vão participar". Fico um pouco descrente. E aí depois eu sempre sou surpreendida positivamente, sempre é, tipo assim: "Nossa, foi muito melhor que eu imaginava". Todos eles foram muito melhor e mais fortes do que imaginava.

Entrevistadora: Olha só que interessante, para mim a mesma coisa. Então, esse na penitenciária foi o seu primeiro externo?

Rebeca: [...] Sim, é, esse foi o primeiro. Mas foi entre a gente. Daí depois foi na penitenciária. Mas acho que foi o primeiro externo, assim... com público diferente. Depois eu fiz Círculos na Unioeste, fiz dois Círculos na Unioeste.

Entrevistadora: Ah é? Que legal.

Rebeca: Acho que na penitenciária foi antes mesmo.

Entrevistadora: E como foi para você o primeiro encontro com as internas. Qual a lembrança mais presente na sua memória?

Rebeca: Como que foi, como eu me senti assim?

Entrevistadora: Como foi o encontro, encontrar algo que você desconhecia.

Rebeca: Tá, então... Eu tava um pouco apreensiva pelo ambiente. Assim, eu não tava apreensiva antes, eu acho, mas entrando no ambiente. Você passar por vistoria, portão, essas coisas... são elementos que vão tensionando. A sua presença lá, sabe. Então, eu fui ficando mais tensa. Não foi assim, às vezes você tá tensa, chega no lugar e você fica mais relaxada, porque você vai se sentindo

melhor, mas quando você chega na penitenciária, na cadeia, você é tratada de forma ríspida. Até que todo mundo foi até simpático com a gente, mas assim, você tem que seguir a regra, uma regra que você desconhece, um protocolo que você desconhece, isso sugere uma tensão da sua presença ali, eu acho. Então, eu fiquei um pouco tensa, e sabe aquela tensão de uma entrevista, que você fica meio que com o coração acelerado, porque você tem que fazer certo, você tem que prestar atenção nas coisas, porque você está sendo avaliada. Então, por mais que fosse uma proposta que a gente tava levando, a gente estava sendo vigiada, você tinha que tá dentro do protocolo daquele lugar, que era um protocolo que eu até então desconhecia, então, eu acho que eu fiquei um pouco tensa. O gelo até a gente começar a conversar, até esse momento eu fiquei tensa, mas depois, eu acho que a principal sensação que eu tenho é uma sensação muito boa, não é a de tensão, não é de apreensão, o principal sentimento em relação aquele momento é um sentimento bom, sentimento de partilha, uma experiência muito boa, que superou a tensão inicial.

Entrevistadora: E se você pensasse na principal memória, aquilo que te vem na cabeça assim, do dia que você foi lá? A primeira é essa ou é a outra?

Rebeca: Não, a primeira é a boa. Primeira é uma lembrança muito, não sei, a sensação que eu tive assim, eu acho até que eu tinha comentado com você, é de uma coisa de humanidade, sabe? Quando você não conhece algum grupo e você tem o imaginário sobre ele, não que eu tivesse um imaginário negativo, não é isso, mas assim a minha mãe era advogada e isso sempre fez parte do nosso cotidiano, os relatos sobre as visitas à cadeia, as clientes que ela tinha, ela atendia muito mulheres assim e ela gostava muito de fazer atendimento na área criminal. Então, eu não me lembro exatamente dos casos, porque os casos mais graves, que foram a júri, eu acho que foram todos de homens, mas teve várias mulheres como clientes assim, que ela atendeu ao longo da vida. Então, eu sempre ouvi falar muito de... de levar na, ela não usava penitenciária, ela usava a palavra cadeia, de ir na cadeia, de ter um horário para levar a família, de fazer uma mediação assim com a família, sabe, essas coisas assim. Então não era um universo totalmente longe da minha memória, assim, era um universo que sempre ouvi falar. E não das pessoas como criminosas, porque ela era geralmente advogada de defesa, então a postura dela também sobre essas pessoas não era assim: "Ai, era uma pessoa ruim!", era sempre um (discurso)..., o que eu me lembro, de criança e de adolescente, sempre um discurso de vamos, vamos procurar quem é essa pessoa, elementos de humanidade dela. Daí ver essas pessoas lá e conversar com essas mulheres e a forma com que elas falaram com a gente e se sentiram à vontade, senti que elas ficaram felizes com a nossa presença, me fez, não sei, entender essa... essa existência delas, mas de uma forma mais próxima, que não era só no meu imaginário, mas que era real, aquele momento era real.

Interrupção - Precisei fazer uma pausa para atender demanda dos filhos.

Entrevistadora: Não sei, você já respondeu um pouco sobre... mas a gente sempre cria um pouquinho que seja, seja uma expectativa, igual você falou de grupo assim. Então, quais mulheres você imaginou que iria encontrar lá. Que mulheres você esperava encontrar?

Rebeca: Tá. Deixa eu pensar... É que assim, eu realmente não tava numa expectativa assim, de tipo “nossa, quem será que vai tá lá”, assim... eu não tava com essa expectativa, no sentido de que “nossa, que será que elas fizeram?”, “que tipo de pessoas eu vou encontrar lá?”, eu realmente não pensei nisso, “nossa, por que será que tá lá?”, “o que é que ela fez”, em nenhum momento também, nem antes nem durante, não olhei pra alguma pessoa lá e pensei: “Nossa, senhora mais velha... o que será que ela fez para estar aqui”... “Nossa, essa menina nova... deve ser droga”, sei lá, eu não tive esse... esse pensamento, sabe?

Entrevistadora: E nem medo?

Rebeca: Não, não tive medo não.

Entrevistadora: E como você saiu do Círculo, eu acho que você acabou de falar um pouco, mas quais foram os principais sentimentos.

Rebeca: Eu lembro que eu saí bem emocionada, lembra que a gente veio aqui em casa tomar uma água. No caminho até aqui eu tava assim... com uma sensação de euforia, sabe quando você tá cansada...

Entrevistadora: Você fez eu me lembrar disso, desse caminho que a gente fez, lembra que eu falei que parecia que eu tinha tomado alguma coisa, que eu tava com a adrenalina.

Rebeca: Sim, exatamente, exatamente, exatamente isso! Eu senti uma sensação de euforia assim, que é como se tivesse tomado alguma droga, como se tivesse tido algum estímulo, alguma coisa estimulante assim. Era um cansaço físico, porque tava calor, eu lembro que tava calor, a gente ficou tensa, então depois do momento de tensão...

Entrevistadora: A gente não bebeu água naquele dia...

Rebeca: Não bebeu água, e aí naquele... a tensão, a gente fica com os músculos mais contraídos assim, então acho que depois desse momento... quando você dá uma relaxada assim, você fica com corpo muito cansado. Então, eu tava com o corpo cansado, mas ao mesmo tempo eu tava eufórica, eu não tava sem energia sabe, você tem a sensação de cansaço sem energia e a sensação de cansaço mas com ânimo, então eu tava animada assim. Eu lembro que... eu lembro muito das

coisas que eu falei assim logo depois sabe, que foi... que me marcou muito, que foi um universo que eu não conhecia. Assim ó, eu acho que uma das coisas bem importante é que materializou. Estar lá, materializou algumas vivências que eu não tinha presencialmente, por exemplo, sabe quando você, sei lá, é amiga de alguém e aí você, eu to falando com você e eu to vendo um pedaço da sua casa, mas aí sei lá, eu nunca tinha visto nada, que eu não sabia que a parede era branca, não tivesse noção de onde você tá, mas eu tivesse sei lá conversado com você em algum momento e em outro lugar, eu não materializaria você no teu espaço porque eu não saberia onde você tá. Então, por mais que eu não tivesse conversando com essas mulheres antes, eu acho que estar lá fez muita diferença pra poder materializar a realidade daquela vivência, se eu só tivesse lido sobre as histórias delas, se eu tivesse participado de um Círculo em uma associação de moradores com pessoas que ficaram presas, essa é uma experiência totalmente diferente. Eu acho que estar no lugar em que, naquele momento, era a realidade delas, sabe, fez com que essa experiência se materializasse e isso me impactou muito, saber como que era, não que eu tivesse curiosidade, mas é uma percepção que vem com sentimentos sobre aquele espaço, sabe?

Entrevistadora: Um pertencimento?

Rebeca: Isso, exatamente.

Entrevistadora: Interessante, eu nem tinha parado pra pensar sobre isso, Rebeca. Faz sentido mesmo.

Rebeca: Eu lembro que elas bateram nas grades para chamar... além do espaço... algumas coisas assim, tipo como: abre o portão, fecha o portão...

Entrevistadora: os barulhos...

Rebeca: Os barulhos... que a gente tem uma ideia por seriado, por um filme sabe, mas que a gente... porque a gente pode narrar como funciona a vida lá, pelas imagens que a gente tem de filme, de seriado, sei lá de alguém contar, mas você vê lá, mais ou menos... isso que a gente nem foi nas celas mesmo, mas já deu para ter uma noção.

Entrevistadora: As roupas, os chinelos... Parece que eles falam também, de certa forma...

Rebeca: Exatamente.

Entrevistadora: Na verdade, falam.

Rebeca: Eles falam.

Entrevistadora: Porque assim sabe, uma coisa que eu achei, apesar que a gente tem que ter o cuidado de pensar que elas passaram por uma seleção pra tá lá, a gente acredita que foi por bom comportamento, depois de levantar alguns dados de uma e de outra, e de outras coisas que a gente escutou lá, foi mais ou menos por isso e coisa e tal, mas sabe uma coisa, uma coisa boba assim, é que eu reparei... que os chinelos estavam muito limpos, branquinhos os chinelos, eles eram de dedos, mas não eram assim... e na minha cabeça, eu imaginei uma coisa bem (diferente), roupas gastas, chinelos gastos. Claro que eu acho que de certa forma é o que querem que a gente veja, talvez as pessoas querem que a gente veja determinadas coisas...

Rebeca: Com certeza tem um pouco disso, apresentar uma imagem de organização, de efetividade, de controle, limpeza.

Entrevistadora: O que a Vitória chegou à conclusão é que assim. Depois que a gente foi numa Cantata de Natal e as agentes falaram que essa cantata era injusta, porque pegaram, escolheram as com mau comportamento, venho a conclusão que ela (Vitória) chegou... é que quando é vínculo religioso entra mais como uma questão de controle, esperar que a pessoa vai se tornar mais dócil, mais domada, a partir da religião, se conseguirem convertê-la. Então, quando tem alguma atividade religiosa eles mandam mais, quer dizer, tende-se a levar as mal comportadas.

Rebeca: Pra ver se sofrem uma influência positiva lá.

Entrevistadora: Isso, aí pras universidades, que vai ter mais uma reflexão, vão as de bom comportamento, entende? Até pela questão dos riscos de alguma coisa, para eles conseguiram ter controle sobre as atividades. Isso a gente analisou quando a gente descobriu que a Cantata de Natal tinha sido por outra forma de escolha.

Rebeca: Entendi. Eu não fui à Cantata de Natal.

Interrupção - conversamos sobre outros assuntos por alguns minutos, para então, retomar as questões da entrevista.

Rebeca: é isso que eu ia falar, pega um decolonial, daí você não precisava fazer menção aos clássicos.

Entrevistadora: Você voltaria e por quê?

Rebeca: Sim, eu votaria porque como eu acho que foi uma experiência muito boa para o grupo, para aquelas mulheres que participaram. Foi uma experiência boa e também para mim como pessoa, não só como mediadora, mas como pessoa, eu acho que foi mais uma tijolinho na construção de mim. Eu voltaria, com certeza.

Entrevistadora: Entre as palavras bondade solidariedade e caridade, qual você mais se identifica para representar o ato de acolher?

Rebeca: Solidariedade. Eu acho que tanta bondade quanto caridade me parece... claro que a noção do conceito da palavra ele pode ter opções diferentes, que talvez você entenda, eu entendo diferente, mas o que eu entendo de caridade e bondade é uma relação que me parece de mão única. Bondade me parece uma coisa que eu faço para alguém de uma forma egoísta, pensando em mim e pensando em quem tá fazendo mais do que quem tá recebendo. E solidariedade eu acho que é mais horizontal a relação, é uma coisa solidária, me dá a impressão de que uma via de mão dupla não a via de mão única, uma relação de reciprocidade.

Entrevistadora: Então, como você descreveria o ato de acolher, principalmente uma outra mulher...

Rebeca: Significa poder ser percebida, como uma conexão, não pensando nessa dimensão de ajuda... na dimensão de ajuda sempre me dá a impressão de que uma pessoa está numa posição e a outra pessoa está numa posição mais baixa [...] Tentando não olhar para essa questão de ajuda, se fosse visto como uma coisa mais complexa, até poderia pensar no sentido de se ajudar nessa visão mais comunitária de ajuda, mas eu acho que é um momento de conexão. Pensando principalmente no acolhimento de uma outra mulher, porque existem elementos que me fazem sentir como um ser humano, que me dão as características de ser humano e esses elementos estão presentes no outro. Então, quando eu participo, quando eu sou capaz, quando eu decido acolher mesmo o outro ser humano, eu tô enxergando nesse outro ser humano elementos que me tocam de alguma maneira. Não precisa nem ser um ser humano, pode ser um outro tipo de acolhimento, um animal, aí na rua, que tá precisando de ajuda, você vai fazer alguma coisa que naquele momento você vai ter uma ação sobre aquele outro ser, mas pensando no alimento. E de seres humanos, de mulheres, é o momento de você conectar com a vida, com o outro ser, que não é você, então, quando você acolhe uma outra mulher, eu acho que você, de alguma maneira, consegue entender a sua fragilidade também, você consegue se conectar. Você receber uma pessoa, você orientar uma pessoa é diferente de você acolher, quando você acolhe você tá se conectando com as fragilidades, suas também, para você poder enxergar esse outro ser humano que está na sua frente como um ser humano de verdade, aquilo que ela tá compartilhando com você é uma fragilidade que conecta vocês, no lugar de mulher, por exemplo, se fosse uma outra mulher.

Entrevistadora: Que legal. É isso. É que você falou algumas coisas que... ah, você é demais. Que é bem próximo do que eu acredito que é acolhimento... que seja bom para as duas pessoas, que seja uma troca, igual você falou... uma pessoa pode achar que um acolhimento é ser educado, ser polido, nas palavras, ter uma comunicação não violenta. E pronto e aí você se sentiu bem, você se saiu ótimo.

“nossa, como eu sou ótima”, “olha como eu falo bem”, “olha como eu aceitei o outro,” e mesmo assim para outra pessoa não significou nada, porque ela não sentiu que era um lugar de confiança, que era... então, tem isso também, a gente tem que ter uma consciência do que a gente está fazendo, eu acho que, por exemplo, que caridade tem muito disso, de você dizer o que o outro tá precisando, na tua cabeça, então, você doa coisas, coisas que estão sobrando para você, você vai lá e dá, “olha, to fazendo a minha parte”, mas você nem conhece esse outro.

Rebeca: Tem a ver com você.

Entrevistadora: Como um atender a sua necessidade, que é a sua necessidade de ser caridoso. Enfim, achei muito interessante o jeito que você colocou.

Interrupção - conversamos sobre outros assuntos por alguns minutos, para então, retomar as questões da entrevista.

Entrevistadora: E assim, para já ir finalizando, Rebeca... se você, a gente vai lá, a gente queria saber recomendações de vocês, o que você recomendaria para outras pessoas que desejarium essa oportunidade de ir lá na penitenciária.

Rebeca: outras pessoas que teriam intenção de fazer uma atividade, por exemplo lá?

Entrevistadora: Um projeto, um projeto de extensão. O que você recomendaria?

Rebeca: Coisas práticas... coisas assim... eu recomendaria que tivessem, que levassem, que proporcionassem uma comida, uma bebida, coisas diferentes assim, coisas que talvez elas não comam sempre, porque mesmo coisas mais simples, a gente tinha coisa simples, elas ficaram super felizes de comer, então assim, mostrar esse cuidado também no que tá levando sabe, de comida, de bebida. Eu acho que elas ficaram ansiosas, tanto que a gente fez uma pausa, porque elas estavam ansiosa por esse momento também. E lembrando que, o ato de comer junto com alguém é um momento de comunhão, então você tem ao longo da vida construção de relações em torno do momento da alimentação, você tem o momento da alimentação com a sua mãe, aí você tem o momento de alimentação em família, aí depois você sai comer com os amigos, aí você tem um jantar romântico. Então, as relações sociais, elas estão sempre permeadas por alguns elementos de comida, bebida... Então, acho que foi muito importante a gente ter levado alguma coisa, de ter proporcionado um momento assim e foi um momento muito importante pra elas, se sentirem livres para conversar com a gente, então, eu acho que foi muito bom a gente não ter começado com café da tarde, a gente ter primeiro feito uma parte, porque talvez se a gente tivesse começado, elas não teriam chegado na gente pra conversar, e como a gente já tinha começado, já tinha se apresentado, foi um momento que elas chegaram na gente... eu lembro que várias vieram conversar, pra

contar um pouco mais sobre a vida delas. Eu não perguntei. E lembro que uma mulher veio, olhou pra mim e falou assim: “oi, tudo bem? Então, eu matei um cara, por isso que eu tô aqui”, mas eu não perguntei nada pra ela, mas ela veio me contar, daí me contou os detalhes e tal, daí eu perguntei como ela se sentia lá, e tam tam, daí ela falou... daí a outra falou: “eu também queria falar”, mas eu não perguntei assim, eu não comecei perguntando nada para elas, eu perguntei se queria mais bolacha, e daí elas aproveitaram pra falar o que elas queriam falar.

Entrevistadora: É, parece que no intervalo elas queriam dar um jeito de contar, o porquê da pena, qual tinha sido o crime...

Rebeca: Qual tinha sido o crime... talvez até pra desmistificar isso pra gente, talvez elas ainda pensassem que talvez a gente tivesse olhando pra elas e pensando “o que será que ela fez?”. Então, elas queriam já falar a versão delas ou talvez elas achassem que a gente sabia, que a gente já tinha tido acesso às histórias delas...

Entrevistadora: Não sei, eu não consigo ter um interesse de saber, não sei, eu acho que eu sou pouco, pouco fofoqueira.

Rebeca: Eu também acho que sou pouco fofoqueira.

Entrevistadora: Acho que se ela quer contar, ela conta.

Rebeca: Enfim, eu falaria disso porque eu acho que foi um momento muito importante e eu acho que essa reflexão que eu fiz e que a Martina também fez, de mudar a história, talvez possa ser entendida como ter uma sensibilidade pro ambiente, com as pessoas com que você tá trabalhando. Então, eu acho que se alguém quisesse fazer um projeto lá, por exemplo, a pessoa já teria uma sensibilidade pra trabalhar com esse público, se não ela nem ia pensar em fazer um projeto lá, primeiro, mas mesmo assim, às vezes a gente não tá preparado, ou seja, a gente não tá cem por cento preparado pra nada, na vida, e naquele momento, você precisa... eu acho, ter uma sensibilidade, pra ter um jogo de cintura, caso você precise parar o Círculo porque tem alguém chorando, lembra...

Entrevistadora: a Yara teve toda uma sensibilidade de sair, querer sair com ela...

Rebeca: Você precisa ter pessoas que consigam proporcionar um ambiente.

Entrevistadora: E a última, você acabou falando... a gente mudou um pouco na nossa cabeça algumas formas de linguagem também, a linguagem, você acha que interfere no ato de acolher assim?

Rebeca: Sim, com certeza eu acho que interfere, porque eu acho que pelo uso da linguagem você coloca, se coloca em algumas posições assim, sociais. E por

exemplo, fazer o uso de algumas palavras mais difíceis ou falar de uma forma que pareça, sei lá, fazer uso da norma culta, assim, falar de um jeito... pode dar a impressão de que você é o dono da razão, que você que tá no lugar diferente. Em alguns momentos, a gente precisa fazer o uso disso, quando você tá sendo inquirido por alguma razão, num evento que você tá sendo avaliado por essas habilidades, então tem momentos que você vai fazer o uso disso, mas quando você está acolhendo alguém, você tá no momento de conectar... tanta a pessoa tem que tentar falar de uma maneira que você consiga entender e você tem que fazer o uso da linguagem verbal e corporal que mostre pra pessoa que você também tá interessado em se conectar com ela. Então assim, é descabido você usar uma palavra que a pessoa talvez não use, que ela nem conheça, que não seja familiar pra ela. Eu acho que quanto mais pessoalizada é essa relação, mas a gente consegue se conectar.

Entrevistadora: Você abraçou as mulheres lá? E se preocupou com alguma coisa? Como foi abraçar?

Rebeca: Abracei. Não, não me preocupei, de verdade assim... Mas é... eu abracei e a gente sentiu assim... eu lembro. Não sei se elas falaram até, se elas chegaram a verbalizar isso ou que a gente sentiu que precisava desse momento assim, mais de contato físico mesmo, não sei se alguma delas verbalizou...

Entrevistadora: Durante o Círculo, uma pediu um abraço ou eu dei um abraço numa. Ah, ela começou a chorar... aí eu levantei e dei um abraço, e ela falou para mim: "há muitos anos eu esperava um abraço", e aí depois, acho que isso deve... quebrou, sei lá, alguma coisa do tipo esse distanciamento físico, entre todas nós, daí o que aconteceu depois disso: ah, elas abraçam! Daí foi uma sessão de abraços!

Rebeca: Foi uma sessão de abraços (recordando-se). Exatamente, acho que o abraço foi bem importante pra essa conexão.

Entrevistadora: Legal, Rebeca. Tem mais alguma coisa que você lembra, que é importante colocar aqui, gostou do roteiro?

Rebeca: Gostei, gostei de tudo! Só uma coisa que é importante, que eu acho que poderia ter sido melhor, ainda melhor, é que a equipe que tá indo, ela precisa tá bem entrosada assim, conectada, e apesar da gente ter feito um Círculo, a gente fez só nós quatro, eu acho que se a gente tivesse feito um Círculo com mais tempo, todas nós, eu acho que ia ser um resultado ainda melhor.

Entrevistadora: Como se elas tivessem um pouco de preparação pra conduzir Círculo também, embora elas não tivessem feito curso de mediação que a gente fez, elas tivessem, um jeito delas também passarem pelas etapas e mediarem, elas também.

Rebeca: É, porque assim, por mais que você não tenha feito o curso, se você participa de um ou dois Círculos, você já sabe que vai acontecer, você acredita no Círculo sabe.

Entrevistadora: Entendi. É, por exemplo, a Maria Luiza que não participou, teve uma hora que ela passou o objeto da palavra sem falar, isso muda o Círculo todo, porque até aquele momento ninguém tinha passado ainda, então quando ela vê uma mediadora fazendo, a pessoa passa também.

Rebeca: Isso! Acho que a única coisa que poderia ter sido melhor é isso.

Entrevistadora: Rebeca, muito obrigada por sua contribuição, você é maravilhosa, te amo de montão!

Rebeca: Eu também, estou com muita saudade, desejo muito sucesso aí! Se eu lembrar de alguma coisa mais, eu te falo, tá bom?

Entrevistadora: Tá bom, meu amor. Um beijo grande.

Rebeca: Adorei as perguntas. Beijo, se cuida aí!

Entrevistadora: Tchau, tchau.

ENTREVISTA COM A MEDIADORA VITÓRIA

Tipo: vídeo

Tempo de gravação: 2 horas 54 minutos e 51 segundos

Data: 15/07/2020

Entrevistadora: Como você conheceu o projeto de extensão “O vento no seu rosto traz histórias para contar: histórias de vida de mulheres que convivem no sistema prisional”?

Vitória: Então, a entrevistadora, essa pessoa querida, me (convidou)... a gente havia se conhecido numa outra ocasião e aí você me comentou sobre os Círculos que seriam feitos na penitenciária. Em específico, teve uma situação em que uma das pessoas que iria fazer o Círculo junto com você não poderia ir e daí você me convidou pra fazer aquele Círculo. Mas quando eu conheci a proposta do projeto e fui fazer o primeiro Círculo, acho que não tinha como não fazer os outros, não participar também dos outros.

Entrevistadora: Legal e qual foi a sua principal motivação em mediar Círculos na penitenciária?

Vitória: Então, durante a graduação de Direito, eu já pesquisava as mulheres no cárcere, e tinha... até montei um projeto de extensão, tinha orientador e tudo. Junto com o meu orientador, a gente montou um projeto de extensão, foi para aprovação ali da Faculdade... a faculdade aprovou, mas a penitenciária não autorizou a entrada. Então, eu acabei fazendo um artigo, só a revisão bibliográfica porque eu não consegui ir pra campo, a minha ideia era entrevistar, conhecer o espaço, ver se elas estavam estudando, se elas tinham... Na verdade, a minha ideia neste projeto era averiguar se a Lei de Execução Penal e os direitos constitucionais estavam sendo garantidos, como era, como funcionava ali naquela unidade, ver se tinha espaço para amamentar filho, como que era a questão com as presas grávidas, que são todos os direitos que estão previstos na Lei de Execução Penal, mas aí eu não consegui entrar e eu acabei fazendo revisão bibliográfica e me apoiando no livro da Nana Queiroz, que é "Presos que menstruam" (título do livro da autora citada) e também tem o "Mutirão carcerário" que é feito pelo CNJ (Conselho Nacional de Justiça), em que os magistrados visitam complexos penitenciários e aí fazem relatórios. Então, na época, eu só consegui fazer isso, então a minha principal motivação quando eu recebi o convite pra ir fazer o Círculo seria de enfim conhecer... inicialmente conhecer os espaços, conhecer como são as presas aqui na unidade de Foz e também pela oportunidade de aplicar o Círculo de construção de paz, que é uma metodologia de pacificação social que eu tenho paixão assim, uma das coisas que eu mais gosto de fazer.

Entrevistadora: Você já conhecia a metodologia do Círculo em Movimento, você pode comentar um pouquinho.

Vitória: Então, eu conheci... eu já conheci sim. A gente, eu recebi o convite em 2019, mas eu já venho pesquisando e estudando a Justiça Restaurativa e em específico essa metodologia que é do Círculos em Movimento desde de 2013. Então, no meu primeiro ano de graduação de Direito... como eu já tinha estudado numa universidade pública e a questão de fomento à pesquisa, grupo de leitura, essas coisas são... era muito comum no meu departamento. Então, desde o primeiro dia que eu entrei na Universidade Estadual de Maringá, os professores convidavam, assim: "Ah, a gente tem um grupo de leitura", "Eu tenho um projeto fixo de literatura portuguesa", "Eu tenho um projeto fixo..."... e eu senti falta disso quando eu fui fazer a faculdade particular. E aí passou uma semana e passou duas e ninguém falava nada e você perguntava e não tinha nada. Daí eu fui conversar com uma professora, que era professora de Direito Penal, se a gente não poderia fazer um grupo de leitura, que seria uma coisa extra sala, extraclasse, pra aprofundar, pra conhecer assuntos que provavelmente a gente não teria tempo hábil de trabalhar em sala de aula. A minha ideia era fazer leituras extras e daí eu juntei um grupo de pessoas da sala que também tinha interesse e a gente começou a ler.

E o segundo texto que essa professora passou, nesse grupo de leitura, foi sobre a Justiça Restaurativa, sobre os Círculos de Paz, Círculos em Movimento que eram feitos na Vara da Infância e Juventude, em Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. E chama muita a atenção, assim, a maneira como é aplicada a metodologia, a filosofia que movimenta as pessoas que trabalham no Sistema Judiciário e querem trazer isso pra aplicação relacionada à crimes, relacionado ao Sistema Penal. E a partir daí eu não parei mais de ler, depois fui escrevendo artigo, fiz meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), fui fazer o curso de capacitação, então já faz um certo tempo, assim, que eu venho pesquisando e escrevendo. Fiz uma Especialização em Direito Aplicado e também escrevi sobre Círculos em movimento. Depois fiz uma MBA em Gestão de Conflitos e Práticas Restaurativas, também escrevi sobre Círculos em Movimento. Então, já faz um tempinho que eu venho pesquisando... e aplicando também.

Entrevistadora: Que bom, que bom que tudo começou. E agora falando um pouco mais específico de como foi a nossa experiência, nossa vivência no projeto. Você lembra como foi o primeiro encontro com as internas e o que mais vem na tua memória nesse primeiro encontro, se você conseguir lembrar... começando pelas internas, depois a gente fala das agentes.

Vitória: Sem dúvidas, assim, o que mais me marcou... a história de vida dessas pessoas, o motivo que levou elas a estarem no sistema. Eu constatei várias coisas que eu já vinha pesquisando e realmente essas histórias se repetem. Então, a faixa etária das mulheres, a gente sempre tem aquela impressão que vão ser pessoas mais novas, mas aí a gente se depara com pessoas mais velhas, senhoras também. Então, me impactou bastante também a questão de que tinha no nosso Círculo, das 25 internas, pelo menos umas três senhoras e isso me chamou bastante atenção. E a questão da penitenciária em si. O tempo passa e... é claro que aqui no sul a realidade ainda é do complexo prisional muito diferente da realidade das penitenciárias que tem no Norte e no Nordeste, lá a situação é bastante caótica. Mas chama bastante a atenção, porque você vê que é um lugar escuro, abafado...

Entrevistadora: Cimento, cimentado, sem verde...

Vitória: Muito cimento, sem vida... sem vida, assim, é a palavra que mais marca. É que é um lugar que não tem vida. Ainda que você vai no percurso, até chegar no lugar que a gente tá realizando, ainda tem umas plantas, mas o lugar em si (a sala dentro do barracão) é aquele lugar escuro, úmido, abafado, por vezes barulhento. Se você pensar depois, pelo relato delas, a condição delas, a questão de medicação e tudo, é o reflexo, é o reflexo do próprio sistema. Das coisas que mais me impactou é a questão ambiental, não que eu esperasse um castelo florido, cheio de (flores)... mas é você pensar que são pessoas que vivem ali e o quanto isso reflete.

Entrevistadora: Então, a sua memória... na sua memória vem essa parte, da arquitetura e tudo isso.

Vitória: Do ambiente e daquelas mulheres. O que mais me chamou foi as mulheres de mais idade.

Entrevistadora: Que mulheres você esperava encontrar lá, assim, a gente sempre cria uma expectativa, é difícil de dizer que não. Então, a gente foi com toda uma expectativa, até de grupo também. No seu caso, você com as internas foi o segundo grupo que você foi, então a gente já tinha tido um Círculo anterior, então eu acho que eu te passei informações, então como que foi isso, assim, você consegue se recordar disso, desse momento.

Vitória: Como eu já tinha feito a pesquisa pra escrever, acabei lendo muita coisa, como o “Mutirão Carcerário”, depois até posso te enviar o link, porque foi feito um livro, esse mutirão carcerário ele abarca todas as regiões do Brasil, vou ver o que têm mais recente, que tá documentado, e tem imagens também desse mutirão carcerário. Então, dentro daquilo que eu já vinha pesquisando, eu tinha... já... um certo estereótipo na minha mente, o que é que eu encontraria. Hoje a gente sabe que em torno de setenta por cento das presas estão presas porque estavam a serviço do tráfico. E realmente, a partir do relato delas, a grande maioria das que... pelo menos... estavam no Círculo com a gente, era por conta do tráfico. Os outros trinta por cento diz respeito a outros tipos de delito. Também, desses trinta por cento, a grande maioria dos trinta por cento é crime contra o patrimônio, roubo, furto. Então, a gente tem setenta por cento a serviço do tráfico, dentro desses trinta por cento uma grande parte vai ser contra o patrimônio, furto e roubo, e uma taxa bem pequena ainda de mulheres envolvidas com homicídio, latrocínio, que são crimes mais gravosos, pra colocar assim, numa linguagem do Direito, ou crimes que criam uma repulsa maior na sociedade, uma palavra mais cotidiana. Então, quando eu fui, eu imaginava encontrar muitas mulheres jovens, porque são essas que realmente os traficantes se interessam, porque são pessoas que têm mais necessidade, e também porque acabam que chamam menos atenção, pra fazer esse serviço de mula. Então, se você vai transportar drogas de ônibus, se você vai viajar do Paraná pra São Paulo... chama muito mais a atenção você enviar uma senhora, que às vezes pode chamar a atenção, do que você mandar um jovem, uma pessoa mais jovem. E de certa forma, dentro daquilo que eu pesquisei também, a faixa etária é mais entre, de... até uns 32 anos, a maioria. É claro... encontrei as pessoas mais velhas, mas eu já tinha um estereótipo assim... seriam pessoas novas, também esperava que no Círculo tivessem pessoas negras, que a maioria fosse negra, por conta de que ainda a cadeia tem cor e tem classe social. E a gente não precisa muito, basta você ligar o noticiário pra você ver que a prisão domiciliar que tem sido pedida, a todo vapor, por todos os advogados do judiciário, no sistema judicial a fora... Desde quando começou a pandemia a gente tem recebido só não. E de repente, você é uma pessoa de crime de colarinho branco,

crime que envolve até pessoas do governo... tudo bem, tá doente (possivelmente se referindo ao caso de Fabrício Queiroz)... mas tem muitas pessoas que estão dentro do sistema prisional e não conseguiram esse benefício. Então, a gente sabe que ainda a cadeia tem cor, ela tem classe social. Mas ali no Círculo, quando a gente chegou, existia ali um misto muito grande assim, tinham pessoas novas, mas também tinham senhoras. Mas o estereótipo que eu imaginava de mulher, de certa forma, eu só consegui comprovar que aquilo que Nana Queiroz escreveu no livro... eu constatei... que realmente tem muitas pessoas envolvidas com o tráfico, que aquilo que tava representado pelo relatório do CNJ, ali no Mutirão Carcerário, também. A questão da faixa etária e a questão dos crimes se repetem. E, uma outra coisa também, que na minha pesquisa eu tinha visto, diferente de penitenciária masculina, que tem pra tudo que é lado, penitenciárias femininas são menos, número menor de unidades, então acaba que você não tem só presas da região. Eu imaginava que teria um misto muito grande de presas, de várias regiões. E, realmente tinha muito gente de fora ali no Círculo, que não era daqui de Foz, com exceção de uma moça que eu lembro que era daqui de Foz, que era até conhecida de uma das agentes, que a gente conhecia elas no tempo de escola, as demais, era da região e tinha muita gente de longe, tinha muita gente lá da minha região de Maringá, de Peabiru. Então, aquela ideia que eu tinha da outra vez que eu entrei na parte feminina, porque na masculina eu já tinha ido. Mas na parte feminina foi uma visita técnica que eu fiz na faculdade, aí a gente entra então nas galerias, a gente viu o lugar da costura, sala de aula ali... até a costura não era ali naquele lugar, era em outro espaço, a sala de aula também não era ali onde é aquela sala de aula, era mais lá pra cima, mas perto de onde a gente entra ali, que ficava esses lugares onde elas estudavam. Então, eu tinha feito uma visita técnica, mas também tinha sido ou 2013 ou 2014, já fazia um tempo. Então, mais ou menos assim, tinha algumas coisas que eu tinha em mente por conta do que eu já tinha lido, já tinha estudado, tinha escrito, conversando com quem frequentava. Meu professor que orientou fazer esse trabalho, ele é criminalista na cidade, faz mais de 20 anos, então, ele me falou bastante coisa.

Entrevistadora: A gente não chegou a ter a informação, mas a gente desconfia que essas mulheres que foram escolhidas pra participar dos Círculos eram o que você chamou de...

Vitória: BCC... Bom Comportamento Carcerário.

Entrevistadora: E ontem, conversando com a Martina, ela falou de um Círculo das agentes, que elas comentaram da Cantata de Natal que foram escolhidas por mau comportamento, que elas (agentes) acharam injusto, que elas (internas) já estavam recebendo muita coisa, era muito curso, era muita coisa para elas, que elas não mereciam. A Martina não conseguiu lembrar na verdade de que, como elas usaram assim (o termo, a palavra).

Vitória: A ideia delas era docilizar aquelas pessoas que eram insubordinadas, então, a ideia era tentar discipliná-las e de certa forma você... pela religião também... porque você vê que a cantata... a cantata pressupõe... se a gente pensar em Natal e toda a ideia cristã que vem por trás da data, não seria diferente que... seria algo, mais ou menos nesse sentido, pra lembrar o nascimento de Jesus. E também, pensando no como as instituições religiosas tem meio que passe livre no sistema prisional. Não é uma crítica, porque eu respeito vários preceitos de várias religiões. Não é uma crítica, mas a religião, por vezes, é usada para... não dizer “subjugar”... mas eu queria achar uma palavra melhor, no sentido de... contenção mesmo. É como se a gente imaginasse um cabresto que eu utilizasse num cavalo, por exemplo. Você utiliza o cabresto para que ele não possa ver nada além do que ele tem a sua frente, para que ele vai pra frente, pra que ele não fique zanzando para os lados, é para ele sempre caminhar pra frente. E é a mesma coisa, muitas vezes algumas religiões acabam por docilizar mesmo as pessoas, eu não consigo pensar nenhuma palavra diferente que isso. Mas, é uma maneira de você tentar acalmar. Então, por vezes, as igrejas têm essa abertura no sistema prisional porque acabam acalmando as pessoas.

Entrevistadora: No sentido missionário, assim, uma missão, evangelizar...

Vitória: É, e aí existe... todo esse processo de evangelização, de conversão, que acaba tornando a pessoa, de certa forma, mais disciplinada, porque existe todos os preceitos, os dogmas ali dentro da religião, que você pra tá dentro daquilo não basta só o que tá escrito na Bíblia, não é só o que Cristo escreveu, que ele deixou escrito ali, não é só a questão do Messias, os milagres, mas também você tem que respeitar as regras da religião ali, tem uma palavra específica, mas eu esqueci, não é bem preceitos, tem uma palavra bem certinho, mas eu me esqueci. Então, a Cantata em si, eu penso nessa (palavra)... Elas (agentes) realmente falaram nessa questão de que foi escolhidas 15 internas que tinham problema de insubordinação, elas eram indisciplinadas, então, elas tinham problema de insubordinação e indisciplina. Porque antes eu toquei nessa questão da docilização, queria encontrar uma outra palavra, mas agora não tá vindo a palavra. Mas é nessa ideia. E também não é subjugar... É nessa ideia de... tolir... não vou dizer tolir. Ah, mas qual é a palavra, Regi? Me fugiu, assim. Mas é porque a igreja, ela acaba criando uma certa limitação na pessoa. Essa é uma ideia que percorre o imaginário social de que o crente é certinho, que ele não vai responder uma autoridade, que ele vai respeitar...

Entrevistadora: O sinônimo é amansado, destravado, domado, domesticado, dominado...

Vitória: É isso mesmo, dominado, amansado, é exatamente essa ideia. Eu não falo isso como uma crítica, mas... é porque isso acaba sendo uma ferramenta de manobra mesmo. Então, ficou claro na fala delas (agentes)... de que elas entendem e que o sistema entende a religião como isso, uma forma de amansar mesmo, como

uma forma de dominação. Porque escolheram 15 que tinham problemas de insubordinação e indisciplina.

Entrevistadora: Enquanto que no nosso, a gente acredita que foi o inverso. Por isso que, de certa forma, elas também tinham... aquelas agentes também que achavam mais positivo isso.

Vitória: E por que? Porque a gente fugiu do preceito da dominação, do preceito do amansar aquelas pessoas “más”, vamos dizer assim. Porque a gente tava vindo do quê? De uma instituição da educação, a gente não tava vindo da religião. Se fosse uma instituição religiosa, por exemplo a Pastoral Carcerária, porque a Pastoral Carcerária faz diversos trabalhos dentro das penitenciárias, provavelmente elas escolhem as piores, no conceito delas, porque ali... as piores que eu digo seriam as pessoas com insubordinação, pessoas que tem o problema de indisciplina, não respeitam essa questão de hierarquia. A gente vê que ficou claro que a hierarquia existe entre agente carcerário para presa, existe uma hierarquia, elas se sentem em... um degrau acima. Não existe horizontalidade. Elas estão em um degrau acima das internas. Então, nesse sentido, eu penso que... não me causou espanto quando elas disseram essa questão de (seletividade): “Ah, foram escolhidas as 15 piores pra ver se dá um jeito nelas”. Não me chamou a atenção, porque esse é o discurso e é isso que tá no imaginário social, de que a religião ela é pra amansar a pessoa.

Entrevistadora: Ela vai pensar de forma diferente...

Vitória: É um ex-assassino que nunca mais vai matar. É o ex-bandido que nunca mais vai assaltar. É o drogado que nunca mais vai se drogar e nem vender droga pra ninguém. É essa ideia. Então, é a pessoa indisciplinada vai ser disciplinada. É a pessoa que é insubordinada, agora ela vai respeitar todo mundo, vai ser aquela pessoa bem cabeça baixa, que tudo que a gente fala pra ela, ela vai dizer: amém!

Entrevistadora: Agora a gente pode até ir para o Círculo das agentes. Como foi esse primeiro encontro e que ficou na tua memória, e de certa forma, a gente pode estender pra essa questão da religião, a gente percebeu uma fé muito grande... Bom, vamos deixar, vamos falar dessa primeira parte...

Vitória: Se a gente pensar... no nosso imaginário você tem estereótipo praticamente sobre tudo. Então, eu também. Uma das coisas que eu tinha por mim é essa questão de... me fugiu a palavra... mas eu esperava que ia encontrar mulheres, assim, mais rígidas, mais brutas, pra poder se impor, porque existe essa ideia de subjugação mesmo. Como eu disse antes, elas têm que se impor. Elas são mulheres também. Mas, você vê que apesar de toda a questão do abalo emocional... Depois que a gente entrou, e já logo no primeiro Círculo, surgiu... o assunto do suicídio de uma das colega de trabalho. Apesar de toda essa

vulnerabilidade que seria esperada pela condição que havia acontecido naquela unidade, você esperaria pessoas mais fragilizadas. Então, pra mim, é como se elas vivessem um conflito o tempo inteiro, porque elas são mulheres, elas passaram por um problema ali, por uma situação muito complexa, que é você ter uma colega de trabalho que convive contigo, ir lá e se matar. E ao mesmo tempo você tem que se manter dura, dura... e muitas vezes elas são duras com elas mesmo. Elas podem ou não se solidarizar com a situação de algumas das internas ali, porque o abandono da mulher no cárcere é infinitamente maior do que o homem no cárcere, os homens são visitados pelas mães, pelas esposas, pelos filhos e o contrário não é verdadeiro, as mulheres, muitas vezes, são abandonadas. Muitas vezes, a mulher não tem o mesmo direito de errar, se espera um padrão de conduta que é muito mais pesado, então: “Como assim você se envolveu com isso?”, e, às vezes, aquele mesmo dedo que aponta pra mulher, que aquela que não pode errar, não é apontado pro homem. Então, muitas vezes, a família vira, se vira contra essa pessoa por conta de que não imaginava que ela cometesse esse delito, entrasse na criminalidade... vamos colocar assim. E também tem o outro fator de que tem presas do Paraná inteiro aqui, então têm famílias que realmente por condições financeiras não conseguem vir, e os companheiros também... nem pensar. Então, toda essa solidão, essa situação, pode ser que muitas dessas agentes possam se solidarizar com a situação, mas você vê que existe essa condição delas de precisar ser mais firmes, mais rígidas, pra impor autoridade. Você vê que no espaço que elas estão ali, também é uma forma de poder. Então, existe, e isso pode ser também um outro discurso... pode ser que nem se espere isso... mas pode ser que o próprio sistema impõe... que elas sejam mulheres que não chorem, que tem que dar bronca o tempo todo, que tem que impor respeito: “Onde já se viu você achar que dá para criar um grau de amizade com uma criminoso?”, “Você tá aqui pra estar a serviço do Estado”, “Você está aqui a serviço do executivo e o executivo tá aqui no papel de fazer com que elas cumpram a pena que foi imposta”. Ficou muito claro, eu não imaginava que eu fosse encontrar tanta (dor e sofrimento)... eu imaginava essa postura mais rígida, mais bruta, assim, por uma questão de imposição, mas eu fui surpreendida pela quantidade de dor e sofrimento que essas mulheres têm e o quanto elas estão adoecidas, por conta desse sistema, por conta de todo esse paradoxo, que é a vida delas, porque elas são mulheres... e eu não consigo imaginar uma mulher que não tenha solidariedade de ouvir a outra dizer: “Traficou sim, mas traficou porque ela precisava de dinheiro pra comprar comida pro filho em casa” ou “ela tá ali porque a polícia bateu e o filho dela tava trabalhando para traficante e ela não teve coragem de dizer que a droga era do filho”. Então, ela foi presa porque o filho tava traficando ou porque o filho era usuário de drogas, enfim, tinha uma quantidade de drogas em casa... e essas são todas as situações que têm. Então, me parece muito difícil essas mulheres não sentem isso, mas em contrapartida parece que elas não se dão ao direito de sentir isso. Isso ficou bem pesado. Você vê que tem muitas dessas agentes... tão com depressão, tão tomando medicação... são afastadas, às vezes, do trabalho por conta dessas condições e o extremo que a gente viu, que foi a questão do suicídio. É o extremo, a moça já vinha de um quadro depressivo, chegou

no limite, e provavelmente grande parte dessa condição dela também vem desse ambiente, de trabalhar ali. Eu esperava que as pessoas que tão privadas de liberdade estivessem numa condição pior, mas eu encontrei, não sei se por essa questão que foi tão extremada, a questão ali do suicídio, mas no primeiro momento me pareceu e o que eu senti... é que as agentes tavam numa condição infinitamente pior dos que as internas, assim, de depressão, de falar em questão de ideação suicida, pensar e verbalizar que já tinham pensado em tirar a própria vida, muitas vezes tomando medicação, controlando, fazendo tratamento com psicólogo, psiquiatra. E me chamou atenção que a agente que tava grávida, também tava num quadro depressivo. E a gente sabe que nessa fase da gestação... a parte psicológica e hormonal... aí que descontrola mesmo. Então, me chamou muita atenção nesse primeiro contato com elas, é que foi assim... Eu, pelo menos, eu tinha ouvido comentário desse suicídio pela OAB, que tinha tido uma agente que havia se suicidado. Mas, quando eu entrei, eu não imaginava que seria algo que teria refletido tanto nelas, e realmente elas estavam numa fase muito, muito pesada. Foi muito difícil, né?

Entrevistadora: Eu andei até comentando com a Martina, eu acho que a gente entrou com as agentes mais em função desse evento, porque a Chefe de Segurança também tava mais sensibilizada e sentiu que a equipe tava precisando. Porque até uma delas comentou que poucas vezes tinha alguma coisa pra elas, no máximo um curso de formação em segurança mesmo, mas nada relacionado ao psicológico, quer dizer... nada não, mas elas não eram convidadas pra isso, assim. A yoga a gente ofereceu pra elas também. E eu percebi, não sei se você tem também essa mesma... porque pra nós, qual era o nosso objetivo com as agentes, que elas entendessem como era a metodologia e nos ajudassem a dar continuidade com o (Círculo) das internas. Eu acho que isso foi atingido, mas eu acho que elas gostariam de continuar, que também fosse contínuo com elas.

Vitória: E a partir desse contato, sabe Regi, me deu uma grande vontade de pesquisar, se essa é uma condição geral, que me parece que sim, porque a gente quando pensa em Direitos Humanos, essas pessoas também tão presas, porque elas tão presas na mesma realidade. A diferença é que elas podem ir pra casa, elas não estão em um regime obrigatório, no sentido de que só vai sair dali o dia que sair o alvará de soltura, diferente da presa, ela (a presa) só vai sair quando tiver o alvará de soltura ou se ela progredir de regime. Porque agora aqui em Foz, o semi-aberto, a Doutora XXX (Juíza de Direito da Vara de Execuções Penais em Meios Fechado e Semiaberto e Corregedoria dos Presídios da Comarca de Foz do Iguaçu-PR) tá liberando com tornozeleira, então virou harmonizado. Então, até onde eu sei, acho que não estão mais ficando de dia no trabalho e dormindo a noite na penitenciária, acho que está harmonizado. Ela solta e põe a tornozeleira. Porque diferente do que a sociedade pensa de que a pessoa que usa a tornozeleira, ela não está presa, na linguagem técnica, usar tornozeleira é estar preso.

Entrevistadora: Aqui no Brasil é que nem (igual) nos Estados Unidos, tem agente da condicional?

Vitória: É bem parecido, porque você tem que comparecer ao Fórum, você tem que comparecer ao Patronato, porque você tem que ir lá e assinar. Tem o Patronato Municipal, que fica ali na Belarmino de Mendonça, na segunda quadra depois do São José, do lado do Fisk, do lado direito do Fisk.

Entrevistadora: O Patronato tem esse objetivo, eu não sei muito...

Vitória: Ele faz esse controle das pessoas que estão cumprindo pena, mas elas estão na rua. Por que, tecnicamente, a pessoa que usa tornozeleira ela tá presa? Porque ela tem um perímetro que ela declara, o endereço que ela vive e ela tem uma zona, um perímetro que ela não pode sair, ela não pode ficar fora de casa de final de semana, ela não pode ficar fora de casa no período noturno, então, vai ter horários estipulados. E em exceções, a respeito de trabalho, você tem que pedir para a juíza autorizar, você sair daquele perímetro, você chegar um pouco mais tarde em casa por conta do trabalho, tudo tem que ser autorizado pela juíza. Então, tecnicamente falando, a pessoa que está com tornozeleira ela continua presa, ela é presa, ela está. Ela tem uma restrição na liberdade. As pessoas falam: "Aí, vai aonde quer", não é bem assim, existe toda uma restrição, é tudo monitorado, você tem que assinar um monte de termo. E qualquer coisa que você descumprir, se você não tiver uma justificativa muito plausível... eu já falo de antemão que a juíza aqui de Foz é bastante rígida... Então, quando você vai para a audiência de justificação, que você vai dizer... o que que aconteceu que a tua tornozeleira apitou... que você tava fora do seu perímetro sem ter autorização... simplesmente ela vai te mandar de volta para a cadeia, ela vai te mandar pro fechado. Então, você tem que ter uma justificativa muito plausível. Então, tirando essas pessoas que estão fora, se a gente pensar, as internas ali (com relação) das agentes, elas só tem esse direito de terminar o turno e vai pra casa, dorme. Mas, elas também estão naquela mesma condição, porque provavelmente muitas delas acabam tendo maior tempo ali na penitenciária do que com suas próprias famílias, se a gente pensar bem...

Entrevistadora: A gente passou por um período que tava tendo greve e baixo efetivo, condições de trabalho bastante ruins, a gente percebeu isso durante os Círculos, porque a gente não conseguia ficar com elas... elas se dedicando ali ao momento, elas estavam a todo momento com o rádio ali, trabalhando...

Vitória: Com o rádio, movimentando... (elas) tem que movimentar presa. Mas assim, o que mais me chamou atenção mesmo foi essa condição, assim, de quanta dor e sofrimento tinha na fala daquelas mulheres, o quanto elas estão adormecidas, o quanto o sistema adoceceu elas. E como eu conhecia uma das agentes que não estava no primeiro Círculo, mas estava no último Círculo, eu não sei se eu me

adianto, mas é só um comentário breve, como eu conhecia ela, de antes dela entrar no sistema, eu vi o quanto ela tava mudada...

Entrevistadora: Assim, moldada...

Vitória: Embrutecida. Você via que ela tava... Ela era uma pessoa super delicada, assim, de usar brinco de pérolas, aquelas unhinhas rosadinhas... era outra pessoa, sabe. O meu marido também conhece ela, a gente trabalhou na hotelaria. E aí a gente trabalhou com ela na hotelaria, os dois. Cheguei em casa, eu falei (para o companheiro): "você não vai acreditar quem eu encontrei", "Ah, é o fulano", porque ele tem um tio que é agente, "não, eu tô falando de mulher mesmo", "Ah, é a fulana que trabalhou com a gente no hotel e tal", "eu não acredito, eu não acredito que ela tá lá", e eu falei: "tá, e já faz um certo tempo que ela tá", e eu falei "e você não acredita o quanto ela tá diferente"... porque você (vê)... E na equipe dela, ela é chefe, e isso é um peso maior ainda pra pessoa. Existe essa ideia que o líder ali tem que se impor pela força (poder) e isso é basicamente em todos os ambientes, não é só ali, na universidade você também vai ver, que enfim, quem está em algum cargo acha que tem que se impor pela força. Não existe muito uma construção conjunta, porque elas são uma equipe, então, não deveria ser assim. Mas você vê que ela é a chefe, que é a líder daquela equipe, você vê que a pessoa também se cobra pra ter uma postura mais rígida, com as outras, com as internas. E elas mesmo acabaram dizendo que elas não podem "dar muito lado" (expressão usada para se referir a dar a oportunidade para ocorrerem comentários) pras internas porque senão elas perdem o controle.

Entrevistadora: Porque isso poderia fragilizá-las. E você voltaria?

Vitória: O controle também é uma palavra que entra bem na religião. Que eu não tava encontrando uma palavra, mas a palavra mais simples pra expressar é uma forma de controlar as pessoas, em todos os sentidos... Se eu voltaria? Tipo, nossa, daria pra fazer agora, hoje, amanhã... com certeza eu voltaria! E eu gostaria de ter uma aplicação, assim, mais intensa com as internas... e fazer um trabalho continuado mesmo. Levar mesmo essa ideia do pertencimento. Uma das coisas que me chamou muita atenção na Justiça Restaurativa, nos Círculos em Movimento, é que ele já tem uma raiz que vem de povos indígenas e essa ideia do pertencimento tanto pro os índios e até pras tribos africanas tem muito essa ideia do pertencimento, daquelas pessoas pertencerem àquela comunidade. E essa é uma ideia que... O sistema penal é uma ideia de exclusão, no meu modo de ver, esse sistema (penal) nunca vai ser possível uma ressocialização. Então, eu acho que as pessoas precisam se sentir parte de alguma coisa pra elas desejarem voltar a ter uma conduta padrão que a sociedade espera. Mas, se você não se sente mais parte daquilo, tanto faz sabe, você já vai sair, você vai sair do sistema, terminou de cumprir a pena... ninguém vai querer te dar emprego mesmo, você vai ficar taxada como uma ex-presidiária. Então, essa ideia de exclusão do sistema, não faz com

que a pessoa consiga ver uma saída disso. Então, trabalhar com essa ideia de pertencimento, de acolhimento, que são próprias das práticas restaurativas... é uma coisa que eu tenho paixão, eu vejo transformação nas pessoas, assim, na maneira das pessoas se sentirem outras pessoas mesmo. Porque também um fator agravante ali é a questão da autoestima, além de não pertencimento, autoestima. Toda essa estereotipação que a pessoa recebe.

Entrevistadora: Você disse na outra entrevista (realizada em 10/07/2020, mas que não gravou o áudio e precisou ser refeita) que você percebe a prisão como algo, do jeito que é, não algo que pudesse ressocializar alguém. Você lembra?

Vitória: Sim. Com certeza. Da maneira como o sistema é... por ser esse sistema de exclusão mesmo, de marginalização da pessoa... É claro que, dentro do Direito, a gente sempre resgata essa ideia do contrato social... porque afinal de contas, o que o sistema penal tem em mente? Que é uma transgressão a uma norma, a um preceito legal. Então, a pessoa, ela transgrediu ali um tipo penal que dizia para você: não subtraia algo alheio e a pessoa vai e subtrai... então, ela dá uma quebra no contrato social. E, para além do sistema penal, é uma questão que a própria sociedade, a pessoa não tem o direito a errar, a pessoa fica estigmatizada, ela fica marcada por aquilo. E nos preceitos, nos moldes que a coisa funciona... uma palavra muito sincera e simples de dizer, aquelas pessoas são tratadas como lixo. Porque eu não posso dizer... igual muitas pessoas dizem... que as pessoas são tratadas como bicho, não posso dizer isso porque os meus bichos são muito bem tratados na minha casa, então, é um tratamento como lixo mesmo, elas são descartadas... segregadas da sociedade. Aí, você entra... vê dentro daquele sistema, que todo esse controle, todo esse poder e muita subjugação, então, a pessoa está sendo subjugada dentro do sistema o tempo todo. Então, você tem a questão psicológica, que a grande maioria delas entra numa dependência química, no sentido de... medicamentosa... ali é muito grande. É impressionante o conhecimento técnico que as internas têm de medicação. [...] Você vê assim que elas têm um conhecimento técnico com relação ao medicamento que é absurdo. E isso também é uma forma de controle, afinal o estado não se importa em gastar rios de dinheiro com medicação, ansiolítico, antidepressivo, enfim, todas essas coisas que modificam o sistema nervoso ali pra te dominar mesmo.

Entrevistadora: E um coletor menstrual jamais.

Vitória: Sim, jamais. Isso tudo que eu tô falando é porque... como você vai pensar que um sistema que funciona dessa forma ele é capaz de ressocializar alguém... a ideia da ressocialização é um absurdo. Ali, no artigo 59 do Código Penal, ele prevê que a pena ela tem uma função, dentro de uma dessas funções entra essa questão da ressocialização, mas as oportunidades ali dentro são mínimas, nem todas conseguem trabalhar, nem todas conseguem estudar, nem todas conseguem ao menos ler, porque até pra ter o acesso a isso, além de ter BCC, o Bom

Comportamento Carcerário, existe um monte de outras regras que são impostas pela própria unidade. Porque a unidade tem liberdade de determinar certas situações ali. A lei ela fala de um modo mais geral, depois o diretor vem pra colocar algumas limitações. E, na verdade, essas... algumas acabam se tornando muitas, muitas limitações. Então, você trata a pessoa como um bicho...

Entrevistadora: E você quer que saia...

Vitória: E você quer que sai do sistema... Como que você... E aí, as pessoas esquecem o que? Que se a gente pensar na Constituição Federal... não existe, até pelos tratados de direitos humanos internacionais dos quais o Brasil é signatário, a gente não tem pena perpétua e também não temos pena de morte. Então, a pessoa ela rompeu um preceito normativo... essa é a única ideia (encarcerar) que se tem no sistema penal. Parece que eles não conseguem ver que é uma relação entre pessoas, que os conflitos envolvendo pessoas e que é muito mais do que uma transgressão a uma norma, é uma transgressão de pessoas pra pessoas. Então, quando você pensa na questão constitucional que não existe pena perpétua e que não existe pena de morte, as pessoas vão entrar e vão sair... mas, como? Se você trata a pessoa como um lixo, se você segrega, se você exclui... A ressocialização, ela só existe no papel, é um ideal que não existe. Então, não tem como você pensar que as pessoas vão sair dali melhores do que entraram. Na verdade, qualquer pesquisa a grosso modo que você fizer, revisão bibliográfica que alguns teóricos... posso até te falar alguns nomes de doutrinadores do Direito que pesquisam isso... a penitenciária é a escola do crime, o cara roubou uma bicicleta, uma moto, e de repente, ele tá ali preso com um cara que é multireincidente, o cara já matou, o cara já roubou, já furtou, já fez de tudo que você imagina... a lei penal diz que deveria existir uma separação por tipos criminais, mas isso aí, só na lei mesmo, na aplicabilidade é tudo junto e misturado. Pra mim, ressocialização é só uma teoria, na prática... com esse tipo de sistema, não tem nem como. Depois, eu quero pegar uma frase que eu coloquei no meu TCC, eu tenho o livro ali, mas eu acho que eu vou encontrar mais rápido no TCC, espera aí... só um pouquinho... Esse é um doutrinador do Direito... que ele fala uma frase que eu acho que ele vai dizer tudo que eu tô te dizendo aqui: "O sistema prisional agoniza enquanto a sociedade de forma geral não se importa com isso, pois crê que aqueles que ali se encontram, recolhidos, merecem esse sofrimento. Esquecem-se, contudo, que aquelas pessoas que estão sendo tratadas como seres irracionais sairão um dia da prisão e voltarão ao convívio em sociedade. Assim cabe a nós decidir se voltarão melhores ou piores", depois eu te passo esse livro, que essa frase é uma frase bem... ela retrata muito bem isso que eu tô te dizendo, é do Rogério Greco, ele é um doutrinador do Direito e esse livro dele chama "Sistema prisional: colapso atual e soluções alternativas". É bem isso, a sociedade esquece que você vai tratar aquelas pessoas... Eu gostei, quero guardar aqui... melhor do que falar que são tratadas como lixo... são tratados como seres irracionais.

Entrevistadora: Eu estava pensando aqui sobre... um pouco sobre gênero, quando você falou que fica ali na lei, a mesma coisa... existiriam outras maneiras, por exemplo, de mãe poderem cuidar dos seus filhos... mas quantas vezes a gente escuta que perderam guarda de filhos, que não vão mais saber, não vão mais poder ter contato com a criança, o que de certa forma pra mim é tão cruel porque tira o direito de uma outra pessoa (criança) que tá fora. Acho que foi a Maria Luiza esses dias que falou: “Um filho de uma presa não é mais dela, é do Estado. É ele quem decide o que vai fazer, onde vai parar, não importa mais, ela perdeu.”

Vitória: É pior do que isso sabe, tem uma questão também que é muito recente, a alteração legislativa. Eu tava vendo se encontrava aqui pra te falar. No livro da Nana Queiroz ela fala também sobre isso, que muitas das mulheres são, eram e ainda são destituídas do poder familiar porque no passado era colocado tipo um papelzinho, uma fitinha colorida pra indicar se aquela mulher tinha ou não filho, tinha ou não dependente, mas não existia uma obrigação legal de ser feito. Então, muitas vezes era esquecido de se perguntar e às vezes as mulheres esqueciam também de falar. Então, aquela criança acaba que se não tem ninguém da família, muitas vezes ela acabava indo pra (o antigo abrigo)... hoje são as casas de acolhimento, mas no passado eram os orfanatos, enfim e acabavam indo pra adoção. Até pouco tempo atrás teve uma denúncia no Fantástico, que essas crianças... o quanto era rápido... o processo de adoção por questões que burlavam o processo de adoção dessas mulheres que estavam presas, porque afinal de contas não tinha ninguém ali pra requisitar essa criança, enfim. Porque a lei fala que é sempre dado preferência pra família, pro núcleo familiar ali... pai, mãe e avós, mas também os tios. Então, é um processo bem demorado para você fazer a adoção pelos moldes do Estatuto da Criança e do Adolescente, por conta disso, porque a família ela tem prioridade, sempre...

Entrevistadora: Aí vem outra extensão de abandono. Abandono à mulher... também abandono ao filho... Quando não pode abandonar pros avós, simplesmente abandona pro mundo. Pra você ver como é uma extensão... porque geralmente o inverso não acontece, certo, mas isso acontece.

Vitória: Espante-se... eu encontrei, é artigo 304, parágrafo 4º, Código de Processo Penal.

Entrevistadora: Meu Deus, amiga.

Vitória: Não, mas você vai ficar mais chocada ainda quando eu falar pra você de quando é essa alteração legislativa, quando... “Da lavratura do auto de prisão em flagrante deverá constar a informação sobre a existência de filhos, respectivas idades e se possuem alguma deficiência e o nome e o contato de eventual responsável pelos cuidados dos filhos, indicado pela pessoa presa”. Essa é uma alteração legislativa de 2016... de 2016.

Entrevistadora: Meu Deus, até 2016 não havia uma obrigatoriedade de registrar.

Vitória: Exatamente. E o Código de Processo Penal é de 1941. Essa lei está vigente desde 1941. Então, só em 2016 que, uma mulher ela é presa em flagrante, existe essa obrigatoriedade de na lavratura ali do auto de prisão, constar se ela tem filhos ou não, qual a idade, com quem que vai ficar, porque isso não era feito e muitas vezes não era perguntado e também porque existia e existe e sempre vai existir muitas atrocidades no momento da prisão, que ainda hoje a gente tem.... também teve uma outra alteração que é muito recente, que é a audiência de custódia, se eu não me engano ela é de 2016 ou de 2017. Deixa eu ver aqui. Hoje, a juíza tem um primeiro contato com o preso em flagrante pra saber se houve arbitrariedade no auto de prisão, pra ver se apanhou de policial [...]. Então, assim como a anotação da questão do filho é recente, a custódia também. As mulheres, eu não sei se você já leu esse livro da Nana Queiroz, mas se não leu, eu recomendo demais. Você vai ficar assim, na primeira leitura chocada, na segunda você vai ficar reflexiva e na terceira você vai ter vontade de fazer alguma coisa.

Entrevistadora: Como é nome, Vitória.

Vitória: “Presos que menstruam”. Esse é um livro de umas 120/150 páginas, ele é curtinho, que em uma sentada você vai ler ele, porque você vai ficando tão chocada com as coisas que você tá lendo, sabe. São relatos de mulheres que tomaram choque, que foram colocadas garras elétricas no bico do peito, que pariram algemadas na marca. Eu tenho certeza que você vai ler numa sentada, porque é uma leitura simples, mas é uma leitura assim... que te choca, te choca pensar como que o ser humano consegue ser tão desumano, tão desumano, porque é um ato de desumanidade.

Entrevistadora: E é aquela pessoa que não comete crime... mas que na verdade ali tá cometendo. Muitas vezes fala do preso, que subjuga... é aquela pessoa que tem coragem de fazer tamanhas torturas. É muito contraditório.

Interrupção - conversamos sobre outros assuntos por alguns minutos, para então, retomar as questões da entrevista.

Entrevistadora: Agora vamos voltar pro ato de acolher e pra Vitória mesmo. O que a Vitória acha entre as palavras bondade, solidariedade e caridade. Qual a que mais representa pra você o ato de acolher.

Vitória: Bondade, caridade, solidariedade, solidariedade. Solidariedade sem dúvida.

Entrevistadora: Como você descreveria esse ato de acolher uma outra mulher. Como você descreveria, como é pra você.

Vitória: Eu acho essa questão do acolhimento... eu vejo acolhimento, eu vejo a questão da solidariedade como uma ato de mão dupla. Tanto nesse trabalho dos Círculos em Movimento, que é o preceito do Círculo, a questão do pertencimento, do acolhimento, mas você percebe o outro enquanto pessoa, enquanto gente, você tá acolhendo e fazendo que ela se sinta uma pessoa, que ela se sinta uma pessoa igual... Eu falo de mão dupla porque você também se sente acolhida por aquelas pessoas. E se a gente pensar... especificamente no Círculo com as mulheres... nós mulheres temos essa necessidade, a nossa forma de se relacionar com outras mulheres é diferente da maneira como a gente se relaciona com os pais ou com os companheiros, ou com os irmãos. Nessa relação entre mulheres existe mesmo esse sentimento de irmandade, quando a gente realmente se propõe a apoiar e acolher a outra. E eu falo de mão dupla... porque eu tanto quis acolher e a minha intenção era acolher essas mulheres, mas eu também me senti acolhida por elas. Porque na contação de histórias, não existe uma história melhor do que a outra, não existe uma pessoa melhor do que a outra, existem pessoas. Então, quando eu conto a minha história, eu sinto que as pessoas se vêm representadas nas situações colocadas por mim, nos meus dramas, pelas minhas situações, meus conflitos, conflitos internos, conflitos com as pessoas, com a minha família, com as pessoas no trabalho, conflitos em si. Muitas pessoas se sentem... fugiu a palavra... elas se vêm representadas a partir da minha história, assim como eu me vi representada em muitas daquelas histórias. Com certeza, você tendo uma pessoa que precisa de você, que você é responsável pela pessoa, eu me vejo totalmente representada na fala de muitas daquelas mulheres que cometeram atos extremos porque precisavam, porque não viam outra saída. Isso me lembra um quão eu também sou ser humano. Existe uma linha muito tênue nesse contrato social, entre você romper ele ou você se manter sobre ele, "aí, não vou furtar nada de ninguém", se eu não tiver uma condição... que tá praticamente me impondo isso. Hoje, você vê que, a partir desse momento que a gente tá vivendo o Covid, existe um sentimento de solidariedade maior, de empatia também por parte de muitas pessoas, que já tinham deixado isso de lado. Mas você nunca ouvir alguém verbalizar o quanto... "Ah, esse povo não para de vir bater palma na minha casa"... Então, por mais que a gente pense que não é... "Aí, é muito fácil, você não precisa roubar pra dar comida pro teu filho, porque tem muita gente que ajuda". Não! Tem muita gente pra criticar.

Interrupção - conversamos sobre outros assuntos por alguns minutos, para então, retomar as questões da entrevista.

Vitória: Então, essa questão do acolhimento eu falo que é uma mão dupla porque eu me sinto representada na fala daquelas mulheres e acolhida por elas. O quanto o sentimento de gratidão pela minha vida, gratidão pelas oportunidades que eu tive e o quanto eu me solidarizo com as histórias. Então, eu desejo assim, sempre, manter essas formas de trabalho voluntário, de representação com outra mulher nesses espaços, pra mostrar pra essas mulheres que eu também posso estar numa outra

condição, que elas também têm esses mesmos direitos. Eu acho injusto a gente não ter essa forma de acolhimento, de demonstrar pra elas, de diálogo, de ouvir e de compreensão sem apontar o dedo, porque digamos que uma delas estivesse presa por questão de aborto... eu não acho que faz ela uma pessoa pior que eu...

Entrevistadora: Eu cheguei a essa conclusão, assim, que eu poderia estar ali também, dependendo das oportunidades... qualquer uma de nós.

Vitória: É uma linha muito tênue entre você manter o tal do contrato social, manter uma boa convivência em sociedade e você por uma questão (extrema)... eu não vou dizer que não existem situações em que as pessoas crescem na criminalidade e a criminalidade está tão inculcada nela que matar uma pessoa é a coisa mais simples do mundo, mas tem muitas pessoas que pra cometer esse aborto... é um ato de sacrifício extremo, e isso traz reflexos na pessoa que não tem... não tem como... não existe pena maior do que a própria condição da pessoa de conviver com aquilo.

Entrevistadora: Assim, as pessoas que tiveram oportunidades... que foram contempladas nisso... é um caso ou outro... aí é uma decisão da pessoa em fazer... mas não é a realidade, a realidade do nosso país, não é a realidade.

Vitória: Enquanto a política de segurança pública ela tiver muito mais investimento do que a política com a educação, políticas voltadas pra educação, investimentos em educação... você nunca vai conseguir sair dessa condição.

Entrevistadora: Você vai ter que fazer mais cadeia que escola.

Vitória: Hoje a gente já tem quase 900 mil presos no Brasil e a gente vai chegar em um milhão e a gente vai chegar em dois milhões, não vai parar nunca. Enquanto as políticas públicas forem mais voltadas à questão de punição e não de oportunidades... de segregação, de exclusão e não de pertencimento...

Interrupção - conversamos sobre outros assuntos por alguns minutos, para então, retomar as questões da entrevista.

Vitória: A gente vive num Círculo vicioso, em que é muito mais fácil você investir em vagas em presídio, abrir concurso público pra agente carcerário... você construir novas unidades prisionais, do que você investir em educação... Você criar outras escolas, você melhorar a questão do Bolsa Família, porque o governo ainda tem... e também porque a sociedade... e eu vejo essa questão do acolhimento, desse trabalho com os Círculos em Movimento, que é também... além de uma forma de acolhimento é uma forma de você empoderar essas pessoas, elas perceberem que são sujeitos, que elas têm direitos, que elas têm o poder de reivindicar. E o maior poder que elas têm é o da conscientização, porque a partir do momento que as pessoas tiverem consciência do poder que elas têm... A gente também tem uma

Constituição maravilhosa que fala que todo o poder emana do povo... só que as pessoas utilizam esse poder de forma errada, elas mantêm pessoas (no poder, no governo)... a gente sabe que, e esse é um outro problema... Se a maioria das pessoas são de classe média e pobre no Brasil, as classes que estão fazendo essas manobras, que são os políticos, que são essas pessoas que estão no poder elas são a minoria. E ainda assim, a gente se deixa levar por essas pessoas e o número de pessoas que têm esse poder na mão... A partir do poder... tá na constituição que o poder emana do povo, o povo que são as classes menores e eles são a maioria... a gente está sendo... a gente não consegue sair desse ciclo de manipulação, é justamente por isso. E, por conta disso, que o governo não investe em políticas públicas voltadas à educação, à conscientização, porque se a pessoa... é a história do pão e água, vamos distrair ao máximo, afinal de contas é muito fácil você depositar sei lá 80/100 reais na conta da pessoa ali, você também não tira ela da condição de miserabilidade, mas você taca umas migalhas, então você não tira a pessoa daquele Círculo. Então, essas formas de acolhimento, de pertencimento e de empoderamento, de conscientização, de transformação da pessoa, dela transformar sua forma de ver o mundo, sua forma de vê sua condição enquanto pessoa, dela perceber o quanto ela tem direitos sim. Porque naquele momento que ela tá ali, no sistema prisional, ela só tá sendo lembrada dos deveres, e por vezes, todos os direitos dela são anulados por completo, então, é uma forma de você lembrar a essas pessoas e de você tirar ela desse ciclo.

Entrevistadora: Você está sendo bem Paulo Freire...

Vitória: E eu estudei tão pouco Paulo Freire, sabe, um ou outro texto, assim, que eu li na época que eu fiz Letras. Mas a cada dia que passa... você já não é a primeira pessoa... depois eu já ouvi de outras pessoas: "Meu Deus, você tem tanto de Paulo Freire"... principalmente das pessoas que são da Pedagogia. Acho que vocês estudam muito (ele)...

Interrupção - conversamos sobre outros assuntos.

Despedidas.